

The background of the cover features a top-down view of various tea ingredients: a bowl of red liquid with rose petals, a bowl of dried rosehips, a pink round object, and a bowl of pink swirls. To the right, a spoon holds a mix of dried herbs and flowers. The entire scene is framed by a decorative border of yellow leaves and red snowflakes. In the lower half, a girl with curly brown hair, wearing a teal dress, is seen from behind, looking out a window.

TRISHA ASHLEY

Chá e corações partidos

Quem somos
verdadeiramente?
E a que lugar
pertencemos?



Ficha Técnica

Título original: The Little Teashop of Lost and Found

Título: Chá e Corações Partidos

Autor: Trisha Ashley

Tradução: Margarida Malcata

Revisão: Domingas Cruz

ISBN: 9789897418136

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Trisha Ashley, 2017

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leva.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leva.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Trisha Ashley

CHÁ E CORAÇÕES
PARTIDOS

Tradução
Margarida Malcato

Para
Louise Marley
Com amor

.

Enquanto Haworth e os seus arrabaldes lindos existem, Doorknocker's Row, Blackdog Moor, Upvale e todos os personagens retratados no romance são puramente o produto da minha própria imaginação.

Trisha Ashley

Prólogo

Yorkshire Ocidental

Liz

Março de 1978

Não houve qualquer sinal que me avisasse da catástrofe iminente que iria abater-se sobre mim ou, se houve, não reparei. Quando tudo começou naquela noite, senti-me como se tivesse sido diretamente catapultada para um filme de terror, um muito nojento, diga-se de passagem, ou para um pesadelo infernal.

O medo e a confusão foram rapidamente seguidos da percepção do pânico, do choque e da repugnância, pois quem diria que um nascimento envolveria tanto sangue? Eu não, certamente, apesar de, por mais irónico que pareça, as minhas vistas se terem voltado a focar em garantir um lugar em Oxford para estudar medicina no exato momento em que o meu breve primeiro caso amoroso chegou ao fim, no verão anterior.

No entanto, não era por sentir vocação para curar os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos, fazia simplesmente parte do meu plano para me moldar tanto à imagem do meu pai que ele se esqueceria de que não era de todo sua filha biológica.

À medida que estes pensamentos se empurravam caoticamente uns aos outros na minha mente, normalmente clara, fria e analítica, os meus olhos encontraram os da minha mãe sobre a criatura pequena, deformada e nua, a chorar fracamente deitada na cama entre nós, e esperei que a expressão no seu rosto cinzento e chocado refletisse a minha.

A boca dela moveu-se silenciosamente uma ou duas vezes, como se se tivesse esquecida de dar forma às palavras. Depois, finalmente, sussurrou:

– Liz, o teu pai nunca poderá descobrir!

Ela sempre fora amante de constatar o óbvio.

Era Uma Vez Um Conto de Fadas

Alice

Outono de 1995

Cresci a saber que era adotada, pelo que nunca foi uma revelação chocante, apenas uma das coisas que me definiam, como ter cabelo encaracolado cor de cobre-claro, distintas sobrancelhas negras, uma cicatriz fina e acinzentada por cima do lábio superior e olhos de um verde pálido (como groselhas cozidas, segundo a minha mãe, apesar de o meu pai dizer que eram olhos de sereia, da cor verde-garrafa).

Quando era pequenina, passava horas sentada a pintar com o meu pai no seu estúdio de jardim, enquanto a sua voz profunda e suave me envolvia num conto de fadas aconchegante, no qual a minha jovem mãe biológica se vira obrigada a abandonar o seu pobre bebezinho prematuro, na esperança de que alguém como a minha mãe e o meu pai aparecessem e o adotassem.

Ou como o meu pai, pelo menos, já que acabei por ver que a Nessa (ela insistira para que eu lhe chamasse assim em vez de mamã praticamente desde o momento em que consegui formar uma frase) não tinha anseios maternos; estava somente a cumprir a palavra dada ao desejo do meu pai de constituir uma família, convencida de que não era capaz de carregar fisicamente um bebé mesmo que tivesse querido.

– Uma fada má lançou um feitiço ao bebé Alice, mas, quando os médicos bons lhe melhoraram o lábio, todos concordaram que ela era a princesa mais bonita de todo o Yorkshire – terminava ele a história, sorrindo-me sobre a tela.

– E eles puseram a fada má numa jaula de metal e todos lhe atiraram tomates podres – sugeria eu, ou castigos piores, pois alguns livros antigos de contos de fadas que a minha avó paterna me oferecera, incluindo um muito estranho mas maravilhoso ilustrado por Arthur Rackham, tiveram uma grande influência na minha imaginação. Vivíamos perto da avó Rose, em Knaresborough, até nos termos mudado para uma aldeia nos arredores de Shrewsbury quando eu tinha oito anos, e ainda consigo lembrar-me dela a ler-me o poema muito comprido de Edith Sitwell sobre A Bela Adormecida, depois de me aconchegar na cama. Lentamente, eu adormecia num mar de palavras lindas e musicais sobre fadas malévolas e encantamentos.

Outras das histórias preferidas da avó eram *The Water-Babies* e *Alice no País das Maravilhas* –, esta última também uma das minhas preferidas, visto a heroína ter o mesmo nome que eu. Implorei pelos seus belos exemplares quando ela faleceu e o meu pai certificou-se de que eu os receberia, apesar de Nessa estar mais do que decidida a manter uma casa livre de tralha. Era uma pessoa do tipo minimalista... à exceção de quando as coisas eram as suas roupas, joias e sapatos.

A nossa casa era um conto de duas partes, com a maior parte do caos criativo no estúdio do meu

pai, que noutro tempo poderia ter sido um estábulo, até ele ter casado com uma bruxa má disfarçada de cantora de ópera extravagante e bonita que o metera ali dentro.

De qualquer forma, podem ver por que razão tenho uma tendência para transformar tudo o que acontece na minha vida num conto de fadas obscuro – não consigo evitá-lo!

– Eles também atiravam ovos podres à bruxa má – acrescentei uma vez, firmemente, à história familiar.

– Bem, talvez, mas só até ela ter pedido desculpa e eles a terem deixado sair – emendava o meu pai, bondoso como sempre.

Com o passar dos anos, nós decorávamos a história com ornamentos cada vez mais ridículos sempre que a contávamos, mas servia o seu propósito, pois eu cresci a saber que fui abandonada na aldeia de Haworth, em Yorkshire, e que a fina cicatriz acinzentada era tudo o que restava para mostrar que eu nascera com um lábio leporino.

* * *

É claro que mais tarde me apercebi de que o meu pai não poderia ter sabido se a minha mãe biológica era nova ou não e também, quando fiquei obcecada com a família Brontë e Haworth, percebi que era muito improvável que ela tivesse subido as escadas do Presbitério no meio da noite e me tivesse posto ali na expectativa de que ele e Nessa aparecessem e me levassem. Quero dizer, nessa altura era um museu, pelo que teria estado fechado, e as adoções também não funcionavam assim. (Continuo surpreendida com o facto de eles terem deixado Nessa entrar no registo. Só posso pensar que a sua prática de cantora de ópera se apoderara dela e não tivesse resistido a atirar-se ao papel de futura mamã.)

Contudo, enquanto Nessa fazia manifestações de carinho extravagantes quando as suas amigas londrinas nos visitavam (uma das quais deixou maliciosamente escapar a informação de que ela não tivera aquela voz brilhante nem mesmo antes da operação às cordas vocais que lhe terminou a carreira), eu conhecera amor verdadeiro com a avó e o meu pai.

E também tinha Lola, a minha melhor amiga, e os seus pais carinhosos, que eram donos de uma pequena quinta ali perto e que comercializavam plantas. Nós ajudávamos a cuidar das galinhas e das cabras, corríamos livremente pelos campos e aprendíamos a fazer bolos na cozinha de tijoleira comprida e fresca. Toda a minha vida a fazer bolos – e mesmo o aroma a canela e fruta seca – teriam o poder de me transportar de imediato de volta àqueles dias felizes e inundar-me de calor e conforto.

Por isso, foi uma infância idílica no geral, apesar de começar a chocar cada vez mais com Nessa quando as hormonas rebeldes da adolescência surgiram.

Ainda assim, os pormenores mais puros do meu passado distante não pareciam importar... Até que o meu pai morreu de repente de um agressivo ataque cardíaco, quando eu estava prestes a fazer dezoito anos, e o meu mundo seguro e estável se desmoronou à minha volta como um baralho de cartas.

Numa família normal, a sua perda poderia ter feito com que Nessa e eu nos tivéssemos aproximado, mas ela ficou mais enfurecida que um vulcão quase a explodir do que triste, principalmente comigo. E ficou tão obcecada com dinheiro que, logo após o funeral, vendeu tudo o que o meu pai tinha no estúdio (ele era um artista bastante conhecido) a um colecionador americano sem me dizer nada de antemão, trancando a porta para que eu nem sequer lá pudesse ir de modo a

encontrar consolo entre os cheiros familiares e confortáveis da tinta de óleo e terebintina.

Isso foi suficientemente mau. Mas, depois, com uma precipitação ainda mais indecente, meteu um desconhecido dentro de casa – um homem horrível, claro está, assustadoramente amigável de uma forma lasciva sempre que ela não estava por perto – pelo que me apercebi de que agora eu não passava de um estorvo e que ela mal podia esperar para que eu fosse para a universidade no ano seguinte.

A dor da morte do meu pai ainda era recente e não conseguia suportar ver outro homem no lugar dele, pelo que discutia muitas vezes com Nessa e acabei por lhe dizer que a odiava e que me ia embora para encontrar a minha mãe verdadeira.

– Ela deve ser muito melhor do que tu! – afirmei.

– Tu foste encontrada, querida, pelo que não há forma de a encontrares – disparou ela agressivamente. – E tendo em conta que te abandonou na charneca numa noite gelada, acho que não te receberá de braços abertos, ainda que tu a recebas a ela.

Chocada e em silêncio, fiquei a olhá-la enquanto absorvia as consequências do que ela acabara de me dizer.

– Ela... não me deixou na aldeia de Haworth, mas lá em cima, na charneca, onde pensava que eu não seria encontrada? – acabei por perguntar.

Nessa olhou para mim com a fúria a transformar-se lentamente numa espécie de prazer malicioso e ligeiramente envergonhado que me atarantou: eu sabia que ela nunca me amara verdadeiramente, mas até há pouco tempo pensara que gostava de mim tanto quanto a sua natureza egocêntrica permitia.

– O teu pai nunca quis que eu te contasse a verdade, mas acho que isso foi um erro. E talvez ela até fosse maluquinha e achasse realmente que alguém acabaria por passar por lá – sugeriu, possivelmente tomando consciência pela minha expressão que fora longe de mais.

– Não, se ela me deixou à noite na charneca, desejava de certeza que eu morresse e nunca fosse encontrada – admiti, como que paralisada, pois o feitiço do conto de fadas do meu pai estava agora completamente desfeito, sem possibilidade de ser novamente colado. Senti-me vazia, sozinha e perdida... e indesejada, totalmente indesejada, por todos. – Odeio-te! – gritei com uma violência repentina enquanto lágrimas quentes me assolavam os olhos. – Quem me dera que tivesses sido tu a morrer em vez do meu pai, apesar de não poderes ter um ataque cardíaco, visto não teres coração. Nunca me amaste como a mãe de Lola a ama a ela.

Ela encolheu os ombros.

– Suponho que a Dolly queria ter filhos, coisa que eu nunca quis, mesmo que os pudesse ter tido. O teu pai saturou-me ao ponto de eu concordar em adotar e ficou delirante quando nos foi oferecido um bebé. Mas tu tinhas acabado de ser operada à cara e, com isso e com o teu cabelo cor de cenoura, não eras propriamente uma beleza, querida.

Agora que os portões da franqueza estavam abertos, parecia que as revelações dolorosas não podiam ser detidas e por isso acrescentei uma minha: disse-lhe que no dia anterior, quando ela não estava em casa, o seu novo amante assustador tentara beijar-me e fizera comentários sugestivos.

– Sua cobra mentirosa! – sibilou ela, furiosamente, contraindo as proeminências generosas como se tivesse sido efetivamente mordida por uma cobra.

E, apesar de obviamente não ter acreditado em mim (razão pela qual eu ainda não lho dissera), já não havia reconciliação possível depois daquilo.

De madrugada, estava num autocarro em direção à Cornualha, com o dinheiro do aniversário de Lola emprestado no saco para me sustentar. Levei apenas uma mala comigo, deixando com Nessa os meus bens mais preciosos, incluindo os livros da avó e um pequeno retrato meu pintado a óleo da autoria do meu pai.

Claro que Lola quisera contar à sua mãe o que acontecera, mas eu fi-la prometer que não o faria até eu arranjar um trabalho e um sítio para viver.

– Inicialmente ficarei num *bed and breakfast*, e há imensos hotéis e cafés onde posso arranjar trabalho temporário até encontrar algo de mais definitivo – assegurei-lhe.

Inspirada por algumas histórias antigas do meu pai sobre os artistas de Newlyn e as nossas férias na Cornualha, eu tinha ideias românticas sobre juntar-me a uma colónia de artistas onde as minhas aspirações a escritora e pintora poderiam ser cultivadas, ainda que mais tarde me tivesse apercebido de que tal não só não era realista como chegara com uma década de atraso.

A realidade pura e dura era que a minha chegada, já a noite ia avançada, fora da época alta, quando muitos locais se encontravam encerrados para o inverno e ninguém estava a contratar, não me deixou alternativa a não ser passar a primeira noite aninhada num abrigo junto à orla marítima... E depressa a minha imaginação superativa começou a povoar os cantos mais escuros com duendes maus a murmurar e criaturas infernais dos quadros de Hieronymus Bosch.

Quando a brisa fria arrastou um copo de cartão usado através do passeio marítimo, pensei que fosse o som de passos e até mesmo o sussurro suave e constante do mar parecia uma conversa rude sobre mim.

Comecei a escrever as minhas misturas próprias de contos de fadas, fábulas e folclore, apimentadas com uma pitada de horror, contudo, quando a hora da verdade chegou, esta princesa não era o tipo de rapariga forte, capaz de se salvar a si mesma, mas uma órfã assustada com a necessidade urgente de um príncipe bonito... ou até de um bondoso e feio.

Bolas, ter-me-ia contentado com um sapo razoavelmente amigável.

As lágrimas começaram a escorrer-me pela cara e tremi quando o vento frio se levantou e soprou em redor das minhas pernas.

Depois, de repente, ouvi passos de saltos altos e o ladrar entusiasmado de um cão pequeno. Antes de ter tempo para tentar encolher-me ainda mais no meu canto escuro, ele atirou-se lá para dentro e descobriu-me.

Uma lanterna acendeu-se e semicerrei os olhos contra a luz brilhante, não sem antes ter vislumbrado a forma pequena e pouco ameaçadora que se encontrava por trás dela, pelo que o ritmo do meu coração estabilizou.

– Ora, ora, mas o que temos aqui, *Ginny*? – questionou a voz surpreendida de uma mulher com um ligeiro sotaque das montanhas altas. – Uma pequena cachorrinha?

Depois de ter apagado completamente os acontecimentos daquela noite terrível da minha cabeça durante tantos anos, é estranho que agora, que vivo novamente com o meu pai em Upvale, os veja assolar a minha cabeça outra vez.

Decidi escrever pormenorizadamente tudo o que aconteceu, e destacar a razão perfeitamente ilógica que me levou a agir daquela forma, na esperança de os exorcizar. A minha consciência está, e sempre esteve, inteiramente limpa em relação a essa matéria.

The Bonny Banks

O meu cavaleiro, que vestia *Burberry* dos pés à cabeça, era Edie, a dona de um pequeno hotel local que decidira passear o seu Spitz alemão à hora de deitar. Era uma mulher vivaça e perspicaz, do género mulher de negócios com sessenta e muitos anos, metro e meio de determinação agressiva escocesa, apesar de ter uma queda para órfãs e rafeiros.

– Afinal não é uma cachorrinha – disse quando me levantei e fiquei mais alta do que ela. Depois, assim que percebeu o essencial da minha situação, levou-me consigo para o seu hotel.

Assim que chegámos, descongelou-me uma sopa quente e deu-me uma cama num quarto vazio nos aposentos dos empregados, no andar de cima, com a admoestação de que não deveria preocupar-me, as coisas pareceriam melhores de manhã.

* * *

Quando finalmente tive oportunidade de telefonar a Lola no dia seguinte, a assegurar-lhe que estava bem, ela confessou que tivera medo e contara tudo à mãe, até o lugar para onde eu me dirigia.

– Mas não disse exatamente para onde ias – afirmou. – Só disse que ias para a Cornualha.

– Demorei mais tempo a chegar aqui do que esperava, por isso, quando começou a escurecer, pensei que era melhor sair na próxima cidadezinha junto ao mar, onde parámos – expliquei.

– A minha mãe disse que gostava que lhe tivesses dito logo e quer que voltes e vivas connosco até irmos para a universidade, Alice.

– É muito querido da parte dela, mas já não quero ir para a universidade – declarei. – Só concordei em inscrever-me num curso para ser professora porque não pensei em mais nenhum outra opção depois de não ter sido aceite nos cursos de belas-artes.

O que quer que os departamentos de arte procurassem por aqueles dias, parecia não ser uma rapariga que se assemelhava fortemente à musa pré-rafaelita Lizzie Siddal, mas que desenhava o mundo contemporâneo com ecos de contos de fadas e uma pitada de horror em sumi-ê, como um horrendo Arthur Rackham. Podia perfeitamente ter tentado entrar num curso de literatura e escrita criativa, mas não via o objetivo de o fazer – eu lia tudo o que apanhava e certamente não se podia dizer que as minhas opiniões modernas sobre contos de fadas não eram criativas.

Em seguida disse a Lola que estava a viver num pequeno hotel junto à orla marítima chamado The Bonny Banks e que a sua dona, Edie, ia tentar colocar-me nos diversos trabalhos do hotel para ver onde me dava melhor.

Eu já descobrira que não era muito boa a fazer camas.

* * *

Rapidamente percebemos que o meu *métier* também não era limpar (demasiado propensa a cair

numa transe sonhadora), nem servir à mesa, pois não só era muito reservada, com um lábio que me dava uma aparência de amuo permanente, como, quando realmente resmungava, o tato não parecia ser o meu segundo nome. Tendo crescido com Nessa, a perita em farpas e alfinetadas, acho que estava demasiado habituada a pagar na mesma moeda.

Penso que Edie começava a ficar preocupada com o facto de o seu patinho feio poder nunca vir a transformar-se num cisne decente até que finalmente cheguei ao meu habitat – a cozinha. Graças às lições de culinária da mãe de Lola, sabia fazer bolos e pastéis de ficar com água na boca e, se a minha cabeça divagasse para uma terra de encantar deformada enquanto adicionava sonhadoramente a gordura à farinha, então seria uma coisa boa, pois havia sempre um toque de magia nos meus bolos.

* * *

Como seria de esperar, Dolly, a mãe de Lola, veio de carro visitar-me algumas semanas mais tarde. Embora eu soubesse que ela tinha dito a Nessa onde me encontrava, ela ainda não tinha dado sinal de vida, pelo que assumi que lavara as mãos em relação a mim.

Eu não esperara realmente que a Bruxa Má pegasse na sua vassoura e voasse até ali para ver se eu estava bem, mas, mesmo assim, tratava-se de outro abandono total. Primeiro foi a minha mãe biológica, depois o meu pai (apesar de ele não ter podido evitar a morte, ainda estava zangada com ele por ter morrido) e agora Nessa tinha-me finalmente atirado borda fora. Ou talvez eu me tivesse lançado borda fora e ela simplesmente decidira não me atirar o colete salva-vidas.

Parecia que eu estava certa em relação a isso. Dolly, depois de ter falado com Edie, levou-me a tomar chá e disse-me que tinha conversado com Nessa assim que Lola lhe revelara o meu paradeiro.

– Pensei que ela estivesse desesperadamente preocupada com a tua segurança e ficasse aliviada por saber que estavas bem – disse ela. – Mas referiu que acusaste o seu noivo de coisas tão horríveis que ela nunca mais te queria debaixo do seu teto.

– Sim, mas tudo o que eu disse foi verdade.

– Eu respondi-lhe que sempre foste uma menina honesta e que se disseste que ele se atirou a ti é porque é verdade.

– Disse noivo? – perguntei. – Ela vai casar com aquele tarado?

– Aparentemente, e vão mudar-se para Londres logo que venderem a casa. Já têm uma placa da agência imobiliária no jardim.

Senti-me muito triste – não tanto pela casa como pelo estúdio do jardim que guardava tantas recordações felizes do meu pai. De qualquer forma, agora, todo o seu conteúdo tinha provavelmente sido posto num contentor e enviado para a América.

– Sinceramente, não percebo como pode uma mãe comportar-se desta maneira – comentou Dolly, abanando a cabeça tão tristemente que os seus fios de cabelo fino e sedoso de um loiro-esbranquiçado se desprenderam do gancho madrepérola em forma de borboleta e lhe caíram em redor do rosto. – Ela já tinha empacotado todos os teus pertences e preparava-se para os doar a uma loja social. Agora estão no meu sótão, apesar de a Lola te ter enviado algumas coisas que pensou que pudesses precisar.

– Vocês são muito gentis – respondi agradecida, desejando, não pela primeira vez, que ela fosse a minha mãe em vez da Bruxa Má.

– Bem, todos gostamos muito de ti, querida. Sabes que podes regressar comigo agora e ir para a universidade no outono com a Lola, não sabes? E, claro, virias para a nossa casa durante as férias.

Fiquei tão comovida que me senti sem ar. Ela dizia tudo aquilo de coração, tinha a certeza. No entanto, ainda assim, não queria ser a peça do *puzzle* que não encaixava verdadeiramente na imagem de família feliz que eles tinham, mas que havia de ser lá enfiada de qualquer maneira.

– Tudo correrá bem – assegurei-lhe. – Ficarei na Cornualha a trabalhar e acabarei por conseguir uma casa para mim. E também há aulas de arte à noite e grupos de escrita em que posso inscrever-me... Gosto de estar aqui.

O que era verdade, pois tratava-se de um sítio lindo. É evidente que não era realmente a *minha* casa, tal como a nossa aldeia perto de Shrewsbury tinha sido. Nada era.

Nem sequer Haworth, a Avalon que eu desejava e temia visitar – um medo que surgia com a suspeita de que não estivesse à altura das histórias consoladoras do meu pai em relação ao meu abandono. Por agora, sabia que tinha sido deixada na charneca, provavelmente a quilómetros de distância, eu poderia vir de qualquer lado.

* * *

Mas instalei-me na Cornualha durante os anos seguintes, ainda que as minhas raízes tivessem sido superficialmente plantadas.

Edie tornou-se uma boa amiga, apesar da nossa diferença de idades, e a família de Lola forneceu apoio e foi um porto seguro a que eu podia sempre regressar, certa de que seria bem recebida.

Nunca mais ouvi falar da Bruxa Má, mal a casa foi vendida ela seguiu para Londres. Era como se todos aqueles anos tivesse apenas fingido ser minha mãe... O que era verdade, acho eu. Foi empurrada para esse papel, mas a jornada fora mais comprida do que ela esperara.

Lola foi para a universidade no outono seguinte para estudar História, e depois, em vez de prosseguir e fazer um curso de pós-graduação em ensino como tencionava, apaixonou-se por um historiador convidado pela faculdade, mais velho do que o pai dela, e instalou-se em Hampstead para cuidar de três filhos. Afirmou que Harry, o marido, tinha uma alma jovem e partilhava o seu sentido de humor, o que constatei ser verdade quando o conheci. Eram autênticas almas gémeas e, se as estrelas não estavam bem alinhadas em relação à idade, então estavam preparados para receber juntos a felicidade que podiam.

Entretanto, eu vagueava de trabalho em trabalho, fazendo bolos num café, trabalhando como chefe pasteleira num grande hotel, torturando coberturas de bolos em fantasias comestíveis para celebrações... Todo o tipo de coisas. Entre estas tarefas, regressava à Edie, onde o meu quarto era mantido pronto para me receber e onde me sentia bem-vinda. No meu tempo livre, tinha aulas de pintura e aceitava que os meus talentos estivessem mais virados para a ilustração do que para as belas-artes, experimentava vários grupos de escrita para testar as minhas capacidades e socializava num dos *pubs* mais artísticos com um grupo de boémios e, muitas vezes, de amigos ocasionais.

E foi assim que conheci e me apaixonei por Robbie... apesar de nessa altura estar tão habituada a ter o meu próprio espaço que nunca realmente vivi com ele. Escalei lentamente os patamares do arrendamento, primeiro um quarto arrendado, a seguir um estúdio mobilado e depois um apartamento. Não era fácil com o meu salário encontrar algo em conta num local turístico.

Suponho que Robbie era um pouco parecido com o meu pai, pois era um homem enorme, de trato fácil e consolador, dado a abraços calorosos e maravilhosamente confortantes. Surpreendentemente,

apesar de a sua paixão ser o *surf*, caiaque, asa delta ou qualquer desporto que tivesse uma ponta de risco, era dentista. Sempre tive medo de o perder, embora não da forma como realmente o perdi quando ele emigrou para a Austrália.

Não era fã de compromissos definitivos e, ainda que tivesse sugerido que o seguisse até ele assentar, não acreditava por um segundo que fosse o que queria. De qualquer forma, eu não pretendia ir visto que tenho a pele pálida de um fantasma, o cabelo ruivo, murcho com a luz do Sol mais benevolente e teria de ter a vida de um vampiro para sobreviver num país quente.

No dia em que ele se foi embora, deixando-me com o seu antigo e enferrujado Carocha, com margaridas *hippies* pintadas num dos lados, como segurança, pareceu-me outro abandono.

Ainda assim, como referiu Lola quando fui para Londres e fiquei com ela e Harry logo depois de Robbie ter ido embora, a minha vida era uma série de rompimentos sortudos: contra todas as expectativas fora descoberta com vida após o meu abandono, tivera um pai maravilhoso e Edie salvara-me de todos os perigos na minha primeira noite na Cornualha.

– E tu e a tua família sempre estiveram lá para mim – respondi agradecida. – Relativamente ao Robbie, estou bem, a sério, agora vejo que estávamos simplesmente a arrastar a relação e que ele nunca se comprometeria com um casamento ou uma família. Mas passámos ótimos tempos juntos.

Olhei para trás, para cerca de uma década passada na Cornualha, e acrescentei, surpreendida:

– Sabes, quando vim para cá não pensei passar a minha vida a trabalhar na cozinha de um café! De alguma forma, imaginei que, magicamente, seria capaz de ganhar a vida a escrever e a pintar.

– Vendeste alguns dos teus quadros e publicaste alguns contos – lembrou ela, encorajadoramente.

– Já desisti de tentar vender os meus quadros porque agora sei interiormente que não sou assim tão boa, e todos os meus romances foram rejeitados.

– Acho que os teus quadros são muito bons, mas provavelmente dirigem-se a um nicho de mercado – sugeriu delicadamente. – E acho que os leitores ainda não estão preparados para contos de fadas obscuros e adultos. Talvez devesse tentar mudar de direção?

E mudei, apesar de não ter sido bem da forma que ela referira. Na primavera de 2007, meti todas as minhas posses mundanas no Carocha e mudei-me para a Escócia para trabalhar no Café Climber's, de Dan Carmichael.

Olhando agora para trás, para o meu eu adolescente, fico impressionada por ter conseguido conduzir até Blackdog Moor, enquanto me sentia fraca e trêmula do choque, e transpor o labirinto de pistas estreitas sulcadas na escuridão antes do amanhecer.

O meu pai oferecera-me o Mini há poucas semanas, depois de eu ter passado no teste à primeira, e ele era o meu orgulho e a minha alegria... Ou fora até ter ficado para sempre marcado pelos acontecimentos dessa noite.

A Coisa vil – não conseguia vê-la como um bebé – foi aconchegada num tapete branco de pele de ovelha e mantinha-se quieta e silenciosa no lugar do pendura. Pensei que estivesse morta, pois não mostrara sinais de vida depois dos primeiros choros fracos, o que me deixou profundamente grata. Sentia-me como Frankenstein, enojada com a monstruosa criatura que resultara do meu primeiro – e último, estava eu determinada – caso amoroso do verão anterior.

Detinha o poder de destruir o meu futuro seguro e confortável se o meu pai descobrisse a sua existência, mas eu estava totalmente determinada a que ele não o fizesse.

Café Triste

O facto de me ter mudado da Cornualha para a Escócia foi o culminar de várias coisas, em particular ter feito vinte e nove anos e de repente vislumbrar os trinta no horizonte como uma nuvem ligeiramente ameaçadora.

Após ter emigrado, Robbie comunicara comigo apenas durante os intervalos curtos, embriagados e de autocompaixão entre uma série de namoradas australianas lindas e de pernas compridas. (Quando mais tarde nos tornámos amigos no Facebook, pude realmente vê-las, pois ele colava a sua vida pessoal toda naquela página.)

Os meus amigos locais estavam a mudar-se para outros sítios, a casar ou a assentar – às vezes as três coisas ao mesmo tempo – enquanto eu não tinha Nada de Importante, quanto mais Alguém Importante. Por isso, quando Edie decidiu semirreformular-se, vender o hotel e comprar uma pensão na sua terra natal, senti-me incrivelmente sozinha e presa a uma vida monótona. Foi nessa altura que o anúncio de Dan para ajudante de cozinha no seu Climber's Café, numa aldeia não muito longe da de Edie, me chamou a atenção.

Dan tinha mais dez anos que eu e era um pouco mais baixo, mas era uma personagem carismática e forte, e uma estrela de *rock* em ascensão de que até eu tinha ouvido falar. Com o cabelo loiro espetado e olhos azuis brilhantes, achei-o logo atraente, contudo, ele demorou quase um ano – já para não falar num anel de noivado – a persuadir-me de que o feliz para sempre não era apenas algo dos contos de fadas, e a mudar-me para a sua casa vitoriana mesmo ao lado do café.

Devia ter percebido logo. Passados cerca de cinco anos ainda não tínhamos data para o casamento nem começado a família que eu tanto desejava – depois, ele morreu a escalar um penhasco costeiro, que já escalara uma dezena de vezes, para um estúpido programa de televisão sobre escalada.

Enfrentava a difícil rota da Roca Gannet, na ilha Lundy, para o primeiro programa. Só pode ser escalada antes de abril ou no final do ano e ele escolhera fazê-lo no início de março. Fiquei zangada porque se esquecera que o meu aniversário era no dia dois, parecendo pensar que não havia problema se fosse comemorado mais tarde... Depois, não me saía da cabeça que as últimas palavras que lhe dirigi haviam sido em fúria... E, agora, por mais ilógico que fosse, continuava zangada com ele, mas, desta vez, por me ter deixado permanentemente.

Era tão vibrante, ativo e carismático – eu simplesmente não conseguia acreditar que nunca mais apareceria à porta de casa.

Sempre me chamara Rapunzel a brincar, mas não houvera forma de o ter podido ajudar a escalar aquela última torre... E, de qualquer forma, não foi a falta de prática que o matou, mas um enorme pedregulho que se fraturou e caiu lá de cima, arrastando-o tão casualmente como se ele fosse uma mosca ansiosa. Um dos seus amigos explicou-me tudo – como a chuva e o gelo deviam ter secretamente acentuado uma pequena fissura nas profundezas da rocha e fora apenas pouca sorte

Dan ter escolhido aquele momento para fazer a sua subida.

A minha raiva acabou por desaparecer e os meus velhos amigos Dor e Desespero instalaram-se, já para não falar no tal sentimento familiar de abandono. Queria ceder às minhas emoções e deitar-me a uivar como um cão, mas, em vez disso, abafei-as e concentrei-me a fazer os arranjos para colocar Dan e os meus sonhos a descansar, passando a viver um minuto, uma hora, um dia, de cada vez.

* * *

No dia anterior ao funeral reabrimos o café enquanto eu fazia uma tempestade na cozinha, pois esperava que todos os amigos alpinistas de Dan regressassem ali depois da cerimónia fúnebre, alguns dos quais tinham viajado muitos quilómetros – ele era bastante popular.

Continuava a mover-me dentro do miasma do desespero e da dor, mas fiquei um pouco aliviada e confortada com os aromas familiares a pimenta inglesa e casca de limão seca, com o som elástico do metal a bater os ovos numa espuma amarela e a sensação da manteiga e da farinha entre os meus dedos enquanto as amassava em leves pedaços dourados.

Acabara de retirar o último bolo do forno quando Jen, a gerente do café, disse que estava ali alguém para falar comigo. Pensei que fosse Edie. Ela telefonara quando vira as notícias na televisão e seria normal aparecer assim que tivesse tempo livre. Ou possivelmente era um amigo de Dan, de regresso de uma expedição e apressando-se a oferecer as suas condolências.

Mas a mulher que se encontrava sentada numa das mesas do café não era nenhuma dessas coisas. Era pelo menos uma década mais velha que eu, da idade de Dan, e com um rosto duro e bronzeado artificialmente, sobrancelhas transformadas num risco fino e cabelo loiro que mostrava um pouco das raízes escuras ao longo da divisória. Nunca tenho a certeza se aquilo é ter estilo ou não.

Mas o que quer que fosse, tinha a certeza de que não era uma das amigas alpinistas de Dan e, se fosse uma vendedora a tentar vender-me a sua mais recente linha de tortas de carne, escolhera um péssimo dia para o fazer (de qualquer forma, era eu quem as fazia todas).

Não se levantou quando me aproximei, pelo que deslizei para a cadeira oposta. Não tencionara sentar-me, mas há horas que estava de pé e não me lembrava da última vez em que tinha comido, pelo que os meus joelhos ficaram trémulos e a sala começou a andar à roda.

– Sou Alice Rose. Queria falar comigo? – perguntei-lhe. – Se for para vender alguma coisa, não veio numa boa altura e...

– Oh, não estou a vender nada – disse ela, olhando-me com curiosidade. – Sou Tanya, a mulher de Dan, apesar de ter voltado a usar o meu nome de solteira, Tanya Carter, depois de nos termos separado.

Algo fez clique no meu cérebro. Sabia que Dan tinha sido casado há muito tempo, quando ainda ambos eram muito jovens, e não tinha funcionado. Não havia filhos e a separação fora de mútuo acordo.

– Claro, é a ex-mulher dele, não é? – disse eu. – Eu...

– Mulher – interrompeu ela firmemente – e, agora, viúva!

Olhei-a sem expressão como a névoa cinzenta de mistério que me envolvia, o meu permanente desmancha-prazeres.

– Mas... não pode ser, nós estávamos noivos! Íamos casar.

Ou acabaríamos por fazê-lo... Por agora lembrava-me de todas as vezes em que ele adiara a data.

– Ele precisava de se divorciar de mim primeiro e, embora já tenham passado mais de dez anos desde que o vi, ele sabia onde me encontrar e nunca apareceu para me pedir o divórcio. Por isso, quando deu na televisão que o famoso alpinista Dan Carmichael tinha morrido num acidente, na verdade, foi um pouco chocante ouvir as notícias daquela maneira, pensei que provavelmente também não se incomodara em fazer um testamento. Nesse caso – acrescentou ela, triunfante –, tudo o que ele tinha passa para mim. E, quando liguei ao nosso antigo advogado, ele confirmou que eu tinha razão.

– Isso não pode ser verdade! – gritei, mas, enquanto proferia as palavras, lembrei-me de que o advogado de Dan, Mr. Blackwell, ligara no dia anterior a pedir-me para procurar por entre os papéis de Dan um testamento mais recente do que o que ele tinha. Eu estava demasiado afetada pela dor para o fazer ou sequer pensar no que o antigo poderia dizer.

– Quando ficámos noivos, o Dan disse-me que tomaria sempre conta de mim, independentemente do que acontecesse – ouvi-me dizer. Acho que estava a ter uma experiência extracorporal. Ou possivelmente a dar em doida.

Ela encolheu os ombros.

– Ele nunca fazia nada a não ser que o obrigássemos. Quero dizer, eu ouvi boatos de que ele vivia com alguém, mas qualquer homem normal teria pedido à mulher o divórcio antes de ficar noivo novamente, não é?

Não respondi. Não podia responder, pois aquele golpe final foi como o derradeiro abandono da minha vida, despedaçando o meu coração e as minhas esperanças como um vento ártico. Tínhamos conversado há pouco tempo sobre marcar uma data para o casamento, começar uma família... E de todas as vezes ele sabia que ainda era casado com outra pessoa.

E agora, depois de todo o trabalho que eu tivera no café e na criação de um lar bonito, não podia reclamá-los. Tudo iria para aquela mulher que estava sentada à minha frente, a bater com unhas turquesa na mesa enquanto olhava em volta.

– Nós costumávamos viver numa horrível e velha cabana arrendada a cerca de sessenta e cinco quilómetros daqui, mas parece que ele se deu bem com o seu negócio, e ouvi dizer que a casa ao lado também é dele, não é?

Ela não esperou por uma resposta, o que me foi indiferente pois fiquei paralisada. Não era apenas a casa de que ela falava, mas da minha casa e de algo onde eu começara a criar raízes.

– O café pode permanecer aberto para que, quando tiver autorização, o possa vender de modo a não ser uma fonte de preocupação. Espero que a minha vinda aqui tenha sido chocante para si – acrescentou, deitando-me um olhar impaciente enquanto eu permanecia pasmada e em silêncio. – É melhor fazer agora um inventário de tudo para saber o que tenho.

«Para saber o que falta depois de eu me ir embora, quer ela dizer», pensei.

Tirou um caderno da sua enorme mala cara.

– Pode mostrar-me e dizer-me quais são as suas coisas pessoais – sugeriu.

– Só por cima do meu cadáver! – exclamei com a fúria finalmente a despertar-me a língua para a ação. – Nem sequer tenho provas de que é quem diz ser, quanto mais de que tem direito ao que quer que seja. Dan disse-me que se certificaria de que, se lhe acontecesse alguma coisa, eu ficaria bem, por isso...

– Oh, vai ver que tudo isto é verdade. Pensei apenas que poderia poupar outra viagem até aqui para fazer um inventário e anotar tudo o que é de valor – explicitou ela, depois, olhando para um

dos meus quadros, pendurado na parede mais próxima, acrescentou, com desdém: – Acho que, atualmente, o gosto do Dan para a arte não era grande coisa.

O quadro fora um dos seus preferidos. Ele adorava os estranhos homens-pássaro, semelhantes a duendes, que rodopiavam no céu com as suas asas de papel, sem saberem que, lá em baixo, uma loba com aspeto de mulher juntara todos os fios dos papagaios na boca e fugia com eles.

Aquela imagem resumia a minha situação naquele momento, pensei, em seguida, como se a loba tivesse sacudido o meu fio, levantei-me tão repentinamente que a mesa de carvalho se virou, atirando a mulher de Dan ao chão.

Parando só para tirar o meu quadro da parede e o meter debaixo do braço, saí para o anoitecer frio, ainda envergando o meu uniforme de cozinheira.

O bater da porta atrás de mim calou os gritos invetivos de Tanya que tinha, como Dan fora o primeiro a saber, uma boca suja.

Finalmente, virei na faixa estreita e sulcada no caminho que dava para Oldstone, uma pedra severa numa colina, com os lados erodidos e decorados com símbolos antigos.

Era um afloramento natural num pequeno planalto, apesar de um diminuto círculo de pedras ter sido um dia erguido à sua volta, com o seu propósito há muito esquecido e os seus restos caídos agora servirem apenas como assentos a caminhantes cansados.

Desde que um popular caminho passava ao lado, tinha o seu número de visitantes desde o final da primavera até ao início do outono. Mas, no começo do ano, com o gelo endurecido ainda a partir na relva por baixo das rodas do meu carro quando parei, era deixado às ovelhas e aos pássaros ocasionais.

Fazer As Malas

Quando a grande porta de carvalho foi seguramente fechada e trancada atrás de mim, encostei-me a ela por um momento com os olhos fechados, tentando lembrar-me de como respirar normalmente.

E quando finalmente os abri, vi o local com outros olhos: já não era a minha casa, apenas mais um lugar temporário na jornada sem raízes que era a minha vida.

A casa fora mobilada numa mistura eclética de móveis de mogno vitorianos que Dan herdara dos pais e algumas peças diferentes e modernas e achados em lojas de tralhas que tínhamos comprado em conjunto. A maior parte dos meus pertences estava na cozinha ou no pequeno quarto que eu usava para escrever e ilustrar, contudo, alguns tesouros encontravam-se espalhados pela casa: o meu retrato pintado pelo meu pai, uma caixa feita de conchas, um pequeno espelho vitoriano, um tapete bom com as cores gastas pelo tempo que fora uma compra de impulso num leilão na Cornualha...

Fui em busca de algumas caixas de cartão no sótão que ainda estavam marcadas pela minha própria letra aquando da mudança para a Escócia: equipamento de cozinha, livros, roupas, roupa de cama, material de pintura...

* * *

A campainha tocou mais tarde, mas não respondi para o caso de ser Tanya Carter. Porém quem quer que fosse persistiu, pelo que meti a cabeça no *hall* para escutar. Subitamente, ficou tudo em silêncio, depois a caixa do correio abriu e deixou passar a voz familiar da gerente do café, que disse:

– Alice, estás aí? Sou eu, a Jen.

Ela pareceu aliviada quando abri a porta.

– Graças a Deus, vi as luzes todas acesas e, quando ninguém respondeu, comecei a ficar preocupada.

– Achei que poderia ser aquela mulher – respondi sem conseguir chamar-lhe mulher do Dan. – O que lhe aconteceu?

– Bem, acho que ficou magoada com a mesa, mas estava a gritar tanto quando se levantou que percebemos que estava bem – retorquiu ela, seguindo-me até à cozinha e olhando para a caixa meio cheia, na qual empacotava os meus utensílios preferidos. – Não tem problema nenhum nos pulmões, isso é certo.

– Sabes quem ela é? – perguntei, embrulhando um espremedor de vidro e metendo-o dentro de uma tigela azul *Mason Cash*, juntamente com um cronómetro de cozinha em forma de galinha e outros objetos pequenos.

– Sim, ouvi o que ela disse, aliás, quase toda a gente no café ouviu porque ela é um bocadinho

estridente, não é? Ameaçou processar-te por agressão, mas nós dissemos-lhe que só teve o que merecia... Depois, o Col afirmou que ela precisaria de testemunhas e que tinha a certeza de que ninguém ali havia visto coisa alguma. A maior parte dos clientes era locais ou amigos de Dan.

– Isso deve tê-la animado – respondi, as minhas mãos a continuarem automaticamente a embrulhar e a empacotar.

– Acalmou-se quando se apercebeu de que não recebia solidariedade nenhuma e foi-se embora, mas declarou que voltaria assim que resolvesse tudo com o advogado.

– Então... ela não tenciona ir ao funeral, amanhã? – questionei, colocando jornais em redor do meu ótimo conjunto de facas de cozinha e pondo-as numa caixa uma de cada vez.

– Não, acho que nem sequer teria lata para isso. Disse que ia para sul, que se tinha esquecido do quão gelado é o norte e de como detestou viver na Escócia. E...

Ela fez uma pausa, claramente insegura relativamente à forma de dizer o que queria.

– Alice, temos muito pena de tudo o que aconteceu. Sabemos que o Dan te amava e que foste muito boa para ele, fazendo-o assentar e tornar o café um sítio muito popular.

– Não o assentei o suficiente para ele pedir o divórcio – repliquei um pouco amarga.

– Conheces o Dan, ele devia ter querido pedi-lo, mas era tão desleixado que nunca chegou a fazê-lo.

– Bem, agora é demasiado tarde – concluí. – Vou fazer as malas e vou-me embora logo após o funeral.

– Mas não devias falar primeiro com o advogado? De certeza que tens direito a alguma coisa, depois de tudo o que fizeste pela casa e pelo café?

– O advogado acabou de me ligar para me avisar de que Tanya Carter poderia aparecer e de que ficará com tudo. Sugeri que eu voltasse a verificar os papéis de Dan para o caso de haver outro testamento, mas de que vale quando sei muito bem que ele nem sequer pensou nisso?

– Eu procurá-lo-ia à mesma – afirmou ela – e de certeza que tens de fazer já as malas e ir embora?

– Talvez não, mas não suporto ficar aqui mais tempo, e quanto mais depressa encontrar um novo trabalho e um sítio para viver, melhor. Entretanto, podes continuar a gerir o café, não podes? É um bom negócio, pelo que quando ela tiver autorização para o vender, e alguém o comprar, poderá ficar contigo e com o resto da equipa, se tiver senso.

– Posso continuar a geri-lo, mas não será a mesma coisa. Primeiro porque ninguém consegue fazer bolos como tu. Um alpinista disse que a imagem do teu pudim e do teu leite-creme o mantiveram concentrado para ultrapassar uma tempestade no Evereste.

– O Dan disse praticamente a mesma coisa – referi com as lágrimas de repente a assolarem-me os olhos. – E que o meu bolo de chocolate era de comer e chorar por mais...

Olhei para baixo e apercebi-me de que tentava meter um jarro de leite dentro de uma caixa a transbordar. Só parte do meu cérebro fazia as coisas racionais enquanto a outra estava desesperada para se retirar para um local escuro e vazio.

– Olha, porque não ficas comigo e com a minha mãe durante uns tempos? – sugeriu Jen, tal como fizera quando soubemos do falecimento de Dan.

– És muito simpática, mas acho que prefiro ir já embora. Vou ligar à minha amiga Edie daqui a pouco, sabes, aquela que tem a pensão? Telefonou-me assim que ouviu as notícias e convidou-me para ir para a casa dela de modo a mudar de ares, após o funeral. Provavelmente é capaz de me dar

guardada até eu arranjar outro emprego.

De volta à estaca zero, escravizada por outros numa cozinha qualquer – no fundo da cadeia. A quimera de casar, ter filhos e uma casa que seria minha para sempre estilhaçava e desaparecia.

Independentemente do que eu escrevesse nas minhas histórias, na vida real, a princesa Alice estava destinada a nunca ter o seu final feliz.

Disse-o a Lola quando ela me ligou, algo que fazia todos os dias desde que eu recebera as notícias sobre o Dan.

– Eu não devia dizer isto, tal como tu não disseste – afirmei, arrependida, pois Lola enviuvara subitamente há dois anos e mudara-se para a pequena quinta dos pais com os seus três filhos.

Ficara absolutamente devastada com a sua perda repentina e passei todo o tempo que pude em Londres para a apoiar durante o funeral e a ajudar a fazer as malas depois da cerimónia fúnebre.

– Mas a tua situação é completamente diferente: eu encontrei e casei com a minha alma gémea e tivemos o nosso final feliz, mesmo que, no fim, não tenha durado tanto como esperávamos – assegurou-me ela.

Depois convidou-me mais uma vez a ficar com eles, apesar de a casa de campo estar agora a abarrotar de gente até que o anexo que estavam a construir ao lado estivesse pronto. Porém, voltar para Shrewsbury, apesar de a Bruxa Má ter há muito ido para Londres, teria sido um regresso ainda mais penoso.

Sabem aqueles sons metálicos que a cobra faz quando morde a sua própria cauda? Bem, era exatamente assim que me sentia.

* * *

Telefonei à Edie logo na manhã seguinte e, por essa altura, já vasculhara outra vez os papéis de Dan em busca de um testamento que eu sabia não existir. A ideia dele de arquivar documentos consistia em meter tudo dentro de uma secretária no canto da sala para o contabilista sofredor, que aparecia uma vez por ano, os meter todos numa caixa e os levar para análise.

Tive dificuldades em expressar-me por palavras, pois a minha garganta sentia-se como se tivesse algo a rodeá-la – as veias do meu coração, possivelmente –, mas assim que Edie assumiu o controlo da situação ofereceu-me um dos seus três chalés pelo tempo que eu precisasse.

– Há um que precisa de obras, mas não vou poder fazê-las até ao próximo ano, para não perder dinheiro com ele – disse ela, profissional como sempre.

– Mas eu posso alugá-lo, tenho poupanças – sugeri, pois Lola enganara-se a analisar o mercado dos contos de fadas para adultos. Um ano antes, havia publicado um romance e um par de contos em formato *e-book*, com ilustrações próprias na capa, e as vendas tinham sido relativamente boas. Comprei um belo computador novo com as receitas.

– De maneira nenhuma! – declarou Edie. Em seguida, acrescentou: – Sabes, tiveste muita sorte por aquela mulher não ter apresentado queixa por agressão. Parece ser do tipo que faria isso.

– Até podia ter apresentado se a Jen e o resto da equipa não lhe tivessem dito que jurariam a pés juntos não ter visto agressão nenhuma – referi. – Não consigo perceber como casou o Dan com ela... ou porque não me disse que não era divorciado.

– Era um bom homem, mas uma criatura desleixada em relação a tudo o que não fosse escalar montanhas – comentou. – Como aquele Robbie com quem te costumavas dar na Cornualha, bom por natureza, mas nunca cresceu e se tornou adulto.

– Acho que tem razão – concordei. – Apesar de eu ter verificado que o Dan não era totalmente irresponsável, pois encontrei uma apólice de seguro de vida... e nomeou-me como beneficiária. Acho que quando assinou o contrato para o documentário teve de o fazer.

– Ai, sim? Ao menos é alguma coisa. De quanto é? – perguntou ela, muito realista e prática.

– Não sei. Não me parece que seja muito – retorqui, desinteressada. – Lerei os documentos mais tarde quando conseguir pensar como deve ser. Guardei-os com o resto das minhas coisas.

Provavelmente tinham-no forçado a assinar a apólice, contudo, pelo menos, sentia-se minimamente responsável por mim ao ponto de me tornar beneficiária. Amara-me verdadeiramente e devia ter sido isso a que se referira quando dissera que me protegeria caso alguma coisa lhe acontecesse.

Conseguia sentir a dor acumulada dentro de mim pronta a sair como a lava de um vulcão, mas tapei o buraco firmemente para ela permanecer lá dentro.

– Vou buscar-te – ofereceu-se Edie.

– Não, sei que está ocupada e acho que o velho carro ainda tem força para uma última viagem antes de necessitar de uma mega revisão. Tenho tudo pronto para meter no carro e sair ao final da tarde, depois do lanche no café e do funeral. Ia cortar as sandes e deixá-las no frigorífico sob uma toalha húmida, mas a Jen disse que fez isso esta manhã.

A minha mente parecia funcionar em piloto automático ao longo das linhas do *catering*, até numa altura daquelas.

– Aquele teu carro velho já devia ter sido mandado para a sucata – disse Edie.

– Não posso fazer isso, apeguei-me a ele ao longo destes anos. Tenho a certeza de que pode ser arranjado e é tão velho que provavelmente pode servir como peça de coleção.

– Só para alguém que goste muito de ferrugem e flores *hippies* pintadas à mão – observou ela secamente. Depois, ofereceu-se para comparecer e apoiar-me no funeral, mas eu sabia que ela estava muito ocupada na pensão, pelo que lhe garanti que estaria entre amigos.

E estava mesmo. Muitos dos amigos alpinistas de Dan e amigos locais apareceram e encheram a pequena igreja, tal como o Climber's Café quando lá nos reunimos após a cerimónia.

Mr. Blackwell, o advogado de Dan, apareceu, o que foi simpático da parte dele, e pediu desculpa pela forma como as coisas tinham sido deixadas, apesar de a culpa não ser dele. Por algum motivo, eu esperara que ele fosse alto, seco e vago, mas, na verdade, era exatamente o oposto: baixo, rechonchudo e amigável de uma maneira simpática. Dei comigo a falar com ele como se o conhecesse há anos.

– Não houve sinal de outro testamento, mas encontrei a apólice de um seguro – disse-lhe eu. – Acho que deve ter tido a ver com o documentário que ele estava a gravar, e nomeia-me beneficiária.

– Se, na verdade, a nomeia a si, então Tanya Carter não pode reclamar nada – observou Mr. Blackwell.

– Sim, nomeia, apesar de eu não poder dizer muito para além disso, pu-lo junto dos meus papéis – expliquei. – A Edie, a velha amiga com quem ficarei, disse que o analisaria mais tarde comigo.

– Diga-me se precisar de alguma coisa. Ficaria muito contente por ajudá-la – afirmou, bondoso, antes de me apertar a mão e de se ir embora no pequeno carro desportivo vermelho. Percebi que era um tipo que gostava de beber à noite em bares escuros.

Quando os outros enlutados começaram a partir – ou a ir para o *pub* de modo a fechar a noite com

chave de ouro, no caso dos amigos alpinistas de Dan –, deixei a Jen e os outros a arrumar as coisas enquanto metia as minhas posses materiais no Carocha. Devia ter acumulado mais coisas do que tinha quando cheguei, pois coube tudo à justa, mesmo no banco e nos pés do pendura. Depois, voltei ao café, como prometera, para me despedir.

A equipa estava toda à minha espera e acho que sabiam que nunca mais voltaria, pois haviam-se juntado e comprado um antigo alfinete *Cairngorm*.

Eu estava a aguentar tudo muito bem até aí, mas o carinho deles quase rachou a camada que cobria todas as minhas emoções. Mantive-me ereta, engolindo em seco e pestanejando para as lágrimas não caírem quando Jen pregou o alfinete à minha camisola verde-musgo, uma das criações de Edie, e me deu um beijo na face.

Uma chuva fina e penetrante caía quando acenei um adeus da janela do carro e me fui embora, com a visão desfocada e uma batida na cabeça que acompanhava o ritmo dos para-brisas.

Senti-me no limite, quase a explodir. Quis fechar a porta a tudo, incluindo aos pensamentos, estar sozinha e silenciosamente gritar como aquele quadro do Munch.

O carro avançava, guinchava e tinha valentemente por cima das colinas em direção à casa vitoriana de Edie, no seu planalto com vista para o pequeno lago. Porém, aquele último esforço por cima da gravilha foi demasiado e, ao parar, o Carocha fez um barulho horrível e morreu ali mesmo.

Eu não estava só a ter um mau dia – estava a ter uma má vida.

William, o cozinheiro, saiu para me ajudar a levar as minhas coisas do carro defunto para o chalé. As três cabanas de madeira localizavam-se no meio de uma floresta de pinheiros e a minha era a que ficava mais longe da casa principal, velha mas aconchegante, com um quarto, uma lareira falsa (Edie, prudente, não confiava troncos e fogo aos seus hóspedes) e uma pequena cozinha para preparar refeições, apesar de a maioria dos hóspedes tomar as refeições principais na casa.

Ele não se alongou, já que tinha de fazer o jantar, mas disse que a Edie iria ter comigo assim que pudesse, quando voltasse do supermercado.

Sozinha, limitei-me a sentar e a ouvir o edifício de madeira a ranger gentilmente, com o coração a bater e um zumbido nos ouvidos, possivelmente devido à falta de comida e bebida.

Após um bocado, decidi-me a desempacotar as coisas de que necessitava para a noite e a pôr a chaleira ao lume. Havia um dos *packs* de boas-vindas de Edie na cozinha com as necessidades básicas para bebidas e pequeno-almoço.

Fiz café assim que ela chegou e Edie ligou o efeito de fogo na suposta lareira, o que fez com que o quarto parecesse de repente mais aconchegante, apesar de me ter sentido como se nunca mais pudesse ficar quente outra vez.

Pedi desculpa pelo pedaço de sucata que deixara no parque de estacionamento.

– Não faz mal, já pedi ao mecânico daqui para o ver e levar amanhã – disse ela. – Não te preocupes com isso.

– Pode dar-lhe o meu número de telefone para que me diga qual é o problema?

– Acho que o problema já não tem arranjo – comentou.

Eu devo ter parecido aborrecida, pois ela acrescentou logo:

– Mas vou pedir-lhe para dar o seu melhor e informar-te depois de o ver.

Trouxera um termo grande e atarracado com guisado e rolos de pão frescos.

– Pensei que não querias passar pela casa principal para jantar, depois do dia que tiveste.

– Não... É muito bondosa – respondi. – Só quero estar sozinha por algum tempo, sinto-me muito

avassalada com tudo o que aconteceu. Ainda não digeri tudo.

– Bem, falamos de manhã – levantando-se. – Agora, come um pouco do guisado que o William te preparou, caso contrário ficará magoado. Tens a certeza de que não queres que eu volte depois do jantar e de que não queres passar a noite na casa principal?

Assenti.

– Vou comer e depois enfio-me logo na cama – assegurei.

* * *

E tentei mesmo comer, mas a minha garganta fechou-se, pelo que abandonei a tentativa e rastejei para a cama. Pensei que nunca mais conseguiria voltar a dormir, mas, assim que me deitei, afundei-me na escuridão, dando-lhe as boas-vindas, demasiado longe para que sonhos ou pesadelos me apanhassem.

A charneca era supostamente assombrada por um cão preto gigante com olhos vermelho-sangue, pelo que era bom eu não ser do tipo imaginativo. A lua cheia lançava sombras estranhas à minha volta enquanto eu seguia um trilho de ovelhas em redor da base do afloramento de rochas e enfiava profundamente a trouxa numa das muitas fissuras, para se juntar ao entulho das últimas pessoas que ali tinham feito um piquenique. Apercebi-me de que tudo correu bem de forma bizarra, tendo em conta as circunstâncias...

Olhei para trás uma única vez e pareceu-me ter visto algo branco, apesar de provavelmente ser apenas um pouco de lã velha presa nas ervas, nada fora do comum naquele terreno.

Catatonía

No dia seguinte acordei a flutuar ligeiramente para o estado de consciência total. Os meus sentidos estavam abafados, como se estivesse enterrada numa avalanche.

Não conseguia pensar – mas não fazia mal, pois não queria pensar. Na verdade, não queria fazer nada a não ser estar ali deitada como um tronco de chumbo. A inércia pesava tanto que eu mal podia mover os braços e as pernas. Era tudo muito estranho...

No outro quarto, o meu telefone começou a tocar irregularmente como uma mosca a morrer. Depois, mais tarde, ouvi uma batida urgente que bem podia ser um pica-pau... ou alguém a bater à porta. Enrolei-me o mais que pude e pus as cobertas por cima da cabeça.

* * *

Edie, descobrindo o meu estado catatónico, chamou o médico que diagnosticou choque tóxico e me receitou uns comprimidos, que ela me obrigou a tomar com muita força de vontade.

Sempre detestara tomar comprimidos e, apesar de eles me retirarem do estado catatónico, parecia não ter reparado que o mês de abril já passara. Tinha recordações confusas de duas freiras bondosas que formavam a equipa de Edie e faziam turnos, passando as noites no sofá da sala de estar, e de William a entrar com pequenas guloseimas com as quais esperava tentar o meu apetite não existente, só isso.

Mesmo depois de ter começado a sair da neblina, a minha mente ainda tendia a virar-se para caminhos que iam na direção do buraco mais escuro, como outra Alice. Resisti, pois a possibilidade de lá encontrar uma terra do nunca era muito remota e, de qualquer forma, eu tinha medo de não conseguir regressar novamente à luz.

Quando mencionei as tocas do coelho ao médico, ele mudou a receita para um antidepressivo no lugar do que quer que me tivesse dado antes.

Parecia funcionar... ou, pelo menos, transformava-me numa zombie completamente funcional, fazendo todas as tarefas dos vivos e comunicando de uma forma quase normal, com todas as emoções agudas apagadas.

Obviamente isto levou Edie a pensar que me encontrava bem no caminho da recuperação, mas eu sabia que Lola suspeitava que ainda havia ratos a roer a minha sanidade, pois, no início de maio, ela fez uma visita relâmpago ao norte para me ver, apesar de estar muito ocupada com o ascendente negócio de plantas da família, já para não falar da empresa que criara com a mãe sob o nome Dolly and Lola's Perfectly Pickled and Preserved Company.

Começaram com a linha *Jam Session* de doces, queijos e marmelada tradicionais, e recentemente tinham acrescentado uma gama *Get Pickled* de salsas e condimentos. Lola encomendara pequenos balcões de madeira e algumas lojas locais estavam agora a comprar os seus produtos.

Lola é muito determinada e leva-nos a fazer coisas furtivas, pelo que antes de regressar a casa me obrigou a sair da cabana para um passeio de carro e outros a pé, argumentando que, embora eu fosse naturalmente pálida, começava a parecer-me com um cogumelo. A seguir, fez-me prometer que atenderia o telefone quando ela ligava, todos os dias, dado eu não ter acesso à internet na minha cabana.

Acho que sair me fez bem, porque comecei a ajudar com os bolos e os pastéis na cozinha do hotel. O William era um cozinheiro maravilhoso, mas a sua massa folhada ficava lascada e o seu pão-de-ló nunca tinha um ar fofinho. Edie continuava a recusar cobrar-me renda, pelo que sentia que fazia algo para compensar.

E foi graças a Edie que consegui amealhar algum dinheiro no banco, pois ela lembrara-se do que eu dissera sobre ter encontrado a apólice do seguro de Dan e insistira em ir à cabana desenterrar a papelada das profundezas de uma caixa cheia de pertences meus.

Ao lê-los, ela descobriu qualquer coisa.

– Há aqui duas apólices, Alice – observou ela. – Aquela que mencionaste, que parece fazer parte do contrato de Dan com a estação de televisão, e uma segunda apólice, anual. Talvez ele precisasse de seguro de vida para o seu negócio como guia de alpinistas?

– Sim, acho que sim – confirmei.

– E quem quer que fosse o beneficiário original da apólice anual, ela agora está em teu nome – declarou ela, revigorante. – Fico surpreendida que a seguradora do programa de televisão ainda não te tenha contactado.

– Pode ter tentado, ainda não abri a maior parte do correio – confessei. Deixara as chaves da casa com Jen e ela enviava-me as cartas que apareciam e que eu simplesmente punha numa caixa de cartão. – Também ainda não verifiquei os meus *e-mails* desde que me mudei.

– É melhor deixares que eu verifique as tuas cartas e deite as que não interessam fora para poderes abrir as restantes – sugeriu ela.

De repente ocorreu-me um pensamento que mudou as coisas, pois ainda não pensara em tudo como devia ser.

– Edie, se há duas apólices, quer dizer que estou rica? – perguntei, apesar de não ter a mínima réstia de esperança. Os ricos que eu admirara a vida toda não tinham sido pessoas muito boas: só podemos aquecer as mãos com dinheiro se lhe deitarmos fogo.

– Acho que vais descobrir que viverás muito confortavelmente – respondeu ela, analisando o final do segundo documento e pousando-o. – Aliás, acho que terás o suficiente para comprar uma boa casa própria e ainda te sobrar. Talvez até consigas comprar o Climber's Café, se quiseres.

Eu encolhi os ombros.

– Não, não posso voltar. Aliás, pareço destinada a realmente nunca pertencer a lugar nenhum. Sou o equivalente humano a uma erva daninha.

– Oh, não – discordou. – Foste encontrada em Yorkshire, pelo que deves ter nascido lá, o que faz de ti uma mulher do Yorkshire, tal como eu sou escocesa. É aí que estão as tuas raízes.

– Acho que tem razão, e sempre me senti fascinada por Haworth e pelas Brontë por causa dos contos de fadas que o meu pai me costumava contar por eu ter sido encontrada lá, nos degraus do Presbitério. Mesmo depois de ter sabido que ele inventara grande parte da história, continuei a assumir que havia sido deixada algures na aldeia, mas tinha a sensação de que ir até lá seria como quebrar o feitiço. Mas, claro, a minha mãe quebrou-o quando me contou que eu tinha sido

abandonada na charneca.

– Ela não devia ter feito isso, comportou-se muito mal contigo – afirmou Edie desaprovadamente.

– Fez certamente com que eu resistisse à atração do lugar, pelo que nunca lá fui – concordei. – É claro que, por essa altura, eu já lera tudo o que encontrara sobre as Brontë e Haworth. A minha preferida é a Emily, era uma péssima companhia e preferia estar com os cães na charneca ou a cozinhar na cozinha. Era uma mulher independente e um enigma... E eu adoro a sua poesia.

– Então, és muito parecida com ela – retorquiu Edie secamente. – Eu fui a Haworth há muitos anos e foi muito interessante. Pode ver-se toda a charneca, onde deves ter sido encontrada, bárbara e selvagem, como o Heathcliff de *O Monte dos Vendavais*.

– É uma sorte eu não me identificar mais com ele do que com a Emily, não é? – respondi. – Não queria vingar-me da minha mãe biológica nem da família que ela poderá ter tido, mesmo que a encontrasse, só quero esquecer tudo acerca da minha mãe adotiva.

– Não. Não és do tipo vingativo, Alice. E, apesar de a tua mãe adotiva se ter portado bastante mal, acho que a tua mãe biológica não estaria mentalmente bem quando te abandonou, pelo que não o deves levar muito a peito.

– O meu pai achava que ela seria provavelmente muito jovem e estaria assustada e que, quando voltou a si e se apercebeu do que tinha feito, deve ter ficado aliviada por saber que eu fora encontrada a tempo.

– O teu pai parece ter sido um homem muito bom e carinhoso – comentou Edie, o que me levou as primeiras lágrimas aos olhos desde que chegara ao chalé. Talvez a Bela Adormecida começasse a acordar?

Com a sua habitual eficiência brusca, Edie insistiu para que contactássemos de imediato as companhias de seguros, depois descarregámos, imprimimos e assinámos os documentos infundáveis, até ela pôr a caneta na minha mão e apontar para as caixas onde eu devia assinar.

Quando ela regressou à pensão, eu procurei uma fotografia emoldurada de Dan dentro das caixas: ele estava casualmente de pé no que parecia ser uma prancha de pedra sobre uma ravina, com o cabelo loiro espetado e os olhos azuis a brilhar. Depois, finalmente, permiti-me chorar um mar de lágrimas pelo que tínhamos tido e pelo que poderíamos ter tido.

* * *

Foi uma sorte Edie ter encontrado o seguro, pois Mr. Blackwell ligou pouco depois para me dizer que a mulher de Dan tinha finalmente perguntado pelo seguro.

– Pensei verificar que a apólice tinha o seu nome – disse ele, na sua voz calorosa e amigável, e lembrava-me agora como ele fora bondoso no funeral.

– Na verdade, há duas apólices, ambas em meu nome. A amiga com quem estou ajudou-me a notificar as companhias de seguros e a fazer as reivindicações. – Expliquei o que tínhamos encontrado.

– Foi a Edie que tratou quase de tudo, pois não percebi nada daquilo. Ainda não consigo pensar bem – dei por mim a confessar, provavelmente por ele ter sido tão simpático comigo no funeral e parecer agora o meu tio preferido... Se eu tivesse tios. – Mas talvez seja dos comprimidos que o médico me receitou, e eu possa parar de os tomar agora. De qualquer forma, detesto tomar comprimidos.

– Confie nele e pare só quando ele disser – aconselhou-me. – Estas coisas demoram algum tempo. – Depois, disse gentilmente que, se eu precisasse de alguma coisa no futuro, teria todo o gosto em ajudar, e desligou.

E, por sorte, apenas dez minutos depois, recebi duas mensagens das companhias de seguros, uma atrás da outra, a informar que as minhas reivindicações estavam a ser despachadas. Aquilo pareceu doloroso – eles não deviam ter querido separar-se do dinheiro.

* * *

Agora que estava a emergir para o mundo dos vivos, começava finalmente a ler as mensagens no meu telefone e os *e-mails* na minha conta cheia.

Por entre o lixo na minha conta, descobri algumas mensagens de Robbie, que, sem saber o que me acontecera, se lamentava por ter perdido a mais recente conquista loira de pernas compridas, na sua habitual maneira obcecada.

Achei tudo estranhamente refrescante. Só o vira uma vez nos últimos seis ou sete anos desde que se mudara para a Austrália, quando viera visitar os pais, mas continuava a gostar suficientemente dele para esperar que o Grande Tubarão Branco não o engolissem numa das suas viagens de *surf*.

Mandei-lhe uma breve mensagem como resposta, a referir que ia passar uns tempos em casa de Edie, pelo que ele poderia assumir que eu e Dan tínhamos terminado a nossa relação.

Apaguei a maioria dos meus outros *e-mails* por ler: já eram muito antigos pelo que ninguém deveria esperar uma resposta.

Foi muito catártico e o meu cérebro ficou mais leve. Pensei que talvez até pudesse regressar à escrita em breve – deixara um romance meio acabado no computador –, mas, quando o procurei, tropecei numa história que não reconhecia de todo. Lembrava-me vagamente de um pesadelo que tivera durante o meu estado catatónico, mas parecia, pela data de abril que estava na página, que me levantara e o escrevera!

Era uma história sobre uma sereia que se apaixona por um mortal e se torna humana durante o dia para poderem estar juntos. À noite, ela volta para o mar. Mas ele, ciumento, suspeita que ela regressa a um amante tritão e enclausura-a num farol. Ela corta a longa cauda, pelo que não pode fazer de Rapunzel, mas um albatroz traz-lhe longos fios de algas que ela usa para deslizar e escapar. O príncipe ouve as pedras na praia a murmurarem o nome dela à medida que a sereia corre para o mar, o ar húmido e salgado a tornarem-lhe a pele escamosa... Depois, quando está prestes a mergulhar sob as ondas, o príncipe agarra-a. O conto termina com ela a arrastá-lo para a água consigo, pois ele não a solta e acaba por afogar-se.

Era obscuro, mas não mau de todo, e era definitivamente o meu estilo. Que estranho tê-lo escrito e não me lembrar de o fazer! Tudo o que precisava era de ser revisto e estava pronto a ser publicado.

Sentindo-me encorajada, dirigi-me novamente ao hotel e verifiquei as críticas aos meus *e-books* no sítio da Amazon e havia uma muito negativa que me fez sentir agoniada. Mas também me fez ficar tão furiosa que escrevi imediatamente uma história sobre uma escritora, que tinha uma crítica tão má ao seu livro, que seguiu a malfeitora e lhe lançou uma série de duendes feios, fantasmas, fadas más e outras criaturas obscuras vingativas, que a castigaram de várias formas e feitios.

Senti-me muito melhor depois disso e parecia que uma nova luzinha se tinha acendido no meu «eu» outra vez... Quem quer que fosse realmente.

Na minha imaginação, pusera o meu «eu» infantil em muitos papéis, o que era muito mais confortável do que procurar a verdade: eu fora Moisés no meio dos juncos, a princesa bebé abandonada à morte na floresta, a criança deixada em sacrifício aos deuses numa charneca maldita... Uma charneca parecida à de Heathcliff.

Mas eu não era nada disso: eu era eu, a Alice Rose, e, pela primeira vez, senti uma necessidade real de parar de fugir do passado e descobrir quem realmente era e de onde vinha. Mas, para fazer isso, teria finalmente de ir a Haworth...

O céu cor de amora-escuro começara a iluminar-se em direção a este quando me meti no carro e saí dali para fora. Pensei que chegaria a casa sã e salva antes de toda a agitação, pelo que fiquei em choque quando cheguei a uma curva apertada, na estrada larga, e me deparei com o vislumbre breve de uma figura alta a arrastar um cão enorme pela berma estreita, com o rosto pálido e os olhos bem fechados contra o brilho repentino dos meus faróis.

Mesmo naquele milésimo de segundo, reconheci quem era...

Agente da Mudança

Acordei numa manhã do início de junho decidida a parar de tomar os antidepressivos.

Esperei não estar também a cortar o cordão umbilical invisível da minha sanidade, pois, na verdade, assim que a droga entrara no meu sistema, sentira que o mundo tinha voltado a ficar focado, só isso. Tudo estava mais brilhante, mais barulhento, mais claro.

O colapso parecera ter sido catártico, embora ainda pensasse em Dan e em como poderia ter sido a nossa vida, sentia-me agora estranhamente longe, como se a sua perda tivesse acontecido há tanto tempo que já me habituara a ela.

Talvez também tivesse a ver com a minha nova obsessão. O que Edie dissera sobre eu poder pertencer a Yorkshire desencadeara a ideia de me mudar para Haworth, o que me consumia. Eu tinha o direito de viver lá. Compraria um chalézinho e, se me sobrasse dinheiro do seguro, seria capaz de ganhar a vida com as minhas vendas de *e-books*. Adorava fazer bolos, mas não queria trabalhar na cozinha de outra pessoa a vida toda.

Logo que me instalasse, tentaria seguir o rasto da minha mãe. Até dei o primeiro passo nesse sentido ao pedir a cópia da minha certidão de nascimento, apesar de não fazer ideia que tipo de informação descobriria. Nunca me dera a esse trabalho antes, pois como tinha sido abandonada não haveria nenhuma grande pista de quem eu era, pois não? Os meus pais deviam ter alguma, porque eu tivera um passaporte aquando das minhas viagens escolares a França e à Suíça, mas eu nunca o vira.

Quando fiquei com uma ideia da quantia que o seguro iria pagar, passei horas no pequeno escritório das traseiras de Edie a navegar na internet para ver que tipo de propriedade poderia comprar na área de Haworth.

Lola também procurava, quando tinha tempo, e enviou-me os *links* dos chalés que achava serem bons, sugerindo também que nos encontrássemos em Haworth durante alguns dias para vermos juntas algo que nos satisfizesse.

Na verdade, pode fazer-se uma visita guiada à maior parte das casas via internet e... bem..., ainda havia algo que me impedia de ir onde quer que fosse. Era uma espécie de feitiço, um encantamento malvado que sabia que se quebraria assim que comprasse a minha casa na aldeia. Sem ser preciso um sapo.

* * *

A certidão de nascimento era um documento breve e pouco esclarecedor, mencionando a paróquia onde eu nascera, o que não foi uma surpresa, e referindo o dia 2 de março, dia em que eu fora encontrada, como a minha data de nascimento. Contudo, descobri que fui registada como Alice Oldstone, pois, apesar de ter sido sempre uma Alice, não fazia ideia de onde vinha o Oldstone, a

não ser que fosse o nome da pessoa que me encontrou ou algo assim. Não era o da minha assistente social, porque ela assinara a certidão como Janine Parker. Acho que alguém tinha de o fazer.

Alice Oldstone... parecia saído de uma comédia rural, enquanto Alice Rose parecia ter um toque de senhorinha vitoriana.

* * *

Dizem que as coisas boas crescem nas árvores e, logo após o dinheiro do seguro, veio o fruto seguinte: a proposta de uma grande e bem posicionada editora para publicar o meu romance seguinte, querendo também incluir no negócio o *e-book* que eu própria publicara e os dois contos.

Depois de tantos anos a enviar contos de fadas de terror para adultos e a ser rejeitada, agora estavam na verdade a pedir-me para escrever! Pensei no assunto e achei que poderia ser-me vantajoso. Também gostava da ideia de ter livros físicos que poderia segurar nas mãos.

No entanto, precisava da orientação de uma agente, e também fora vigorosamente rejeitada por muitas ao longo dos anos. Depois lembrei-me de uma vez ter, de facto, conhecido uma.

Eu não lia apenas contos de fadas de terror ou sobrenaturais; também gostava um pouco de romance histórico, principalmente quando escrito pela minha autora preferida, Eleri Groves. Pouco tempo antes de me mudar para a Escócia tivera a sorte de ganhar o prémio de tomar chá com ela na Framling's Famous Tearoom, em Londres, com outras duas fãs. Viajara desde a Cornualha de comboio, sentindo-me muito nervosa, mas Eleri era uma pessoa muito simpática, amigável e interessante, pelo que me diverti imenso.

Para além disso, estava também ansiosa por conhecer o sofisticado Salão de Chá Framling's, o que foi uma experiência impressionante. Tudo parecera brilhar: a luz refletia nas prístinas toalhas brancas, na porcelana cor-de-rosa e nos bules de prata. E a comida era maravilhosa, principalmente os bolos, embora tivesse sido um pouco crítica em relação ao Battenburg. Deviam ser quadrados fofos de baunilha amarela e rosa pálido, envolvidos por uma camada de maçapão, não um chamativo tabuleiro de damas amarelo e cor de cereja, com quadrados unidos por uma grossa camada de doce e envolvido em maçapão tão fino que era quase impossível saboreá-lo. O meu era definitivamente melhor.

Nesse chá estivera também presente a agente de Eleri, Senga McWhirter – um nome tão estranho que não me saía da cabeça – pelo que pensei tentar contactá-la primeiro, recordando-lhe que já nos tínhamos encontrado uma vez. A ligação delicada parecia um bom presságio e eu sempre acreditara muito em sinais e agouros. Ela tinha um sotaque escocês ligeiramente familiar que me fazia sentir relaxada na sua companhia, mas parecia-me dura por baixo do conjunto de camisola e casaco de caxemira azul-claro, o que suspeitei ser precisamente o que uma pessoa procura numa agente literária.

Contactara-a através do seu *site* e, em poucas horas, ela telefonara-me expressando-se naquela sua voz persuasiva. Queria falar comigo pessoalmente antes de conhecer as minhas circunstâncias... mas, depois de lhas explicar, percebeu que eu aceitara os seus termos e enviar-me-ia pelo correio o contrato para eu assinar.

Em troca, eu devia enviar-lhe um *e-mail* com todos os meus *e-books* e o novo romance, logo que o terminasse.

– É sobre quê? – perguntou ela, obviamente assumindo que já me encontrava a meio da escrita.

– Sobre quê? – repeti vagamente. – Eu... bem, é sobre a Bela Adormecida, quando acorda, a sua

cama é transportada para o meio de uma zona residencial e ela confunde um dos locais com o seu príncipe – murmurei.

Mas de onde tinha aparecido aquela ideia?

– Maravilhoso – comentou, entusiasmada. – Fico à espera de o ler em breve.

Apercebi-me de que vendera à minha agente um conto de fadas, pelo que agora tinha de corresponder às expectativas e escrevê-lo!

Assim que os pormenores do negócio ficaram acordados como ela pretendia, conversámos um pouco sobre quando nos havíamos conhecido e sobre a descoberta fantástica de Eleri Groves acerca das Brontë: no ano anterior ela descobrira uma referência desconhecida sobre Charlotte Brontë no diário de uma colega de escola, revelando que passeava frequentemente pela charneca na esperança de ver um determinado agricultor que a inspirara a criar Mr. Rochester. Enquanto fazia a pesquisa para o seu romance baseado naquele tema, Eleri conheceu e casou com um descendente desse agricultor, estabelecendo-se com ele ali, perto de Haworth. Saíra em todos os jornais quando da apresentação do livro, que tivera lugar no salão de chá da quinta.

– É uma grande coincidência, pois também tenciono mudar-me para Haworth em breve – disse eu a Senga.

– Que ótima ideia! De vez em quando, vou até lá para ver Eleri e assim mataria dois coelhos de uma cajadada só – respondeu ela alegremente. – Vai apresentar o lançamento do seu segundo chá com Mister Rochester na quinta do marido, em setembro, e estarei presente. Talvez queira também arranjar um bilhete?

– Tenho a certeza de que já esgotaram há muito tempo, provavelmente logo que foram postos à venda – calculei.

– Talvez, mas vou pedir à Eleri para arranjar um lugar para si.

– Não, por favor, não – disse apressadamente. – É já daqui a um par de meses e poderei ainda não me ter mudado. Talvez para o ano que vem.

– Logo se vê, então – disse ela, depois interrompeu-se para cantarolar um bocadinho da canção «We'll Keep a Welcome in the Hillside» antes de dizer que me contactaria em breve e de desligar.

Quando contei a Edie sobre Senga, afirmou que fizera bem e considerou que uma escocesa seria naturalmente a melhor agente que se podia ter.

– Não me tinha apercebido que os teus livros estavam a ter tanto sucesso, querida – acrescentou ela.

– Realmente fiquei surpreendida quando eles quiseram dois – admiti. – A Lola sempre disse que eram para um nicho de mercado, agora vou ligar-lhe e dizer-lhe que o nicho de mercado está prestes a ficar maior.

* * *

Depressa descobri que o Medo do Agente ultrapassa a inércia da escrita. As ideias assolam-me a mente até se misturarem e o lampejo de uma história se formar em redor do coração obscuro da Bela Adormecida.

Eu podia remover o feitiço malvado que te torna tão amarga e rancorosa – sugeriu a fada. – Dá-me apenas um pouco de bolo doce e uma pinga de hidromel, primeiro.

– *Vai-te embora – disse a Princesa Bela. – Sempre te detestei a ti e à tua raça desde que fui amaldiçoada no berço, e aqui não há bolo nem hidromel para ti.*

– *A tua estupidez pareceria um feitiço natural, mas talvez eu deva acrescentar mais alguma coisa para te lembrares de mim? – troçou a fada, depois girou numa bola intensamente colorida antes de desaparecer pela janela.*

A princesa amaldiçoada congratulou-se por se ter livrado da visita indesejada até se olhar ao espelho e ver que a sua testa, sempre suave como a seda, tinha agora algo no centro... E, enquanto ela olhava, um chifre fino e em espiral emergiu e cresceu até a ponta bater na superfície do espelho e ela cair para trás com um grito terrível.

Por sorte, o feitiço durou apenas vinte e quatro horas, mas lembrou-a de que nunca compensava ser mal-educada com uma fada.

Não contei a Edie nem a Lola sobre a terceira coisa boa que me aconteceu logo depois, guardando-a só para mim.

Por outro golpe de boa sorte aparentemente fortuito, deparei com o anúncio *on-line* de Mrs. Muswell para o Branwell Café, na rua principal de Haworth, e apaixonei-me pelo lugar.

Conversámos via *e-mail* e trocámos mensagens no Facebook, depois ela enviou-me fotografias do café, que também tinha um apartamento por cima... E não sei o que me deu, pois comprei-o logo, sem o ter visto, apesar dos avisos de Mr. Blackwell, quando lhe pedi para me representar, e a desaprovação de Edie, assim que o coelho saiu da toca.

Parecia uma grande pechincha, ainda que não andasse propriamente à procura de um negócio – e também tinha um sítio para viver e, afinal de contas, eu sabia tudo sobre cafés.

Não podia estar no meu juízo perfeito, apesar de, na altura, achar que estava, pois ignorei os avisos de toda a gente e avancei com a compra, tomando tudo o que Mrs. Muswell me dissera como válido.

Pela fotografia do Facebook, podia ver que era uma mulher gorda e bem-disposta, com um sorriso brilhante e um enorme par de brincos de ouro ainda mais brilhante. Informou-me que o café abria sazonalmente e que, como ela estava a residir em Espanha, era gerido por uma gerente durante a sua ausência. Fechara no início do inverno para ser remodelado e redecorado, tendo ela intenção de aumentar os preços depois disso, pelo que eu o comprava agora por uma autêntica pechincha. De qualquer forma, pelas fotografias que podia ver, tudo parecia estar em ordem, era só um pouco antiquado.

As investigações e verificações mínimas que o meu advogado insistiu que eu fizesse foram imediatamente realizadas, não revelando nada de especial. O café ficava de frente para um pequeno beco sem saída, um pouco afastado da rua principal, mas tinha um estacionamento por trás e a venda incluía todas as máquinas, aparelhos e equipamento de *catering*.

Mrs. Muswell prometeu até ir lá para me conhecer assim que a venda estivesse fechada, para me mostrar os livros (apesar de dizer que havia muito potencial para se aumentarem as vendas), informar-me sobre os fornecedores locais e apresentar-me à sua equipa sazonal.

Parecia bom de mais para ser verdade, tal como nos meus próprios contos de fadas... e foi mesmo.

Tudo o que posso dizer é: nunca procurem propriedades que estejam à venda quando têm uma enorme quantia de dinheiro de um seguro no banco.

A primeira nuvem no horizonte foi a chegada de um *e-mail* de Mrs. Muswell assim que a compra foi finalizada, a dizer que afinal não podia comparecer devido a um problema familiar. No entanto, os títulos de propriedade, as chaves e toda a outra papelada estariam com o advogado dela, em Keighley, à minha espera.

Contudo, de repente, ela desapareceu sem deixar rasto. Eu já não encontrava a sua página de Facebook e todos os *e-mails* voltavam para trás. Contactei o escritório do seu advogado, mas não quiseram divulgar quaisquer informações ou contactos sobre ela, apesar de terem confirmado que tinham as chaves e um ficheiro com papelada para mim.

– Avisei-a que provavelmente não seria sensato comprar uma propriedade sem a ver primeiro – disse Mr. Blackwell, suavemente, quando lhe contei. – De qualquer forma, o café agora é seu e tem de me dizer como correm as coisas.

Edie foi mais direta.

– Cheira-me a esturro e deve haver algo de errado com o lugar – declarou ela. – Comprar uma propriedade assim foi uma péssima ideia, ter-to-ia dito caso não tivesses mantido tudo em segredo até a ação estar feita!

– Eu sei, não compreendo o que me deu e sei que me teria impedido – concordei.

Fiquei preocupada, apesar de me tentar animar dizendo que, por mais estranho que o comportamento de Mrs. Muswell parecesse, a propriedade existia de facto e agora era minha – eu vira as fotografias pelo que sabia que não podia encontrar nada de demasiado terrível.

– Se for horrível, se estiver infestada de bichos ou a cair de podre, voltas a colocá-la imediatamente no mercado, cortas as despesas e regressas para aqui – declarou Edie, ainda inquieta. – Haverá sempre um lugar para ti na Lochside House.

– Eu sei, sempre foi muito bondosa comigo – respondi, grata, e dei-lhe um beijo na face enrugada.

– Oh, vá, vai-te embora, sua grande tola – incitou ela carinhosamente, apesar de eu ter a certeza absoluta de que aquela era a sua opinião sobre mim agora que comprara uma casa que nunca vira.

Já não havia volta a dar: quebrara o feitiço e estava agora ansiosa para ver a minha nova casa tal como estivera relutante em visitar Haworth no passado.

Ainda assim, reconheci algo que mexera comigo em Emily Brontë e reli *O Monte dos Vendavais* tantas vezes que sabia passagens de cor. Aquele podia ser o lugar onde eu poderia finalmente ganhar raízes.

Quando deixei a minha mãe histérica, ela havia-se medicado com tranquilizantes e comprimidos para dormir, pelo que sabia que ficaria inconsciente durante algumas horas. Provavelmente era melhor assim.

Por sorte, a nossa casa ficava na ponta da aldeia, a última na estrada que dava para a charneca de Blackdog, e assim não tive de a atravessar, arriscando-me a ser vista. Lembro-me de estar a tremer quando finalmente desliguei o carro no caminho de gravilha, mas era do frio, da exaustão e do alívio, nada mais. Fechei os portões metálicos atrás de mim com firmeza.

Alice no País das Brontë

Na primeira quarta-feira de setembro dirigi-me de comboio até Yorkshire, forma em que não imaginara embarcar na minha nova vida.

O meu carro estava no mecânico local desde que morrera na estrada no dia em que eu chegara. O filho do dono, Rory, era, por acaso, um entusiasta de Carochas antigos, pelo que tivera todo o cuidado e paciência a restaurá-lo no seu tempo livre, tornando-se num trabalho apaixonado sem fim à vista e parecendo que nunca mais o poria novamente na estrada. Agora, pelos vistos, queria dar-lhe os toques finais antes de o levar, ele próprio, a Haworth, para ver como corria.

Suspeitei fortemente que ele estava a ser influenciado por Edie, que achava que eu não estava pronta para uma longa viagem, mas, já que ela insistira em pagar-me a conta do mecânico como um presente de despedida, não tive argumentos para lhe dizer que não.

Levei um *trolley* e uma mala pequena comigo e Edie assegurou-me que meteriam os meus bens terrenos no Carocha e Rory iria ter comigo no domingo. Nem sequer podia esperar para viajar com ele, pois não haveria espaço. Só havia conseguido meter todas as minhas posses no carro quando chegara a casa da Edie porque usara todo o espaço livre à exceção do lugar do condutor.

Enfim, assim que assinei o contrato da compra do café, foi como se todas as amarras que antes me impediam de seguir para Haworth se tivessem subitamente quebrado, pelo que agora não podia esperar nem mais um segundo para ir para lá. Foi uma longa viagem, cheguei tarde e por isso tive de passar a noite num pequeno hotel de Keighley perto da estação. Quando acordei, a manhã ameaçava chuva e havia um arco-íris pouco nítido no céu. Esperei que fosse um bom sinal.

O escritório do advogado ficava a poucos minutos a pé e fui até lá assim que abriram, ansiosa para ter as chaves na minha mão. Com as chaves entregaram-me também um molho de papéis relacionados com o café, mas apesar de ter perguntado se podiam fornecer-me os contactos de Mrs. Muswell para o caso de ter alguma dúvida relacionada com a aquisição, recusaram-se a divulgá-los. Nem sequer falei com um advogado, apenas com uma secretária, e ela tinha a boca tão fechada que me fez lembrar uma ostra.

Fui buscar o meu *trolley*, com a outra mala mais pequena acoplada, ao hotel e dirigi-me a Haworth num táxi. Assim que fechei a porta do táxi, o céu cumpriu a sua promessa matutina. Nuvens negras aglomeraram-se e uma cascata de água caiu no tejadilho do carro, com uma batida frenética que ecoou nos meus pensamentos.

Finalmente, e apesar de ter chegado atrasada, a realidade tinha-se finalmente instalado, e pensei que raio teria feito? Seria aquela enxurrada um presságio? Seria a agitação no meu estômago pânico, medo, excitação, antecipação ou uma mistura digestiva das quatro?

O banho divino continuava quando o taxista parou de repente, fazendo com que o ambientador em forma de pinheiro que se encontrava amarrado ao retrovisor balançasse. Eu sabia exatamente onde estava, pois Haworth era-me muito familiar devido aos livros e documentários: estávamos perto do

final da estrada de pedra que dava para a igreja e para o Presbitério Brontë.

– Porque parámos aqui? – perguntei ao motorista. – Quero ir para a Doorknocker’s Row, não para a rua principal.

– Sim, eu sei – disse ele, depois apontou para a entrada de um beco tão estreito que eu ainda não o tinha visto até esse momento.

– Tem de subir os degraus da passagem – afirmou ele, lacónico.

– Mas pensei que se podia ir até lá de carro. Sei que há um parque de estacionamento.

– Pela frente, não – retorquiu. – Veja por si própria, só uma mota cabe ali.

Não se ofereceu para sair e ajudar-me com a bagagem, ficando aconchegado e seco enquanto eu lutava para libertar a minha mala, que estava agora mais pesada por causa do molho de documentos e do computador. Paguei-lhe, sem dar gorjeta, e olhou-me com uma expressão mais sombria que o próprio céu e foi-se embora rapidamente.

Parecia não haver ninguém na rua, o que não foi de todo surpreendente. Apressei-me a ir para o abrigo da passagem, com pedras prateadas e escorregadias entre os lados íngremes dos dois edifícios substanciais.

Teria tido a certeza de que o taxista me trouxera para a morada errada se não fosse o sinal de rua na parede por cima da minha cabeça, pelo que arrastei a mala e descobri que, para além da entrada estreita, Doorknocker’s Row se abria na forma de uma garrafa.

Através da cortina de chuva conseguia apenas vislumbrar o triste e esvoaçante letreiro de um café à minha esquerda, mas, se era aquele o Branwell Café, então as fotografias que eu vira deviam ter sido melhoradas no *Photoshop*! Ou isso ou eram de um local completamente diferente, pois não mostravam um caminho de pedras tão extenso à sua frente e as floreiras com flores coloridas haviam-se transformado em dois barris podres com as tiras de metal levantadas e sem qualquer vestígio de vida.

Parecia que alguma fada má lançara uma praga no local – e nos meus sonhos. A minha vida resumia-se àquilo, realmente.

De qualquer forma, não podia voltar atrás pelo que procurei as minhas chaves, uma conservava a etiqueta «porta do café», o que ajudava, antes de fazer rolar rapidamente a minha bagagem, e meti a chave na fechadura, aconchegando-me por baixo do abrigo inadequado que era o pórtico de madeira. A sarjeta, não dando escoamento a tão grande volume de água, transbordava em cascadas para os lados.

Talvez devesse ter comprado uma arca em vez de um café...

* * *

A chave rodou facilmente na primeira tentativa assim que os meus dedos molhados a inseriram, e a porta deslizou para dentro tão depressa que tropecei para a frente num degrau inesperado que dava para o interior escuro. Recuperando o equilíbrio com algum esforço, puxei as malas para o interior e fechei a porta. O barulho ensurdecador da água a cair silenciou-se num murmúrio. O que foi uma bênção.

Retirei a lanterna que mantinha no fundo da mala de mão e olhei atentamente à minha volta. Havia um interruptor, que não funcionava, mas, naquela altura, não fiquei surpreendida com o facto de a eletricidade estar cortada.

Desloquei a luz da lanterna em volta da sala comprida e estreita, com um balcão na ponta mais

distante, tendo ao lado um espelho no qual o meu rosto pálido flutuava como uma aparição. Havia uma porta do lado esquerdo, que supostamente dava para a cozinha, e degraus que desciam, obscuros, para as casas de banho dos clientes, do outro lado.

À exceção do chão de madeira, a sala não era em nada semelhante à sala aconchegante de madeira antiquada com papel de parede colorido e prata a brilhar das fotografias de Mrs. Muswell, pelo contrário, estava mobilada com mesas com tampo a imitar mármore e cadeiras de escritório com assentos de plástico azul, algumas rasgadas e a mostrar o enchimento cinzento.

Via-se o brilho de uma montra de vidro para expor bolos no balcão e o contorno de uma escotilha que abria para a cozinha, por trás... A não ser que as instalações traseiras tivessem magicamente desaparecido por um dos buracos do lava-loiças, com os quais Edie tanto se preocupava.

Eu teria pensado que o café estava abandonado há anos caso a luz da lanterna não o revelasse limpíssimo, com todas as superfícies, por mais simples e deterioradas que estivessem, a brilhar.

Acho que podia ser considerado um começo... E, quando atravessei a porta de vaivém para a cozinha, vi que também esta se encontrava imaculada. Era antiga, as superfícies de trabalho e o chão estavam gastos, e reparei imediatamente que havia espaços de onde o equipamento tinha sido retirado. Agora tinha a noção de quem era Mrs. Muswell, sabia que alguns dos equipamentos haviam sido incluídos na venda, apesar de ter de desempacotar a lista de objetos que ela dissera que deixaria ficar para ter a certeza.

Pendurei a minha gabardina encharcada nas costas de uma cadeira, pousei a mala na mesa de madeira e continuei a explorar.

Havia um cubículo sem janela que servia de escritório, com uma secretária feita à medida e prateleiras de madeira, e uma despensa cujo acesso era feito através de um arco, que, para meu grande alívio, continha o frigorífico grande, um congelador e uma arca, desligados e com as portas abertas para arejar. Tal como na cozinha, o lava-loiças incrustado também se encontrava imaculado. Era como se alguém tivesse feito o seu melhor para embelezar tudo, e tive a certeza de que não fora Mrs. Muswell. Numa das paredes estava o obrigatório lavatório para os empregados e, junto a ele, um armário do chão ao teto pejado de material de limpeza.

A porta das traseiras ficava no pequeno corredor, mas o que quer que estivesse lá fora podia esperar até ao fim do apocalipse, se é que este algum dia chegaria. Havia um novo lanço de escadas que também descia para a escuridão, mas eu já vira muitos filmes de terror para saber que o devia explorar com uma lanterna. Não me lembrava de nenhuma referência a uma cave nos pormenores do contrato.

Enfim, era o apartamento, que eu esperava transformar numa casa, que eu estava mais ansiosa e assustada para ver. Havia uma porta ao fundo das escadas que dava lá para cima. Mrs. Muswell referira que quando aquilo fora uma casa de férias, o café e o apartamento partilhavam a mesma entrada.

Também mencionara que raramente usara o apartamento, preferindo ficar com os amigos que tinham uma pensão ali perto quando se encontrava na cidade, pelo que abri a porta um pouco nervosa. Quem sabia agora o que era verdade e o que não era? Era óbvio que me tinha vendido gato por lebre.

As fotografias que alimentaram os meus sonhos deviam ser de uma encarnação longínqua e não incluíam o apartamento.

Ainda assim, assumi que o que quer que encontrasse deveria estar tão limpo como o café, mas fui

logo desenganada pelas folhas no chão e teias de aranha que se agarravam à minha cara enquanto subia. Abri outra porta no topo com um trinco de metal e aponte a lanterna para uma sala de estar com *kitchenette* que se estendia desde a parte frontal até às traseiras do edifício. O chão de linóleo estava tão gasto que se viam buracos e uma camada grossa de pó acumulava-se em todas as superfícies... À exceção dos locais vazios onde a mobília estivera e das marcas de passos que iam para trás e para a frente. Há anos que decididamente não era ocupado, a não ser por cerca de um milhão de aranhas pretas.

Havia uma espécie de casa de banho que continha a banheira mais pequena que eu já vira, e dois quartos, um deles parcialmente localizado sobre a passagem entre o café e o edifício seguinte.

Tudo parecia sombrio, húmido, frio e hostil, apesar do mau tempo também não ajudar. Tinha de gastar tempo e dinheiro a renová-lo antes de me mudar, coisa com que não contara, e nem sequer me permitia pensar no que teria de fazer para transformar o café em algo aceitável!

Voltei a descer as escadas, desta vez desviando-me das teias de aranha e sentindo-me contente por ter reservado um quarto numa pensão próxima para a primeira noite... A pensão recomendada por Mrs. Muswell, pensava agora. Se eram amigos dela, não sabia se se tratava de uma boa ideia.

Sentia-me húmida e gelada e não havia razão para me demorar mais ali. Veria melhor no dia seguinte, a uma luz natural, e talvez as coisas não fossem assim tão más.

Assim, retirei a mala mais pequena que havia acoplado ao *trolley* e meti este debaixo da secretária do escritório, depois vesti a gabardina molhada e saí, fechando a porta com muito cuidado apesar de saber que não havia lá nada que valesse a pena ser roubado.

A chuvada finalmente parara, porém, lá fora, ainda parecia o dilúvio e eu estava agora tão rígida do frio e da humidade que me sentia como se tivesse sido pendurada para petrificar no Dropping Well de Knaresborough, durante um ou dois séculos.

No dia seguinte, embora fisicamente me sentisse como se tivesse sido atropelada por um caminhão, mentalmente sentia-me completamente restaurada no meu «eu» habitualmente calmo e lógico. Não se podia dizer o mesmo da minha mãe, assim que finalmente acordou do seu sono induzido.

– O que fizeste ao... – começou ela, a medo, quando lhe levei um almoço antecipado num tabuleiro. Com o cabelo loiro-platinado e os olhos pálidos e aguados, sempre se pareceu com uma irmã pouco atraente de Marilyn Monroe, principalmente agora que as suas curvas generosas estavam a ficar gordas. Fisicamente saio ao meu pai há muito ausente... e presumivelmente também na inteligência. Devo ter saído a alguém.

Depois, a minha mãe acrescentou rapidamente, numa voz trémula:

– Não, não me contes! Eu não quero saber.

Afastar As Fadas

Por sorte, a Pensão Gondal ficava a poucos metros dali, mas não era o paraíso que eu esperava. Pelo contrário, tinha um ar ligeiramente depressivo, desleixado e fora de moda e o *check-in* foi-me feito por um jovem melancólico e cheio de borbulhas, que pareceu sentir muito prazer em informar-me que não serviam refeições à noite.

Mas, pelo menos, o meu quarto era limpo e aconchegante, com um chaleira, chá e café. Vesti roupas secas e em seguida, com uma bebida quente na mão, olhei para uma ementa que tirara de uma caixa junto ao balcão do café enquanto saía e li os documentos que o advogado me dera quando eu recolhera as chaves.

Enfrentar a realidade sobre o que de facto comprara tivera o efeito de expulsar a mínima réstia de miasma de dor engalfinhada e antidepressivos, que ainda se encontravam no meu sistema, pelo que despertei de imediato para o meu antigo «eu» – que funcionava a um nível prático para ganhar a vida, mas que seguia as fadas sempre que podia escapar para a escrita... Apesar de eu ter realmente seguido as fadas ao comprar o café sem o ver primeiro.

Porque não o pesquisara no Google Street View? Ou lera críticas em sítios de viagens para ver se os clientes o tinham mencionado?

Mas não, confiara cegamente em Mrs. Muswell e apressara-me a fazer a maior compra da minha vida com menos cuidado e senso do que quando compro um par de sapatos.

Os papéis que o advogado me dera não continham o ficheiro prometido do equipamento de *catering*, moradas de empregados, contactos úteis – nada. Nem sequer havia um documento com o volume de negócios do café. E, quando analisei com mais atenção, reparei que a maior parte dos papéis tinham sido passados pelos anteriores proprietários, que haviam trabalhado sob o infeliz nome de O Traseiro.

Preparei outra chávena de café quente, embora nojento, sentei-me na cama e liguei a Lola.

– Disseste-me que tinhas visitado o Branwell Café quando foste a Haworth com o WI, e que era um negócio florescente no meio da aldeia – comecei, acusatória, apesar de ser muito injusto, dado que já o comprara antes de lho mencionar.

– O Branwell Café? – exclamou Lola. – Oh, devo ter-te percebido mal, pensei que era aquele maravilhoso salão de chá no coração da aldeia que existe há não sei quanto tempo.

– Não, como poderia ter comprado esse? Nem que estivesse a preço de saldo – retorqui agressiva. – E, apesar de saber que teria de fazer alguns atualizações, isto não tem nada a ver com o que Mistress Muswell me descreveu. Ela também parecia tão simpática e genuína – acrescentei, amarga. – Eu devia ter sentido o aroma de uma ratoeira quando já não consegui ver o seu perfil no Facebook mal a compra foi concluída e os meus *e-mails* começaram a vir para trás.

– É assim tão mau? – perguntou Lola, timidamente.

– Está a cair de podre e é escuro, e parece que ela vendeu todo o equipamento de cozinha de

algum valor, apesar de estar tudo incluído no preço. Não apenas isso, mas o apartamento não é obviamente usado há anos e está completamente vazio, nem sequer tem fogão, só o espaço vazio onde já esteve um.

– Que vigarista, retirar as coisas que disse que deixaria! Isso é legal?

– Provavelmente não, mas acho que seria muito difícil levá-la a tribunal, pois está em Espanha e ninguém me dá os seus contactos. – Suspirei. – Enfim, talvez tenha melhor aspeto à luz do dia, se parar de chover.

– Espero que sim, mas suponho que podes ver-te livre dele e vendê-lo outra vez – sugeriu ela.

– Não – declarei com uma determinação súbita –, enterrei o meu dinheiro todo naquele buraco, pelo que tenho de tentar tirar o maior partido dele, mas não como Branwell Café, pois encontrei uma das ementas e parece que foi uma espelunca de sandes e hambúrgueres baratos.

– Já pensaste fechar o café e transformá-lo numa casa? – questionou ela. – Quero dizer, era isso que originalmente procuravas, não era?

– Acho que poderia fazê-lo, mas, de qualquer forma, renovar o sítio absorveria a maior parte do dinheiro do seguro que ainda me resta, e acho que não consigo ganhar o suficiente com a venda de livros para sustentar tudo, mesmo com uma editora e uma agente.

– Terias de arranjar outro emprego?

– Sim, e como bolos é tudo o que sei fazer... Bom, é melhor fazê-lo no meu café do que no de outra pessoa.

– Tens razão – concordou Lola. – Não tinha pensado nisso. Oh, quem me dera poder ir aí ajudar-te a resolver as coisas!

– Eu também gostaria que viesses, mas sei que é impossível: já fazes demasiado.

– Será mais fácil quando o anexo da casa estiver pronto e eu me mudar com as miúdas – disse ela. – Neste momento, gerir a empresa de doces e pickles que tenho com a minha mãe e levar as miúdas à escola e às suas atividades significa que nunca tenho um segundo livre. Ainda bem que gosto de estar ocupada.

– Sim, e eu tenho de arregaçar as mangas, como tu fizeste depois de teres perdido o Harry.

– Mas eu tive sorte porque pude mudar-me para casa dos meus pais e depois, quando vendi a minha casa, fiquei com dinheiro para financiar o anexo e um edifício novo para os doces e os pickles. O meu negócio está a correr bem e é divertido – comentou.

– Acho que me deste um pouco de motivação – disse-lhe eu. – O Branwell Café renascerá das cinzas como algo novo, para a frente é que é o caminho!

– Assim é que se fala! – exclamou ela, depois fez-me prometer que lhe ligaria no dia seguinte após voltar e ver tudo à luz do dia.

– Também acho que a eletricidade deve ter voltado. Quando não funcionou, pensei que Mistress Muswell a desligara, mas aqui dizem que ontem houve um apagão.

– Se houver luz suficiente para tirar fotografias, manda-me algumas.

– Com ou sem aranhas gigantes? – perguntei.

– Sem! – declarou ela firmemente.

* * *

Pedi um guarda-chuva emprestado ao jovem imbecil e comi uma refeição rápida no bar de um *pub* próximo praticamente vazio.

Estava muito cansada devido aos altos e baixos do dia, mas enquanto caminhava de volta à pensão, apercebi-me de repente de que estava finalmente ali, no coração de Haworth!

Talvez eu não tivesse nascido na aldeia, como diziam as histórias do meu pai, mas devia ser da zona circundante e senti-me preparada para aceitar a parte de mim que pertencia ali... Se a conseguisse encontrar.

Estava uma mulher magra e ativa, com cabelo curto e grisalho, atrás da receção, quando devolvi o guarda-chuva. Quando questionada, admitiu ser Hattie Voss, a dona da pensão, e perguntou-me se estava tudo *OK* com o meu quarto, apesar de o ter feito num tom que não indicava preocupação.

A palavra *OK* resumia tudo o que podia dizer-se sobre ele, mas aproveitei a oportunidade para lhe perguntar sobre Mrs. Muswell, já que ela me dissera que ficava sempre ali e que era amiga dos donos.

– Bem, sim... Ela fica aqui de vez em quando – respondeu ela, relutante, em seguida gritou de repente –, Jim!

Um homem baixo e a ficar careca, com corte de cabelo militar e bigode, que estivera visível através da porta a preparar as mesas da sala de jantar para o pequeno-almoço, parou de chocalhar pratos e juntou-se a nós.

– A nossa hóspede acabou de me perguntar pela Mistress Muswell e eu disse-lhe que ela ficava aqui hospedada de vez em quando.

– Ah... sim – anuiu ele. – A do café. Tem uma boa gerente, mas gosta de aparecer de tempos a tempos para verificar tudo pessoalmente.

Foram estranhamente discretos e afirmaram que não tinham quaisquer contactos dela em Espanha. Não acreditei: eles sorriam muito mas provavelmente eram vilões, como Mrs. M.

Eu não estava a chegar a lado nenhum, pelo que finalmente desisti e fui para o meu quarto, onde mergulhei no estado de exaustão que nos dá febre e nos põe alerta, mas de uma forma ligeiramente má e apagada.

Já que a pensão tinha banda larga e eu tinha o meu computador portátil, sentei-me na cómoda instável e comecei a pesquisar na internet, como devia ter feito antes de assinar o contrato, descobrindo rapidamente que havia muitas coisas sobre o Branswell Café. E nenhuma era boa.

Parecia que os visitantes encontravam o café por acaso, desejando não ter lá ido parar. A comida resumia-se a hambúrgueres e sandes de má qualidade, como a ementa que eu encontrara sugerira, as instalações eram más, as casas de banho básicas e o ambiente era não-existente. E tinham os empregados mais antipáticos do mundo.

Compreendia este último item, pois a minha língua afiada já me metera em sarilhos mais do que uma vez quando fora pressionada a servir clientes em vez de trabalhar na cozinha.

Depois, encontrei ouro ao dar com dois vídeos do interior do café que tinham sido postos no YouTube. A qualidade não era brilhante, mas fiquei escandalizada.

Ao princípio, a câmara girara em redor do café, depois focara uma empregada alta, magra e velha à medida que esta retirava uma enorme touca da frente dos olhos e atirava um prato de cozinha a um rapazinho barulhento de olhos maliciosos.

Ele olhou para o prato e perguntou, duvidoso:

– Estes Brontëburgueres são mesmo feitos de brontossauros?

– Sim, criam-nos na charneca – disse ela.

– Nunca tinha ouvido isso – retorquiu a mãe dele, vaga, tendo já dado uma grande dentada no que

provavelmente era, depois de ter visto a ementa, um *wrap* de frango Charlotte.

Ela pareceu ficar séria. Agora olhavam ambos para a empregada com olhos muito abertos e bochechas de hámster.

– Como no *Parque Jurássico*? – perguntou a criança. Em seguida, acrescentou com a boca cheia: – Tem um sabor esquisito.

– Cala a boca e come – aconselhou a empregada, depois foi-se embora.

O outro vídeo era de um cliente a queixar-se a um membro diferente da equipa – talvez a gerente que Mrs. Muswell deixava a gerir o café, sempre que voltava para Espanha. Era mais nova, possivelmente na casa dos quarenta, mas tão alta e magra como a primeira, e era claramente sua parente. Mãe e filha?

– Pode mandar para trás esta torrada e tirar a cebola? Não posso comer cebolas – declarou o homem.

– Pediu uma tosta de queijo e cebola, seu atrasado mental, o que esperava encontrar? – ripostou ela, olhando-o sob um par de sobrancelhas pesadas e direitas à la Frida Kahlo.

– Não vim aqui para ser insultado! – disse o homem, indignado.

– Bem, se não gosta, vá-se embora – aconselhou ela. Depois, olhou para os clientes que se encontravam relativamente perto para ouvir a conversa, sentados, chocados, de queixo caído.

Parecia uma convenção de peixes.

– Para onde estão a olhar? – perguntou. – O jantar esfriará como pedra se não o comerem já!

Bem, a Edie sempre dissera que eu era tão brusca com os clientes que nunca devia sair da cozinha, mas claro que não tinha nada a ver com a equipa do Branwell Café.

Eram mulheres da minha laia, irmãs do sarcasmo... E quando finalmente adormeci na minha cama grumosa com almofadas rijas e finas, recebi a visita da lâmpada que se acendeu com uma Boa Ideia...

– Não há nada para saber, tiveste simplesmente um pesadelo – disse-lhe eu, colocando-lhe o tabuleiro no colo. – Vá, come isto e esquece o assunto.

– Oh, não sou capaz de comer nada, como podes estar tão normal depois do que aconteceu ontem à noite? – questionou ela.

– É a resiliência natural da juventude – respondi, no que foi um golpe um pouco baixo, tendo em conta a forma como ela lutava contra os sinais de idade, uma Canute feminina a combater para não ser absorvida por um mar de rugas. – E nunca mais voltaremos a tocar no assunto, está bem?

– Tão fria e dura... – murmurou ela, semicerrando e fechando os olhos.

Contudo, quando regresssei para recolher o tabuleiro e dizer-lhe para sair de casa e apanhar um pouco de ar, ela tinha comido tudo até à última migalha e via uma novela superficial qualquer na televisão.

Entre a Espada e a Parede

Acabei por adormecer de pura exaustão, mas voltei a acordar ao amanhecer com uma cena completa na minha cabeça de *Quando a Bela Se Torna Má* (título que dei ao meu novo romance), que transpus para o computador antes que me esquecesse.

– É o teu aniversário – disse a madrastra, que não era assim tão má, como ficou no final das suas forças. – Sei que gostas muito de brincar às escondidas, por isso, escondi um lindo colar de diamantes reluzentes no chalé das profundezas do bosque e, se conseguires encontrá-lo, podes ficar com ele.

É claro que, quando a madrastra acrescentou que se a Bela não encontrasse o colar ela o daria a uma das suas filhas, Bela foi logo à procura dele.

E, depois daquilo, eu também saí logo – descí em direção a uma sala de jantar grande e fria para tomar um enorme pequeno-almoço fortificante com o outro único hóspede cuja testa poderia ter a palavra «vendedor».

A comida foi servida pelo homem de bigode com aspeto militar que ainda parecia menos falador do que na noite anterior e, apesar de o local não ser propriamente bizarro, ficava lá perto. Eu tinha a sensação desconfortável de que os donos me observavam sub-repticiamente e contavam tudo a Mrs. Muswell.

Em seguida, fiz as malas e paguei a conta. Não sabia onde passaria a noite, pois ainda demoraria algum tempo a tornar o apartamento por cima do café habitável, porém tinha de haver uma opção melhor do que a Pensão Gondal.

Decidi preocupar-me com isso mais tarde, depois de ver o café à luz do dia e, esperava eu, à luz da eletricidade.

Quando saí da pensão, o sol tentava atravessar muitas nuvens cinzentas e, embora as pedras da calçada ainda estivessem húmidas e escorregadias, senti-me mais animada.

Ansiava por explorar a aldeia e visitar o Presbitério e a igreja, já para não falar em caminhar pela charneca, como Emily Brontë costumava fazer. Mas haveria tempo para isso mais tarde, quando enfrentasse a realidade da minha compra impulsiva.

Virei para a entrada estreita de Doorknocker's Row, que foi mais fácil de encontrar à luz do dia, e reparei, pela primeira vez, que havia uma loja em frente ao café, do outro lado do pátio.

«Pequena e Perfeita», dizia o letreiro por cima. Curiosa, aproximei-me e dei uma espreitadela. Parecia ser uma espécie de loja de antiguidades ou quinquilharias. Mal conseguia ver os vários objetos interessantes através da janela projetada, feita de pequenos quadrados de vidro grosso e esverdeado, tal como a do café. A porta estava fechada e exibia um letreiro que dizia mais ou

menos «Azar a loja não estar aberta, mas ligue para este número para marcar uma hora», só que mais educadamente. Estava assinado «Nile Giddings». Não tinha horário de abertura.

Perguntei-me se o proprietário da Pequena e Perfeita seria pequeno e perfeito... Afastei o pensamento antes de o concluir. Ele era provavelmente idoso e já devia estar reformado, mantendo o negócio por prazer e abrindo-o quando lhe apetecesse.

E que raio de nome era Nile¹? Teria parentes com fetiches por rios? Seria que os seus irmãos se chamavam Zambeze, Sena e Mersey?

Desviei a minha mente de novo para a tarefa que tinha em mãos e tentei escrutinar o café. Localizada nos muros de pedra da velha Yorkshire, a pouco profunda janela de vidro projetada fazia lembrar o sorriso pintado de uma prostituta no rosto de uma mulher honesta e simples, contudo, o sacrilégio tinha claramente acontecido há um ou mais séculos atrás.

A forma como a luz incidia no pátio revelava que o letreiro do Branwell Café fora grosseiramente pintado por cima de outro, pelo que o contorno de O Traseiro ainda podia ser visto.

Depois, semicerrei os olhos e voltei a espreitar, tendo a certeza de que podia distinguir um nome ainda mais antigo que poderia dizer Chaleira de Cobre.

O maldito letreiro tinha mais camadas do que um achado arqueológico!

O pórtico de madeira entrelaçada era outro acrescento vitoriano, tão incongruente como a janela, mas com alguma graça – ou teria quando os paus partidos e podres fossem arrançados.

À exceção do café e da Pequena e Perfeita, os muros em volta do pátio eram feitos de simples pedras, como as das restantes propriedades, só que partidos na entrada da estreita passagem junto ao café, que seguia por baixo de grande parte do apartamento.

Quando entrei no café (lembrando-me do degrau, desta vez), os raios de um sol fraco tocavam numa pilha de cartas antigas no parapeito da janela como um cliente desconfiado. A sala comprida parecia marginalmente mais clara e menos triste, embora não mais prestigiante do que antes. Suspeitei que Mrs. Muswell mudara simplesmente o nome para algo mais apelativo quando comprou o lugar, mantendo o ambiente desconfortável e a ementa.

Fiz figas e liguei o interruptor... E, devagarinho, fez-se luz! Voltei a desligá-lo (precisaria de todo o dinheiro que me restava do seguro para renovar o café e o apartamento, pelo que era melhor começar a poupar) e entrei na cozinha, deixando cair a minha mala pequena junto da grande, no escritório.

Ao trabalho: tirei o inventário, uma caneta e um bloco de notas da minha mala de mão e comecei a verificar o que era suposto estar ali e o que realmente estava.

Todas as mesas e cadeiras estavam certamente presentes, mas eu naturalmente assumira que eram as de pinho de estilo campestre, que ela me mostrara nas fotografias. Aquelas cadeiras de escritório com assento de plástico pareciam ter sido compradas por Mrs. Muswell (ou talvez pelos proprietários de O Traseiro) em saldos num café-restaurant que tinha falido. Não combinavam nada com o charme rústico do chão de madeira, que se encontrava um pouco gasto naquele momento, mas que provavelmente seria arrançado sem grandes problemas.

Havia um candeeiro rudimentar de estilo espanhol no meio da sala, que condizia com os candeeiros de parede, todos com lâmpadas ténues que deixavam os cantos da sala banhados na escuridão. Provavelmente esta fora a razão pela qual Mrs. M não vira alguns pratos pendurados na parede junto às escadas, que descobri darem para uns cubículos em forma de casas de banho espartanas e básicas. Ela não levava consigo os lavatórios lascados, as sanitas nem os velhos

secadores de mãos, pelo que pensei que devia estar grata por aqueles pequenos gestos de generosidade.

Havia uma porta com a palavra «Privado», que, quando espreitei, dava para uma despensa cheia de prateleiras de metal vazias e escadas que subiam... Presumivelmente as que havia notado perto da porta das traseiras na minha primeira visita.

Voltei para o café de modo a explorar atrás do balcão, com a minha imagem fantasmagórica no espelho a vir cumprimentar-me. Havia uma caixa registadora antiquada e uma fonte de água de metal brilhante ainda mais antiquada, prateleiras cheias de canecas de barro brancas, pires e bules redondos e gordos. E um prato para bolos de vidro em cima do balcão.

Achei que Mrs. Muswell incluía no nosso contrato que o café estaria mobilado com cadeiras, mesas e loiça, ainda que não fossem as que eu esperasse, mas a cozinha, com as suas superfícies despojadas de equipamento e os espaços onde os eletrodomésticos tinham estado, era outra história. Não existia batedeira, placa de fogão... nem sequer um forno.

No entanto, depois de ter visto a ementa de Mrs. Muswell na noite anterior, parecia-me que não cozinhavam muito, a não ser uns hambúrgueres com nomes complicados, *wraps* e tostas de queijo. Mas houvera bolo – como o teriam feito? Ou seria que não o tinham feito? Será que compravam tudo, aqueciam no micro-ondas e depois serviam quente? E por falar nisso, o micro-ondas da lista também desaparecera.

Senti-me grata pela arca, pelo grande frigorífico e pelo congelador terem sido deixados para trás, pois, por mais antigos e retro que parecessem, funcionaram quando os liguei.

Verifiquei as chaves e abri a porta das traseiras, avançando para um pátio pavimentado rodeado por canteiros de rosas negligenciadas e demasiado grandes, antigos habitantes deixados ao deus-dará.

Havia um portão lateral que dava acesso a uma passagem por baixo do apartamento, se virássemos à direita, mas fui na direção oposta, através de um caminho que atravessava o meu jardim e o muro alto de pedra do edifício seguinte. Procurava o lugar de estacionamento e vi que se tratava de um grande pedaço de terreno acidentado ao lado de uma fila de caixotes do lixo. Havia muito espaço para o meu Carocha quando ele finalmente chegasse – podia estacionar-se lá dois ou talvez três carros. Tinha de certificar-me onde ia dar o beco, de modo a dar indicações a Rory para quando ele trouxesse o carro para baixo, mas, por agora, isso podia esperar.

Regressei e dei uma nova olhadela ao apartamento. Lá em baixo as coisas estavam pelo menos limpas. Aliás, quem quer que tivesse sido o responsável pelo aspeto do café gostava obviamente dele, pois havia notas espalhadas por todo o lado a exortar o pessoal a ter boas práticas de higiene e segurança alimentar, tal como um quadro branco para marcar tarefas de limpezas diárias e semanais.

Contudo, quem quer que fosse o responsável não estendia definitivamente essas tarefas lá acima. Perguntei-me se a Bela Adormecida partilhara o chalé com teias de aranhas e aranhas gigantes... E, levando um pensamento a outro, tive de ir ao escritório, onde estava o meu computador, para escrever rapidamente:

A Princesa Bela, repentinamente sonolenta, tirou os sapatos dourados de saltos altos e deitou-se no sofá de veludo, fechando os olhos. Ouviu-se um barulho chocalhado quando muitas pernas aracnídeas se dirigiram para ela, fazendo com que os voltasse a abrir.

Um aranhão gigante parou, como se estivessem a brincar ao macaquinho do chinês.

– És uma aranha amiga que cuida de mim enquanto eu durmo? – perguntou a Bela, que nunca fora a maior das inteligências, mesmo quando não se encontrava sonolenta.

– Exatamente – confirmou ele, envolvendo-a muito fortemente num casulo de fio forte de seda.

Quando me arrastei de novo para a realidade e fui até lá acima, vi que o apartamento estava, se é que era possível, pior do que me lembrava e cheirava a mofo por não ser usado e não por causa da humidade.

Em relação à mobília, havia muitas coisas úteis nas caixas que Rory traria com ele, incluindo cortinados bonitos do meu antigo apartamento da Cornualha, que nunca foram desempacotados enquanto vivi com Dan. Tinha a certeza de que serviriam nalguma janela e tinha tudo o que precisava... À exceção de móveis.

* * *

Telefonei ao advogado de Mrs. Muswell e informei-o que ela não me deixara os objetos que concordara deixar, e também que me enganara ao enviar-me fotografias de como o café costumava ser há alguns anos e não como era atualmente.

Mas respondeu-me tal como eu pensara: em palavras caras e matreiras deu-me a entender que eu não podia fazer muita coisa em relação a isso, já que ela se encontrava em Espanha. Continuava a não me fornecer o contacto, mas assegurou-me que lhe faria chegar os meus comentários. Que bem que isso me traria!

Porém, eu sabia que o meu próprio advogado diria o mesmo. Fizera a minha cama e agora tinha de me deitar nela. Ou deitaria, assim que arranjasse uma.

Pensei que era melhor tentar ver o lado positivo das coisas quando descrevi o local a Edie, caso contrário, ela viria imediatamente para me tentar convencer a vender a propriedade. E Lola queria uma atualização, apesar de eu não ter de fingir nada com ela.

Deixei a torneira da cozinha aberta até a água parar de sair castanha, em seguida, enchi a chaleira velha e gasta, que obviamente não valera a pena levar. Eu tirara saquinhos de chá, café e pequenas embalagens de leite da pensão, mas tinha descoberto uma caixa inteira de saquinhos de chá *Yorkshire Gold*, como se fosse um tesouro, num dos armários.

A chaleira começava a ferver, juntamente com algumas ideias que eu germinara e começara a fazer brotar da que originalmente tivera na noite anterior, quando ouvi o sino de latão atado por um fio à porta do café tocar. Tinha a certeza de que a tinha fechado quando entrara e, de qualquer forma, mesmo que não o tivesse feito, a informação de «Fechado para obras» estava afixada no vidro e a falta de luzes deviam ter desencorajado todos os potenciais clientes.

Levantei-me para investigar e à medida que atravessava a porta de vaivém, uma mulher alta com ossos proeminentes virou-se depois de ter ligado o interruptor e olhou para mim. Tinha cabelo preto com madeixas grisalhas cortado à anos sessenta, muito curto atrás, mas que lhe dava pela face à frente.

Também me parecia familiar, mas a sensação não foi definitivamente mútua, pois olhou-me com uma desconfiança profunda.

– Oh, santo Deus! Mas quem raio é você, flor? – perguntou.

¹ *Nile* significa Nilo em português. (*N. da T.*)

A última coisa que me apetecia fazer era sair, mas precisava urgentemente de comprar umas coisas na farmácia e também achei que era melhor encontrar um substituto para o tapete de lã da cama, já que ia sair – ambos o mais longe de casa possível, só para o caso de acontecer alguma coisa.

Por sorte, a nossa mulher a dias semanal não viria até quinta-feira da semana seguinte, altura em que eu já teria removido todos os vestígios do que acontecera e dado à casa a ordem e limpezas prístinas que o meu pai insistia em ter.

Rainha dos Hambúrgueres

– Eu podia perguntar-lhe o mesmo – respondi, mas depois fez-se luz na minha cabeça e percebi quem ela era. – Oh, trabalha aqui, não é?

– Sazonalmente, sim – admitiu. – Chamo-me Tilda Capstick, sou a gerente deste local e também cozinheiro. Mas, fora da estação alta, venho às sextas-feiras limpar e arejar o espaço, é o que vim fazer hoje. Veio por causa das obras? Suponho que Mistress Muswell lhe tenha dado a chave, mas ela não me contou o que se passava.

– Não, na verdade, sou Alice Rose, a nova proprietária – referi, depois, vendo que ela tinha uma expressão vaga e desconfiada no rosto, acrescentei: – De certeza que Mistress Muswell lhe disse que colocara o espaço no mercado e que o comprei...

– Eh, não fazia a mais pequena ideia que ela estava a pensar fazer isso, a cobra matreira! – respondeu, parecendo chocada. – Esteve cá no final de agosto para fechar o café para obras, o que já não era sem tempo, pensámos nós.

– Ela disse-me que tencionava fazê-lo se o café não se vendesse como se vendeu, mas por um preço mais alto do que o que paguei.

Ela ruminou a informação, franzindo o sobrolho.

– Sabe, se eu tivesse dois dedos de testa ter-me-ia apercebido de que teria o descaramento de se ir embora sem mais nem menos. Oh, já estou a ver tudo! Foi por isso que esvaziou o apartamento e que a maior parte dos eletrodomésticos da cozinha desapareceu. A Nell e eu pensámos que já estava na altura de o sítio ser atualizado e depois abrir o ano todo, para não termos de trabalhar numa empresa de limpezas de setembro até à Páscoa.

– A Nell? – questioneei.

– É a minha tia. Eu estou quase sempre na cozinha, mas também giro o café quando Mistress Muswell não está cá. Ela só vinha durante três ou quatro semanas e alguém tinha de ficar a tomar conta dos pedidos, a controlar o *stock*, o dinheiro, essas coisas. A minha tia Nell só serve à mesa e faz café e chá.

– Claro, vi-a a si a à sua tia num par de vídeos no YouTube.

– Sim, a miúda da minha prima, a nossa Daisy, mostrou-me naquele *iPad* dela. Mistress Muswell também viu e disse que era melhor sermos mais simpáticas com os clientes senão éramos despedidas – revelou Tilda sombriamente. – Mas foi só fogo de vista. Onde arranjará ela duas trabalhadoras confiáveis e leais por tão pouco dinheiro?

– Pagava pouco?

– Ganhávamos o salário mínimo e tínhamos contratos sazonais, pelo que nunca sabíamos se no ano seguinte tínhamos emprego ou não. Parece que, agora, já não temos...

Olhou-me como se me avaliasse. O primeiro choque passara e ela começava claramente a pensar em quais seriam as minhas intenções.

– Então... comprou este sítio. Tem alguma experiência em cafês, amor?

– Anos de experiência – garanti. – Desde a minha adolescência que trabalho em cozinhas de hotéis, cafês, restaurantes e até num café especializado. Gosto muito de cozinhar, principalmente pastéis e bolos. Recentemente, recebi algum dinheiro e quando vi o Branwell Café à venda na internet, pensei que era bom de mais para ser verdade.

Sorri, arrependida.

– E era! As fotografias que Mistress Muswell me mostrou devem ter sido tiradas há muitos anos, quando o café era completamente diferente.

– Provavelmente tratava-se da Chaleira de Cobre. Pertencia a duas irmãs e nunca vi toalhas de tecido tão bom, pegas de macramé e vasos de flores de plástico – comentou ela. – Mas, desde então, as coisas ficaram muito piores e disse-lhe que, se ela não substituísse o chão da cozinha e pusesse balcões novos, perderíamos a nossa classificação sanitária, por muito que eu tentasse fazer com que este lugar brilhasse. Comprou gato por lebre.

– Apercebo-me disso agora, claro, todas as minhas amigas e o meu advogado me avisaram para não fazer nenhuma compra impulsiva sem ver o local primeiro. Mas eu não estava com a cabeça no sítio devido a acontecimentos que tinham ocorrido – expliquei. – Normalmente, não confio tanto nas pessoas, mas troquei *e-mails* com Mistress Muswell e falei com ela através do Facebook e... bem, parecia muito simpática.

– É só fachada. Engana muitas pessoas dessa maneira. E, agora que já o viu, suponho que o queira vender outra vez.

– Poderia fazê-lo, mas tenho algumas ideias – respondi. – Olhe, ia fazer um chá na cozinha, porque não toma uma chávena comigo e me conta tudo?

– Está bem. Normalmente como qualquer coisa antes de começar a limpar – concordou ela, seguindo-me através da porta de vaivém. – E, por falar nisso, a Mistress M deve-me a limpeza do café e do jardim antes de ter fechado para férias. Quem me vai pagar agora?

– Fiquei surpreendida por estar tudo tão limpo e impecável, à exceção do apartamento, que está nojento – comentei

– Ela não me pediu para ir lá acima. Desde que me lembro, nunca foi usado para nada.

– Tem a morada de Espanha e o número de telefone dela? – perguntei, esperançada. – Desapareceu da internet e o advogado não me dá os contactos.

– Não, quando está em Espanha comunico os problemas que surgem a uma amiga dela da pensão local.

– Da Pensão Gondal? Fiquei lá a noite passada e eles disseram-me que não sabiam onde ela estava.

– Bem, era de esperar que o fizessem, se ela a enganou ao vender-lhe o café. Espertos como ladrões são eles, e vão fechar em outubro para irem ter com ela, como fazem todos os anos.

– O advogado vai enviar-lhe uma carta em meu nome, mas de que vale? Tenho uma lista com as coisas que ela deveria ter deixado como parte da venda, todo o equipamento de cozinha e a mobília do apartamento, bem como as coisas que faltam.

– Mas a chaleira ainda cá está – comentou ela, ligando-a. – E tenho um pouco de leite no meu saco pelo que não precisaremos dessas embalagens esquisitas que tem aí.

– Roubei-os na pensão – confessei. – Diz na embalagem, de lado, que sabe a leite.

– Nada sabe a leite, só o leite – afirmou ela. – Porque não bebe simplesmente leite?

Parecia não haver resposta àquela pergunta. Deixei-a fazer o chá, como dizia, num bule de porcelana branca e fui buscar canecas brancas ao café.

– Então, só viu o café esta manhã? – perguntou ela.

– Recebi as chaves e vim ontem à tarde vê-lo, mas estava um dia tão chuvoso e escuro que não consegui ver bem e, além disso, não havia luz, soube mais tarde que houve um apagão, pelo que não me demorei.

Suspirei.

– Tinha a intenção de me mudar para o apartamento, mas está sujo, completamente vazio e precisa de obras.

– Ainda bem que reservou um quarto na pensão – disse ela.

– Só reservei para uma noite porque esperava encontrar o apartamento habitável. No domingo, vem da Escócia um rapaz de carro com as todas as minhas coisas lá dentro.

– A Escócia é linda – comentou Tilda, relutante. – Passei umas férias no The Trossachs uma vez e, à exceção de ter chovido a semana inteira, e de nos terem dado *haggis*² frito ao pequeno-almoço, gostei muito. Provavelmente, é um sítio muito melhor do que a Pensão Gondal.

– Não volto para lá, para além de os donos me terem mentido sobre o paradeiro de Mistress Muswell, também não era nada de especial. Pareciam muito simpáticos à primeira vista, mas ela também parecera.

– Não me parece o tipo de pessoa que seja facilmente enganada – disse ela. – O que a fez tomar uma decisão tão irracional como comprar uma propriedade sem a ver primeiro?

Expliquei-lhe que o meu noivo morrera e eu recebera o dinheiro do seguro.

– Andava à procura de um chalezinho quando me deparei com o café. Pensei que pudesse dar-me algum rendimento para além de viver no apartamento. Naquele momento pareceu-me que era sensato fazê-lo.

– Mas porquê Haworth? Não é do Yorkshire, ou é?

– Não nasci muito longe daqui – disse eu, vagamente. – Vivemos em Knaresborough alguns anos e depois mudámo-nos para uma aldeia em Shrewsbury.

– Ah, isso explica tudo – retorquiu ela, apesar de não dizer o que significava «tudo». Talvez a falta de sotaque. Reparara que o dela era consideravelmente menos carregado que nos vídeos do YouTube – talvez ela e a tia o tivessem acentuado para condizer com as estranhas toucas e vestidos às riscas...

Naquelas fotografias antigas, o café e o apartamento pareciam muito acolhedores, só precisavam de uma atualizaçõzinha.

Procurei as fotografias para lhas mostrar e ela estudou-as com interesse.

– É mesmo a Chaleira de Cobre! A Nell era a empregada de mesa das Misses Spencer, e eu tinha um trabalho decente no Betty's do Harrogate, nessa altura. Era mais simpática, apesar de alguns clientes me terem tornado amarga ao longo dos anos com as suas queixas.

– Então o café das Misses Spencer devia ser bom há muito tempo? – aventurei-me a perguntar.

– Há muitos anos. Depois tornou-se cada vez mais um bar e elas deram-lhe o nome de O Traseiro. Mistress Muswell deu-lhe um nome mais elegante quando o comprou e empregou-me, tal como à Nell, mas nunca foi melhor do que um bar de sandes.

– Eu vi como era a ementa. Não parecia haver muito para cozinhar.

– Não havia, era tudo aquecido no micro-ondas. E ela insistia para que comprássemos tudo do

mais barato, até os produtos que púnhamos nas sandes já vinham preparados. Disse-lhe que era uma economia insignificante, porque eu poderia fazer sandes muito mais apetitosas só por um pouco mais de dinheiro, mas não me quis ouvir. Os hambúrgueres também eram dos mais baratos. Sei que eram feitos com os restos que caíam no chão da fábrica.

Ela bebeu um gole do seu chá que era da cor de um bronzeado falso.

– Não devem ter tido muitos clientes, escondidas aqui?

– Não, e as pessoas que nos descobriam não iam divulgar a nossa comida deliciosa, pois não?

Mas os turistas que visitavam Haworth na época alta tinham de comer em algum lado.

– Como encontravam o Branwell Café? Vocês faziam publicidade? – perguntei.

– Costumava haver um letreiro na parte lateral da loja junto à entrada da rua principal, mas caiu no final da última temporada e ainda não voltou a ser colocado. Pensando bem, ela deve ter deixado de pagar para ter ali o letreiro. A loja de antiguidades, que fica em frente a nós, coloca uma tabuleta cá fora sempre que abre, mas ele nunca faz horários regulares. Está fora muitas vezes.

– É uma forma estranha de ganhar a vida... Se é que ele a ganha?

– Perguntei-lho uma vez e ele explicou-me que encontrava objetos para clientes especiais, pelo que não sobrevive da venda ao público.

– Ah, está bem. – Para ser sincera, não me interessava muito, estava mais preocupada com o que ia fazer com o Branwell Café. E, agora, depois de falar com Tilda, todas as ideias vagas que me tinham assolado a cabeça desde a noite anterior aglutinavam-se subitamente numa nuvem iluminada – ou talvez num otimismo infundado.

– Então, o que vai fazer com este sítio? – perguntou ela, como se me tivesse acabado de ler a mente.

– Planeio restituir-lhe nova vida, mas precisarei de si e da Nell como empregadas permanentes para o fazer.

Não sabia como lhes pagaria os ordenados no início, mas eram ambas essenciais.

– De forma sazonal?

– Não, abrirei o ano todo, com a exceção, talvez, de um par de semanas após o Natal.

Um sorriso repuxou-lhe para cima os lábios direitos e finos.

– Isso é mesmo à campeã – comentou, depois avaliou com cuidado – ou será, tendo em conta que não é assim tão tola como parece.

– Não sou – garanti-lhe e, sentindo que devíamos fazer algum tipo de celebração, ela retirou um pacote de bolachas do cesto e colocou seis empilhadas ao lado da caneca como fichas num jogo de póquer.

Era certo que eu arriscava muito.

² Prato tipicamente escocês confeccionado à base de vísceras de cordeiro, aveia e gordura cozidos no tecido estomacal do animal. (N. da T.)

Na possibilidade remota de o embrulho ser encontrado na charneca, pensei se a pessoa por quem eu passara na estrada a caminho de casa seria capaz de reconhecer a forma distinta do Mini e juntar dois mais dois.

Com isto em mente, decidi parar na bomba de gasolina no centro da aldeia para atestar o carro, para que, se perguntassem, as pessoas dissessem que me tinha comportado de forma absolutamente normal naquele dia. De qualquer maneira, normal para mim, pois não vejo o propósito de fazer observações sobre o tempo a alguém que consegue ver perfeitamente por si próprio como ele está.

Pequena e Perfeita

– Então – disse Tilda, removendo a tampa do bule e mexendo com vigor o que restava com uma colher antes de voltar a encher as nossas canecas com o líquido doce – o plano era para o café?

– Vou elevar o nível e reabrir como salão de chá de primeira qualidade.

A mão dela, que estivera quase a mergulhar uma bolachinha no chá, parou e olhou-me, duvidosa.

– Quer dizer, como o Betty's, em Harrogate, onde eu costumava trabalhar?

Depois, reparou que a parte de baixo húmida da bolacha caíra.

– Oh, que chatice! Detesto quando ficam migalhas no fundo da chávena.

– Não é bem como o Betty's, estou a pensar mais como o Framling's Famous Tearoom – expliquei.

– O quê? Aquele sítio chique, em Londres? Nunca ninguém aqui pagará esses preços!

– Eu sei, mas tem o tipo de ambiente e o conceito que eu quero. Só serviremos o serviço de chá completo. Não seremos um café normal, que aqui se vê muito.

– É verdade, aqui há muitos – concordou ela, pensativa. Depois, olhou para cima e disse: – O restaurante The Harry Ramsden's, de peixe com batata frita, tinha candelabros e toalhas de pano finas quando lá fui uma vez com a nossa Daisy, e as pessoas não parecem importar-se em pagar muito para comer bem.

– Sim, pagarão por algo especial e é isso que temos de oferecer, toalhas de mesa e guardanapos de pano, pratos de porcelana fina com bolos bonitos. E os bolos e as sandes também terão de ser excelentes, com especialidades de Yorkshire.

As ideias começavam a jorrar agora que eu abrira a porta.

– Teríamos dois serviços todas as tardes, um às duas e outro às quatro, por exemplo, para que os clientes não se sentissem apressados. Tudo seria feito ou cozinhado nas nossas instalações e até forneceríamos pequenas caixas àqueles que quisessem levar para casa restos de bolos e sandes.

– Quem cozinhará isso tudo?

– A maioria eu, sou ótima a fazer bolos e pastéis – disse, imodesta, mas verdadeira. – Mas compraria o pão para as sandes, pelo que precisaria de um bom fornecedor.

– A Chaleira de Cobre era um sítio com muito bom aspeto e, na altura, era mais caro que os outros cafés – recordou Tilda – e até corria bem, segundo a nossa Nell. Pode ser que o seu salão de chá também funcione... Mas terá clientes suficientes para pagar as contas? Essa é a questão.

– Espero que as pessoas comecem a reservar mesa antecipadamente para ocasiões especiais, mas, se houver mesas livres, todos os transeuntes que passam podem entrar para um chá das quatro.

Ocorreu-lhe um pensamento.

– Mas se for assim tão chique e de primeira qualidade, ainda queria que eu e a Nell trabalhássemos aqui?

– Claro que sim! – garanti. – Também continuaria como gerente, porque, assim que ficar pronto e

estiver a funcionar, quero passar a maior parte do tempo ocupada com os meus interesses.

Ela não me perguntou quais eram os meus interesses, o que provavelmente foi melhor, dado que estes envolviam escrever romances estranhos e tentar encontrar a minha mãe biológica.

– Acho que teríamos de melhorar as nossas maneiras, não é? – perguntou ela, insegura. – Mistress Muswell disse que éramos conhecidas por ser as empregadas de mesa mais mal-educadas de Yorkshire, apesar de só dizermos o que nos ia na alma.

– Não, quero que continuem a ser vocês próprias, mulheres do Yorkshire que dizem o que lhes vai na alma. Aliás, vou promover positivamente a ideia de que temos as empregadas de mesa mais mal-educadas do Yorkshire e acho que será uma atração tão grande que dará a cobertura ao bolo proverbial.

Ela mexeu as migalhas que se encontravam no fundo da caneca com um olhar enojado.

– Vamos precisar de porcelana mais fina do que esta grossa caneca de barro – afirmei, acrescentando-o a uma das listas intermináveis de coisas para fazer, que poria no meu computador assim que tivesse tempo.

Tilda pousou a colher e olhou para cima.

– Pergunto-me se a boa porcelana branca e azul com padrão de salgueiros da Chaleira de Cobre ainda está no fundo do armário, por baixo das escadas que dão para as casas de banho?

– Não apostaria nisso. É de esperar que Mistress Muswell se tenha lembrado dela e a tenha vendido com o resto a que pôde deitar as mãos – respondi sem grande esperança.

– Gostava que ela tivesse vendido aquelas toucas e vestidos às riscas que nos obrigava a usar para servir – desejou ela sombriamente. – Sentíamo-nos o centro das atenções.

Eu já reparara nos uniformes sem graça pendurados atrás da porta da cozinha e reconhecera-os dos vídeos do YouTube. Não eram propriamente favorecedores.

– Não terá de os usar, ponha só um avental branco por cima das suas roupas normais. – Acrescentei aventais do género vitoriano à lista.

– Isso é melhor. Vou ver se Mistress Muswell se esqueceu da porcelana, pois estava mesmo no fundo do armário, atrás do antigo aspirador que eu costumava usar na cave e que ela nunca pensaria em usar – referiu, levantando-se.

Eu seguia-a pelo pequeno lanço de escadas e ela abriu um grande armário apainelado, por baixo dele. Fora pintado da mesma cor de cogumelo-escuro das paredes e do rodapé pelo que não se destacava.

Ela retirou um velho aspirador e inclinou-se em direção às profundezas antes de arrastar cá para fora um grande e gasto cesto de verga.

– Ainda cá está, tal como eu pensava.

Havia mais algumas caixas atrás dele e afastámos o pó antes de os levarmos para a cozinha e os desempacotarmos na grande mesa de pinho.

As pilhas de porcelana com padrão de salgueiros cobriam-nos por inteiro, havia muita, e fiquei surpreendida e feliz por ver as palavras «pode ir à máquina» gravadas no verso de cada peça. Pensava que ainda se tratava de um conceito novo e em voga na altura em que A Chaleira de Cobre abriu.

Havia chávenas e pires, pratos grandes e pequenos, açucareiros, tigelas de sopa e travessas. Não precisaríamos de algumas das coisas, que podiam servir para encher as prateleiras vazias do café, assim que eu as voltasse a pintar.

– Isto é espetacular! – comentei, agradecida, para Tilda. – Provavelmente também poderei encontrar peças extra no eBay, pois qualquer peça barata com um padrão de salgueiros azuis encaixa perfeitamente.

– Bem, suponho que é um começo, e bem barato – retorquiu ela.

– Pois é, e hoje vou começar por pôr alguns lotes na máquina de lavar... Será que funciona? Se funcionar, fico surpreendida por Mistress Muswell a ter deixado ficar para trás!

– Acho que devia estar demasiado velha para ser vendida, mas funciona perfeitamente – disse Tilda. Depois, ofereceu-se para ir lá acima limpar o apartamento em vez de limpar o café, que só precisava de uma ligeira passagem para limpar o pó.

– Mas está nojento – informei.

– Não faz mal, gosto de desafios – respondeu, com os olhos a brilhar, entusiasmados. – Por um pagamento extra, naturalmente.

– Claro – concordei e ela desapareceu escadas acima com o aspirador e um balde cheio de materiais de limpeza tão contente como se eu lhe tivesse oferecido uma guloseima rara.

Enquanto a primeira vaga de loiça lavava na máquina, eu contava as mesas e cadeiras no café. Achava que ninguém as compraria, mas, se as pusesse num dos sítios de reciclagem gratuita, talvez alguém pudesse ficar interessado. Depois lembrei-me dos pratos pendurados no canto escuro junto às escadas e fui ver como eram. Enquanto o fazia, reparei numa enorme teia de aranha que Tilda não vira. Ou talvez o aranhão fosse um trabalhador incansável, como o do romance...

Parando apenas para meter o meu cabelo dentro de uma daquelas toucas horríveis para o caso de a ocupante decidir saltar para a minha cabeça, subi para cima de uma das cadeiras de escritório e limpei-a com um comprido espanador de penas.

Com a surpresa de ter encontrado uma estranha no café, Tilda não devia ter fechado a porta, pois o sino de latão repicou repentinamente no seu fio e a luz foi bloqueada por uma figura alta, magra e indiscutivelmente masculina.

– Posso ajudá-lo? – perguntei, descendo da cadeira. – O café está fechado.

– Não sou um cliente. Vi a luz acesa e queria dar uma palavrinha a Mistress Muswell – explicou. A sua voz não tinha qualquer vestígio do sotaque local ou, pensando bem, de qualquer outro. Era ligeiramente elegante e suave, como um chocolate negro caro.

– Quem não lhe quer dar uma palavrinha, não é? – respondi, amarga, perguntando-me se seria algum empregado a que ela ainda devia dinheiro, apesar do sotaque elegante. – Mas já aqui não está, pelo que pode ir.

Em vez de seguir a sugestão à risca, ele fechou a porta atrás de si e desceu o degrau, ficando na luz.

Passaram-me dois pensamentos pela cabeça, mais rápidos que as pedrinhas que atravessam a água parada. O primeiro foi que, com o seu cabelo preto-azulado encaracolado, pele de azeitona pálida, nariz aquilino e boca grossa, que subia enigmaticamente nos cantos, ele parecia um deus grego e, se me tivesse dado um cacho de uvas e um convite para uma orgia, provavelmente teria ido.

Aliás, era o homem mais bonito com quem falara fora da minha imaginação.

O meu segundo pensamento foi que não se tratava de um empregado, pois usava um fato de seda impecavelmente feito à medida e uma suave camisa branca como a neve com o colarinho aberto. Senti-me subitamente muito mal vestida e desleixada com calças de ganga, uma camisola e ténis.

A minha resposta não fora, claramente, a que ele quisera ouvir, pois tinha o sobrolho franzido.

– Quando volta? Acabei de chegar da América e vi a informação na porta a dizer que o café estava fechado para obras, pelo que pensei que ela estaria aqui porque as luzes estavam acesas.

Olhou em volta.

– Não que veja quaisquer sinais de obras... A não ser que essa seja a razão pela qual a senhora está aqui?

– Bem, vou certamente fazer algumas mudanças, porque comprei o café – respondi. Vendo que ele ficara tão surpreendido como Tilda, acrescentei, de modo prestável: – Ela foi-se embora, eu sou a nova proprietária do Branwell Café.

– Ela... foi-se embora? Definitivamente? – As suas sobrancelhas escuras tremeram num franzido alarmante. – Mas ela deve-me dinheiro!

O que não me surpreendeu.

– De quê? – perguntei, curiosa.

– Não lhe diz respeito, mas das antiguidades – disparou ele. – Sou o dono da loja em frente.

– Quer dizer que é o Pequeno e Perfeito? – exclamei, sentindo-me corar. O que, com o meu cabelo arruivado, nunca é favorecedor.

– Pode-se dizer que sim – concordou ele, secamente, com um dos cantos da boca linda a tremer, apesar de não perceber se de satisfação ou raiva. – Vendo antiguidades e quinquilharias pequenas e perfeitas. No começo da temporada, Mistress Muswell sugeriu mostrar algumas coisas no café se lhe desse uma pequena comissão nas vendas. Tenho tendência para procurar peças para colecionadores, mais do que vender diretamente ao público, mas há sempre coisas extra que trago de leilões, pelo que me pareceu uma ideia bastante razoável.

Apontou para dois pratos que eu acabara de libertar da sua colcha feita de seda de aranha.

– Esses pratos são meus, mas não vejo os outros, e a Tilda, uma das empregadas, disse-me que, em vez de enviar os clientes à minha loja caso estivessem interessados em comprar alguma coisa, ela vendia tudo sozinha e ficava com o dinheiro.

– Isso não me surpreende. Ela levou todos os objetos de valor do café e do apartamento, até as coisas que estavam incluídas na venda.

– Então foi simpático ter deixado os pratos para trás – disse, sarcástico.

– Provavelmente não os viu, pois estavam neste canto escuro, cobertos de teias de aranha.

– Ainda assim, gostaria de saber onde está o resto das minhas coisas. – Tirou um papel do bolso e uma caneta fina e de aspeto caro.

– Esta é a lista completa de tudo o que ela tinha, e de quanto valia. Faltam cinco coisas. – Fez um círculo à sua volta e entregou-me o papel.

– Mas isto não tem nada a ver comigo – protestei, parecendo alarmada com os preços dos artigos que faltavam: uma pequena aquarela, três pratos de Dresden e um instrumento musical do século dezoito. – Eu comprei a propriedade, não comprei as dívidas dela!

– Alguém tem de me pagar – afirmou com o queixo saído.

– Bem, não vou ser eu – respondi, indignada. – E tenho de substituir todo o equipamento de cozinha que ela levou e mobilar o apartamento, pelo que precisarei de todos os cêntimos que ainda me restam.

– Restam de quê?

– Não lhe diz respeito – ripostei.

– Não fará a sua fortuna a vender Brontëburgueres no Branwell Café – comentou ele, com um sarcasmo que considerei escusado.

– Obrigada pela dica – disse, acrescentando, amargamente: – Já foi suficientemente mau Mistress Muswell ter-me enganado sobre o estado do apartamento e do café, mas espero que não me comece a entrar pela porta adentro uma data de gente como o senhor, a exigir que eu lhes pague.

Tentei passar uma mão distraída pelo cabelo e só nesse instante reparei que ainda usava a touca ridícula. Tirando-a, atirei-a com alguma força através da sala, enquanto o meu cabelo, livre da escravidão, explodiu numa cascata de caracóis finos e acobreados.

O homem olhou rigidamente para mim, com um par de olhos cinzentos surpreendidos. Depois, um sorriso repentino e inesperado suavizou-lhe as feições do rosto e disse:

– Devia ter percebido que era ruiva.

– Não imagino porquê.

– E faz-me lembrar alguém... – acrescentou, pensativo.

– Alguém daqui? – perguntei apressadamente. As minhas cores eram tão distintas, com sobrancelhas escuras, cabelo ruivo e olhos verde-claros, que pensei que, se me encontrasse cara a cara na rua com uma mulher parecida, saberia de imediato que ela era a minha mãe.

– Não, já sei. É parecida com aquela mulher dos quadros pré-rafaelitas, a Lizzie qualquer coisa.

– Lizzie Siddal. Dizem-me isso muitas vezes – retorqui resignada. – Não consigo ver as semelhanças, só se for o cabelo ruivo, e não posso fazer nada em relação a isso.

– Não era uma crítica – declarou ele calmamente. – Ela era muito bonita, ainda que de maneira enjoadinha.

– Eu não sou enjoada!

– Quem disse que era? – perguntou ele, com um ar de surpresa inocente. Depois, pareceu perder o interesse em convencer-me e disse com um suspiro: – Acho que realmente não devo esperar que me pague as coisas que ela roubou, pelo que posso dizer adeus ao meu dinheiro.

– Pode tentar contactar o advogado dela. É capaz de ter mais sorte que eu quando lhe pedir os contactos.

– Desconfio que não valeria de nada, apesar de fazer queixa à polícia, pelo que a podem prender por roubo se ela cá voltar. Ela assinou a lista dos artigos e Tilda estava presente quando chegámos a acordo, pelo que tenho uma testemunha. Vou levar comigo os pratos que ela deixou para trás. – Fez corresponder as palavras aos atos, retirando-os e colocando-os na mesa mais próxima.

– É melhor preparar-se, porque se ela se foi embora com o dinheiro dos fornecedores, poderá ter de pagar a dívida antes que eles aceitem vender-lhe os seus produtos – informou ele utilmente.

– Não sou responsável pelas dívidas dela e não pagarei a ninguém – insisti, teimosa. – Sou tão vítima de Mistress Muswell como todos os outros.

– Duvido que eles vejam as coisas dessa maneira, pelo que terá de ter êxito imediato com o espaço, não é? A propósito, chamo-me Nile Giddings.

– Alice – respondi. – Alice Rose.

– Aquilo a que chamamos rosa teria o mesmo perfume se tivesse outro nome³ – comentou, leviano. – E não devia estar no País das Maravilhas em vez de no País das Brontë?

Ignorei a investida.

– Tenho planos para o café e não precisarei de nenhum dos fornecedores de Mistress Muswell, pois tenciono reabrir como salão de chá de primeira qualidade.

– A sério? – O rosto dele expressou uma descrença suave. – Desejo-lhe boa sorte, então.
– Vou conseguir, verá – insisti.
– Para seu bem, espero que sim. E que nome vai dar a este pequeno oásis de refrescos? – perguntou, trocista, enquanto se preparava para sair, protegendo as suas antiguidades antes que eu me chegasse à frente e lhas tirasse.

Uma visão do avatar de Molly Muswell passou-me pela cabeça, com o rosto inchado a mostrar um sorriso amigável, fazendo com que os seus olhos parecessem passas de uva profundamente enterradas num pão pequeno.

– Fat Rascal⁴ – disse-lhe eu.

³ Citação de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. (*N. da T.*)

⁴ A autora faz um trocadilho com esta expressão. *Fat Rascal* em português significa Patife Gorda, mas é, ao mesmo tempo, o nome de um tradicional bolinho com passas de uva confeccionado no Yorkshire por volta do ano de 1800. Por esta razão, não se traduzirá o seu nome. (*N. da T.*)

Por sorte, a minha escola secundária estava fechada na sexta-feira, pois era dia de formação para os funcionários. Embora normalmente não gostasse da forma como os dias de formação interrompiam as minhas lições, desta vez funcionara a meu favor.

E, claro, nenhum dos meus amigos reparou que eu estava diferente, pois, ao ser um ano mais nova que o resto da minha turma, e duas vezes mais esperta, eu não tinha nenhum amigo.

A Maldita Charneca

Senti-me estranhamente perturbada com aquele encontro, apesar de supor que deparar-se cara a cara com uma tal beleza masculina era o suficiente para perturbar qualquer um! E Nile Giddings parecia ter o temperamento mercurial que também combinava com a aparência de deus grego.

Parecíamos não ter começado com o pé direito, apesar de eu admitir ter sido tão sarcástica e agressiva como o meu visitante fora comigo. Mas, enfim, qualquer um seria assim se tivesse sido educado por Nessa: eu tinha tendência para dar como recebia.

Fui verificar como Tilda se estava a sair e vi que ela se atirara de cabeça na limpeza do apartamento com grande entusiasmo. Apesar de me ter oferecido para ajudar, ela afirmou, segura, que era capaz de o fazer mais rapidamente e melhor sem mim.

Por isso, limpei o pó ao café e à cozinha, apesar de mal precisarem, e instalei-me no escritório com o meu computador para escrever a primeira das muitas listas que tinha anotado. Se queria passar uma varinha mágica no café, e desfazer o feitiço malvado da Bruxa Má Muswell, precisaria de mais esforço do que pó de fada para consegui-lo, pelo que era altura de ser mais prática.

Contudo, infelizmente, voltei a perder-me nos meus pensamentos.

A fada má deitou-se no seu leito, sofrendo de um excesso fatal de desprezo. Contemplou a sua vida de más ações e malvadez com satisfação, mas, depois, com um suspiro profundo, desvalorizou tudo com uma mão fraca.

– Desfazer o feitiço! – gritou ela. Era mesmo fácil.

Por todo o País das Fadas, os sapos transformaram-se em príncipes e os gansos puseram ovos dourados. E, nas profundezas do bosque, onde crescia uma densa e impenetrável moita em redor do chalé onde a Bela Adormecida adormecera, apareceu a tremeluzir um portal e um pequeno rato aproveitou a oportunidade para escapar para outro tempo e outro lugar...

Um grande estrondo lá em cima, no apartamento, trouxe-me de volta à realidade e fechei firmemente o documento A Bela Torna-se Má e abri um novo chamado, simplesmente, «Listas do Salão de Chá».

A mais curta era dos artigos que eu queria deitar fora, como as cadeiras e as mesas do café e toda a loiça branca de barro, já que Mrs. Muswell não deixara muito mais para trás. A essa seguiu-se uma lista de equipamento e mobília, que precisava de comprar, que enchia duas páginas sem que precisasse de pensar duas vezes.

No entanto, a primeira coisa que tinha de comprar era latas de tinta, escadotes e pincéis para transformar o café triste, fazendo tudo o que pudesse sozinha, pois teria de poupar o mais possível se queria reabrir com algum dinheiro no bolso.

As coisas maiores não poderia fazer sozinha, como renovar o bengaleiro e pôr superfícies novas na cozinha. Teria de procurar homens locais que fazem tudo por preços razoáveis.

Continuava com uma dor de cabeça por causa das contas, quando Tilda me chamou do cimo das escadas para eu ver o fruto do seu trabalho.

– Oh, uau! – exclamei quando o vi, pois, apesar de continuar vazio e ter mau aspeto, estava agora totalmente limpo e cheirava a desinfetante de pinho e a antibacteriano de limão – ácido. Praticamente fazia com que os nossos olhos lacrimejassem. Também podíamos ver através das janelas – a das traseiras, na ponta da cozinha, dava para o pequeno jardim e a da frente dava praticamente para a Pequena e Perfeita. Havia uma luz acesa por trás dos grossos vidros da janela da loja, pelo que o Sr. Pequeno e Perfeito devia estar a limpar as suas quinquilharias.

– Está absolutamente fantástico, muito obrigada! – disse, agradecida.

– Eh, eu estou preta como o carvão, mas diverti-me imenso – assegurou-me ela – e vai pagar-me por tê-lo feito. Já não há nada que se possa fazer aqui em cima, precisa de uma camada de tinta, cortinas, tapetes e mobília.

O que era dizer pouco, mas, pelo menos, caso fosse necessário, poderia acampar ali a partir de domingo, assim que o meu carro cheio de pertences chegasse.

– Não fica completamente sozinha aqui em Doorknocker's Row, pois tem um vizinho naquela loja, ali em frente – disse Tilda.

– Sim, já o conheci.

– Ai, sim? É muito bonito e educado, o rapaz. Quando se mudou para aqui e as raparigas olharam bem para ele, foi como pôr um galo num galinheiro, tanta era a agitação.

– Imagino – respondi, imediatamente determinada a tornar claro que nos meus futuros encontros com Nile Giddings não haveria qualquer agitação da minha parte. – Ele disse que o avisou de que Mistress Muswell andava a vender as antiguidades que mostrava em nome dele no café, e a meter o dinheiro ao bolso. Quando viu as luzes acesas, achou que ela estava aqui.

– Meti uma nota debaixo da porta dele, mas estive fora tanto tempo que só a deve ter visto agora – disse Tilda. – Agora é tarde para fazer o que quer que seja.

– Sim, apesar de Mister Muswell não ter visto um par de coisas que estavam penduradas no canto escuro junto às escadas e de ele as ter levado. E vai fazer queixa à polícia por roubo.

– Não sei se eles podem fazer alguma coisa em relação a isso e ela é demasiado prudente para não voltar a pôr aqui os pés – afirmou Tilda, abanando a cabeça. Depois, olhou em redor da sala com a satisfação de um trabalho bem feito e acrescentou: – Se fosse a si, chamaria alguém para vir ver o esquentador da cozinha antes de o acender. O nome do homem que trata do da cave está num autocolante, lá ao lado. Eu dou-lhe uma apitadela.

– Boa ideia, acho que não deve ser usado há anos.

– Pois não, não quer começar a fazer explosões neste sítio – concordou ela. – Bem, aqui está o meu número de telefone se precisar de alguma coisa, senão estarei de volta na sexta-feira, como de costume, para limpar tudo outra vez, está bem?

– Sim, venha, mas poderei telefonar-lhe antes disso, pois gostaria de conhecer a Nell quando os meus planos para o salão de chá estiverem mais claros na minha cabeça.

– Onde vai ficar até se mudar para o apartamento? – perguntou ela. – Encontrou alguma coisa?

– Ainda não procurei, é melhor fazê-lo agora. Na pior das hipóteses acho que voltaria para a Pensão Gondal, sobreviverei mais uma noite, depois disso venho acampar para o apartamento.

Tilda pareceu não gostar da ideia e disse que ela própria me receberia se não morasse numa casa com apenas dois quartos com Nell, mas garanti-lhe que arranjará qualquer coisa.

Contudo, depois de ela sair, pensei como faria em relação à dormida, pois a linha telefónica ainda não estava ligada e eu também estava à espera de um *router* para poder ter internet... E, agora que procurava, não via quaisquer sinais de uma lista telefónica local.

Também tinha de atualizar o meu telefone. O que tinha era um antigo do Dan.

O meu computador, com a última lista que fizera no ecrã, continuava a piscar no escritório e, num impulso, deitei o olho à ligação da internet... e descobri que poderia conectar-me à ligação aberta de outra pessoa!

Fiquei logo conectada e mandei *e-mails* concisos com as últimas novidades a Edie e a Lola. Depois, enquanto embarcava na busca de uma pensão, o maldito sino voltou a repicar.

– É a senhora, Tilda? – gritei. – Esqueceu-se de alguma coisa?

Certamente esquecera-se de fechar a porta, pois Nile Giddings apareceu de repente à minha porta aos saltos, antes de eu poder fechar o meu computador.

– Ah! Tive a impressão de que podia ser a Alice – disse ele, triunfante e senti-me corar.

– Oh, foi a sua internet que pedi emprestada? – perguntei inocentemente. – Desculpe, só queria ver as pensões locais... Mas, como percebeu? – questionei quando o pensamento me ocorreu.

– Descobri porque estava a demorar uma eternidade a descarregar as novas fotografias para o sítio da Pequena e Perfeita – explicou, aborrecido.

– Bem, desculpe – repeti –, mas o meu *router* deve chegar amanhã e a minha linha telefónica só será ligada no início da semana seguinte, pelo que não precisarei de voltar a fazê-lo.

– É bom que não – afirmou ele secamente. Depois, olhou em volta e avaliou os espaços vazios da cozinha.

– Ela varreu mesmo isto tudo, não foi?

– As únicas coisas que deixou estavam fixas ou pregadas, à exceção do frigorífico e do congelador que são tão velhos que poderiam estar num museu – referi. – Devia ter visto o apartamento: não só foi completamente esvaziado, como estava nojento.

– Então não se vai mudar em breve, e daí a busca por uma pensão?

– Oh, a Tilda passou grande parte do dia a limpar o apartamento, pelo que agora só precisa de uma camada de tinta e alguns móveis – respondi, esperando parecer mais otimista do que me sentia.

– Mudar-me-ei quando o resto das minhas coisas chegar, juntamente com o meu carro, no domingo. Não quero voltar para a pensão em que fiquei ontem à noite, se conseguir encontrar uma diferente, e de preferência mais barata.

– Mesmo na época baixa Haworth é cara – disse ele, depois fez uma pausa, franzindo o sobrolho.

– Tenho uma ideia melhor. A minha família vive nos arredores da aldeia e a minha mãe aluga camas quando pode. A casa é grande e antiga, está um pouco decrépita e velha, mas é barata e ela é uma grande cozinheira.

– Tenho a certeza de que é maravilhosa, mas preciso de conseguir deslocar-me a pé para o café até ter o meu carro, por isso, mesmo que seja por um par de noites... – comecei eu, mas ele interrompeu-me.

– Eu divido o meu tempo entre a casa e o apartamento por cima da minha loja, e passo lá a maior parte dos fins de semana, dou-lhe boleia na ida e na vinda.

Eu tinha muitas dúvidas sobre se queria ficar presa na charneca com estranhos e depender do

transporte do Sr. Alto, Moreno e Agressivo.

– Não quero ser um incómodo para a sua mãe, quando realmente só preciso de um sítio para ficar durante uma noite ou duas. Ela provavelmente fecha no inverno como muitas das pensões locais, não é?

– As portas da Sheila estão sempre abertas – respondeu, enigmático. – Eu telefono-lhe.

– Sheila? – repeti e, de repente, ocorreu-me que ele também poderia ter lá uma mulher. Poderia ter, pois era mais ou menos da minha idade, trinta e tal anos, ou, possivelmente, um ano ou dois anos mais velho... Talvez uma das galinhas de que Tilda falara tivesse voado um pouco mais longe do que as outras?

– É a minha mãe, chamo-lhe sempre Sheila. Ela ficaria encantada por saber que ficaria na Oldstone.

– *Oldstone!* – exclamei bruscamente.

– Sim, conhece? – perguntou ele, surpreendido.

– Não... é apenas um nome estranho – referi, fracamente, e ele olhou-me como se ponderasse se levar-me para casa era ou não uma boa ideia. Depois, pareceu decidir-se.

– Tenho de fazer umas coisas primeiro, pelo que virei buscá-la por volta das cinco ou seis. Esteja pronta.

– Mas o jantar... – comecei, sentindo-me ansiosa e com a certeza de que não queria acompanhá-lo.

– Oh, ela dar-lhe-á de comer, não se preocupe – garantiu ele. – Cozinha sempre para um batalhão, apesar de ter ascendência escandinava, pelo que nunca sabemos do que constará a ementa. Gosta de comida norueguesa?

– Acho que nunca provei.

– É boa, à exceção de quando ela cozinhou a cabeça de uma ovelha para o jantar. É um petisco norueguês, mas todos aqueles dentes e os olhos... É muito desencorajador.

– Olhos? – repeti eu, baixinho.

Mas ele já tinha saído, deixando-me agitada. Não só estava prestes a ir para a charneca com a família desconhecida do estranhamente enervante Nile Giddings, que fazia lembrar *O Monte dos Vendavais*, como a casa tinha o nome de Oldstone, o nome que me tinham posto na certidão de nascimento!

Teria eu alguma ligação ao lugar? Podiam ter-me dado esse apelido por ter sido encontrada lá perto (e, se assim fosse, eu não teria sido encontrada muito longe das casas, como Nessa dissera), ou talvez por ter sido encontrada ainda mais longe por um membro dessa família?

Agora que estava finalmente ali, e a Bela Adormecida tinha acordado, era difícil entender por que razão eu nunca verificara todos os pormenores disponíveis do local e da pessoa que me tinha encontrado, apesar de ter afastado tudo da minha cabeça após a revelação de Nessa, depois de ter perdido o meu pai...

Mas, pensei, que devia haver mais informações do que a minha certidão de nascimento e assim que tivesse ligação à internet procurá-las-ia.

A Princesa Bela acordou, depois do melhor sono da sua vida, para dar consigo firmemente enrolada num casulo de seda, incapaz de sequer mover o dedo mindinho.

Um rato estava sentado na ponta do sofá, a lavar os bigodes.

– *Olá – disse Bela. – Podes ajudar-me? Um aranhão simpático aconchegou-me muito bem antes de eu adormecer, mas agora não me consigo mexer.*

– *És muito estúpida – disse o rato com desdém. – É uma teia de aranha... Tens estado a dormir durante anos, tal como a grande aranha no quarto ao lado. Ela enrolou-te para te comer mais tarde e está a mexer-se agora, pelo que deve ter fome.*

Fechei o computador com um estrondo.

Não havia muita coisa que eu pudesse fazer no café naquela altura e, tendo já cortado os primeiros espinhos e saído da minha prisão autoimposta, fui dar um passeio pela aldeia.

Passei por cafés muito melhores e mais bem estabelecidos do que o meu e, apesar da altura do ano, ainda havia muitos visitantes.

Encontrei a igreja e o cemitério, que ficavam em frente ao Presbitério das Brontë, exatamente como nas fotografias, mas não entrei lá dentro, nem no museu. Teriam de ficar para outra altura, tal como a charneca, tentadoramente mais adiante.

Porém, parei junto aos degraus do Presbitério, lembrando-me da descrição do conto de fadas do meu pai de como a jovem princesa as subira e me deixara ali numa noite tardia.

Achei que ele devia estar feliz por eu me encontrar ali...

Pouco depois, a brisa fria que me passava pelas pernas fez com que me movesse outra vez e descesse a colina. Ninguém parou ao ver-me nem exclamou que o meu físico era parecido ao de algum local conhecido, como eu pensei, esperei, ou até temi. Na verdade, ninguém olhou demasiado para mim, provavelmente porque num sítio tão popular como Haworth os estranhos altos com cabelo comprido e encaracolado ruivo e olhos verdes pálidos não eram nada de especial.

* * *

Na altura em que Nile apareceu, eu estava à espera à porta do café com a minha bagagem, as luzes apagadas e as chaves na mão. Só nesse instante percebi onde ele deixava o carro, mas ele desviou a conversa e desceu a passagem que dava para o parque de estacionamento nas traseiras do café. Eu devia ter adivinhado.

– Esta propriedade é minha – disse eu, indignada, acompanhando-o.

– Bem, aquele lado certamente é seu – respondeu ele, apontando. – Mas este lugar foi comprado por mim às donas de O Traseiro, antes de Mistress Muswell ter ficado com tudo, para ter um lugar onde estacionar o carro. Receio bem que tenhamos de partilhar.

– Tenho a certeza de que esse assunto não surgiu quando o meu advogado fez os registos de propriedade – disse eu, desconfiada.

– Talvez não, mas tenho um título de venda assinado na presença do meu próprio advogado, e Mistress Muswell sabia perfeitamente de tudo quando comprou o café – referiu ele. – Não faço ideia porque não surgiu nos seus registos.

– Bem, suponho que então deva ser legal, e que não possa fazer nada em relação a isso – conformei-me, ressentida.

– Pois, obrigado!

O carro dele era uma carrinha *Mercedes* escura com um interior que cheirava a pele misturado com um toque de *aftershave* suave e caro. Quase esperei que a bagageira ficasse muito apertada

com a minha bagagem, mas não, abriu e permaneceu aberta. Ele deslizou a minha mala como se esta não pesasse nada e depois conduzimos em direção ao crepúsculo que aparecia.

Pelo menos, deu-me a oportunidade de ver onde a entrada do beco ia dar e como se atravessavam as pequenas ruas da estrada principal. O carro subiu e virou uma ou duas vezes, em seguida, dirigiu-se à charneca por cima da aldeia e continuou até todas as outras casas desaparecerem lentamente de vista.

– Se prosseguir por esta estrada, passa pela Charneca Blackdog e vai dar a um cruzamento com um motel, logo por cima da aldeia Upvale, que fica situada no vale seguinte. Mas, se virar numa das inúmeras pequenas estradas laterais, pode ficar desaparecida durante semanas.

– Então talvez seja melhor cingir-me à estrada principal até me orientar – respondi, a tremer, pois agora que já quase não havia luz e surgia uma chuva miudinha, parecíamos estar rodeados pela escuridão e por uma charneca maldita.

Teria eu sido mesmo deixada para ali, à mercê dos elementos e dos predadores?

Depois, saímos da estrada e virámos numa curva apertada à direita, numa grande placa de sinalização que dizia «Oldstone» e, mais confusamente abaixo, «Pondlife».

A entrada era parecida à de um caminho sulcado de uma quinta e dava para uma pequena ponte feita de blocos de pedra e para uma extensão de gravilha diante de um comprido e baixo edifício de pedra, que parecia ter sido encaixado ali, a olhar na defensiva para as colinas em volta, durante muito tempo.

– Chegámos – disse desnecessariamente Nile, desligando o motor. – Bem-vinda a Oldstone, o pilar ancestral da família Giddings.

Eu estava contente por ter tomado todas as precauções quando, contra todas as expectativas, a descoberta foi feita – e mesmo antes de eu ler a reportagem do jornal, já sabia quem a fizera.

Previsivelmente, a minha mãe ficou histérica e perguntou-me se eu sabia que o bebé estava vivo quando lá o deixei... Não que pensasse nele como um bebé naquela altura, visto estar muito chocada e cheia de repugnância.

– Claro que não vi, não o tinha posto num sítio onde sabia que seria logo encontrado se assim fosse – garanti-lhe.

– Vais dar uma grande médica, não haja dúvida! – troçou ela, o que achei muito cínico, tendo em conta que ela tinha sido enfermeira, apesar de ter desistido de trabalhar quando pescou o meu pai.

Mas eu continuava determinada a pensar que a medicina seria a minha carreira, apesar de ter a intenção de lidar com obstetrícia e ginecologia o menos possível...

Pondlife

– Parece antiga, pelo menos o que consigo ver – comentei, pois embora a chuva tivesse parado, uma pesada neblina obscurecia todo o comprimento da casa e o que havia para além dela. Não correspondia à minha ideia de quinta de charneca, mas, pelo menos, não parecia tão desoladora e exposta como a Top Withens, cuja reputação dizia que inspirara *O Monte dos Vendavais*.

Havia uma gravura quase gasta no lintel, iluminada por um grande candeeiro de metal e vidro pendurado sobre ela a partir de um suporte de ferro. Tive a certeza de que podia distinguir uma criatura da Grécia antiga e também um cacho de uvas, apesar de não haver muitas na charneca, certo?

A enorme porta principal que se encontrava por baixo estava aberta, apesar da escuridão e do tempo frio. Um enorme e velho *Labrador* dourado saiu, olhou para nós e, depois, arrastou-se de novo para dentro, com a cauda para baixo.

– Não gosta de visitas? – perguntei.

– Gosta, mas sempre que vem um carro ele ainda tem esperança que seja o meu pai, apesar de ele ter morrido há alguns anos, logo após a família se ter mudado para aqui permanentemente – explicou Nile. – Está desapontado, mas passa-lhe quando entrarmos.

– Coitadinho – disse eu, acrescentando, estranhamente: – E lamento pela morte do seu pai. Sei como é porque o meu morreu quando eu era adolescente.

– Foi... terrivelmente repentino – respondeu Nile, com o perfil banhado pela luz do candeeiro, severo e fechado, e, verdade seja dita, muito bonito.

O motor do carro fazia um barulho ligeiro enquanto arrefecia e ele acrescentou, com um regresso imediato aos seus modos habituais (ou aos seus modos habituais comigo):

– Bem, não vale a pena ficarmos aqui sentados a noite toda, quando pode ver melhor o exterior da casa amanhã à luz do dia.

– É muito maior do que eu esperava – retorqui.

– O *hall* central é a parte original, e é muito antigo, mas o resto foi acrescentado ao longo dos anos, pelo que há muito espaço para todos os que querem socializar ou não, de acordo com as suas preferências.

– Todos? – repeti. – Quantas pessoas vivem aqui?

Esperei que não fosse uma estranha comunidade *hippie*! Apesar de, pensando bem, eu ter decidido que Nile não tinha nada de *hippie*.

Ele encolheu os ombros.

– A família toda. Os quartos para alugar de Sheila ficam no lado vitoriano e nós moramos no outro. O meu irmão, Teddy, a mulher e o bebé têm uma espécie de apartamento na ala do século dezoito, mas não está totalmente encerrada. É uma grande miscelânea.

– Parece que sim.

Saí do carro e segui Nile até à bagageira para recolher as minhas malas, tremendo com a humidade fria.

Nile não parecia afetado, pois apontou para a escuridão tenebrosa e disse:

– Há ali um estábulo, parcialmente transformado em escritórios onde o Ted e a Geeta gerem o negócio da família. Viu a placa na estrada?

– O que dizia Pondlife? – perguntei. – Coisas para aquários? Para lagoas de jardins?

A neblina cinzenta e húmida abriu-se oportunamente nesse instante, deixando ver a Lua ligeiramente fina e revelando brevemente uma enorme lagoa numa cova em frente à casa, equipada com uma cabana e um cais. Tudo brilhava e parecia um pouco surreal.

– Tem mais a ver com aquilo – disse Nile.

– Pois. Não é o habitual jardimzinho com a típica garça-real numa das pontas.

– Nem por isso. Explicarei ao jantar – prometeu ele, arrastando a minha mala e recusando-se a largá-la quando tentei tirar-lha. Tenho um metro e setenta e cinco e consigo levar a minha própria bagagem, mas só consegui agarrar a minha mala de viagem antes de ele a apanhar também.

– Vamos – disse ele, quando uma figura baixa e roliça apareceu na entrada aberta. – Aqui está a Sheila, a perguntar-se onde nos metemos.

A mãe de Nile levou-nos até ao corredor, fechando a porta exterior atrás de nós. Depois, cumprimentou-me com um aperto de mão firme e antiquado.

– Aqui está! Bem-vinda a Oldstone! – disse ela, calorosamente. Tinha olhos azuis e cabelo dourado pálido, completamente diferente do de Nile, ele devia ter ido buscar a sua cor mais escura ao lado da família do meu pai.

– Obrigada por me deixar ficar tão em cima da hora – agradecei.

– Que disparate, estamos encantados por tê-la aqui e o jantar está quase pronto. Todos os meus convidados comem com a família, portanto, vou mostrar-lhe o seu quarto e depois pode seguir o seu nariz até à cozinha, quando estiver pronta.

Nile já desaparecera por uma das portas com a minha mala e ela estava à minha espera no quarto, quando lá chegámos. Como não nos cruzámos com ele nas escadas, eu não sabia para onde ele fora depois daquilo. Talvez tivesse voado pela janela como um morcego gigante?

Ou talvez eu tenha visto demasiados filmes antigos do Drácula.

Fora igualmente bom que não houvesse nada de gótico vitoriano no quarto, pois fora remodelado num estilo escandinavo moderno e ligeiramente incongruente, com mobília de madeira clara e paredes e pinturas em tons de branco, creme quente e um suave azul-acinzentado.

– Eu sei que é demasiado moderno para um quarto vitoriano – comentou Sheila, que eu já tratava pelo primeiro nome desde as escadas. – Mas o telhado teve uma infiltração e mandou o teto abaixo, pelo que ficou tudo estragado e tivemos de recomeçar. Trouxe esta mobília da nossa antiga casa.

– Eu gosto – disse-lhe e o rosto dela iluminou-se.

– Consigo ver que a mobília escura e antiga condiz com a idade da casa, mas aqui no meu próprio quarto decidi, em vez disso, ter as coisas ao meu gosto.

– Creio que o Nile disse que é norueguesa? – aventurei-me.

– Só um quarto, de uma avó – respondeu ela. – Mas passei lá muitas férias, quando era criança.

Abriu a porta numa parede para revelar uma casa de banho.

– É o que eles chamam de uma casa de banho *Jack and Jill*, com uma porta para o quarto do outro lado também – explicou. – Mas não há mais convidados, pelo que é toda sua. Agora, vou deixá-la a

desfazer a mala e a instalar-se, mas desça daqui a cerca de uma hora para jantar ou mais cedo se estiver pronta.

Presenteou-me com outro sorriso naturalmente caloroso, de maneira que senti derreter completamente a minha última relutância em relação à perspectiva de ser posta ao abandono fora de Oldstone. O Nile pode ser insuportavelmente arrogante e autoritário, mas tudo correu bem desta vez.

Até o alegre ambiente de estilo escandinavo estava na medida certa, pois dada a minha imaginação hiperativa, qualquer coisa antiga teria conjurado não só vampiros, mas também na mão de Cathy a bater à janela para entrar, mesmo quando eu estava a adormecer.

Pendurei a minha roupa, que estava a ficar permanentemente vincada por nunca sair da mala, depois lavei-me e arranjei-me na casa de banho, um apartamento austero mas imaculado de azulejos brancos e pretos. Havia um chuveiro em cima da banheira de quatro patas e, apesar de o calor do radiador mal se notar ao toque, as toalhas eram enormes e fofas.

Vesti calças de ganga, uma camisa verde comprida e calcei o meu par preferido de *moccasins* de missangas *Minnetonka*, e descí pelas escadas por onde subira. Desta vez reparei numa porta no patamar que devia dar ao resto da casa, pelo que talvez Nile não tivesse voado pela janela, afinal de contas.

Tal como Sheila sugerira, segui o meu nariz através de corredores mal iluminados e armadilhados com degraus fortuitos para cima e para baixo até chegar à cozinha.

A porta estava entreaberta e deixava sair um burburinho de conversas quentes, leves e alegres, pelo que parei por um momento sentindo-me bastante tímida antes de entrar.

A grande divisão estava vivamente iluminada depois dos corredores escuros e parecia cheia de gente. Nile estava de frente para mim, sentado no topo de uma longa mesa e segurando uma criança vivaz de olhos escuros, enquanto esta dobrava os joelhos e saltitava para cima e para baixo, como se estivesse a preparar-se para descolar. Quando ela olhou para cima e me viu, a sua expressão continuou divertida e afetuosa, o que foi uma grande revelação...

Uma mulher esbelta com uma longa trança suspensa como um pendão negro de seda nas costas do seu *salwar kameez*⁵ cor-de-rosa escuro distribuía pratos de sopa.

– Aqui está a Alice – disse Sheila, voltando-se do seu fogão *Aga Range* com uma concha de sopa a pingar numa das mãos. O Labrador, obviamente habituado a estes momentos, apanhou as gotas de sopa antes de elas caírem no chão.

– Alice, esta é a minha amável nora, Geeta – apresentou ela, apontando para a mulher que punha a mesa –, aquele é o meu filho Teddy, e o Nile tem ao colo o bebé deles, Casper...

Um temporizador tilintou, distraíndo-a das apresentações, pelo que começou a tirar pãozinhos do forno.

– Apresentem-se, o resto de vocês.

– Olá – disse Geeta com um sorriso amistoso, sentando-se ao pé de Nile e tirando-lhe o bebé, para seu óbvio alívio.

– Sinto-me como um trampolim – disse ele pesarosamente.

– Eu sou a Bel, a irmã do Nile – apresentou-se uma mulher da minha idade, com cabelo claro encaracolado e olhos azul-pervinca. Deu umas pancadinhas no assento ao seu lado.

– Vem e senta-te aqui, entre mim e o Teddy. Somos gémeos, talvez já tenhas reparado?

Anuí com a cabeça, porque agora que olhava para eles, pareciam um par de pérolas perfeitamente

iguais.

– Também saem ambos à Sheila.

– Eu sei, só que somos sessenta centímetros mais altos, como o meu pai – concordou ela. – Muito inteligentemente, o Casper sai aos dois pais. Tem os maravilhosos olhos castanhos da Geeta e o cabelo claro do Ted. É uma combinação de cores realmente incomum.

Eu não queria perguntar onde ia o Nile buscar a sua aparência; estas coisas podem ser muito complicadas e ele poderia muito bem ser o filho de Sheila de uma relação anterior – e ninguém se ofereceu para dar informações sobre o assunto. De qualquer forma, na altura sentia-me um pouco aturdida e desorientada devido à exaustão e à falta de uma refeição decente, pelo que quando o gracejo familiar, que tinha parado quando entrei, recomeçou, deixei-o cobrir-me e envolver-me como uma onda suave.

– Quem quer sopa *mulligatawny*⁶? – perguntou Sheila, pousando uma grande caçarola de porcelana no meio da mesa e voltando-se para o cesto de pãozinhos quentes.

Até àquele momento, eu não me tinha apercebido do quão faminta estava.

⁵ Vestido tradicional indiano. (*N. da T.*)

⁶ Sopa tradicional inglesa de origem indiana, composta por caldo de carne e caril, muitas vezes engrossada com arroz. (*N. da T.*)

A descoberta de um bebé na charneca e a busca completamente em vão pela sua mãe causou espanto durante pouco mais de sete dias, sendo rapidamente substituída por notícias sensacionalistas de importância nacional.

De regresso a casa, a relação entre a minha mãe e eu cedo não ficou mais tensa do que era antes dos acontecimentos daquela noite, a que nenhuma de nós se voltou a referir. Na verdade, quando o meu pai regressou finalmente a casa, tenho a certeza de que ela desenvolvera uma amnésia total em relação ao assunto, o que era igualmente bom, pois ele teria atacado qualquer indício de segredo e tê-la-ia obrigado a contar.

Pot Luck²

Quando terminei uma grande tigela de sopa quente e picante, seguida de um frango assado com todas as guarnições, senti-me de regresso ao mundo dos vivos e comecei a prestar atenção à conversa em meu redor. Nunca tinha estado no coração de uma grande família; a de Lola era calorosa e amigável, mas ela era filha única.

Descobri que me sentia estranhamente em casa em vez da forasteira que realmente era.

– O Nile contou-nos como foste enganada pela Mistress Muswell quando compraste o teu café – disse-me Bel, passando pratos de tarte de maçã e creme espesso numa jarra de listas brancas.

– Ela teve o que mereceu, pois só um idiota compra uma propriedade sem a ver primeiro – comentou Nile.

– Não é educado chamar idiota à nossa convidada – assinalou Geeta, lançando-lhe um olhar reprovador antes de voltar a apontar as colheradas de papa à boca de Casper. O bebé estava agora numa cadeira alta ao lado dela, com o Labrador sentado por baixo, olhando esperançosamente para cima.

Olhei fixamente para Nile.

– Admito que foi uma coisa estúpida de se fazer, mas Mistress Muswell fez de ti um idiota quando lhe permitiste vender as tuas antiguidades e ficar com o dinheiro, portanto, diz o roto ao nu, não é?

– Isso é verdade – concordou Teddy, sorrindo.

– Sim, diz-lhe das boas – encorajou-me Bel. – Ele está demasiado habituado a ser o irmão mais velho e mandão, pelo que precisa de baixar a bolinha.

– Só estou a dar bons conselhos – disse ele, parecendo surpreendido. – A culpa é vossa se nunca os seguem.

– Acho que vai ser impossível tentares dar ordens à Alice – comentou Sheila, esboçando-me um sorriso carinhoso. Acrescentou: – O Nile contou-nos que esperava que o café e o apartamento precisassem apenas de uma atualização, e que toda a mobília e os aparelhos estivessem incluídos no preço?

– Sim, mas Mistress Muswell deve ter vindo de Espanha e tirado o que podia vender assim que concordei com a compra – disse-lhe eu, depois descrevi o estado em que encontrara o lugar. – Pensei acampar no apartamento até o resto das minhas coisas chegar no domingo, mas não tem uma peça de mobiliário. Também estava completamente sujo, e o esquentador parece não ser usado há mais de um século.

– Tens de ter cuidado com o gás – avisou-me Teddy.

– Eu sei. Vou telefonar às pessoas que arranjam a caldeira da cave – concordei. – E, pelo menos, o apartamento agora está perfeitamente limpo, pois uma das empregadas sazonais apareceu esta manhã e voluntariou-se para limpá-lo em vez de limpar o café. Pareceu gostar muito do desafio.

– Limpo ou não, não te podes mudar até teres aquecimento, mobília e algo em que cozinhar, não é? – declarou Geeta, prática. – Principalmente em setembro, faz muito mais frio aqui do que no sítio onde fui criada.

– E onde foi? – perguntei, apesar de pensar que sabia devido ao sotaque.

– Bradford – referiu ela. – Toda a minha família acha que sou maluca por viver aqui no meio de nenhures.

– Bom, ainda bem que vives – disse Sheila, carinhosa.

– O Nile disse que tens planos para o café, mas não disse quais eram – afirmou Bel.

– São ideias idiotas, mais do que planos – afirmou Nile.

– Não são de todo ideias idiotas, embora talvez sejam um pouco arriscadas – admiti, confiante, olhando-o friamente. – Vou renová-lo na totalidade e reabrir como Salão de Chá Fat Rascal.

– E não preciso de dizer mais nada – ironizou Nile.

– Eu não vejo qual é o problema, Nile – disse Teddy. – Parece-me bem.

– Ah, mas não será um salão de chá qualquer, será de primeira qualidade – revelou Nile, como se provasse o seu ponto.

– Será muito arriscado, pois terei o Framling's Famous Tearoom, em Londres, como inspiração – retorqui. – Só servirei chá com sandes, scones, bolos e pastelaria, com um toque do Yorkshire, onde posso encontrar receitas adequadas.

– Como os *fat rascal* – concordou Teddy. – Já os provei no café Betty's, em Harrogate, cortados e com manteiga, são uma delícia.

Sorri-lhe.

– Sim, são ótimos e posso fazer uma versão em miniatura para os suportes de mesa.

– Também não vejo nada de anormal nestas ideias – disse Bel, olhando provocatoriamente para o irmão mais velho. – Quero dizer, Haworth está cheia de cafés e restaurantes de todo o tipo, pelo que uma coisa diferente pode resultar.

– Não se ela se achar elegante ao ponto de fazer preços impraticáveis – objetou Nile.

– Eu só disse «inspirado pelo Framling's» – sublinhei. – Não tentarei recriá-lo no Yorkshire com os mesmos preços! É claro que vou cobrar um pouco mais pelo chá da tarde do que qualquer outro café local, terei de verificar sorrateiramente o que eles oferecem, mas os clientes terão uma experiência especial e comida maravilhosa pelo dinheiro que pagarem.

– Percebe alguma coisa de cafés? – perguntou Sheila, com interesse.

– Sim, trabalhei em cafés a vida toda, apesar de ter sido maioritariamente na cozinha, mas o meu falecido noivo tinha um café na Escócia e, apesar de ter uma gerente, também estava muito ligada à parte administrativa...

Detive-me por um momento a pensar que isso parecia ter ocorrido há muito tempo, embora tivesse sido há apenas cinco meses, contudo, a minha longa queda na depressão e na dor tinham-no distanciado e por isso parecia outro mundo, outro tempo, uma Alice completamente diferente.

E Dan, tão impulsivo e vivendo cada momento como se fosse o último, teria sido o primeiro a motivar-me a abraçar o futuro sem olhar tristemente para o passado... Pestanejei para não deixar cair uma lágrima repentina.

– Lamento a sua perda – disse Sheila, gentilmente, e não lhe disse que a perda e o abandono pontuavam a minha vida com intervalos tão regulares que já estava a habituar-me.

– Então sabes tudo sobre cafés – afirmou Bel –, o que significa que não há razão nenhuma para

não ser um grande sucesso. É uma sorte tremenda o facto de ficares connosco por algum tempo, pois podemos receber informação e conselhos para o nosso café.

– Têm um café? – perguntei, surpreendida.

– Ainda não, mas a minha mãe e eu temos planos para abrir um nos antigos estábulos, entre as nossas duas oficinas e os escritórios da lagoa.

Eu devo ter parecido muito baralhada, porque Sheila explicou.

– A Bel e eu somos oleiras. Sempre vendi o meu trabalho através do Crafts Council, em exposições e galerias porque faço peças escultóricas muito grandes. Mas a Bel trabalha a porcelana e faz coisas mais pequenas e acessíveis que pode vender diretamente ao público, se conseguirmos com que este faça um desvio da estrada principal.

– Eu dava lições de arte em Londres e trabalhava na minha cerâmica no tempo livre até me ter divorciado, porém, agora que me mudei de novo para casa, gostaria de ver se posso ganhar a vida deste modo – declarou Bel.

– Suponho que haja muitos turistas no verão? – perguntei.

– Sim, se pusermos uma placa a dizer «Olaria Aberta» no final da estrada, as pessoas poderiam vir e ver-nos trabalhar, e talvez até comprar algumas das peças de Bel – disse Sheila. – As minhas não são realmente compras de impulso, apesar de poder receber algumas encomendas dessa maneira, e não me importo que as pessoas me vejam a trabalhar – acrescentou. – Quando estou a trabalhar, não reparo em mais nada.

– Eu também não me importo – confessou Bel –, mas pensei que se oferecêssemos refrescos podia ser que elas cá viessem mais facilmente.

– Sim, não será um verdadeiro café, serviremos apenas café, chá, bebidas frias e bolos – referiu Sheila. – Eu faria os bolos, talvez uma ou duas especialidades norueguesas, como os bolinhos de Bergen.

– São deliciosos – afirmou Geeta. – Uma espécie de caracol recheado de maçã, não são bem bolinhos.

– Acho que uma placa informativa a publicitar a olaria e os refrescos poderia trazer as pessoas até cá – concordei. – Mas não podem trabalhar e servir comida ao mesmo tempo, pois não?

– É verdade, apesar de eu ser madrugadora e de ir para a oficina de manhã, mas poderíamos abrir ao público apenas durante a tarde – disse Sheila.

– Assim que estiver a funcionar, podemos contratar alguém para nos ajudar – sugeriu Bel. – Há uma rapariga daqui, a Jan, que toma conta do bebé enquanto o Teddy e a Geeta estão a trabalhar no escritório, e sei que a sua irmã mais velha anda à procurar de um *part-time*.

– Vi a placa a dizer Pondlife a caminho daqui – disse eu a Teddy e a Geeta. – O Nile contou-me que vendem piscinas para jardins.

– De certa forma – concordou Teddy. – A Geeta e eu gerimos o negócio da família que é criar lagoas nadáveis.

– Lagoas nadáveis? – repeti, confusa.

– Lagoas suficientemente grandes onde se possa nadar – explicou Geeta. – A instalação é cara, mas são muito ecológicas porque se mantêm naturalmente limpas e a manutenção é muito fácil.

– Foi o meu pai que fundou a empresa quando vivíamos em Bristol – revelou Teddy. – Deixou a universidade após o primeiro ano e foi trabalhar para alguns amigos da família, na Alemanha, que tinham um negócio de lagoas nadáveis. Lá já era algo muito popular antes de a moda pegar aqui. O

nosso negócio foi crescendo lentamente ao longo dos anos.

– Nunca tinha ouvido falar nisso, mas parece-me uma boa ideia – respondi.

– Era, e tens de admitir, Nile, que, por vezes, mergulhar de cabeça numa ideia que parece cara e idiota, funciona – disse-lhe Sheila, diretamente.

– *Touché* – respondeu ele com um sorriso que lhe transformou o rosto em algo mais humano, e perigosamente mais atraente, do que um deus grego. – Tenho a certeza de que haverá um grande mercado no Yorkshire para oleiras que servem bolinhos de Bergen e para salões de chá caros.

– Haverá – replicou Bel firmemente. – E podemos ajudar-nos mutuamente, não é, Alice? Usar todos os nossos recursos. Nadar ou afogar juntos.

– Gastar muito e arriscar? – sugeri.

Teddy gemeu.

– Tens a experiência do *catering* que nós não temos, enquanto eu sou mestre em renovações e decorações – disse Bel.

– Parece-me muito bem – concordei.

– Talvez devesse ter um plano B, para o caso de o salão de chá não resultar – sugeriu-me Nile, pessimista.

– Oh, cortaria nas despesas, venderia o café, compraria um pequeno chalé e tentaria ganhar a vida – respondi, embora não tenha dito que seria provavelmente a escrever contos de fadas de terror.

– Ou pode mudar-se permanentemente para aqui e ajudar-me a renovar a casa, pois será um projeto para demorar uma eternidade, como pintar a Forth Bridge – ofereceu Sheila. – Mas ignore o Nile, o copo dele está sempre meio vazio. Tenho a certeza de que o seu salão de chá será um grande sucesso.

Eu estava a começar a sentir que conhecia a família Giddings há muito tempo e aproveitei a oportunidade para fazer a pergunta que desejava fazer há horas.

– De onde recebeu a Quinta Oldstone o nome?

– Oh, do afloramento natural que há numa colina aqui perto. Não a viste quando chegaste? – perguntou Teddy.

– Não, estava a começar a escurecer e não se conseguia ver grande coisa por causa da neblina.

– O Oldstone não é realmente assim tão perto daqui, mas é um marco. A dada altura, um círculo de pedras foi erigido à sua volta, mas caiu – explicou Nile.

– É um ótimo lugar para piqueniques no verão – comentou Geeta. – Se se conhecer o caminho através das pequenas estradas laterais, pode estacionar-se muito perto dele, apesar de também haver um caminho que o atravessa.

– E também tem uma certa ligação com as Brontë – acrescentou Bel. – Diz-se que era o lugar preferido de Emily, apesar de eu achar que não existem provas e que ficava muito longe de Haworth para se ir a pé.

– É um lugar estranho. O vento parece assobiar nas pedras mesmo nas noites de verão – comentou Sheila.

– Conta-se toda a espécie de histórias acerca dele. Aparentemente, uma vez foi lá abandonado um bebé, apesar de eu não compreender como seria uma mãe capaz de fazer isso – disse Geeta, acariciando carinhosamente a cabeça de Casper.

A sala começou a andar à roda.

– É uma lenda antiga? – ouvi Bel perguntar, como se estivesse a uma grande distância.

– Na verdade, acho que ocorreu recentemente, agora que perguntas – recordou Sheila. – Aliás, há não muitos anos, o Paul trouxe-me aqui depois de nos termos comprometido para conhecer o pai e os avós dele pela primeira vez, Oldstone é a casa de família, sabes, pelo que Paul sempre passou aqui muito tempo.

Depois, reparando na minha expressão, ela olhou-me, preocupada, e perguntou:

– Sente-se bem, Alice? Está tão pálida.

– Sim... estou ótima – respondi, depois disse sem pensar: – É que... acho que esse bebé sou eu!

⁷ Comida disponível, sem ter de ser preparada. (*N. da T.*)

Felizmente, no momento crítico, o meu pai estivera numa das suas enormes viagens de trabalho com a associação de caridade médica I-Cee. Cirurgião oftálmico, reformara-se antecipadamente ao receber uma herança substancial, mas manteve-se ativo ao trabalhar em países onde uma simples operação às cataratas podia ser um milagre e um acontecimento capaz de mudar a vida de alguém. As pessoas diziam muitas vezes o quão bondoso e maravilhoso era da parte dele dedicar o seu tempo não pago ao trabalho, no entanto, pessoalmente, acho que ele simplesmente gostava de deter o poder divino de fazer com que os cegos vissem.

Ruínas

Toda a família se virou para olhar para mim – até Casper parou momentaneamente de mexer na colher de plástico no tabuleiro da sua cadeira alta. Depois Sheila perguntou gentilmente:

– O que a faz pensar que poderia ser a Alice?

– Fui abandonada e a minha mãe adotiva disse-me que fui deixada na charneca próxima de Haworth. Na minha certidão de nascimento deram-me o nome de Oldstone, pelo que, quando Nile me disse que era assim que a sua casa se chamava, pensei que talvez tivesse sido abandonada aqui perto... Ou que alguém da família me tivesse encontrado.

– Acho que não, pois tenho a certeza de que, se fosse o caso, teria sido mencionado quando me contaram – afirmou Sheila.

– Então parece que recebeste literalmente o nome do sítio onde foste encontrada – comentou Teddy, interessado. – Devo dizer que nunca tinha ouvido essa história.

– A última empregada contou-me, e também me falou do espírito do cão sem cabeça que deu o nome à Charneca Blackdog^s – referiu Geeta, encolhendo os ombros. – Tem os olhos vermelhos e traz má sorte.

– Não sei como se saberia que o cão tem os olhos vermelhos se não tem cabeça – objetou Nile.

– Não, e se aquela empregada tivesse passado tanto tempo a trabalhar como passou a cochichar, ainda seria a empregada atual e não a última – argumentou Sheila.

Eu estava perdida nos meus pensamentos, mas olhei para cima e vi os olhos claros e acinzentados de Nile fixos no meu rosto. A sua expressão era mais suave do que habitualmente quando olhava para mim, mas, enfim, tínhamos começado com o pé esquerdo.

– A tua mãe biológica nunca te reclamou? – perguntou ele.

Neguei com a cabeça.

– O meu pai disse que era muito provável que ela fosse muito jovem e talvez não se tivesse apercebido de que estava grávida quando deu à luz, por isso abandonou-me em pânico.

– Creio que normalmente é esse o caso – concordou Sheila.

– Espero que os teus pais adotivos tenham sido bondosos – comentou Bel.

– Bem, o meu pai era espetacular, mas morreu no final da minha adolescência e eu saí de casa pouco depois. Nunca me dei bem com a Nessa, a minha mãe, e não nos mantivemos em contacto.

– Isso é muito triste – compadeceu-se Sheila.

– E agora voltaste às origens – disse Bel, parecendo fascinada. – Já pensaste que, se fores fisicamente parecida com os teus pais, talvez alguém das redondezas te reconheça?

– Passou-me isso pela cabeça – admiti.

– Olhos verde-claros e cabelo ruivo comprido – refletiu Sheila. – Não me traz ninguém à memória... Mas, enfim, também só vivemos aqui há alguns anos, apesar de, claro, antes costumarmos cá passar as férias e os fins de semana grandes.

– Eu acho que ela parece ligeiramente familiar – admitiu Bel. – Tive essa impressão assim que a vi.

– Isso é porque é a cara chapada de Lizzie Siddal, a musa pré-raphaelita – explicou-lhe Nile. – Já a viram em imensos quadros.

– Não sou nada! – disparei, automaticamente, e ele sorriu, parecendo contente por me ter provocado.

– Na verdade, acho que ele tem razão, apesar de seres muito mais bonita – acrescentou Bel. – Vieste viver para Haworth na esperança de encontrares a tua mãe biológica, Alice? Há pistas sobre...

– Bel, isso não nos diz respeito – repreendeu Sheila suavemente. – Bom, alguém quer outra fatia de tarte de maçã antes do café?

– Eu, mas não devia – gemeu Bel. – A minha cintura está a desaparecer desde que voltei para casa.

– Eu acho que nunca tive cintura – comentou Teddy. – Devemos ter uma constituição diferente, Bel.

– Ela terá, se continuar a comer tanto – disse Nile.

– Lá por não gostares particularmente de doces e de conseguires resistir à tentação, não significa que sejas um mortal superior – censurou a irmã, indignada. – De qualquer forma, é melhor ser um pouco rechonchuda do que ser tão magra ao ponto de ser levada pelo vento.

Aquilo era um exagero, pois embora Nile fosse mais para o elegante, os seus ombros eram suficientemente largos e eu sabia que ele era muito forte pela forma como carregara a minha mala de viagem como se fosse leve como uma pena.

– Aumentei de peso quando estava grávida de Casper e tudo o que queria era comer pistácio e *kulfi* de água de rosas e chocolates *Mars* – recordou Geeta. – Nunca tive problemas antes disso.

– Não é um problema: eu gosto de ti, fofinha – disse-lhe Teddy e trocaram um olhar afetuoso.

Depois daquilo, deixei, gratamente, a conversa de família desvanecer sobre a minha cabeça, pensando no que aprendera: desde que Nile me dissera o nome da casa que pensara ter sido encontrada nas redondezas e que Nessa exagerara ao dizer que o sítio não tinha nada à volta só para ser cruel. Agora que me apercebia de que ela dissera a verdade, a minha determinação em descobrir tudo o que pudesse fora reforçada.

Teddy e Geeta foram para o seu apartamento logo após o jantar para meterem o bebé na cama e eu declinei o café, queixando-me de que estava muito cansada depois de um dia tão longo, indo logo para o meu quarto.

A minha mente não parava e queria estar sozinha para pensar, mas, assim que vi a cama, com lençóis de um branco cristalino e uma imensa colcha de cetim antiga aos quadrados azuis, fui praticamente assolada por uma onda de cansaço.

Arranjei-me rapidamente e meti-me na cama, sentindo-me como se quisesse dormir durante cem anos, de preferência sem a companhia das aranhas gigantes da minha história.

– *Rói depressa!* – ordenou Bela ao pequeno rato. – *Consigo ouvir a aranha a mexer-se!*

– *Esta teia é nojenta* – disse ele, cuspindo e ajeitando os bigodes. – *Ficas a dever-me uma por isto!*

– *Tudo o que quiseses* – prometeu ela, olhando, receosa, por cima do ombro. – *Queijo*

durante a vida toda... O que for!

– O queijo é muito sobrevalorizado – disse o rato. – Prefiro uma boa barra de chocolate negro.

– O que é chocolate?

O rato suspirou.

– De todos os portais do País das Fadas, eu tive logo de escolher este – disse ele.

Acordei muito mais tarde do que o habitual, provavelmente porque o dia anterior durara uma eternidade... Ou pelo menos foi o que pareceu.

Quando descí as escadas, a cozinha estava sem ninguém, à exceção de Bel, que comia uma torrada e lia o jornal.

Disse que estava encarregada do pequeno-almoço.

– A minha mãe gosta de ir cedo para o estúdio, enquanto eu sou uma pessoa mais relaxada e tardia, faço sempre o pequeno-almoço quando tenho convidados – explicou, servindo-me café. – Vou fazer-te ovos mexidos.

– Não te incomodes – retorqui. – Fico bem com torradas.

– Não incomoda nada. Alguns hóspedes esperam pelo típico pequeno-almoço inglês, mas nós não estamos preparados fora de época.

– Onde está o Nile? – perguntei, esperando que ele se tivesse lembrado da oferta da boleia que me fizera.

– Foi dar um passeio com o *Honey*, mas disse que te leva à aldeia assim que estiveres pronta.

– Não lhe quero dar trabalho, se ele não precisa de lá ir. Posso chamar um táxi – sugeri.

– Oh, ele não se importa. Muitas vezes vem passar o fim de semana a casa, não consegue resistir ao almoço de domingo da minha mãe, mas tem um cliente que vem hoje à loja e por isso tem de lá ir.

– Então, está bem – disse eu, aliviada. – Quando amanhã o meu carro chegar já não darei trabalho e poderei acampar no apartamento por cima do café até ter uma cama.

– Oh, mas esperamos que fiques, pelo menos, uma semana! – protestou Bel. – A Sheila vai cobrar-te metade do preço porque tencionamos pedir-te muitos conselhos gratuitos sobre como abrir um café.

– Ajudarei de qualquer maneira – respondi. Mas seria realmente mais confortável ficar na Quinta Oldstone até ter aquecimento e uma cama no apartamento. Assim que tivesse de volta o meu meio de transporte e a minha independência.

A cozinha ficava na parte traseira da casa e, enquanto Bel fazia os ovos, eu peguei na minha caneca de café e fui admirar a vista sobre a charneca. O tempo mudara inteiramente e a manhã estava luminosa, ensolarada e tão clara que o pedaço de rochedo na colina distante sobressaía como um atrevido ponto de exclamação preto.

– Suponho que aquilo seja o Oldstone? – perguntei-lhe, sentindo-me ao mesmo tempo atraída e repelida pelo monólito.

– Sim, é. Nos mapas surge com o nome Dedo do Diabo, mas acho que devem ter sido as pessoas de Ordnance Survey a inventá-lo.

– Parece tão próximo.

– Pois é, mas engana, está a quilómetros de distância, realmente – retorquiu. Suspeitei que estava

desejosa de falar sobre o facto de eu ter sido encontrada ali, mas que não queria ser a primeira a tocar no assunto.

Na verdade, senti-me estranhamente à vontade com Bel, como se ela fosse alguém que eu conhecia há anos, contudo, ainda não estava pronta a fazer-lhe confidências, como fazia a Lola.

Após o pequeno-almoço, Nile veio ver se eu já estava pronta para sair. Usava calças de ganga em vez do seu fato elegante, e uma suave camisola azul-acinzentada que só podia ser de caxemira: gritava elegância mesmo quando estava vestido informalmente.

Antes de sairmos, Bel ofereceu-se para ir ter à cidade mais tarde e mostrar-me as grandes lojas.

– Adoro fazer compras, principalmente para a casa, e também podíamos escolher as cores para as tintas. Enfim, estou ansiosa para ver o café – admitiu ela, cândida.

– Não queres trabalhar? – perguntei.

– Não, normalmente tiro os fins de semana, ao contrário da minha mãe. Mas, enfim, ela tem comissões para motivá-la, enquanto eu ainda estou a tentar ganhar reputação.

– Gostava de ver o teu estúdio e o que fazes.

– Podes ver mais tarde, ou amanhã, não podes? – questionou Nile, balançando impacientemente as chaves do carro, pelo que percebi a dica e fui buscar o meu casaco.

No início, Nile ficou em silêncio enquanto conduzia, embora eu tivesse pensado que isso se devesse ao facto de ter ficado impressionado com o meu casaco de acrílico verde-esmeralda, que ainda não vira; mas depois ele disse sem mais nem menos:

– Vieste mesmo a Haworth tentar encontrar a tua mãe biológica, não foi?

– Certamente não me mudei para aqui apenas com essa intenção – repliquei, arrebatada. – É que nunca senti que pertencesse a lugar nenhum até a Edie, uma velha amiga minha, referir que eu poderia ter nascido aqui, por isso, se me sentisse em casa nalgum sítio, seria aqui.

– Acho que isso é verdade, mas eu descartaria qualquer ideia de encontrares a tua mãe biológica – afirmou ele, para minha surpresa. – Afinal, se ela nunca se chegou à frente para te reclamar, pode não te receber de braços abertos. A vida nem sempre nos dá os finais felizes que esperamos.

Até agora, a vida não parecia ter-te dado nenhum final feliz!

– Obrigada, mas já pensei nesse cenário – disse-lhe eu. – Quero encontrá-la para que me possa dizer quem sou e que circunstâncias a levaram a deixar-me na charneca. Não me sinto zangada nem acusatória, só gostaria de saber.

– Ela agora pode ter uma família nova a quem não contou nada.

– Também já pensei nessa hipótese. Se a encontrar e ela não me quiser conhecer, respeitá-la-ei.

– Se estivesse no teu lugar, deixaria tudo como está e concentrar-me-ia nesse teu magnânimo salão de chá. Só Deus sabe que precisarás de toda a ajuda que conseguires arranjar.

– Bolas, obrigada pelo apoio, senhor Pequeno e Perfeito – disparei, sarcástica, e depois disso não voltámos a falar até ele serpentear pelas ruas traseiras até entrar pelo beco e estacionar.

Achei que não estava habituado a que uma mulher não se babasse por ele nem aplaudisse tudo o que dizia, o que só lhe faria bem.

Quando saímos, ele disse cordialmente que nos encontraríamos mais tarde, mas que eu sabia onde encontrá-lo se precisasse de alguma coisa.

Depois foi-se embora, com uma brisa penetrante a esvoaçar-lhe os caracóis preto-azulados da testa, como um secador de cabelo pesado.

8 Em português: cão preto. (*N. da T.*)

Eu escondera o meu breve romance do verão anterior do meu pai, sabia que ele não aprovaria nada que me roubasse tempo aos estudos, pelo que nada poderia causar a mínima suspeita na sua cabeça.

E ele também tivera razão, pois apercebera-me muito antes da noite fatídica que «estar apaixonada» fora meramente o sonho de uma noite de verão de ilusão e fantasia, no meu caso causada pelas hormonas adolescentes. Não tinha a mínima intenção de sequer voltar a sucumbir a algo do género.

Tendo lidado com as consequências da minha estupidez, estudei muito para os exames e aceitei o lugar na Universidade de Oxford para estudar medicina. O meu pai ficou extremamente agradado e passou a dar-me uma mesada generosa.

Ovelhas Perdidas

Passei a manhã a lavar e a guardar o resto da porcelana com padrão de salgueiros e a acrescentar ainda mais coisas às listas do café e do apartamento, que agora eram tão compridas como o romance que eu estava supostamente a escrever...

Apesar de, na verdade, eu estar cada vez mais interessada na Bela e no que lhe poderia acontecer. Sabia que acabaria por ter de resolver tudo e fundir todas as pequenas cenas que escrevera na esperança de criar um livro.

Assim que ficou livre, Bela correu para a porta e, fechando-a com força, trancou-a, não sem antes vislumbrar brevemente a figura monstruosa. Era óbvio que a aranha ficara ainda maior durante o seu sono prolongado.

Bela estava contente por não lhe ter acontecido o mesmo, pois já era rechonchudinha aquando do feitiço. Por outro lado, não se teria importado de ter perdido uns quilinhos... Ainda assim, a sua ama sempre dissera que os príncipes gostavam de raparigas curvilíneas – e, logo que escapasse do seu aborrecido encantamento, iria procurar um para testar a teoria.

A não ser, é claro, que ele a encontrasse primeiro, pois conseguia ouvir o som fraco de uma serra.

O novo *router* da internet chegou pelo correio, apesar de, claro, ser completamente inútil até a linha telefónica estar ligada. Mas eu teria de me desvencilhar sem ele, pois aprendera a lição ao usar a internet de Nile sem sua permissão.

Juntamente com o *router* veio um molho de envelopes de aspeto suspeito para Mrs. Muswell. À primeira vista, diria que continham um conjunto inteiro de exigências finais, pelo que o reencaminhei para o advogado dela. Esperava apenas que Nile não tivesse razão quando previra que um grupo de reivindicadores me batesse à porta... Apesar de, logo após o carteiro, um homem ter batido à porta e dito que vinha buscar as antigas mesas e cadeiras que comprara a Mrs. Muswell. Não tivera oportunidade de as ir buscar mais cedo porque a sua carrinha tinha sido envolvida num acidente e ficou mais do que zangado e agressivo quando percebeu que não poderia levá-las. Eu não ia mudar a minha decisão, e também o reencaminhei para o advogado de Mrs. Muswell.

Quando Bel chegou, fiz-lhe a visita guiada ao café e ao apartamento, depois saímos para ver camas, a minha primeira prioridade na lista.

No entanto, antes, conversámos enquanto comíamos um hambúrguer com batatas fritas que tínhamos ido buscar ao *drive-through* (ainda bem que Nile não estava lá para criticar a nossa

opção). O mais estranho em relação a Bel era o facto de assim que a conheci sentir que ela era uma velha amiga que não via há anos, e ela disse sentir exatamente o mesmo.

– Talvez nos tenhamos conhecido numa existência anterior? – sugeri, mas já tinha problemas que chegassem ao tentar desvendar o presente para explorar tal ideia.

Contei-lhe um pouco mais sobre o meu passado na Cornualha e como mudara para a Escócia, pensando ter finalmente encontrado o homem com quem me poderia estabelecer até ele ter morrido num acidente.

Em troca, ela explicou que era divorciada – o divórcio não fora amigável, pois ele tivera um caso com a sua melhor amiga – e agora só queria ficar em Oldstone e atirar-se à sua carreira.

– Detestava ensinar e acho que não era muito boa professora – confessou. – Passava todo o meu tempo livre no estúdio, uma cabana no jardim, e o Chris, o meu ex, ficava com ciúmes.

– O Dan, o meu falecido noivo, foi o único homem com quem vivi – referi. – Estava muitas vezes fora e por isso tinha tempo para mim, para escrever.

– Tu escreves? Que tipo de coisas? – perguntou ela, interessada.

– Contos de fadas atualizados e com um toque de terror. Quando era pequenina, o meu pai contava-me uma versão em conto da forma como eu fora abandonada em bebé, e, à medida que fui crescendo, íamos acrescentando mais pormenores e assim continuei a partir daí, só que de uma forma mais obscura.

– Que giro! – disse ela. – A minha mãe toda a vida foi uma artista bem-sucedida, enquanto o meu pai construía o negócio das lagoas nadáveis. Acho que saio a ela, mas o nosso trabalho é muito diferente. Toda a família adora Oldstone, passámos aqui tantas férias felizes antes de nos mudarmos de vez, agora estamos a renová-la no nosso tempo livre.

– Compreendo, o lugar é lindo de uma forma especial, mesmo quando há muita neblina.

– Adoro ver o céu a mudar sob a charneca e a forma como as nuvens negras se cerram de súbito como se fossem cortinas – concordou ela. – Mas no verão, com as abelhas a zumbir e os pássaros a cantar, fica um sítio totalmente diferente.

– E com os turistas, também?

– Bom, nós estamos certamente no caminho dos turistas, pois eles passam enquanto se dirigem para Oldstone, o Hiker's Café e para o restaurante perto do Standing Stones Motel. Só preciso de os atrair para a nossa olaria.

– Já não recebem muitos visitantes interessados nas lagoas nadáveis? Presumo que a da vossa casa seja um modelo?

– Não, essa foi feita para nós, todos preferimos nadar naturalmente, enfim, foi assim que crescemos. A maior parte das encomendas é conseguida atrás do *site* na internet e do boca-a-boca, pelo que não são assim tantos os clientes que aparecem. O Teddy e a Geeta visitam os potenciais clientes e depois visitam o local até este estar finalizado. Têm uma equipa que instala tudo, mas continuam sediados em Bristol, onde está o armazém, pelo que andam sempre para cima e para baixo.

– Deve ser difícil, com o bebé.

– Normalmente é o Teddy que viaja desde que o Casper nasceu, a Geeta tem feito mais trabalho de administração. Tem funcionado e, como a Geeta diz, as crianças não são pequenas durante muito tempo. Conta com a ajuda de uma simpática rapariga daqui chamada Jan para tomar conta de Casper. É provável que a vejas lá em casa.

– Então, parece que estamos as duas a começar de novo e a construir negócios bem-sucedidos para ficarmos aqui para sempre! – concluí.

– Parece-me um bom plano – respondeu ela, contente, depois, levou-me a um centro comercial perto dali onde me encorajou a comprar uma linda cama de metal pintado de branco, com esculturas de rosas na cabeceira, em vez do simples e económico divã que eu procurava. Em seguida, continuámos por uma longa fila de colchões até encontrarmos o certo, como a Caracóis Dourados, mas sem os ursos.

A seguir, comprámos imensos catálogos de tintas e algumas amostras de latas pequenas (sentia-me inspirada pela decoração escandinava de Sheila), candeeiros baratos de papel em forma de globo e algumas outras coisas para o meu apartamento. Não queria comprar muita coisa até ver quais das minhas cortinas ficavam bem nas janelas e se tinha lençóis suficientes para uma cama extra, assim que a comprasse.

Já era fim de tarde quando terminámos, pelo que fomos diretamente para a Quinta Oldstone e, depois de termos posto os sacos no meu quarto, Bel fez-me uma visita guiada ao terreno.

Não era extenso, já que desde que deixara de existir como quinta a terra fora vendida, porém estendia-se até um jardim de vegetais com muro feito de pedra, onde estavam as galinhas, e a um bloco substancial em forma de U.

O que fora o celeiro era agora utilizado como garagem, mas o sótão por cima fora convertido nos escritórios da Pondlife, com um vão de escadas original a dar lá para cima.

Alguns estábulos da zona central tinham sido transformados em dois estúdios de olaria, um forno e uma despensa e Bel mostrou-me esses primeiro.

– As portas do estábulo serão perfeitas, pois poderemos abrir as duas metades superiores do estúdio quando tivermos visitantes para que nos possam ver a trabalhar – disse ela. – Depois, quando se fartarem, podem ir beber café, comer bolo e comprar algumas das minhas peças mais pequenas, como joias, por exemplo.

– Fazes joias de porcelana? – perguntei, surpreendida.

– Sim, quando andava na faculdade de belas-artes costumava colecionar alfinetes de porcelana vitorianos, normalmente em forma de flores, o que me inspirava. Estou a começar a ganhar algum nome nessa área, penso que é por se tratar de um tipo de arte que pode usar-se. – Mostrou-me algumas das peças, que eram lindas, apesar de não serem de todo vitorianas nem florais. Também me foi permitido vislumbrar uma grande mostra do trabalho de Sheila, pronto a ser embalado.

– Tudo o que faz é logo vendido. As galerias não têm mãos a medir – referiu Bel, orgulhosa. – Anda, vou mostrar-te a garagem dos coches, onde será o café.

Era um espaço grande, de pedra, ensanduichado entre os estúdios e o escritório da Pondlife. Pensei que seria ideal... depois de muito trabalho. Não tinha a certeza se Bel e a mãe se apercebiavam do trabalho que aquilo ia dar antes de poderem servir os refrescos leves que planeavam.

– Podíamos pôr as mesas no centro e as minhas cerâmicas dispostas ao longo das paredes, para atrair compras impulsivas – dizia Bel. – Talvez mais tarde pudéssemos aceitar outros trabalhos de artesanato ou até transformar mais estábulos em estúdios.

Olhei em volta das paredes de pedra e das lindas vigas do telhado.

– Teríamos de envidraçar a grande porta de entrada para ter mais luz. Aquelas janelas altas ajudam. São originais?

– Não, acho que as remodelaram ao estilo vitoriano – respondeu. – Já temos eletricidade nos

estúdios e no escritório da Pondlife, claro, o que dá jeito.

– E, presumivelmente, já têm água ligada? Precisam de um lavatório só para o pessoal, atrás do balcão, se venderem comida ao público. São regras de higiene e segurança que têm de cumprir.

– Acho que sim – retorquiu ela, vagamente. – Podes ver agora que a minha mãe e eu precisamos realmente de muita ajuda com esta ideia do café, porque simplesmente não sabemos por onde começar. Foi um enorme golpe de sorte teres aparecido!

– O vosso será fácil de planear e estabelecer comparado com o meu salão de chá – disse eu –, apesar de ainda terem de cumprir o planeamento e as regras de higiene.

– Isso parece assustador.

– Não te preocupes, eu ajudo. De qualquer forma, também preciso de me atualizar em relação às regulamentações atuais.

– Estou a ver que valerás o teu peso em pequenos-almoços cozinhados – disse ela, a sorrir.

O prematuro feitiço invernal tinha revertido vivamente para o sol dourado de setembro com um pouco de calor e, enquanto voltávamos para a casa, parámos para olhar para a lagoa onde se podia nadar.

– Tem um ar muito convidativo com o céu azul refletido – disse eu.

– Por vezes nadamos em setembro, quando temos verões tardios. Este ano, não, está demasiado frio, mesmo num dia como o de hoje.

Tremi.

– Ainda acho que prefiro piscinas cobertas e aquecidas.

– Veremos se conseguimos mudar a tua opinião no próximo verão, quando estiver calor.

Bel terminou a visita guiada ao conduzir-me à volta da casa, que era uma total mistura de estilos que, de certa forma, se tinham fundido num único. A parte mais antiga tinha muitas salas pequenas, escuras e apaineladas, e uma enorme sala de jantar formal, que ela referiu nunca ser usada porque eles preferiam comer na cozinha.

– Recuperar o telhado custou quase todas as nossas poupanças, pelo que a minha mãe está a trabalhar no resto da casa, uma divisão de cada vez – explicou Bel. – Todos ajudámos a tirar o papel de parede, a polir e a pintar. Tudo. Depois, tivemos um par de semanas de folga e começámos com outro. Acho que um dos quartos da tua ala é o próximo, para ela poder receber hóspedes no verão que vem.

Dois quartos para alugar já estavam terminados, incluindo o meu, mas outros três ainda estavam velhos e a precisar de atenção.

– Também há quartos no sótão que pertenciam aos criados – comentou Bel. – Mas alguns estão cheios de tralha e podem esperar até termos completado o resto da casa. A minha mãe vai lá de vez em quando para ver o que há de mobília e, por vezes, volta com algo interessante.

Vi um pouco das divisões de Teddy e Geeta através da porta aberta da sala de estar e observei os quartos ocupados pela família, todos recuperados. O de Nile tinha uma enorme cama de quatro postes e um grande roupeiro adequado para pendurar capas de vampiros.

A casa estivera silenciosa e deserta até termos aberto a porta da cozinha e encontrado o bebé Casper na sua cadeira alta, a bater animadamente com uma colher no tabuleiro enquanto Sheila cozinhava.

– Ah, estão aí! – disse ela por cima do ombro. – Frango estufado com massa, e somos só nós esta noite porque o Nile vai jantar com um cliente e a Geeta e o Teddy foram ter com uns amigos.

O frango cheirava maravilhosamente bem. Fiquei muito contente por não ser cabeça de cordeiro. Talvez o Nile tivesse dito aquilo a brincar.

* * *

Ao jantar, eu disse a Sheila que a decoração escandinava do meu quarto, cheia de azuis-acinzentados ásperos, cremes quentes e brancos suaves inspirara o meu esquema de cores para o apartamento e para o café.

– É muito tranquilo e relaxante, sem ser frio, pelo que acho que será perfeito, e também funcionará com a porcelana azul e branca.

Sheila anotou pormenorizadamente os contactos do seu faz-tudo, que era muito bom, para aqueles trabalhos que eu não podia fazer sozinha.

– E, se precisar de canalizadores e eletricistas, ele também lhos pode arranjar – acrescentou. – Pode confiar no Jack.

– Isso será muito útil, obrigada – agradei. – A cama que encomendámos deve chegar na sexta-feira, se me conseguirem encontrar – acrescentei –, mas gostaria de pintar o apartamento primeiro, se não se importar que eu fique aqui até lá?

– Claro que não, fique o tempo que precisar – respondeu ela, hospitaleira. – Aliás, eu estava a contar consigo até ao próximo fim de semana, pelo menos.

Honey, o Labrador, que, como de costume, se encontrava deitado debaixo da cadeira alta à espera que caíssem pedaços de comida, abanou a cauda de modo aprovador.

Após o jantar, Sheila foi deitar Casper e ver televisão no apartamento de Teddy e Geeta até eles chegarem, enquanto Bel e eu arrumámos a cozinha.

Depois, Bel sugeriu que tomássemos o café na biblioteca e procurássemos *on-line* artigos de jornais sobre a minha descoberta na charneca.

– A ligação é muito lenta, mas acho que podemos tentar, se quiseres?

– Estou ansiosa para fazê-lo – confessei. Acho que em parte se devia à ideia idiota de encontrar a minha mãe cara a cara enquanto atravessava pela primeira vez a rua principal de Haworth, que ela me reconheceria por eu ser a sua cara chapada, contudo, esse tipo de coisa só acontece nos contos de fadas.

– E as crianças nem sempre se parecem aos pais, pois não? – referiu ela. – O Teddy e eu somos altos como o meu pai, mas ele tinha cabelo castanho e encaracolado, enquanto nós somos loiros e temos olhos azuis como os da minha mãe.

Eu estava desejosa por perguntar de onde vinha o misterioso e moreno Nile, mas não quis parecer bisbilhoteira... nem demasiado interessada. Era cada vez mais provável que ele fosse filho de Sheila por causa de padrões anteriores.

– Foram encontradas pistas contigo? – perguntou Bel.

– Pistas?

– Coisas que possam ajudar a localizar a tua mãe, como as roupas que vestias? Uma vez li que as mães pobres da época vitoriana costumavam deixar os bebés nos hospitais com um sinal para que pudessem reclamá-los quando as suas circunstâncias melhorassem. Eram tão pobres que normalmente deixavam uma bolota ou um botão. De partir o coração, não é?

– Sim, e imagino que praticamente nenhuma delas tenha reclamado os filhos – concordei. – O meu pai nunca mencionou nada disso, pelo que não faço ideia. Anda, vamos dar uma vista de olhos e ver

o que encontramos.

– Começaremos com os jornais nacionais – sugeri. – Alguns dos jornais locais podem referir mais pormenores, mas podemos ter uma visão mais abrangente primeiro se pesquisarmos pelo ano em que nasceste e pela tua data de nascimento.

– A minha data de nascimento oficial é o dia em que fui encontrada – disse. – Tinha só algumas horas de vida, pelo que devo ter nascido nesse dia ou no dia anterior.

Demorámos algum tempo a procurar, usando várias combinações de palavras até finalmente encontrarmos ouro. Parecia que eu não tinha sido uma notícia nacional, já que estavam a acontecer muitas coisas no mundo, como um grande julgamento por homicídio, porém, todos os jornais diários cobriram a história, apesar de ter desaparecido quando se tornou evidente que a mãe não se apresentaria, nem seria descoberta.

– Eu estava fora de casa antes de amanhecer à procura de uma ovelha perdida perto daquele pedregulho da colina, chamamos-lhe Oldstone, mas aparece nos mapas como Dedo do Diabo, e ouvi qualquer coisa – disse o agricultor local, Joe Godet. – Pensei que fosse uma ovelha prematura, mas era um bebé a chorar. Estava embrulhado num tapete branco de pele de ovelha, do género que se compra em qualquer loja para turistas daqui, e metido dentro de um buraco no meio das rochas. Não sei como sobreviveu ao frio, não deve ter lá ficado muito tempo e a pele de ovelha deve tê-lo protegido.

O repórter prosseguia escrevendo que o agricultor parecia invadido pela emoção quando acrescentou:

– Era uma menina, uma pobre coitada com um lábio leporino e franzina como uma galinha depenada.

– Que estranho, um tapete de pele de ovelha – exclamei.

– O agricultor parecia querido – comentou Bel. – Não me apercebi de que tinhas um lábio leporino, Alice. Quase não se nota!

– Tive sorte, pois não era um caso grave e o meu pai disse que eu tive um ótimo cirurgião. Tenho uma cicatriz pequena que curou bem e com um pouco de maquilhagem quase não se nota.

A maior parte dos jornais diários tinha versões da mesma história, depois pareci ter perdido o meu encanto pelos leitores por só ter encontrado uma atualização no *e-mail*:

O bebé abandonado perto de um marco local, na Charneca de Blackdog, no Yorkshire Ocidental, foi batizado com o nome de Alice, em honra da falecida esposa do agricultor que a encontrou. Apesar de ser um pouco prematura, encontra-se bem e será submetida a uma operação para corrigir o lábio leporino assim que tiver forças suficientes. Uma fonte médica referiu que era incrível o que uma operação simples poderia fazer numa situação destas e que havia a forte possibilidade de um bom resultado, ficando apenas com uma cicatriz minimamente visível...

– Bem, tinham toda a razão – comentou Bel, olhando para cima.

– Apesar dos extensivos interrogatórios policiais, a mãe não foi encontrada – continuava o artigo

–, pelo que o bebé será colocado num orfanato assim que os tratamentos médicos forem concluídos.

– Dizem que Oldstone é perto de Haworth, mas não me disseste que, na verdade, fica muito mais perto de outra aldeia?

– Sim, fica muito mais perto de Upvale. Acho que referem sempre Haworth porque é mais conhecido.

Ela pegou num mapa e mostrou-me e, realmente, ficava a quilómetros de Haworth, enquanto Upvale se localizava mesmo por baixo, num pequeno vale.

– Acho que devo ter nascido algures por aqui, e não em Haworth.

– Mas ela devia ser daqui para saber que caminhos alternativos tomar em direção a Oldstone – referiu Bel. – O outro único caminho é o que o atravessa e não me parece que ela tenha seguido por aí no escuro.

– Se assumirmos que foi a minha mãe biológica a pôr-me lá – disse eu. – Pode ter sido outra pessoa.

– Pode ter sido, agora que penso nisso, mas, ainda assim, tinha de conhecer muito bem os caminhos porque, naquele tempo, poucos turistas vinham a Oldstone. Agora é mais popular por causa da ligação que Charlotte Brontë tem a uma quinta que fica nas redondezas. No ano passado encontraram lá um diário que referia que ela se inspirara no agricultor que lá vivia para criar Mr. Rochester. Leste sobre isso?

Assenti.

– Sim, foi descoberto por uma das minhas romancistas preferidas, a Eleri Groves, que acabou por casar com o atual dono da quinta – respondi, depois ocorreu-me algo. – Não diz no artigo que o agricultor que me encontrou se chamava Godet? A Eleri casou com um homem chamado Henry Godet.

– Oh, sim, pois foi, mas acho que há muitos Godet por aqui e que são todos relacionados.

– Isto está cada vez mais curioso – comentei. – É tão estranho que todas estas coincidências tenham acontecido. Quero dizer, eu, na verdade, conheci a Eleri Groves! Há alguns anos ganhei um chá com ela na Framling's Famous Tearoom, em Londres, o que me proporcionou a inspiração para o meu salão de chá!

– É uma sorte, e, verdade seja dita, mais estranho do que ficção – concluiu Bel.

– Sim, e significa que, pelo menos, com esse nome, devo conseguir descobrir o agricultor que me encontrou. Quando me sentir com coragem suficiente, claro...

– Deve haver mais pormenores em algum jornal local – sugeriu Bel. – O *Upvale and District Gazette* é o maior e também cobre Haworth.

– Noutra altura vejo – disse eu. – Primeiro quero digerir o que descobrimos, e já é tarde.

– *Okay*, uma coisa de cada vez – concordou Bel.

* * *

Enquanto fechava as cortinas do meu quarto contra a escuridão densa e sem estrelas da noite, pensei na ponta do pedregulho antigo na colina distante e estremeci.

Um daqueles dias, teria de fazer uma peregrinação a pé até ao ponto onde fora encontrada, e não podia dizer que estivesse desejosa para isso.

Completei a minha formação de médica com distinção, não tendo qualquer interesse na cultura estudantil da bebida e idiotice geral que distraía tantos dos meus pares.

A dada altura, ponderei ser patologista, já que os mortos não necessitam que os seus médicos exibam qualquer tipo de maneiras junto à cama, que era o que me estavam sempre a dizer que eu não tinha.

Contudo, no final, acabei por juntar-me à prática geral perto de um campo de golfe muito famoso na Escócia. Tendo inicialmente jogado na minha adolescência para agradar ao meu pai, cedo me tornei na melhor jogadora, achando-o muito agradável e um excelente exercício para a saúde. Uma ou duas bebidas não alcoólicas relaxantes no clube, onde só podiam entrar os sócios, constituía a maior parte da minha vida social, com a qual eu me sentia perfeitamente satisfeita.

De Carocha

No dia seguinte, eu devia encontrar-me com Rory ao meio-dia no parque de estacionamento local, perto do Museu do Presbitério das Brontë, o que seria mais fácil do que ele encontrar sozinho o caminho do café. Um amigo que estudava na Universidade de Leeds iria buscá-lo e passariam alguns dias juntos antes de ele regressar à Escócia.

Bel dissera-me que Nile costumava ficar na Oldstone até depois do almoço de domingo, altura em que regressava ao seu apartamento, pelo que se voluntariou para me dar boleia para Haworth.

– Podíamos sair cedo e comprar as tintas para o apartamento a caminho, se quiseses? – ofereceu ela. – A não ser que queiras testar as amostras primeiro?

– Acho que agora já sei o que quero para o apartamento, e isso seria ótimo – respondi. – Penso que também vou precisar de pincéis e rolos.

– A não ser que pintes as paredes com os dedos – comentou Nile, entrando em busca do pequeno-almoço.

Ainda não se barbeara e o seu cabelo estava insolitamente despenteado, o que achei estranhamente mais atraente do que a sua visão normal de perfeição... Aliás, o meu coração pareceu parar por um instante e depois recomeçar com uma forte batida. Desviei rapidamente o olhar apesar de me sentir corar.

– Alguém gostaria de me fazer o pequeno-almoço? – perguntou ele com um sorriso vencedor.

– Não, mas tens muito tempo para fazer o teu próprio pequeno-almoço, porque eu é que vou dar boleia à Alice – disse-lhe Bel.

– O teu carro vem a caminho? – perguntou-me.

Ocupei-me a arrumar o meu prato e a minha caneca para não ter de olhar para ele.

– Sim, o Rory mandou-me uma mensagem hoje de manhã ao sair, pelo que já não tens de te preocupar com as minhas boleias.

– Não estava preocupado – retorquiu, enigmático, depois, começou a retirar os ingredientes para o que parecia ser um banquete para seis pessoas, e deixámo-lo à vontade.

* * *

– Se conseguir pintar o apartamento antes de a cama chegar na sexta-feira, poderia mudar-me no final da semana – sugeri a Bel mais tarde, enquanto nos dirigíamos de regresso a Haworth com a tinta.

– Eu acho que faria a mudança oficial no próximo domingo, se não a minha mãe ficará muito chateada e pensará que não gostas de estar connosco – sugeriu Bel com um sorriso. – Podes voltar depois do almoço, como o Nile faz.

– Bom... se achas que é melhor – concordei.

Ela deixou-me nas traseiras do café e eu levei as minhas compras até à porta de trás em várias viagens: a tinta é surpreendentemente pesada.

Depois, Rory enviou-me outra mensagem, desta vez a dizer que estava um pouco mais atrasado do que o esperado, pelo que deveria chegar depois da uma. Decidi preencher o tempo com uma caminhada relaxante pela aldeia, terminando no Presbitério. O céu estava encoberto e pensei que devia ter sido deprimente para as Brontë olhar para o cemitério, principalmente quando os irmãos começaram a morrer, um a um. Tinham tido vidas muito curtas, mas de certa forma muito cheias.

Lembro-me de como embelezei com ornamentos ridículos a história do meu pai sobre o meu abandono nos degraus do Presbitério, como a Bruxa Má chegava numa abóbora para me amaldiçoar com o lábio leporino e como um dos cavalos acidentalmente se transformara novamente em rato e a mordeu...

A brisa estava muito fria para que ficasse ali demasiado tempo, por isso fui tomar uma chávena de café e comer um bolo àquele que em breve seria o meu café rival local, de modo a estar despachada assim que Rory finalmente chegasse.

Quando chegou, referiu que o carro funcionava maravilhosamente, havia ficado simplesmente preso numa fila de trânsito devido a um acidente. Depois, quando lhe pus na palma da mão oleosa o dinheiro da gasolina e mais um extra, o amigo veio buscá-lo.

Rory, no entanto, ofereceu-se gentilmente para regressar comigo ao café de forma a ajudar a descarregar as coisas, mas eu podia ver que os rapazes tinham outros planos para o resto do dia e garanti-lhe que não haveria problema.

Era verdade que a ajuda me teria dado jeito, visto que após ter carregado todas aquelas latas de tinta estava convencida de que os meus braços tinham crescido mais dois centímetros. Ainda assim, conseguiria.

Encontrei o caminho pelas ruas laterais e pelo beco até ao meu lugar de estacionamento, sem qualquer problema, e depois tomei uma chávena de café antes de começar o lento processo de tirar tudo do carro e o levar para casa.

Jurei que da próxima vez que fosse às compras compraria um daqueles carrinhos para transportar objetos pesados... Ou, pelo menos, um carrinho de mão estável.

Edie e Rory tinham colocado cuidadosamente no Carocha todas as caixas, trouxas e sacos que eu já deixara prontos no chalé, juntamente com o meu cavalete desdobrável, alguns quadros embrulhados em papel de bolinhas e uma seleção de velhas malas de viagem. Edie era ótima a delegar, pelo que esperei que se tivesse mantido a pé a coordenar para onde cada item deveria ir, como se fizesse um *puzzle* gigante através de controlo remoto.

Descobri, entretanto, que ela conseguira encaixar um presente caloroso nos pés dos passageiros de trás: um bolo Dundee² numa caixa e uma garrafa de uísque escocês.

Havia uma nota carinhosa presa à garrafa que rapidamente fez com que as lágrimas me caíssem dos olhos e que eu ficasse ali especada, a pestanejar relutantemente, quando o carro de Nile apareceu e estacionou ao lado do meu.

– Então o *peace and love* ainda mexe nas terras altas? – perguntou ele, saindo e analisando as recentemente retocadas e improvavelmente coloridas flores laterais do Carocha verde.

– É o estilo *vintage hippie* da Cornualha – disse-lhe eu. – É um modelo especial para surfistas.

– Vai sobressair muito por estas bandas.

– Não devias estar em Oldstone a encher o estômago? – perguntei friamente e ele olhou-me

surpreendido.

– Não, o almoço terminou há séculos e, na verdade, eu teria chegado mais cedo se a Sheila não tivesse insistido em fazer-te um piquenique para não morreres de fome. Não que pareças precisar – acrescentou, olhando para a caixa do bolo que eu tinha na mão.

– Foi um presente caloroso da minha amiga Edie – expliquei. – Mas as mulheres podem viver à base de bolos e uísque.

– Fico contente por ouvir isso – retorquiu, entregando-me um enorme *tupperware* de plástico e um termo grosso e pequeno. – Para o caso de queres comer a sopa quente e os rolinhos de frango.

– Quero – respondi, sentindo-me esganada. – A Bel e a Sheila são muito atenciosas e simpáticas.

– Eu também sou simpático – acrescentou ele. – Vou só pôr as minhas coisas na loja e venho ajudar-te a descarregar o carro.

– Oh, eu consigo fazê-lo, não te incomodes – disse levemente. Quero dizer, não sou propriamente uma flor de estufa e, geralmente, os homens esperam que eu faça as coisas sozinha. Mas sentia-me muito cansada, por isso quando Nile regressou e insistiu, cedi, agradecida, e observei-o a levar tudo para o apartamento, colocando as coisas no quarto mais pequeno. Poderia desempacotá-las ao meu ritmo assim que o pintasse e arranjasse algumas carpetes – outra coisa que precisava de comprar.

– Isto está mesmo cristalino – comentou ele, depois de pousar lá a última caixa, que, como estava cheia de livros de cozinha, fez um grande estrondo no chão. – Mas, sem contar com os móveis da cozinha feitos à medida e o lava-loiças, não parece estar muito acabado.

– Não, Mistress M levou tudo, mas agora que já tenho as minhas coisas em breve parecerá uma casa. Assim que a cama chegar, posso desenvencilhar-me até encontrar mobília barata. Terá de ser barata porque tenho de reformular e pintar o café e não posso fazer tudo sozinha.

– Suponho que a Bel te dará uma mãozinha na pintura, e eu também, quando estiver por perto – ofereceu para minha surpresa. Não pensava nele como um faz-tudo. – E amanhã vou levar-te a um amigo que tem o celeiro cheio de mobília, onde provavelmente encontrarás muitas pechinchas.

– Bom, é muito gentil da tua parte, mas, se me deres as moradas, posso ir sozinha, agora que já tenho carro – referi. – De qualquer forma, terá de ser à tarde porque é suposto virem ligar a minha linha telefónica de manhã, e acho que terei de estar cá para isso.

– Mas ainda não conheces os caminhos, pelo que será mais fácil eu ir contigo esta primeira vez – disse ele. – Não te preocupes, aceita a ajuda que te oferecem, pois ainda tens planos para fazer, fornecedores para arranjar... Mais daquelas listas intermináveis para fazer. Sempre que te vejo estás a anotar algo novo.

– Elas não são intermináveis, mas, quando risco alguma coisa, penso logo noutra.

– Precisamente.

– Bom, pelo menos, não terei de persuadir os fornecedores de Mistress Muswell a lidarem comigo, pois tudo, à exceção do pão, será preparado ou feito nas nossas instalações, e os ingredientes serão de primeira qualidade e não os mais baratos – afirmei.

– Que ambicioso: espero que saibas o que estás a fazer. – Uma sobranceira escura ergueu-se inquisitoriamente de uma forma que eu começava a achar familiar.

– Passei a maior parte da minha vida adulta a trabalhar em cafés e salões de chá, por isso sei exatamente como quero que seja o meu, e não pouparei na comida, isso é garantido.

– Então és o oposto de Mistress Muswell – disse ele, depois acrescentou: – Só uma pergunta: já

tens um aparelho telefónico para quando te vierem ligar a linha? Ainda não vi nenhum.

Fiquei a olhar para ele.

– Não... Tens razão, não há nenhum. Esqueci-me completamente.

– Eu tenho um de sobra em qualquer lado. Vou procurá-lo e trazer-to amanhã de manhã – ofereceu.

Depois, o seu telemóvel tocou e, quando ele olhou para o número, virou-se parcialmente de lado e atendeu, pelo que presumi que fosse a namorada.

– Não, não posso ir agora, Zelda – disse em resposta a alguma pergunta. – Mas tenho de comprar uma peça muito especial num leilão local para um dos meus clientes londrinos e, se conseguir, irei aí na próxima semana para a entregar pessoalmente.

Pelos vistos, não era aquilo que quem lhe ligara queria ouvir.

– Desculpa – acrescentou pouco depois. – Sei que já não nos vemos há algum tempo, mas não posso sair antes disso. Podes sempre enviar-me um *e-mail* quando surgir um problema se não quiseses discuti-lo ao telefone. Olha, já te ligo. Estou um pouco ocupado neste momento.

Franziu o sobrolho ao meter o telemóvel no bolso, mas não deu qualquer explicação.

– Bom, é melhor ir andando – disse de novo o Sr. Lacónico, que era tão irritante como o Sr. Mandão. – Estou a caminho de Keswick, em busca de um pouco do *Ming*. Ou do alegado *Ming*, o que significaria uma viagem perdida.

– Ming, o impiedoso – retorqui, vagamente, ainda a pensar na chamada. Um homem tão bonito, ainda que fosse um pouco mal-humorado, devia ter um batalhão de mulheres atrás dele e parecia que a tal Zelda era uma delas.

– Não sabia que eras fã do *Flash Gordon* – comentou, olhando para mim a sorrir, pelo que emendei o pensamento para «às vezes mal-humorado mas com um sorriso encantadoramente luminoso».

– O meu falecido noivo... Era o seu filme preferido – expliquei.

– Oh, pois – retorquiu, com o sorriso a desvanecer-se tão rapidamente como tinha aparecido.

* * *

Deixada sozinha, dirigi-me ao apartamento, coloquei o meu equipamento de cozinha nos armários e depois espalmei as caixas de cartão. Desta vez, livrar-me-ia delas porque estava determinada a ficar ali.

Estava frio no apartamento – fazer uma vistoria à caldeira para poder ligar os radiadores era uma das minhas prioridades – e, após ter descoberto que as minhas cortinas eram compridas e estreitas, enquanto as janelas eram curtas e largas, depois de ter pintado um bocado das paredes e dos rodapés com as amostras desisti e fui para Oldstone.

Nile ainda não regressara e por isso esperei que tivesse encontrado o seu *Ming* e que fosse o que ele esperara.

* * *

De volta ao meu confortável quarto da quinta, escrevi outra cena antes do jantar.

– *O meu príncipe está a chegar para me libertar e vivermos felizes para sempre* – disse Bela.

– *Mas pode não ser o final feliz correto* – respondeu o rato. – *Algo não está bem com este encantamento, caso contrário terias ficado a dormir até o teu príncipe te beijar. Este príncipe deve vir do Aqui-e-Agora, enquanto precisas de um que venha do Era-Uma-Vez. É melhor esperares.*

Ele tinha razão. Onde antigamente tinha sido uma floresta, uma propriedade com casas velhas e em ruínas, jardins selvagens onde cresciam ervas em redor de carros e antigos carrinhos de bebé enferrujados, havia a cabana sem que os ocupantes se tivessem dado conta.

Agora, à medida que o encantamento desvanecia, acenava-lhes como uma joia num oceano de lama.

Só eu, Bel e Sheila voltámos a jantar em casa, o que foi aconchegante. Tendo em conta que mal tinha estado durante cinco minutos na Oldstone, eu estava a começar a sentir-me em casa.

– Amanhã à tarde, o Nile vai levar-me a um sítio qualquer para ver mobília e antiguidades em segunda mão, mas achei que poderia começar a pintar o apartamento de manhã enquanto estiver à espera do engenheiro telefónico – referi. – E talvez possa chamar alguém para ver a caldeira do apartamento, sem aquecimento aquilo fica um gelo.

– Eu vou contigo e ajudo-te a pintar de manhã durante uma ou duas horas – ofereceu-se Bel. – Mas depois tenho de vir para aqui trabalhar: vou fazer uma exposição com outros dois oleiros numa galeria de York, antes do Natal, e tenho de começar a armazenar as peças.

– Só vais se quiseses e tiveres vontade – respondi.

– Estou a colocar-te numa situação de dívida para comigo e por isso terás de nos ajudar a planear e a converter o nosso pequeno café antes da primavera – disse ela. – É o meu plano engenhoso.

– Fá-lo-ia de qualquer maneira – assegurei.

Depois de jantar, Sheila disse que ia ao estúdio que criara no que antes fora uma estufa de laranjeiras vitoriana nas traseiras da casa, um conceito que eu teria achado completamente alheio à charneca local, como o relevo de uvas por cima da porta principal.

Quando ela se foi embora, seguida pela sombra de *Honey*, Bel referiu que pesquisara mais alguns jornais locais *on-line* nessa tarde e que imprimira o que descobrira.

– Espero que não te importes, não consegui resistir.

– Não, poupar-me-á tempo – garanti-lhe. – Encontraste alguma coisa interessante?

– Sim, e havia muito mais pormenores no *Upvale and District Gazette* do que em qualquer outro jornal de Haworth.

– Que tipo de pormenores? – perguntei.

– Bom, para começar, havia uma segunda pessoa na cena quando foste encontrada. Vou mostrar-te. – Espalhou as folhas impressas na mesa.

– Aqui está. Lê este – disse ela, apontando.

Começava com a história, agora familiar, de como o agricultor me encontrara até ao momento em que Joe Godet pegou em mim e percebeu que eu não era uma ovelha. Mas, depois, ele disse, sensacionalista:

– Olhei para cima e vi uma das bruxas de Upvale junto ao velho Oldstone, a olhar para mim – e acrescentava que, a princípio, pensara que ela pusera ali a criança, mas parece que surgira no mesmo instante que ele por pura coincidência.

- Bruxas? – questioneei, olhando para cima. – Há bruxas em Upvale?
- Ele parece achar que sim. Mas lê este, é uma entrevista com a «bruxa», do mesmo jornal.

– Não percebo porque tem Mister Godet uma obsessão com bruxas – disse Emily Rhymer, de Upvale. – Simplesmente decidi caminhar até aqui e ver o Sol a nascer por cima das colinas, algo que já fiz várias vezes.

Quando lhe perguntaram se ela não tinha medo de andar sozinha pela charneca na escuridão, Miss Rhymer respondeu:

– Não, a Lua estava cheia pelo que havia muita luz assim que saí da estrada. E não só consigo tomar conta de mim própria como ainda levei o meu cão comigo. Uma amiga também me disse que era capaz de passar de carro por Oldstone de madrugada, mas não vi nenhum sinal dela. Depois ouvi barulho e o meu cão começou a ladrar e, quando olhei para baixo, vi um agricultor a segurar o que parecia ser uma ovelha...

– O enredo adensa-se – comentei, a olhar para cima.

– Eu sei, é um drama e tanto, mas parece que a polícia ilibou esta Emily Rhymer de qualquer suspeita: é o que diz o trecho seguinte. – Ela franziu o sobrolho. – Mas o nome Rhymer soa-me bastante familiar...

Eu continuei a ler, mas só havia um pouco mais de texto.

– Ele encontrou um bebé e acusou-me de o ter posto lá. Mas a minha amiga apareceu nessa altura e disse-lhe que eu tinha estado em casa dela até tarde na noite anterior e que teria reparado se eu estivesse pesadamente grávida ou tivesse dado à luz: a ideia era ridícula. Depois, como a prioridade era pôr o bebé nalgum sítio quente, entrámos todos no carro dela e regressámos à quinta de Mister Godet, onde telefonámos à polícia e chamámos uma ambulância porque a pobrezinha estava mais morta do que viva.

O artigo concluía dizendo que Miss Rhymer fora ilibada de qualquer envolvimento e que a identidade da mãe e a forma como esta pusera a criança num lugar tão remoto ainda era um autêntico mistério.

– É muito difícil digerir isto tudo – disse eu, recostando-me por fim. – É muito estranho que duas pessoas tenham aparecido ali naquele momento específico. É difícil acreditar que se tratou de uma coincidência.

– Mas a polícia achou claramente que sim, pelo que a tua fada madrinha deve ter zelado por ti e enviado não um, mas dois salvadores – ironizou Bel.

– Sim, e apesar de Emily Rhymer não poder ser a minha mãe, gostaria de falar com ela – declarei e depois acrescentei: – Por agora não vamos contar a ninguém o que descobrimos, está bem?

– Sim, tudo bem – concordou. – E tens muito em que pensar antes de tentares descobrir mais coisas.

– Quando estiver preparada, quero visitar o Oldstone e falar com as testemunhas oculares, embora não espere realmente que acrescentem nada de novo que possa ajudar-me a encontrar a minha mãe. Acho que não dará em nada, e provavelmente será tudo o que conseguirei encontrar.

– A não ser que, a dada altura, tornes tudo público através dos jornais e lhe peças para te contactar? – sugeriu Bel.

– Posso considerar essa possibilidade como último recurso. O Nile disse-me que eu não devia causar muito alarido, pois a minha mãe biológica pode não querer ser encontrada.

– Então, não precisaria de se apresentar! E, enfim, a vida é tua, Alice, deves fazer o que achares melhor – aconselhou. – O Nile sempre fez de irmão mais velho mandão com todas as minhas amigas, por isso não ligo.

Achei que aquilo era mais fácil de dizer do que fazer, tendo em conta que eu vivia a poucos metros dele na Doorknocker’s Row, e que ele tendia a aparecer tão inesperadamente como uma espécie de Príncipe Demoníaco através de uma armadilha.

2 Bolo tradicional escocês. (*N. da T.*)

Não me mantive completamente celibatária, mas tive um par de casos pouco duradouros segundo os meus próprios critérios, claro. Se acreditássemos em tudo o que lemos, assumiríamos que a maior parte dos homens procura sexo sem compromisso, mas, segundo a minha experiência, não é assim. Muito cedo exigiam mais de mim do que o nosso acordo inicial e viam o meu desapego emocional como um insulto e um desafio.

Aquilo era extremamente aborrecido e acabei por decidir que não valia a pena jogar o jogo e comprei um cão pequeno para preencher quaisquer necessidades de companheirismo, sem complicações.

Os Bichon Frisé têm a vantagem de não largar pêlo na mobília toda.

Fazer Mapas

Foi muito agradável conduzir sozinha por Haworth na manhã seguinte e o carro fora tão maravilhosamente restaurado que parecia novinho em folha. Desejei ter uma garagem onde o deixar, em vez do lugar desolado no caminho duro das traseiras do café.

Tinha acabado de deixar uma mensagem ao homem que cuidava da caldeira do café a pedir-lhe para vir e fazer o mesmo à do apartamento, quando Nile entrou através da porta destrancada, depositou o prometido telefone na mesa e voltou a sair sem murmurar mais do que um «Até logo». Parecia preocupado: talvez tivesse sido por isso que se esquecera de bater à porta.

Para meu espanto, e contra todas as leis dos trabalhadores, o homem da caldeira apareceu a horas, logo após o meu telefone ter sido reconectado (pelo que foi uma sorte o Nile ter-se lembrado dele).

Escarneceu da antiga caldeira do apartamento e disse que provavelmente tinha vindo com a arca, como a do café, e se alguma delas se estragasse, não conseguiria arranjar peças novas, pelo que teriam de ir para o lixo. Que eu teria de comprar duas novas caldeiras o mais depressa possível era um pensamento motivador.

Ainda assim, foi uma manhã produtiva e já tinha telefone e uma caldeira a funcionar quando Bel chegou. Aplicámos a primeira camada de branco quente nas paredes da sala de estar e, se todo o interior do café e do apartamento não tivesse sido pintado com tons de cogumelo-escuro, uma camada teria chegado.

Bel só podia ficar por um par de horas, mas eu pintei os cantos das paredes e ela o meio, o que fez com que tudo fosse mais rápido e, como conversávamos enquanto o fazíamos, a minha mente não se concentrou no que tínhamos descoberto nos jornais no dia anterior.

Imagens de Oldstone e ovelhas perdidas assombraram-me os sonhos na noite anterior. Estava tudo a ficar demasiado parecido com *O Monte dos Vendavais* para o meu gosto. Porque não fora simplesmente deixada num cesto aconchegante nos degraus do Presbitério das Brontë, como o meu pai contava sempre?

* * *

Nile estivera tão preocupado nessa manhã que pensei que provavelmente se esqueceria da oferta que me fizera de me levar ao celeiro da mobília, mas apareceu depois de almoço. Ou melhor, apareceu com o almoço, pois comprou-me uma sandes de queijo e tomate para o caso de eu ainda não ter almoçado.

E não tinha, pelo que fiquei muito agradecida, apesar de ter a intenção de encher o frigorífico do café com coisas essenciais como pão, queijo, ovos e leite, assim que tivesse oportunidade.

Nile parecia estar de melhor humor agora e suspeitei que era um daqueles homens que fica

rabugento quando não tem açúcar no sangue. Foi muito atencioso, contudo, e comi a sandes enquanto ele me conduzia ao celeiro do seu amigo.

O carro era aconchegante e confortável e, depois de eu ter devorado a sandes e relaxado um bocadinho, a minha mente voltou para o que eu e Bel tínhamos encontrado nos jornais. Na verdade, estava a quilómetros de distância quando a voz de Nile de repente me arrancou da minha deambulação.

– O que foi, Allie? Não estás a ouvir uma única palavra que estou a dizer e nem sequer parece ter reparado que encostei.

– Não me chames Allie! – disparei. – Ninguém me chama Allie.

Ele sorriu.

– Pensei que te chamasse a atenção! Estás perdida nos teus pensamentos desde que saímos, se surgiram mais problemas desonestos relativamente a Mistress Muswell é melhor dizeres-me e não os guardares para ti própria.

– Não, não é isso – respondi. Depois, sem a menor intenção de o fazer, dei comigo a contar-lhe sobre os artigos de jornal.

– Antigamente só tinha a minha certidão de nascimento para me basear e toda a informação extra sobre como e onde fui encontrada fez-me mossa. Tornou tudo tão... real, já não é simplesmente uma história.

– Suponho que não, principalmente agora que viste como é a charneca. Presumo que queiras visitar em breve o local, Oldstone? Fazemos lá piqueniques em família no verão, mas é um pouco sombrio nesta altura do ano.

Estremeci levemente, apesar do eficiente ar condicionado quente.

– Imagino, mas tens razão: ir até lá é algo que tenho de fazer.

– Posso ir contigo, se quiseres – ofereceu ele.

– É simpático da tua parte, mas acho que é algo que tenho de fazer sozinha na primeira vez.

– *Okay*, vou desenhar-te um mapa de como lá chegar pela estrada, pois é impossível dar com ela se não soubermos o caminho.

– Isso seria muito útil, obrigada – retorqui agradecida.

– De nada. Diz-me se te posso ajudar em mais alguma coisa.

– Acho que o próximo passo é encontrar as duas testemunhas oculares e falar com elas. Só para completar o quadro, não espero que isso me leve a encontrar a minha mãe biológica.

– Bom, já conheces a minha opinião sobre isso – disse ele. – É melhor deixar as coisas como estão.

– Agora que sei que fui deixada num sítio remoto, tenho de admitir que tens uma certa razão, pois ela não poderia esperar que alguém me encontrasse... com vida, pelo menos, não é?

– Ela pode não ter pensado nas coisas nesses termos, Alice. Nós não conhecemos as circunstâncias, mas deve ter sido traumático e desesperante fazer algo assim.

– Isso foi o que o meu pai disse. Pensava que ela provavelmente era demasiado jovem e, quando cheguei, só queria ver-se livre de mim e fingir que nada acontecera.

– Acho que esse é um cenário muito provável – concordou Nile.

– Mas, se pensares bem, ela não poderia ser assim tão jovem, pois como poderia livrar-se de mim num sítio tão remoto como Oldstone às primeiras horas de uma gelada manhã de março, se não conduzia?

– É um argumento – afirmou ele, franzindo o sobrolho. – Não há muitas casas a pouca distância, só algumas quintas, e presumo que a polícia as tenha investigado nessa altura.

– Foi um milagre o agricultor ter-me encontrado, pois acho que não teria durado muito tempo, mesmo embrulhada num tapete de pele de ovelha.

– Num tapete?

– Aparentemente, e manteve-me quentinha, mas nem isso me teria salvo por muito tempo, era um pouco prematura e também tinha um lábio leporino – confessei. Não era algo que geralmente dissesse no meio de uma conversa com pessoas que mal conhecia... Não que conhecesse mal os membros da família Giddings, mesmo o irritante Nile.

– Ai, sim? Não tinha reparado. – Ele virou a cabeça e sorriu-me, algo que eu já percebera ser muito mais desconcertante do que o franzido do sobrolho.

– Tive sorte, fiquei com uma cicatriz muito pequena.

– Então, assim que falares com as duas pessoas que te encontraram, vais desistir de tentar descobrir quem é a tua mãe biológica?

– Provavelmente não – admiti.

– Bom, a decisão é tua – disse ele. – Mas, se a polícia não a conseguiu localizar na altura, acho que também não conseguirás agora, a não ser que ela descubra que andas à procura dela e se apresente.

– A Bel sugeriu ontem que divulgue a minha história nos jornais na esperança de que ela veja e faça precisamente isso. Sou capaz de o fazer como último recurso.

Ele ligou o motor outra vez e esboçou-me um meio-sorriso que suavizou o seu rosto distinto.

– No fundo, não é como nascemos que importa, é o que nos tornamos.

– É fácil para ti dizer isso – disparei.

– Mas eu também fui adotado, a Bel não te contou? – perguntou ele, parecendo surpreendido.

– Não!

– A Bel e o Teddy são verdadeiros filhos biológicos de Sheila e Paul, mas eu fui adotado aos onze anos, pelo que as minhas circunstâncias são um pouco diferentes das tuas.

– Perguntei-me porque não eras fisicamente parecido com o resto da família, mas pensei que pudesses sair ao teu pai.

– E saio, ao meu pai biológico, que era grego. Não que o tenha conhecido, visto que desapareceu quando nasci. A minha mãe tinha problemas com o álcool e não conseguia lidar com eles, por isso eu estava sempre a entrar e a sair dos serviços sociais.

– Isso é terrível – disse eu e ele encolheu os ombros.

– Quando estava sóbria, o que era raro, ia à procura do seu querido filho. Quando caía na bebedeira seguinte, abandonava-me e ia-se embora. Acabou por juntar drogas à bebida e mudou-se para Londres e assim eles pararam de me devolver a ela. Depois disso, estabeleci-me melhor, mas nunca mais a vi e ela agora morreu.

– Isso é muito triste. Eu fui adotada quando era bebé e, apesar de a minha mãe não ser espetacular, o meu pai era muito carinhoso.

– No meu caso tudo acabou bem, pois fui acolhido por um amigo dos Giddings e, quando isso deu para o torto, eu era um bocado difícil, eles acolheram-me e acabaram por me adotar – explicou Nile.

– E tornaste-te instantaneamente um irmão mais velho, com irmãos a quem dar ordens – ironizei,

tentando suavizar um pouco o tom. – Perfeito!

Ele encostara outra vez e analisava uma estrada ainda mais estreita do que a anterior, parecendo pressentir o tráfego antes de este surgir, para poder enfiar nos lugares de passagem mais pequenos.

– Foi assim que Sheila e Paul conseguiram fazer com que eu acalmasse, ao dizerem-me que precisava de ser um exemplo para a Bel e para o Teddy, que eram quatro anos mais novos que eu – explicou ele. – Eram pais maravilhosos e, quando se mudaram permanentemente para aqui, senti tanto a falta deles que acabei por vir para cá também de malas e bagagens.

– Há quanto tempo foi isso?

– Oh... Há cerca de seis anos, acho eu.

– Então foi na mesma altura em que me mudei para a Escócia – observei, vendo as nossas trajetórias a moverem-se pelo país e as nossas órbitas a assentarem finalmente ali, em Haworth. – Como entraste no negócio das antiguidades? – perguntei, curiosa.

– Estudei história de arte na universidade, depois trabalhei numa grande leiloeira de Londres. Também sou dono de metade de uma barraca num centro de antiguidades em Camden, mas a minha parceira, Zelda, é que a gere agora que vivo aqui.

Não especificou se era uma parceira de trabalho ou de outro género – talvez ambos?

– Como consegues viver da tua loja se está quase sempre fechada? – perguntei, curiosa.

– Construí uma bela lista de colecionadores e sei o que eles procuram. Estudo os catálogos dos leilões, vou a vendas de casas e procuro em lojas de antiguidades... E tenho todo o tipo de contactos. É daí que vem a maior parte do meu rendimento. A loja é mais uma base para vender pequenos objetos que encontro nas minhas viagens.

– Parece divertido – anuí –, mais divertido que trabalhar num café.

– Oh, tenho a sensação de que estás a adorar o processo de planejar o teu café de primeira categoria.

– Qualidade – corrigi e ele voltou a esboçar um meio-sorriso, depois fez com que o carro atravessasse um par de colunas de pedra cobertas de musgo, entrasse num pátio e parasse diante de um grande celeiro que proclamava por cima da porta: «Antiguidades do Fim do Mundo.»

Achei que era certamente o fim do mundo; eu nunca teria dado com ele, mesmo com moradas.

– O Rick tem ilusões de grandeza, a maior parte das coisas não passa de tralha, não são antiguidades – disse ele. – Ainda assim, normalmente há peças boas misturadas com as outras, e já encontrei autênticas joias.

O edifício estava cheio do chão ao teto de mobília e bricabraque e, surpreendentemente, não éramos os únicos clientes que passeavam por ali. Vi dois enormes pratos de servir com o padrão de salgueiros, ambos baratos por estarem rachados e remendados com rebites prateados antigos, contudo, ainda tinham um ar amoroso no café. Em seguida, dirigi-me ao mobiliário e encontrei um par de mesas de cabeceira pintadas de branco, um antigo tapete usado, mas ainda bonito, para a sala de estar, um toalheiro de madeira vitoriano e um banco *Lloyd Loom* com o tampo almofadado e arrumação. Nile regateou os preços e depois, habituados, ele e Rick conseguiram meter tudo nas traseiras da *station* e fomos embora.

– Muito obrigada por me teres trazido aqui – agradeci. – Parece que comprei toneladas de coisas por muito pouco dinheiro, mas sinto-me mal por não teres comprado nada.

– Geralmente nunca encontro lá peças de interesse, mas, na verdade, hoje encontrei uma. Mostro-te quando chegarmos.

E, quando me ajudou a pôr as compras no café, onde as mantinha num canto até acabar de pintar as paredes lá de cima, tirou do bolso um pequeno chapéu-de-sol de marfim com uma pega trabalhada na qual se encontrava uma pequena janela de vidro.

– Chama-se Stanhope. Se olhares através do vidro, verás algo maximizado. Este tem a Catedral de São Paulo, mas há outros diferentes, e são muito colecionáveis. Tenho um cliente que mo comprará assim que o vir.

– É pequeno e perfeito de todas as formas e feitios – concordei, pensando como seria interessante se conseguíssemos espreitar através do vidro e ver o passado ou um universo paralelo.

Ou talvez não, dependendo do que veríamos...

Anotei o pensamento para um livro futuro, antes que me esquecesse.

A minha vida prosseguiu desta forma, intercalada com férias para jogar golfe em Portugal sempre que precisava de mudar de ares.

A minha mãe morreu de cancro quando eu tinha apenas dezasseis anos, enquanto o meu pai, apesar de ser muito mais velho do que ela, continuou o seu trabalho médico de voluntariado já com uma certa idade, até começar a manifestar os primeiros sintomas da doença de Parkinson. Quando ela também o impediu de jogar golfe, uma paixão que partilhávamos, ele rapidamente se deteriorou de tal forma que tive de contratar ajuda até conseguir resolver os meus assuntos e mudar-me de novo para Upvale.

Não era o que eu queria, mas conhecia o meu dever.

A Primeira Maluquinha

Após algumas tentativas, consegui que o meu *router* começasse a trabalhar nesse dia e recebi um *e-mail* de Edie a perguntar-me como me estava a dar com o meu «pequeno café Brontë». Ela arrependeu-se-ia daquele «pequeno» quando eu começasse a inundá-la com pedidos de conselho!

Envie-lhe um *e-mail* de volta a dizer que o meu salão de chá de primeira qualidade provavelmente seria o primeiro de uma cadeia mundial de Fat Rascals. Depois, contei-lhe tudo sobre o que tinha descoberto nos artigos de jornais. Já fizera a Lola uma pequena atualização pelo telefone na noite anterior depois do jantar, e ela ficara fascinada com todos os pormenores e apoiara-me imenso em relação ao meu desejo de falar com as duas testemunhas oculares e, se possível, com a minha mãe biológica.

– Não é o que o Nile diz, ele pensa que eu não devia tentar encontrá-la – contei.

– É claro que tens de tentar descobrir tudo o que puderes – afirmou ela. – Acho que o Nile tem apenas medo que fiques terrivelmente chateada se encontrares a tua mãe e ela não te quiser ver. Parece ser um homem muito carinhoso e simpático.

Não sabia o que poderia ter-lhe dito para lhe dar tal ideia!

– Acho que tem os seus momentos – concordei, relutante, depois ocorreu-me que, para um homem que só conhecera há alguns dias, já o devia ter mencionado tantas vezes que o seu nome era familiar à minha amiga mais antiga.

Contudo, ele fora realmente prestável e eu compensá-lo-ia com uma defensiva espinhenta... Ainda mais agora, depois daquele momento na cozinha da Oldstone quando me apercebi que, se me deixasse ir, poderia apaixonar-me loucamente por ele e ser abandonada mais uma vez: o meu pequeno Dia da Marmota do coração.

* * *

Durante os dias seguintes, concentrei-me em preparar o apartamento para a mudança.

Sheila, com a experiência que a renovação da Quinta Oldstone lhe proporcionara, foi uma valiosa fonte de informação em coisas como onde encontrar as carpetes e o vinil de boa qualidade mais baratos e pedi ao seu faz-tudo, Jack, para ver e dar-me uma estimativa do trabalho que o apartamento precisaria – maioritariamente novos balcões para a *kitchenette* da sala, para além de outros trabalhos mais estranhos.

Gostei logo dele: era homem de poucas palavras, porém, quando as dizia, ia ao cerne da questão e a sua estimativa a olho foi bastante razoável, pelo que depois de concordarmos com as condições também o levei ao café.

Até ele passar os olhos peritos pelas instalações, acho que não me tinha apercebido realmente da quantidade de trabalho que tinha de ser feito e do pouco que eu era capaz de fazer sozinha.

Canalizações, chão, eletricidade, tudo tinha de ser revisto por profissionais, por isso, quando ele sugeriu controlar a renovação enquanto fazia outros trabalhos, pareceu-me uma ideia prática.

– Vou reparar o pórtico frontal primeiro, antes de começar com o apartamento, se não cai – disse-me ele. – É vitoriano, parece...

O que supus ser verdade, como as janelas em arco – não eram originais para o edifício, mas tinham um certo charme.

Entreguei-lhe o molho de chaves extra do café – Sheila dissera que ele era totalmente de confiança, o que pude constatar por mim própria assim que o vi.

* * *

Bel voltou a ajudar-me na pintura e, embora eu não esperasse que Nile cumprisse a sua promessa, ele acabou por aparecer mais tarde, a carregar um escadote e a envergar um estranho macacão de linho castanho para proteger as suas roupas.

– Foi o que restou dos meus dias na leiloeira de Londres – explicou, mas, já que ele estava a pintar os tetos, era uma pena não ter um chapéu a condizer. Nem sequer quis usar uma das toucas, pelo que seria culpa sua se o seu espesso cabelo preto-azulado ficasse sujo de tinta branca.

Como eu não queria estar sempre a descer para lhes abrir a porta, também dei a ambos chaves para o café. Ainda bem que tinha mandado fazer umas quantas quando comprei a tinta.

De qualquer forma, se eu não estivesse e viessem entregar qualquer coisa, esperava que Nile lhes abrisse a porta. Ofereci-me para fazer o mesmo por ele, mas referiu que tudo o que lhe era enviado era normalmente pequeno, muito valioso e entregue através de um estafeta – e não me ofereceu uma chave da Pequena e Perfeita em troca.

* * *

As viagens de regresso à Quinta Oldstone sob a charneca nos finais de tarde começaram a parecer-me familiares, apesar de o céu lhes dar uma beleza sempre diferente.

À noite, ao jantar, falava sobre os meus planos para o café, e Bel e Sheila começaram finalmente a aperceber-se do que tudo isso envolvia.

– Há tantas regras e regulamentos, aspetos de higiene e segurança alimentar, livros de contas... – comentou Bel. – Não fazia ideia.

– Nem eu – disse Sheila. – Parece um pouco assustador, visto só tencionarmos vender café e bolos.

– Continuam a ter de fazer o registo das instalações para serem inspecionadas e avaliadas higienicamente, entre outras coisas – informei. – Mas não se preocupem, se planearmos tudo com cuidado desde o início não haverá qualquer problema.

– Talvez no fim de semana pudéssemos ir à garagem dos coches e medir tudo para ver se é exequível – sugeriu Bel. – Se vamos abrir na próxima primavera, temos de pedir uma autorização, não é?

– Sim, organizem esse passo primeiro, depois podem deitar as mãos ao resto.

– O Teddy pode desenhar os planos, para pouparmos dinheiro – disse-me Sheila.

– A única fase pela qual estou ansiosa é a decoração – retorquiu Bel, pesarosa.

Quarta-feira à tarde já tínhamos acabado de pintar o apartamento, incluindo as duas camadas grossas de brilho nos rodapés. Achei que uma seria suficiente, mas o Sr. Pequeno e Perfeito insistiu que precisava de uma segunda camada.

Ainda assim, estava seco na manhã seguinte, quando os homens das carpetes puseram uma bonita *Berber* de lã rija e cor de avelã no chão todo, menos na *kitchenette*, onde eu tinha um vinil mais pequeno e prático.

Não demorou quase nada, pois, apesar de ser pequeno, o apartamento estava vazio, à exceção das minhas coisas no quarto suplente e de uma mesa e uma cadeira que eu trouxera do café para junto da janela da sala de estar para o meu computador.

Quando eles se foram embora, fiquei ansiosa para começar a desempacotar as minhas coisas e transformar o apartamento num lar, apesar de não poder ficar lá a dormir porque a minha cama só chegava no dia seguinte, no entanto, primeiro, enfrentei as responsabilidades e encomendei *on-line* os bens básicos de que necessitava – um pequeno frigorífico com congelador, um forno, um micro-ondas e uma máquina de lavar – com a promessa de me entregarem tudo no dia seguinte.

Tudo aquilo, mais a tinta e a carpete para o apartamento tinham sugado as pequenas reservas do dinheiro guardado para o salão de chá – que simplesmente tinha de ser um sucesso!

Estava prestes a começar a pendurar as cortinas – Sheila havia adaptado gentilmente as minhas antigas cortinas, virando-as de lado e cosendo-as com fita de cortinado ao longo da margem – quando decidi verificar os meus *e-mails* primeiro. Havia um *e-mail* sentimental de Robbie, do género dos que pontuaram periodicamente os sete anos da sua ausência, dizendo que tinha saudades minhas e que talvez ter-se mudado para a Austrália não tivesse sido uma boa ideia.

Demorara imenso tempo a perceber isso, mas deduzi que a sua namorada atual o tinha deixado e que ele estava bêbado e a sentir pena de si próprio.

Também havia *e-mails* de Lola e Edie, mas antes de poder lê-los apareceu de repente um da minha agente, Senga McWhiter – quase como se conseguisse adivinhar magicamente que eu estava a olhar para o ecrã, naquele momento. A mesa onde o computador estava colocado pareceu tremer de tensão, mas, enfim, todas as mesas do café estavam tão velhas e instáveis que tremiam com qualquer coisa.

Ou seria que tremia por causa da minha consciência pesada? Ficara tão absorta na preparação do apartamento que mal escrevera uma linha nos últimos dias.

Ainda assim, tinha de o abrir e ela começava por afirmar que a edição do primeiro dos meus livros seria brevemente reimpressa pela minha nova editora. O que foi uma surpresa: quero dizer, já saíra como *e-book*, por isso, porque tinha eu de fazer o que quer que fosse?

Em seguida, Senga conseguiu incutir-me medo no coração ao acrescentar que esperava que eu estivesse a avançar no meu primeiro novo livro do contrato, pois estava ansiosa por vê-lo muito em breve. E, claro, apesar de escrever trechos da história e diálogos sempre que estes me apareciam na cabeça, eu tinha simplesmente ido na onda. Desejava reunir esses trechos e terminá-los, mas tinha a sensação de que o «acabar por terminá-lo» não era uma expressão que constasse do dicionário de Senga McWhirter.

O pós-escrito era provavelmente o mais assustador de tudo: ela viria aqui no dia 20 de setembro – dali a apenas dez dias – para o segundo lançamento de Eleri Groves, que teria lugar no remoto

restaurante da charneca do marido dela, e Senga esperava encontrar-me lá. Já me esquecera de tudo aquilo.

Respondi-lhe de imediato, assegurando que estava a trabalhar afincadamente (apesar de não ter dito em quê) e repetindo que tinha a certeza de que todos os bilhetes para o lançamento de Eleri Groves estavam esgotados há meses. (E podia ter de inventar um compromisso noutro lado qualquer, para quando Senga ali fosse...)

Ela pedira-me a minha nova morada e o número de telefone, pelo que os acrescentei e carreguei em Enviar, com o coração a bater um bocadinho mais depressa.

Na única ocasião em que faláramos, quando nos conhecemos, Senga parecera-me agressiva, o que achei ser aquilo que toda a gente queria numa agente, desde que não fosse para connosco. Ou talvez fosse realmente o que quiséssemos, pois o medo da sua chegada iminente significava que teria mesmo de me atirar ao trabalho e completar o novo livro assim que me mudasse para o apartamento.

E precisaria de algo mais sólido onde colocar a minha impressora e o meu computador do que aquela terrível mesa do café, e que ainda assim coubesse debaixo da janela: era o sítio perfeito para uma secretária, o sítio onde eu podia olhar distraidamente para a Pequena e Perfeita, como fazia agora... De repente, lembrei-me onde vira uma bonita secretária.

As cortinas teriam de esperar até mais tarde.

* * *

Cinco minutos depois, quando entrei na loja de Nile, ele tinha acabado de começar a embalar uma pequena peça *netsuke*. Tinha a forma de um esqueleto pequeno e grotesco e eu vira-a no dia anterior, quando entrara e mexera em todas as quinquilharias, com o pretexto de lhe perguntar onde eram os correios mais próximos, apesar de já saber a resposta.

– Nile, podes dar-me as direções do celeiro de antiguidades? – perguntei. – Acho que não o consigo encontrar de outro modo.

Na verdade, eu não tinha a certeza de que o conseguiria encontrar com um mapa – e decerto não conseguiria meter uma secretária nas traseiras do meu Carocha, pelo que estava desejosa que ele se oferecesse para me levar.

– Queres voltar lá outra vez? – perguntou, surpreendido.

– Preciso urgentemente de comprar uma secretária e vi lá uma que é do tamanho certo.

– Comprar uma secretária é urgente?

– Claro que é! A minha agente acabou de me mandar um *e-mail* a dizer que espera que o meu novo livro esteja quase acabado, mas mal o comecei. Preciso de algo suficientemente sólido para colocar a impressora e o computador, e também me dava jeito uma cadeira decente. Aquelas do café são terrivelmente desconfortáveis, rangem e deslizam.

– Agente? – questionou ele, erguendo a sobrancelha escura. – Que tipo de agente?

– Não te contei? – disse distraída. – Não, talvez só tenha dito à Bel que escrevo contos de fadas atualizados para adultos. Com um toque de terror. Eu própria publiquei alguns e depois uma editora ofereceu-me um contrato.

– Os teus talentos não têm fim, pois não? – disse ele, fechando a embalagem com fita adesiva e colocando a peça em cima de um tabuleiro.

Eu fiquei a olhar para ele.

- A minha agente é assustadora, por isso tenho de começar a escrever todas as noites, apesar de estar a renovar o café. Achas que podes fazer um mapa de como chegar ao Rick's?
- Podia, mas acho que te perderias e que nunca mais te voltaríamos a ver. Apesar de ser um pensamento muito tentador, acho que a Sheila me culparia para sempre. – Suspirou. – Tenho de ligar a um cliente, mas depois posso ir até lá contigo, se quiseres.
- Não se estiveres muito ocupado. Acho que consigo encontrá-lo. Quero mesmo uma coisa mais bonita, e de preferência mais barata, do que mobília de plástico.
- Então tenho mesmo de ir contigo para regatear o preço.

Eu tinha a certeza de que podia ganhar ao amigo Rick num regateio de preços, mas limitei-me a sorrir docemente, sugerindo oferecer-lhe o almoço a caminho.

* * *

Regressámos a casa com uma robusta secretária de carvalho ao estilo *Arts and Crafts* com armário a condizer, com a altura perfeita para pôr a impressora – e, como bónus, uma pequena mesa de jantar com pernas articuladas e duas cadeiras com as pernas traseiras projetadas para trás. Foi uma sorte estar um dia seco, pois alguns dos artigos tiveram de ir no tejadilho.

Conseguimos descarregar e levar tudo para o apartamento, pois sou uma amazona, e Nile, como eu já descobrira, era surpreendentemente forte apesar de toda a sua elegância.

Enquanto o fazíamos, pedi-lhe para me ajudar a levar o banco que eu guardara no café, e outros artigos e peças, antes de ele fugir para acabar de embalar o seu *netsuke*.

Assim que se foi embora, comecei finalmente a agradável tarefa de mudar as coisas de sítio até ficar satisfeita com o lugar correto, desempacotar e tornar o apartamento um lar, apesar de a minha bonita e nova secretária junto à janela, com uma das cadeiras novas em frente, continuar a ser a coisa mais atrativa...

De regresso ao Era-Uma-Vez, a madrasta não muito terrível de Bela congratulava-se por ter conquistado de novo a paz. Por sorte, o seu marido esquecia-se das coisas e não era capaz de contar mais do que três, pelo que não parecia consciente do desaparecimento da sua filha mais velha, até que um dia um príncipe veio a cavalgar à procura dela.

– A minha mãe disse-me que fui prometido à Princesa Bela quando ainda estávamos nos berços, mas gostaria de vê-la primeiro, à distância – disse o príncipe S'uperficial. – Se não for bonita, nada feito.

– A Bela? Parece que a... perdemos – confessou o meu pai, olhando em volta dele vagamente, como se ela pudesse estar escondida atrás da imperial cortina púrpura.

– Eu sei onde ela está. Deixa tudo nas minhas mãos, querido marido – disse a sua rainha, suavemente, e ele pareceu aliviado e deambulou até à sua biblioteca.

Como era um dia de semana, fiquei surpreendida por encontrar Nile a jantar na quinta essa noite, apesar de não saber porque deveria ficar já que, afinal, aquela era a sua casa.

Na verdade, estavam lá todos, mas, até Nile comentar, não me tinha apercebido de como me integrara bem e como a Quinta Oldstone já começava também a parecer a minha casa.

Sheila sorriu-me e disse para todos os presentes:

– Oh, sim, agora a Alice é uma Giddings honorária. Adotámo-la não oficialmente e, apesar de o seu apartamento estar quase pronto, esperamos que passe este fim de semana connosco e todos os outros que tiver livres.

– Sabem que adoraria, desde que me deixe pagar a cama e o alojamento! – respondi.

– Oh, não, pois vai pagar-nos com a sua ajuda no planeamento do nosso pequeno café – insistiu ela.

– Já para não falar em persuadir-te a ajudar-nos nas renovações da casa – acrescentou Bel com um sorriso.

– Fá-lo-ei com todo o gosto – afirmei.

– Estou em desvantagem no meio de tantas mulheres, pelo que mais uma irmã por perto não me faz diferença – comentou Teddy, triste, depois gemeu, pelo que Geeta lhe devia ter dado um pontapé debaixo da mesa.

– São todos muito bondosos e adoraria passar este fim de semana aqui, apesar de achar que tenho de passar a noite de amanhã no apartamento. Recebi uma mensagem a dizer que o frigorífico e o fogão serão entregues de noite, pelo que deve ser tarde para ainda voltar para aqui.

– Bom, tem a sua chave e pode entrar no sábado se não estivermos cá – sugeriu Sheila e Nile ergueu o sobrolho.

– Instalaste-te muito bem e depressa – comentou ele.

– Ele não seria tão antipático se não gostasse de ti – explicou Bel. – E, de qualquer forma, esta casa está aberta a todos, temos sempre muitos visitantes e alguns dos amigos artísticos da minha mãe ficam cá durante meses.

– Sim, e é uma pena não pagarem um tostão – concluiu Nile.

– Recebo muitos dos que pagam quando é época alta – afirmou Sheila, suavemente. – Mas, às vezes, é ótimo ter cá outros artistas com quem trocar ideias.

– O meu pai era pintor, até bastante conhecido – referi. – Alexander Rose. Não sei se já ouviu falar dele?

– Claro – declarou Sheila, interessada. – Adoro o trabalho dele e lembro-me de o ter conhecido uma vez, há anos, numa das exposições de verão da Royal Academy. Um homem muito gentil.

– Sim, era – concordei, pensando em como ele teria adorado a família Giddings e desejando que pudesse estar ali também, apesar de, claro, se não tivesse morrido, eu, provavelmente, também nunca teria ido parar ali. – Tenho um retrato meu que ele pintou, mostrar-lho-ei quando o desempacotar. Eu pinto qualquer coisa, mas é só para divertimento: a escrita é mais importante para mim.

Nile esboçou um sorriso perturbador.

– Ah, sim, a escrita... Presumi que ias passar o próximo fim de semana agarrada à secretária que compraste, a escrever um *bestseller*. – Depois contou a toda a gente sobre os meus romances, acrescentando que descarregara um para o seu *e-book* e lera os primeiros capítulos. Não deu a sua opinião.

– Oh, disseste-me que escrevias, mas achei que fosse apenas nos tempos livres! – exclamou Bel. – Não sabia que eras uma autora verdadeira, genuína.

Geeta, que estivera silenciosa e eficazmente a pôr comida na boca de Casper, que abria e fechava como a de um passarinho esfomeado, disse que gostava de uma bela história de amor.

– Não são bem histórias de amor como essas – expliquei. – Bom, não no sentido tradicional do

termo, como as de Eleri Groves, por exemplo.

– Oh, eu adoro os livros dela – concordou Geeta. – Ela vive nas redondezas, sabes. A caminho de Upvale.

– Não sabia e, na verdade, a agente dela é a minha também – referi. – Mandou-me um *e-mail* hoje sobre o meu novo livro, que mal está começado, e Nile deu-me boleia até ao celeiro de antiguidades para eu comprar a minha própria secretária de modo a poder trabalhar. Também comprei outras peças de mobiliário para quando a cama chegar, amanhã de manhã, já ter tudo o que preciso para me mudar.

– E poderás começar a trabalhar no teu salão de chá – comentou Nile. – Isso e a escrita do livro deixar-te-ão ocupada por uns tempos.

– Não até ela descansar bastante este fim de semana e recarregar baterias – retorquiu Sheila.

Bel, que estivera distraidamente a franzir o sobrolho e a olhar para o espaço vazio durante os últimos minutos, de repente olhou para cima e exclamou:

– *Eureka!* Toda esta conversa sobre escrita fez-me lembrar da razão pela qual o nome daquela mulher que estive na cena quando te encontraram, Emily Rhymer, me era tão familiar!

– De que estás a falar, querida? – perguntou Sheila, baralhada, e tivemos de contar sobre a pesquisa nos jornais que fizéramos e o que tínhamos encontrado, apesar de, claro, Nile já saber.

– Enfim – concluiu Bel –, acabei de me aperceber que Emily Rhymer é uma das filhas de Ranulf Rhymer, o biógrafo. Uma vez saiu um artigo numa revista de domingo sobre ele, há muito tempo atrás. Ele deu os nomes dos Brontë aos filhos, pelo que eram a Emily, a Anne, a Charlotte e o Branwell.

– Já ouvi falar de Ranulf Rhymer, mas isso é muito estranho – disse eu. – Acho que não queria dar aos meus filhos os nomes de uma família tão amaldiçoada, por muito brilhante que tivesse sido.

– Li algumas das biografias dele, é um homem muito esquisito – afirmou Sheila. – A sua força motivacional parece ser provar que todos os grandes trabalhos de literatura escritos por mulheres foram, na verdade, escritos pelos seus parentes homens.

– Se os Rhymer ainda viverem em Upvale, deve ser fácil encontrar a Emily – deduzi. – Assim que tiver um pouco de tempo livre, gostaria de falar com ela e com o agricultor que me salvou.

– Tens a certeza? – perguntou-me Nile. – Acho que não vão acrescentar nada aos artigos do jornal.

– Não espero que o façam, mas eles estiveram lá, naquele momento, são os únicos elos que tenho com o meu passado.

– Parece-me perfeitamente razoável, Nile – comentou Sheila, depois acrescentou: – Disseste que vais para Londres amanhã?

– Sim, bem cedo.

– Então dá os meus cumprimentos à Zelda.

– É a parceira de Nile – explicou Bel. – Vive num barco em Camden.

– Parceira de negócios – corrigiu Nile, franzindo o sobrolho para o prato como se este tivesse uma mensagem perturbadora escrita no molho de chocolate.

Lembrei-me da conversa telefónica que ouvira e pensei se havia, ou tinha havido, mais do que isso...

Não que me dissesse respeito, é claro.

Mais tarde, quando Nile se foi embora e Bel e eu ficámos sozinhas a arrumar a cozinha, ela explicou-me um pouco mais sobre o que Nile, na verdade, já me tinha dito.

– O Nile e a Zelda estiveram juntos na universidade. Ela às vezes fica aqui e adoramos recebê-la porque é divertida, de uma forma um pouco doida – acrescentou e senti um pouco de inveja, pois se alguém era a maluquinha no ninho dos Giddings, era eu.

Com o adequado (pensei eu) e temporário cuidado permanente que arranjei para o meu pai, regressei para minha casa e informei a minha equipa de que, em devido tempo, os deixaria. É claro que ficaram devastados por me perder, mas eu tinha a plena consciência de que era fundamentalmente por causa da grande dificuldade que tinham em encontrar médicos de clínica geral, não por causa da minha pessoa.

Comecei por resolver os meus assuntos e pus a minha casa nas mãos de um agente imobiliário local. Fiquei satisfeita por saber que valorizara muito e pensei que, uma vez vendida, poderia investir os lucros numa propriedade adjacente a um dos campos de golfe em Portugal de que eu mais gostava. Podia alugá-la até me reformar e depois ir viver para lá.

A Estrada Menos Viajada

Penso que Nile devia ter ido para Londres antes de o Sol nascer, pois já não havia sinal do seu carro quando cheguei ao café, na manhã seguinte.

Não chegara tão cedo como pretendera, pois assustara-me com uma enorme e fantasmagórica figura pálida de uma coruja-das-torres, que desceu a pique em frente ao meu para-brisas, ao regressar tarde de uma caçada noturna. Não me tinha apercebido antes de como eram grandes. Pensei que se tratava de um fantasma, pelo que tive de encostar e esperar que o ritmo do meu coração estabilizasse.

A cama e o colchão foram entregues logo após as nove e quando Bel chegou, um pouco mais tarde, para ajudar a desempacotar as últimas coisas e a pendurar as cortinas, eu já quase acabara de aparafusar a estrutura. Era mais complicado do que parecia: acho que devia haver um tipo de prémio por se fazer aquele tipo de coisa.

Pendurei o pequeno retrato de mim que o meu pai pintara num lugar de honra, na parede da sala de estar, e Bel admirou-o.

– Estás igual, apesar de ter sido pintado quando eras muito jovem, certo?

– Tinha quase catorze anos. Ele pintou muitos quadros meus, mas este é o único que tenho, sem contar com alguns esboços. A minha mãe adotiva vendeu o conteúdo todo do estúdio a um colecionador americano depois de ele morrer.

– Bolas! – disse ela compassivamente.

– A Nessa era assim e mostrou realmente quem era no instante em que o meu pai morreu.

Vendo que a recordação ainda me atormentava, Bel mudou rapidamente de assunto, passando-me os presentes de boas-vindas que trouxera em nome da família para celebrar a primeira noite que eu passava no apartamento. O de Sheila era um frasco de cerâmica para bolachas em forma de ovelha, cheio de biscoitos; Geeta enviara uma caixa de plástico cheia de chamuças de vegetais picantes e Bel oferecera-me um par dos seus brincos de porcelana com a forma de fragmentos pálidos de um coral, com algumas figuras marinhas.

Como o carteiro já me trouxera uma coroa de folhas e flores secas feitas à mão por Lola e a família, e uma coberta para o bule de chá por parte de Edie, eu sentia-me muito comovida pela bondade de todos.

A coroa parecia muito ao estilo da *Country Living* quando a pendurei na parte interior da porta do apartamento, mas pensei que a coberta azul-clara, com um pompom no cimo, de Edie fosse um chapéu até o ter posto na cabeça e compreendido que, a não ser que me crescesse um chifre no meio da testa, como à Princesa Bela, não precisaria de ter ali um buraco.

E depois outra cena ocorreu-me e anotei-a antes de ela desvanecer.

– *Receio bem, caro Príncipe S’uperficial, que haja um pequeno problemazinho – confessou a madrasta, quando ficaram a sós. – A Bela foi amaldiçoada no berço, o que a tornou tão maliciosa para com os meus outros filhos que tive de a prender num chalé encantado, onde ficará a dormir para sempre.*

– *Essas coisas acontecem – disse ele, admirando o seu reflexo no espelho por trás dela e alisando o cabelo loiro cor de manteiga. – Normalmente, há uma solução.*

– *Sim, o beijo tradicional de um príncipe como o senhor devia acordá-la, apesar de, primeiro, ter de a seguir para outro tempo e lugar. É claro que, quando a libertar, serão magicamente transportados de novo para aqui, para o Era-Uma-Vez, e viverão felizes para sempre.*

Os meus dedos ficaram mais lentos no teclado, recomeçando depois como um pica-pau ligeiramente cansado.

Dei comigo a olhar diretamente para as janelas da frente da Pequena e Perfeita, que se encontravam fechadas, escuras e ligeiramente misteriosas... Tal como o rosto de Nile quando por vezes olhava para mim... Até desvendar a derradeira arma daquele repentino e devastador sorriso.

Ele tinha de saber o efeito que provocava, e provavelmente ficara confuso por o seu charme não estar a funcionar comigo da forma que funcionara com as outras mulheres que se haviam cruzado no seu caminho. Não que eu estivesse suficientemente zangada para pensar que ele estava realmente interessado em mim: tinha a certeza de que era apenas um reflexo automático.

Lentamente, fiquei consciente do som do aspirador lá de baixo e apercebi-me de que já estava há algum tempo ligado: era sexta-feira, o dia de limpeza de Tilda Capstick.

Desci para cumprimentar Tilda e ela referiu que tocara lá para cima e que ninguém respondera, pelo que simplesmente começara.

– Mas coloquei a loiça branca toda em caixas e guardei-a no armário onde costumava estar a dos salgueiros.

– Oh, obrigada – agradei. – Queria tê-la colocado num daqueles sítios de reciclagem, não vale a pena vendê-la, mas ainda não tive tempo.

– Estava a ocupar espaço, mas agora estará fora do caminho até a senhora ter tempo – respondeu ela e depois acrescentou num tom um pouco acusatório: – Ainda pouco mudou por aqui, não é?

– Sim, mas mudará em breve – garanti. – Tive de arranjar primeiro o apartamento. Venha até lá acima ver como está.

– Então já se mudou? – perguntou, seguindo-me escadas acima.

– Ainda não. Estou hospedada numa pensão na charneca, na casa de família de Nile Giddings. Mudar-me-ei oficialmente na segunda-feira, apesar de ter de cá ficar esta noite porque vêm entregar o fogão, a máquina de lavar e o frigorífico, entre as quatro e as dez.

– Eh, o mundo está maluco, entregar encomendas a meio da noite! – exclamou ela, depois olhou em redor do apartamento e exclamou em aprovação: – Uau, está muito melhor, não está? Então... ainda vai para a frente com o salão de chá, flor?

– Claro que sim – assegurei-lhe, depois perguntou-me se ela e a tia Nell poderiam vir tomar chá na segunda-feira para discutir tudo.

Quando se voltou para se ir embora, reparou no presente de Lola pendurado na parte interior da porta.

- A sua coroa de Natal foi posta um bocadinho cedo.
- Não é uma coroa de Natal, é apenas uma decoração para ter o ano inteiro – expliquei.
- Perguntei-me porque não tinha azevinho – retorquiu ela, depois comentou desesperadamente que as flores secas eram más para o pó e que ela própria nunca lhes daria um lugar na sua casa. Suspeito que não seja leitora da revista *Country Living*.

* * *

Os meus eletrodomésticos chegaram um pouco depois das seis, mas o homem das entregas recusou-se a levá-los para o apartamento, deixando-os desamparados ao fundo das escadas.

Ainda era suficientemente cedo para ir para a Quinta Oldstone passar a noite, mas tinha planos para a manhã seguinte: Nile desenhara-me um mapa que mostrava a rota desde a Charneca Blackdog até ao parque de estacionamento, perto de Oldstone, e eu tencionava fazer a minha primeira visita a uma hora pouco convencional, quando tivesse a certeza de que não estaria lá ninguém.

* * *

Na verdade, a madrugada acabara de surgir no céu cor de amora com aço prateado à medida que eu seguia pela, agora familiar, estrada da charneca, apesar de, desta vez, não virar no caminho que dava para a casa, onde provavelmente os Giddings estariam a dormir... A não ser que o bebé Casper, a quem os dentes estavam a nascer, tivesse acordado os pais cedo ou Sheila tivesse sido atingida por uma fonte de inspiração e tivesse ido para o estúdio.

O pensamento de Casper, tão amado e desejado por toda a família, contrastava severamente com o bebé que eu tinha sido, ainda que de certa forma não me sentisse ligada àquela coisinha abandonada, doente e deformada. Talvez me sentisse quando passasse pelo Oldstone.

Eu escrevera as instruções de Nile em muitos *Post-it* e colara-os no painel de instrumentos. No início eram muito claros: «Segue pela estrada (!) principal até passares um letreiro à direita que diz Restaurante Mr. Rochester e outro que diz Hiker's Café.»

Era aí que Eleri Groves vivia, depois de casar com o seu Mr. Rochester. Esperei, para bem dela, que não houvesse nenhuma mulher maluca no sótão e que ele também não fosse tão irascível como o original.

A estrada mergulhava para cima e para baixo e o Oldstone, no seu afloramento rochoso, parecia avançar e retirar-se numa dança tentadora. Em seguida havia um pedaço de estrada nivelada e direita, e reparei no sinal à direita para o restaurante, parando brevemente para espreitar a via. Infelizmente, fazia uma curva e não dava para ver nenhum sinal da casa, sem ser uma pluma de fumo enevoadado que se elevava em direção ao céu.

No letreiro dizia que o restaurante só estava aberto à noite, mas o Hicker's Café proclamava-se «Agora aberto todo o ano!», apesar de eu achar que muitos caminhantes não queriam aproveitar essa vantagem no outono ou inverno.

Recomecei outra vez, mantendo os olhos muito abertos em busca de uma estrada muito estreita imediatamente antes de um cruzamento, mas, não sei como, não a vi e tive de virar no parque de estacionamento do Standing Stones Motel e voltar para trás.

Não fiquei surpreendida por não a ter visto logo: muros de pedra orlavam uma fina faixa de

asfalto que serpenteava numa série de curvas até que, quando parecia começar a deteriorar-se num caminho com um cume de relva a crescer no meio e uma sebe com um pilriteiro inóspito a guardá-lo como arame farpado, aparecia uma falha e um sinal gasto pelo tempo a indicar Oldstone.

Ao avançar, não era sequer um caminho, apenas riscos gêmeos gastos pela passagem de muitos pneus através da relva. Avancei aos solavancos até onde este terminava num meio círculo de relva curta e um par de mesas de piquenique gastas e maltratadas, numa das quais estava pousado um enorme corvo preto, como o último cliente relutante de um restaurante a sair passada a hora de fecho.

Olhou-me sem esperança, fez um barulho agudo e de gozo e foi-se embora a voar lenta e pesadamente.

O vento era penetrante quando saí e a charneca estava lindamente sombria agora que a fraca luz do Sol dourava a imagem. Mas não era quente: se no país havia um verão tardio, não era certamente na Charneca de Blackdog. As palavras «charneca inóspita» nunca tinham sido mais adequadas.

E, se agora estava frio, como seria no começo de março, quando fui encontrada? Só se pode esperar que um bebé Heathclifiano, uma força da natureza indescritível, sobrevivesse a uma exposição daquelas, não a coisinha pequena e frágil que eu fora.

A ponta do pedregulho estava agora muito próxima e distinguia-se como um gesto feio e desafiador enquanto eu seguia por um caminho bem calcorreado que ascendia lentamente para o cume. Terminava num planalto liso coberto com os restos do que fora um pequeno círculo de pedras em redor do monólito natural. Um deles, plano e sulcado, parecia distintamente sacrificial...

A minha imaginação desviante de contos de fadas animou-se, mas manteve-a firmemente dentro da sua caixa porque hoje era dia de verificar a realidade.

O Oldstone fora marcado com antigos sinais de bilboquês e, junto a ele, podia ver-se a quilómetros de distância. A casa dos Giddings ficava tão longe que parecia um brinquedo, mas havia uma quinta muito mais perto – talvez aquela de onde Joe Godet viera.

Era a outra única habitação que eu conseguia ver à distância, e a minha imaginação demasiado fértil ofereceu-me a imagem de uma jovem mulher de tamancos e xaile a atravessar a neve com um bebé nos braços. É claro que esse cenário estava pelo menos um século atrasado em relação ao momento da ocorrência – mas de que direção teria vindo a minha mãe? Teria vindo de um caminho a partir de uma cabana escondida e isolada, ao longo da estrada de Haworth, ou de Upvale, ou da aldeia sob o motel? Ou até, perdendo os tamancos e o xaile e transpondo a imagem para o século correto, seria que viera de muito mais longe, a conduzir ou de boleia?

Tê-la-iam trazido até aqui? Não podia ter sido ideal nem sequer para uma caminhada noturna dadas as circunstâncias, quanto mais para alguém que dera à luz nas horas anteriores...

Depois, lembrei-me de repente que o jornal dissera que Emily Rhymer tinha, na verdade, caminhado para o Oldstone desde Upvale na escuridão da madrugada, pelo que talvez tivessem apenas engendrado uma empreitada mais difícil até lá acima, sendo assim bastante possível que a minha mãe também tivesse feito esse percurso.

Estivera sentada, com o traseiro dormente, num monólito caído enquanto pensava nisto tudo, lembrando-me de que não tinha sido encontrada no topo perto das pedras, mas numa das fissuras da zona baixa. Levantei-me e percorri os caminhos das ovelhas até às pedras caídas na base da pedra do afloramento. Não fazia ideia em que buraco tinha sido colocada, mas havia vários potenciais candidatos e apercebi-me com mais intensidade de que fora mesmo um milagre eu ter sido

encontrada – e viva. Se tivesse lá permanecido por muito tempo, teria sido uma presa fácil para qualquer predador que passasse.

Estremeci. Agora que me encontrava no local, não ajudava especular que a minha mãe agira num estado cego de pânico e choque. Bom, mesmo há trinta e seis anos atrás ter um bebé fora do casamento não era uma catástrofe assim tão grande.

Presumo que o meu pai podia ter razão relativamente a ela ser muito jovem e talvez estar em negação quanto aos sintomas de gravidez até ao choque da minha chegada – mas, enfim, se era assim tão jovem, não devia ter tido alguém que a tivesse levado até ali? Ou, se já tivesse idade para conduzir, não devia estar em condições físicas para o fazer, pois eu não podia ter mais de algumas horas quando me encontraram.

Era um *puzzle* e os meus pensamentos rodopiavam em círculos inúteis, pelo que comecei a dirigir-me para junto do carro.

Não vira nenhum outro ser vivo para além do corvo, pelo que, quando uma ovelha apareceu de repente a saltar perto dos meus pés e se foi embora, a balir indignamente, quase tive um ataque cardíaco – em plena luz do dia!

Por isso, o que deveria Joe Godet ter sentido quando viu aquela lã branca e se aproximou da fissura da rocha à espera de encontrar uma ovelha e retirou de lá um bebé vivo?

Espero que não tenha sido decepção.

Enquanto eu continuava lentamente a resolver os meus assuntos na Escócia, convencida de que o meu pai seria bem tratado até me mudar de novo para a casa da família no Yorkshire, recebi uma carta anónima. Informava-me que a cuidadora do meu pai era uma mulher fresca, que o tinha na palma da mão, e que, se eu não tivesse cuidado, se casaria com ele ou convencê-lo-ia a deixar-lhe todo o seu dinheiro ou ambos.

O anonimato do remetente ficou comprometido com o autocolante da morada na parte de trás: era Kim, a nossa mulher a dias semanal.

Dizer Parvoíces

Não avançara muito no labirinto de estradas estreitas que acabaria por me conduzir de novo à estrada principal, quando me cruzei com uma pequena carrinha que vinha em sentido contrário. Quem a conduzia era uma mulher de cabelo grisalho, de cinquenta e tal anos, que simplesmente olhou fria e impassivelmente para mim através do para-brisas durante o que pareceu ser uma hora, até eu desistir e recuar até ao local de passagem mais próximo, apesar de ter a certeza de que ela estava muito mais perto de um do que eu.

No lugar atrás do dela encontrava-se um cão sentado somente visível pela sua pequena cabeça branca e um par de olhos escuros brilhantes, pelo que pensei que ela pudesse ir passear o cão àquela hora, apesar de parecer um local distante para o fazer.

A não ser, claro, que vivesse nas redondezas? Ao verificar o mapa, tinha ficado surpreendida com a quantidade de casas que havia ali à volta, pontilhadas através do campo aparentemente fútil e vazio.

Ela passou por mim sem sequer acenar um obrigada e eu segui o meu caminho. Desta vez, não parei junto ao letreiro do Hicker's Café e não teria ficado tentada a pedir café e bolo, ainda que estivesse aberto, não se desse o caso de Eleri Groves estar por ali. Quero dizer, se se lembrasse de mim, poderia parecer uma espécie de perseguição, surgir-lhe assim à porta de casa. Ou, se soubesse que Senga era agora a minha agente, seria chato, pois eu estava a começar a minha carreira enquanto ela já era uma escritora de renome.

Em vez disso, dirigi-me como um pombo-correio para a Quinta Oldstone, onde descongelei ao beber um chocolate quente com Bel. A casa encontrava-se calma – Sheila estava a trabalhar na olaria e Geeta, Teddy e o bebé tinham saído.

– Eles abrem o escritório por marcação aos fins de semana, mas o outono é uma altura parada para encomendar piscinas – explicou. – De qualquer forma, é o aniversário da mãe de Geeta e vai haver uma grande festa familiar, por isso é que foram para Bradford. A Geeta vestiu o seu melhor sari e pôs algumas das joias de ouro do seu casamento, estava deslumbrante. – Suspirou. – Quem me dera que esse tipo de coisa me ficasse bem.

– Como é que ela e o Teddy se conheceram? – perguntei.

– O melhor amigo do Teddy na universidade era o irmão dela e, quando o Ted foi a sua casa, foi amor à primeira vista. Os pais dela tiveram de ser conquistados devagar, mas agora adoram o Teddy. E o bebé.

– Acho que sou demasiado alta para usar um sari – comentei –, embora talvez me safasse com um *salwar kameez*.

– Eu sou apenas dois centímetros e meio mais baixa que tu – referiu Bel. – Saio ao lado do meu pai, os Giddings eram todos altos.

– Sabes, uma das coisas boas de me ter mudado para Haworth foi existirem tantas mulheres altas.

Até a Tilda, uma das funcionárias do Branwell Café, tem quase a minha altura.

No dia anterior, dissera a Bel que queria visitar Oldstone a caminho dali e agora ela dizia:

– Então, o que achaste de Oldstone?

Senti um calafrio, apesar do calor da cozinha e da caneca de chocolate quente.

– Lá em cima é sombrio e deserto – afirmei. – E a questão de onde a minha mãe biológica veio continua em aberto, pois apesar de ter observado que ela possa ter saído de um chalé ou uma quinta nas redondezas, também pode ter vindo de carro, ou apanhado boleia, de qualquer outro sítio.

– A polícia deve ter investigado todas as casas das redondezas, por isso penso que podes descartar essa hipótese – disse Bel. – Quero dizer, esta Emily Rhymer pode ter caminhado às escuras até lá acima desde Upvale, mas não é algo que a maioria das mulheres ponderasse.

– Não, e estou ansiosa por falar com ela, de uma maneira um pouco estranha, porque parece excêntrica, para dizer o mínimo.

Sheila entrou nesse momento, com as calças de bombazina verde-musgo liberalmente manchadas de barro, seguida pela sua sombra, *Honey*, e perguntou-nos o que iríamos fazer naquele dia.

– Deve mesmo descansar, Alice, antes de atacar as obras de renovação do café, na próxima semana. O Jack disse-me que estava a organizar o seu trabalho, conjugando-o entre os trabalhos dos seus clientes habituais, o que acho uma ideia muito sensata.

– No início pensei fazer eu mesma tudo o que pudesse para poupar dinheiro, mas, assim que conheci o Jack, compreendi que seria uma falsa poupança – concordei.

– Hoje vamos ter um *busman's holiday*¹⁰, mãe – disse Bel. – Vamos medir a cocheira e organizar as plantas para o nosso café de modo a que o Teddy possa desenhá-las. E ia agora dizer à Alice que decidimos fazer unicamente comida norueguesa!

– Estás a falar de bolos noruegueses, como aqueles bolinhos Bergen de que falaste e que parecem deliciosos? – perguntei.

– Não, trocámos a ideia dos bolos por algo mais incomum: vamos servir *waffles* noruegueses com natas e geleia de cereja preta.

– Ou com qualquer outra geleia caseira boa – disse Sheila. – Gosto deles com geleia de morango.

– Os *waffles* noruegueses são diferentes? – perguntei.

– São moles e espalham-se as natas e a geleia num dos lados, depois dobram-se para comer.

– Parecem deliciosos.

– Tenho de fazer-lhe alguns – prometeu Sheila. – E cheguei à conclusão de que é melhor empregar alguém no café do que tentar geri-lo por nós próprias.

– Penso que isso é uma boa ideia, e as instalações do *catering* serão simples caso necessitem apenas de uma grande grelha de *waffles* e de equipamento para fazer chá e café.

– Vai custar algum dinheiro transformar a cocheira num café, mas é um investimento para atrair os visitantes – disse Sheila. – Um isco para apanhar o peixe graúdo.

– Eu sei. Estou sempre a verificar os meus números e a tentar encontrar formas de manter os custos baixos para não afetarem a qualidade do salão de chá – comentei. – Mas não podemos cortar em certas coisas.

– Então, achas que uma pequena casa de *waffles* noruegueses seria chamativa? – perguntou Bel.

– Um placa a dizer «Casa de Waffles» certamente far-me-ia sair da estrada – assegurei-lhe. – É a vossa especialidade, tal como oferecer chás de primeira qualidade é a minha.

– Agora apetece-me *waffles* – suspirou Bel – e acabei de tomar um pequeno-almoço tardio.

– Eu faço alguns à hora de almoço, só vim realmente para fazer uma chávena de café – respondeu Sheila, mas depois de a terminar voltou a sentar-se à mesa. – Hoje, vamos ser só as três ao jantar, embora eu tenha a certeza de que o Nile estará de regresso amanhã para o seu almoço de domingo, faça chuva ou faça sol!

– Ele nunca perde um se puder vir – concordou Bel – e chama-me gulosa a mim!

– O Nile disse que lhe contou como veio parar à nossa família – comentou Sheila. – Estou tão contente, é que normalmente é bastante reservado em relação a isso. Normalmente é reservado, ponto final – declarou. – À exceção da família, claro.

– Nunca reparei nisso – retorqui. – Mas também parece que tudo o que faço o irrita.

– Oh, acho que ele gosta mesmo de si – garantiu Sheila, apesar de eu pensar que era mais fruto da sua natureza otimista do que outra coisa qualquer.

– Fiquei muito surpreendida quando me contou que também é adotado. Suponho que nos dá a sensação de algo em comum, apesar de a sua experiência ter sido inteiramente diferente da minha, claro, porque conheceu a mãe dele.

– Sim, os seus primeiros anos foram muito traumáticos, pobre rapaz, e viu algumas coisas terríveis, embora eu tenha a certeza de que a mãe dele deve tê-lo amado à sua maneira.

Pelo que ele me dissera, parecia que ela gostara mais da sua bebida... O que era muito trágico, à sua maneira, como eu ter sido deixada no meio de nenhures como um pedaço de lixo descartado.

– A minha mãe adotiva foi sempre fria comigo, mas tive um pai maravilhoso e carinhoso. Os pais da minha melhor amiga, Lola, também eram espetaculares, muito descontraídos, e fazíamos as tarefas da sua pequena propriedade, com cabras e galinhas e um burro, pelo que suponho que era tudo um pouco parecido com a Enid Blyton.

– E agora ambos estão a construir as vossas próprias carreiras e tornaram-se jovens excelentes – afirmou Sheila.

– Já não somos assim tão jovens – retorqui secamente. – Eu tenho trinta e seis anos!

– O Teddy e eu somos um par de anos mais novos que tu, mas o Nile tem trinta e oito anos, coitado – disse Bel.

– Não é assim tão velho – protestou Sheila.

– A Zelda não vai fazer quarenta, mãe? – perguntou Bel, depois explicou-me: – A parceira de Nile passou alguns anos a viajar pelo mundo antes de ir para a universidade.

– Sabes, acho que tens razão – disse Sheila, parecendo concordar. – O tempo voa, e ela é uma rapariga tão simpática que fico surpreendida por ainda não se ter estabelecido nem construído uma família.

– Oh! – exclamei, tentando não parecer tão curiosa como me sentia, visto que Zelda era um nome tão vulgar que devia ter sido ela a ligar-lhe daquela vez e, na minha perspetiva, não parecera só um telefonema de negócios. – Ela e o Nile não são um casal?

– Acho que nunca foram mais do que amigos – disse Bel. – Ela teve alguns relacionamentos de longo prazo, mas eles desaparecem.

– A Bel costumava vê-la muito frequentemente, porque o seu ex-marido é médico num hospital de Londres – explicou Sheila.

– Eu detestava viver em Londres – afirmou Bel. – E, no final, também detestava o meu marido! Assim que se tornou especialista, esperava que toda a gente, incluindo eu, fizesse tudo o que ele dizia. E, como eu não fazia, olhava-me como se tivesse alguma doença grave. E ter tido um caso

com uma pessoa que eu considerava amiga foi a gota de água.

– Vocês não encaixavam bem logo desde o início – recordou Sheila. – Mas ele era muito bonito.

– Acho que ambos pensámos que estávamos a casar com pessoas diferentes – disse ela. – Não funcionou, e agora nunca mais quero voltar a casar. Viverei em Oldstone o resto dos meus dias a fazer o que quiser.

– Há uns anos, na Cornualha, saí com um dentista – referi.

– A sério? Ele arranjou-te os dentes de graça? – perguntou Bel, interessada.

– Não, tive sorte e não precisava que fossem arranjados, ele também não era nada de especial enquanto dentista. Estava muito mais interessado nos seus *hobbies*, fazer *surf*, andar de jangada e asa delta. Tudo o que envolvesse perigo.

– Pelo menos parece divertido.

– E era, e gostava muito de mim, mas acabou por emigrar para a Austrália e não quis ir com ele.

– Ainda tem notícias dele? – perguntou Sheila.

– Oh, sim, normalmente quando a sua mais recente namorada o deixa e ele se sente sozinho e com pena de si próprio. Depois vem a próxima e volta a ficar em silêncio. É bastante atraente, de uma forma muito infantil, apesar de quase totalmente egocêntrica – acrescentei. – Acho que só me deu o seu antigo Carocha porque se esqueceu de o vender antes de se ir embora.

– São todos assim – assegurou Bel, triste.

– Depois, mudei-me para a Escócia e fiquei noiva de um alpinista, Dan Carmichael. Já devem ter ouvido falar dele.

– Claro, mas morreu... – começou Sheila, depois deteve-se. – Lamento muito, Alice. Realmente referiu que teve uma perda recente.

– Foi há cerca de seis meses. Dan morreu num bizarro acidente de alpinismo no início de março – contei, sentindo uma súbita pontada de culpa por me ter sentido atraída por Nile tão depressa. Mas, enfim, a ravina escura da depressão em que eu mergulhara depois de Dan morrer fizera com que tudo parecesse ter acontecido há muito tempo atrás. Agora só sentia uma tristeza comovedora quando pensava nele.

– Foi um choque – afirmei –, quase tanto como ter descoberto, antes do funeral, que ele ainda era casado com a primeira mulher.

– A sério? – comentou Bel, de olhos arregalados, pelo que lhes contei tudo sobre a terrível mulher de Dan, Tanya, a sair do madeirame e a agarrar tudo com as suas unhas azul-turquesa pontiagudas.

– Mas não consegui deitar a mão às apólices do seguro de Dan, porque ele as pusera em meu nome, e, quando me pagaram, fiquei com dinheiro suficiente para comprar o apartamento e o café. Esperei ter o necessário para viver se fosse poupada, mas agora vejo que vai ser tudo gasto nas renovações.

– Mas é um investimento e acho que será espetacular! – disse Sheila entusiasmada. – Marcaremos mesa para a inauguração e virão todos!

– É muito simpático da sua parte e espero que tenha razão – respondi, depois ela levantou-se e dirigiu-se de novo para o estúdio.

Bel e eu fomos buscar pranchetas e fitas métricas e seguimo-la pouco depois para planear a casa de *waffles* norueguesa. Quando regressámos, estávamos no ponto de atirar *slogans* promocionais ridículos uma à outra, como: «Deslize até ao nosso café para o *waffle* do século!» e o meu

preferido: «Venha aos *waffles*, os noruegueses viriam!»

* * *

Na manhã seguinte, Teddy, Geeta e Bel foram para o escritório da Pondlife trabalhar nos planos para a casa de *waffles*, enquanto eu me recolhi na biblioteca da casa com o meu computador para me dedicar ao romance, que supostamente devia estar acabado.

Não tinha a certeza para onde se dirigia e temi que este conto de fadas de terror, com final retorcido, pudesse acabar mais retorcido que os outros.

– *Há outra coisa que deve saber – acrescentou a madrastra e o príncipe pareceu pensativo: tudo parecia muito cansativo e ele era extremamente preguiçoso.*

– *A maldição original, dada a Bela no berço, proporcionou-lhe um rosto bonito, mas uma natureza terrível – explicou a madrastra.*

– *Uma maldição pode ser desfeita – disse o Príncipe S’uperficial.*

– *Sim, mas, e se quando a acordar com um beijo e quebrar o encantamento, ela tiver um rosto terrível e uma natureza bonita? – perguntou ela.*

– *O príncipe, que esperava que a noiva fosse a mais bonita e elegante do reino, limitou-se a encolher os ombros.*

– *Então já não haveria acordo – disse ele, firmemente.*

Tal como Bel previra, Nile saíra de Londres tão cedo na manhã seguinte que a sua carrinha *Mercedes* escura viera a balançar pelo caminho de gravilha muito antes do paladino almoço de domingo, que consistia em carne assada e pudim de Yorkshire.

Ele parecia estar em modo melancólico, mas, quando perguntei se o colecionador não tinha gostado do par de figurinhas *Meissen* de início de século, representando um pastor e uma pastora, que tinham sido a razão da sua viagem, ele disse que pelo contrário ficara encantado.

Depois, pareceu mergulhar novamente em pensamentos profundos com algum esforço e acrescentou:

– Enquanto estava lá em baixo, fiz algumas perguntas e um dos meus amigos conhece alguém que quer vender um conjunto de mesas e cadeiras de café, tudo muito simples e de madeira branca de boa qualidade. Fui lá ver, tirei algumas fotografias e as dimensões com o meu telemóvel.

– Foi muito atencioso da tua parte, Nile.

– Bom, não é preciso ficares tão impressionada – respondeu, depois pegou no telefone, passou com o dedo até ao sítio certo e entregou-mo. – São sólidas, mas devem precisar de uma nova camada de tinta fresca.

– Não importa, se forem do tamanho correto – disse eu, analisando as fotografias. – Queria uma mistura de mesas redondas com outras pequenas e retangulares, pelo que se as medidas estão certas, parecem perfeitas!

– Acho que também encontrei uma casa para as tuas monstruosidades atuais – referiu ele. – A Zelda conhece um negociante que compra mobília retro, por isso, se quiseres, posso contactá-lo e ver se te faz uma boa oferta. Mas não deve oferecer muito.

– A sério? – disse, espantada. – São tão feias que pensei ter de pagar para me livrar delas!

– O teu salão de chá vai ficar muito elegante – comentou Bel, inclinando-se para ver as fotografias. – Mas a nossa casa de *waffles* norueguesa será mais artística e campestre.
– Casa de *waffles*? – repetiu Nile.

10 Quando se fazem as tarefas habituais do trabalho nos dias de descanso. (*N. da T.*)

Kim, a mulher a dias de Upvale, era uma mulher séria, calada e eficiente, com a qual sempre me dera bem, e por isso tinha a certeza de que o seu aviso fora bem-intencionado.

E assim que abri os olhos para a possibilidade de a enfermeira do meu pai fazer avanços, lembrei-me de vários sinais que lhe davam razão.

O meu pai deixara recentemente de me pressionar para me mudar o mais depressa possível e, na verdade, assegurara-me há apenas um dia de que a situação atual era bastante satisfatória e que não havia nenhuma pressa.

Definitivamente não era o caso, pelo que era necessária uma ação decisiva e rápida. No outono de 2004, menos de duas semanas após a chegada da carta anónima, instalei-me em Upvale, juntamente com o meu Bichon Frisé velhote, Drogo.

Perante a minha chegada súbita, a enfermeira dececionada do meu pai, Patsy Dodds, ficou muito apagada, apesar de me ter cumprimentado à porta com a graciosidade de uma anfitriã que recebe um convidado inesperado em sua casa.

Informei-a logo de que já não precisava de assistência para me mover na minha própria casa e que devia regressar aos deveres para os quais era muito bem paga.

Era óbvio que as suas pretensões necessitavam de uma boa espremidela.

Ouvindo Ligeiramente

Eu quisera regressar ao apartamento logo a seguir ao almoço, mas o tempo voou enquanto falávamos, pelo que já era tarde quando saí de casa.

Casa – um conceito com um som estranhamente permanente! E ninguém mo podia tirar... A não ser que o salão de chá fosse bombardeado e eu perdesse o meu dinheiro. Mas consolei-me com a ideia de que, se isso alguma vez acontecesse, as instalações ainda valeriam muito mais do que eu paguei por elas, com o apartamento renovado e habitável e um café atualizado.

A Quinta Oldstone agora parecia-me como uma segunda casa, onde eu era sempre bem-vinda.

Nile só regressaria a Haworth na manhã seguinte e por isso quando estacionei atrás do café tudo estava silencioso, escuro e deserto. E, depois de ter tropeçado nos caixotes do lixo e ir às apalpadelas pelo caminho até à porta, jurei mandar pôr um candeeiro na parte exterior.

Dentro da entrada estreita, o meu frigorífico, o forno e a máquina de lavar continuavam alinhados ao fundo das escadas – esquecera-me completamente deles durante o fim de semana. Teria de tentar arranjar um ou dois homens no dia seguinte.

Com Nile fora e sem vizinhos na Doorknocker's Row, o apartamento parecia isolado e, no entanto, quando abri um pouco a janela da frente, consegui ouvir pessoas a falar na rua principal até ao final da passagem.

Fez-me lembrar as muitas vezes no passado quando, no fim de um longo dia, me sentava a ouvir vozes distantes na rua de baixo e os gritos aleatórios das gaivotas, sentindo-me contente no meu pequeno mundo.

Abri o computador que colocara na minha nova secretária e comecei a sonhar, tal como acontecia sempre: a princesa bebé deixada aos lobos na floresta, Heathcliff, a criança abandonada na charneca, Moisés nos juncos e a criança amaldiçoada no seu batismo por uma fada madrinha malvada...

Ou, no caso da história atual, seria que a maldição só funcionara no que Bela já era? Os pensamentos giravam e faíscas brilhavam até a forma do capítulo seguinte começar a juntar-se em redor do coração negro da Bela Adormecida.

Kev caminhara por aquela rua todos os dias da sua vida – para a escola, para a gazeta, para comprar cigarros, para ir ao pub com os amigos e para praticar roubos simples. Ele não fazia ideia porque nunca reparara no grande lote de árvores, arbustos e pilriteiros... Nem no telhado amaldiçoado de um pequeno edifício que crescia em frente a eles.

Brilhava como ouro opaco na luz laranja da rua, mas não podia ser ouro. Talvez fosse bronze, ou qualquer coisa parecida. Faria com que ele ganhasse uma fortuna, isso sim...

Não havia ali ninguém àquela hora da noite; estava sozinho porque tivera uma discussão

com Shaz, deixando-a no pub. A sua casa era duas portas abaixo, pelo que foi buscar a réplica de uma espada de samurai, que roubara da cave de um apartamento numa das melhores zonas da cidade, e começou a avançar pelos arbustos.

Nile devia ter chegado muito cedo, pois o seu carro já lá se encontrava quando cheguei na manhã seguinte para comprar tinta para o café e para a cozinha. Do mesmo tom do apartamento, claro, só que em maior quantidade: aquela cor de cogumelo horrorosa precisaria de muitas camadas.

Não estive ausente durante muito tempo, mas o carro de Nile desaparecera quando regresssei, fora de viagem, ou estava de volta a Londres para a sua parceira ou... Bem, quem sabia que outros interesses ele poderia ter?

Ou talvez tivesse ido ao café falar comigo sobre alguma coisa e tivesse visto os eletrodomésticos ao fundo das escadas e escapado antes que lhe pudesse pedir ajuda para os levar para cima.

Mas não importava, pois Jack, o faz-tudo, ajudado por um adolescente calado e envergonhado chamado Ross, fizeram-no mais tarde. Depois ele espalhou amostras de tampos de cozinha para que eu pudesse escolher o que queria. Tudo seria fresco, robusto e fácil de limpar, e a mesa da cozinha seria relegada para o quarto das traseiras, de modo a eu poder ter uma ilha central com armários.

Depois disso, fui para cima e deixei-os trabalhar. Jack tinha as suas chaves e havíamos acordado o que precisava de ser feito, e a ordem em que tudo seria feito, pelo que em teoria a minha dedicação a partir de agora estaria confinada a pintar um pouco e a escolher os móveis e os aparelhos.

O que era bom, pois ainda tinha de comprar equipamento e encontrar fornecedores de *catering*, não esquecendo a grande lista de coisas para fazer, incluindo estudar algumas das normas oficiais relativas à instalação de um negócio de confeitaria, que descarregara da internet.

Até à morte de Dan, recebia um salário pelo meu trabalho no café, contudo, desde então, o meu único rendimento era o pequeno montante de *royalties* dos *e-books* e um avanço modesto por parte da editora. Agora era a única dona do salão de chá, com salários para pagar, e precisava de pôr de lado algum dinheiro do seguro como fundo de emergência para despesas inesperadas e para fazer fluir o negócio até ele arrancar.

Comecei outra lista: livro de contabilidade, livro de registo, quadros brancos e canetas, envelopes, ficheiros. Ainda bem que Mrs. Muswell não pensara em levar o pesado armário de arquivo! Pendurar arquivos, acrescentei. Encher gavetas...

Nesta altura, o dia já ia longo e não valia a pena começar a pintar antes de Nell e Tilda chegarem para o chá, pelo que espalhei os meus livros de cozinha sobre a mesa de pernas articuláveis e comecei a pensar no que teria na ementa: era a parte fácil e divertida de começar um salão de chá.

Estava perdida no paraíso da pastelaria quando Jack chamou do cimo das escadas para dizer que as minhas visitas já tinham chegado, e Nell e Tilda subiram.

– Tinhas razão, nossa Tilda: há mesmo uma coroa de flores mortas na porta – ouvi Nell dizer enquanto me aproximava para cumprimentá-las.

Eu sabia, pelo vídeo do YouTube, que Nell era uma versão mais magra e com peito liso da sobrinha alta e ossuda. Era mais velha, mas era difícil dizer quanto, pois não havia sinais de curvatura, apesar de o seu cabelo ser grisalho, espesso, brilhante e estar cortado à altura do queixo. Dividido ao meio, estava penteado para trás e preso com ganchos em forma de borboleta em ambas as têmporas.

Os seus olhos eram de um azul-pervinca e o seu esplêndido nariz tentava encontrar-se com o queixo, devendo ser bem-sucedido um dia.

– Olá, entrem. Ainda bem que vieram – cumprimentei.

– Eh, é uma rapariga muito alta e forte – comentou Nell, olhando-me com aprovação. – A nossa Tilda disse que também nasceu para estes lados, apesar de falar um pouco diferente, o que quer dizer que tem sangue bom.

– É verdade – confirmei –, apesar de termos vivido em Knaresborough até eu ter oito anos.

– Bom, não há nada de mal com Knaresborough, acho eu – retorquiu ela, magnânima.

– Sentem-se, vou fazer chá – disse eu, empurrando os livros e as notas para o lado. – Ou preferem café?

– Chá, e eu sirvo, faço melhor – disse Tilda, passando das palavras aos atos.

Tirei a tampa do jarro de biscoitos em forma de ovelha, que Nell muito admirou, e ofereci-lhe um bolinho decorado.

– Então – disse ela, analisando-o de perto antes de lhe dar uma dentada –, a nossa Tilda disse que ia reabrir como salão de chá chique e que quer que a gente trabalhe aqui o ano todo.

– Sim, teriam ambas empregos permanentes se os quiserem, mas não a tempo inteiro.

– A nossa Daisy também nos podia ajudar, quando não estiver na universidade – sugeriu Tilda, pousando o bule com a aconchegante coberta azul em cima da mesa e sentando-se em frente a mim. Eu trouxera uma das duas cadeiras instáveis da cozinha para mim (a outra estava no escritório), deixando as outras duas decentes para as minhas convidadas.

– Espero abrir no início de novembro, o mais tardar – disse eu. – Acho que é uma meta realista, pois há muito que fazer e quero que fique tudo impecável. E fazer toda a publicidade possível também.

– Isso dá-lhe mais de um mês, que é tempo de sobra – respondeu Tilda, pelo que achei que não estava a perceber bem o trabalho que teria de ser feito.

– A minha ideia é abrir cinco tardes por semana, de terça a sábado. O que acham?

– Parece-me bem, se tivermos o domingo e a segunda livres... E disse que só vamos abrir à tarde? – perguntou Nell.

– Sim, o primeiro turno do chá da tarde será às duas e o segundo às quatro, para que as pessoas possam apreciar sem pressas. Se algumas das mesas não estiverem reservadas, podem ser usadas pelos clientes ocasionais que entrarem. Podíamos ter informação lá fora a dizer «Não é necessário reservar sempre mesa».

– Não vai ter uma grande rotação de clientes se fizer isso – disse Nell.

– Não, nossa Nell, mas os clientes vão pagar muito mais pelo privilégio de estarem aqui a encher o bucho durante o tempo que quiserem – assinalou Tilda.

– Sim, não será barato, mas a comida, o chá e o café serão à descrição, continuamos a servir até os clientes desejarem. E teremos apenas bebidas frias tradicionais de boa qualidade, com ingredientes naturais. Talvez eu própria faça limonada no verão.

– Não vou andar às turras com uma daquelas máquinas de café todas chiques, que demoram uma hora a fazer uma chávena com um desenho na espuma – declarou Nell, belicosamente.

– Isso não será necessário, pois vamos seguir a via mais tradicional. Agora há cafés ao pontapé – concordei. – Vamos oferecer bules de chá de Yorkshire, como deve ser, e uma variedade de chás especiais e infusões de ervas. O café será feito em cafeteiras individuais, detesto café feito que fica

parado a estufar na chapa.

– Tal como leite, vai precisar de limões: alguns clientes tomam chá tão fraco como chichi de gato, com uma fatia de fruta lá dentro – disse Nell.

– Sim, teremos limões já fatiados e jarros com água quente extra. – Tomei nota daquilo. – Cozinharei cedo todas as manhãs, mas preciso que alguém corte as sandes, ponha as mesas e, no geral, prepare tudo para abrirmos.

– Eu posso fazer isso e a Nell pode vir mais tarde – disse Tilda. – E se eu não tiver de cozinhar, posso ficar a servir o chá e o café ao balcão e a recolher o dinheiro, além de ajudar a Nell a servir às mesas, suponho?

– Exatamente, embora talvez tenha de cortar mais sandes se estas começarem a acabar. Pode levar as contas dos clientes à mesa e eles podem pagar ao balcão.

– Gosto mais de servir à mesa – disse Nell. – Gosto de lhes dar comida e água, especialmente aos pobres diabos dos turistas que saem da carruagem mais mortos do que vivos, só com um par de horas para ver tudo.

– Penso que a maior parte dos nossos clientes ficará um pouco mais do que isso – sugeri. – Deixarei folhetos em todas as pensões e hotéis.

– Sim, e os moradores com mais dinheiro do que cabeça também vão vir. Há muitos desses – comentou Tilda. – Ainda assim, não vais ter de os despachar daqui para fora, nossa Nell. Eles vão pagar para se sentarem aqui durante o tempo que lhes apetecer, a encher o bucho e a exigir mais.

– E a reclamar, que é o mais provável – replicou Nell, agressivamente.

– Tenho algumas ideias sobre o que oferecer nos tabuleirinhos dos bolos – comecei. – Estou a pensar em versões pequenas e elegantes de bolos e doces clássicos, mas vamos anunciá-lo como um chá de alta qualidade de Yorkshire, pelo que preciso de algumas especialidades locais. Haverá miniaturas de *fat rascals*, claro, mas, se pensarem em algo mais, digam-me.

– A minha mãe tinha sempre um bolo de sementes na mesa ao domingo – lembrou Nell.

– Sementes de alcaravia? – perguntei e ela assentiu.

– Terei dois grandes bolos no balcão todos os dias, além dos pequenos nos suportes, para que os clientes possam escolher uma fatia se quiserem. Um bolo de sementes seria perfeito.

– Vai ser uma quantidade enorme de comida – retorquiu Tilda, não aprovando por completo.

– Ainda estou a pensar nas opções, mas acho que o chá clássico terá pequenas sandes, scones ou *fat rascals*, e bolos. Também haverá uma opção salgada, com coisas como minitarteletes de queijo.

– O nosso Graham tem um par de porcos, se houver muitas crostas e sobras – disse Nell.

– Não oficialmente, pode levar todas as sobras que quiser – respondi. – Mas o desperdício alimentar terá de ser eliminado adequadamente todos os dias.

– Eu só vou levar o pão e ele paga-lhe mais tarde com um pedaço de *bacon*, ou assim – declarou ela.

– O que vai ter nas sandes? – perguntou Tilda de maneira prática, mexendo a infusão escura que restava no fundo do bule e voltando a pôr-lhe a tampa.

Se houvesse um rato nesta festa do Chapeleiro Louco, provavelmente já estaria castanho-escuro, e haveria certamente duas Rainhas de Copas, nenhuma delas eu.

– Carne assada e um pouco de molho de rábano, maionese de ovos com agrião, queijo cremoso e salmão fumado... – listei.

– E os vegetarianos? – perguntou Nell, como se eles fossem uma espécie completamente

diferente.

– Paté de vegetais caseiro, pepino, queijo e tomate, abacate... Procurarei algumas receitas de recheios interessantes – disse eu. – Talvez, mais tarde, adicione uma versão sem glúten, mas pensei que poderíamos começar com algo simples no início. Quer dizer, somos um pequeno salão de chá e, se tivermos apenas um cliente por dia para um chá sem glúten, estaremos a desperdiçar muita comida.

– Sem glúten! – exclamou Nell agudamente. – Qualquer dia vão todos pensar que os seus sistemas não aguentam um bocado de ar fresco, e vão comprá-lo em latas no supermercado.

Provavelmente estava certa, mas algumas pessoas não podiam realmente digerir glúten, pelo que eu teria de trabalhar nessa questão mais tarde.

– Então, vai ser tudo comida fria? – questionou Tilda.

– A não ser que alguém queira scones quentes de queijo – expliquei.

– E os miúdos? Mistress Muswell não tinha cadeiras altas porque não queria encorajar as pessoas a trazerem crianças pequenas. Dizia que traziam mais chatices do que valiam – lembrou Tilda.

– Eu acho que as pessoas não querem trazer crianças pequenas para um salão de chá caro e luxuoso, mas é melhor termos algumas cadeiras altas só para prevenir. Contudo, os carrinhos de bebé terão de ficar lá fora, pois não haverá espaço suficiente e bloqueariam as saídas numa emergência.

– Não, não pode tê-los no caminho – concordou Tilda.

– O acesso para inválidos também será difícil, dada a natureza do velho edifício. Pensei que pudesse ter uma rampa no degrau para o café, mas não posso fazer nada em relação aos degraus que descem para as casas de banho, a não ser colocar bons corrimãos.

– Só se pode fazer o melhor com o que se tem – advertiu Tilda. – Vejo que está a pensar muito para que tudo funcione, para além de estar a gastar um dinheirão.

– Só que há uma coisa... – disse eu lentamente, pensando como formular a frase com tato. – Do ponto de vista do cliente...

– Quer que a gente seja simpáticas para os clientes, mesmo que eles sejam malucos? – perguntou Nell, depois olhou acusatoriamente para Tilda. – Tu disseste que ela não se importava que a gente dissesse o que pensa.

– E não me importo – respondi rapidamente. – Mas a questão é mesmo essa: não quero que mudem nada em relação aos clientes. Aliás, têm uma reputação tão grande no YouTube por dizerem o que pensam que eu gostaria de publicitar o salão de chá como tendo as empregadas mais antipáticas do Yorkshire, se não se importarem – finalizei apressadamente.

– Bom, por favor! – exclamou Nell, olhando para mim, apesar de felizmente parecer mais divertida do que insultada.

E, depois disso, bebemos mais alguns copos de melão e conversámos sobre as coisas mais mundanas e essenciais referentes à gestão de um café, a maior parte das quais Tilda já sabia na ponta da língua: conseguia ver que ela seria um grande ativo.

* * *

Quando se foram embora, fechei a porta do café atrás delas, comecei a empilhar as horríveis mesas e cadeiras de metal a um canto e a colocar-lhe lençóis por cima por causa da pintura.

Detestava pintar tetos, por isso decidi que mais valia começar já para terminar rapidamente, usando o rolo de cabo comprido. Primeiro, porém, coloquei uma das toucas, enfiando o cabelo lá dentro. Podem ficar terrivelmente mal, mas são surpreendentemente úteis.

– *O Sole Mio!* – cantava Jack numa agradável voz leve de tenor na cave, com o seu italiano misturado com o sotaque de Yorkshire.

Surpreendentemente fora um dia muito produtivo.

Claro que foi como eu pensava e o meu pai simplesmente sentia-se sozinho. Assim que teve alguém com um intelecto igual com quem conversar, a sua cuidadora sentiu-se muito deslocada.

Eu pensava na melhor maneira de dispensar os seus serviços quando, por sorte, descobri que vários itens pequenos e muito valiosos tinham desaparecido do quarto da minha mãe. Patsy Dodds saiu precipitadamente e sob suspeita.

Dei à nossa mulher a dias semanal um bónus e um excelente aumento no ordenado.

Obrigado Alguém a Fazer Algo

Mal acabara de pintar a primeira camada de tinta no teto quando o telefone do escritório tocou tão alto que quase caí. Devo ter aumentado o volume sem querer.

Quando corri na direção dele e atendi, tudo o que fui capaz de ouvir ao início foi alguém a cantar suavemente: «Voltas outra vez?» acompanhado pelo tamborilar impaciente de dedos. Adivinhei quem era – a energia passava através da linha.

– Senga?

– Aí está! – exclamou a minha agente, como se me tivesse encontrado através de varas de vedor.

– Eu sabia que andava por perto, apesar de o seu telemóvel ir parar sempre ao *voicemail*.

– Está na minha mala grande... Lá em cima, no apartamento – expliquei. – Eu estou no café.

– Café?

– Sim, o meu apartamento fica por cima de um café e...

– Dá imenso jeito – replicou ela, sem me deixar explicar que o comprara juntamente com o apartamento. – Bom, tal como lhe disse, irei ao norte para o lançamento do livro da Eleri e para o chá anual de Mister Rochester, este sábado, dia vinte.

– Sim... – respondi.

– Por isso, se a Alice chegar lá cedo, podemos conversar um bocadinho. E, aparentemente, as suas edições têm estado um pouco atrasadas, mas ser-lhe-ão enviadas por *e-mail* nos próximos dias, para que possamos discutir todos os pontos pequeninos que surgirem.

– Mas eu não vou ao lançamento do livro – referi rapidamente. – Quero dizer, eu disse-lhe que não tinha bilhete e tenho a certeza de que está esgotado há meses. Provavelmente desde o lançamento anterior!

– Oh, não ocupe a sua cabecinha com isso. Eu disse à Eleri que decerto haveria lugar para mais uma, principalmente quando este ano eles vão usar o restaurante em vez da sala de chá. Ou para mais dois, caso conheça um homem giríssimo. Da última vez havia muito poucos e todos os Heathcliff, à exceção do marido de Eleri, eram tristes. Conhece algum?

– E... eu acho que sim – gaguejei, apanhada de surpresa. – O meu vizinho... Apesar de não saber se ele iria a um...

– Ótimo, vou dizer à Eleri. E não se preocupe muito em relação ao fato, qualquer coisa ligeiramente vitoriana servirá.

– Fato?

– Toda a gente se mascara de uma Brontë ou de uma das personagens de um dos romances delas.

Aquilo matou a ideia de sequer mencionar a Nile a possibilidade de ir comigo, embora achasse que não me atreveria a fazê-lo mesmo que não tivéssemos de ir mascarados.

– Mas não vou a tempo de arranjar um fato até sábado – comecei. – Quer dizer, hoje é segunda-feira e estou terrivelmente ocupada, pelo que não acho mesmo que...

– Vemo-nos lá, então, estou ansiosa por conhecer o seu novo homem – disse ela. – Trabalhe depressa!

Antes que eu pudesse refutar a ideia de que saltara para cima do primeiro homem solteiro que vira assim que chegara a Haworth, ela desligou. A linha ficou intermitente por um instante, provavelmente por causa da energia excessiva de Senga, e depois apagou.

– Deus! – disse o Príncipe Kev, olhando-a, espantado. – Como vieste aqui parar? Há um caminho mais fácil pelas traseiras?

– Sou a Bela e fui trazida para aqui do Era-Uma-Vez. Tenho estado à espera que me viesses libertar, tonto – disse-lhe ela e ele franziu o sobrolho como se ela tivesse dito algo difícil de entender.

Era muito bonito de uma forma sombriamente ameaçadora, apesar de estar estranhamente vestido para um príncipe...

– Se me beijares, iremos para casa num abrir e fechar de olhos – disse ela, impaciente. – Porque esperas?

Eu não via como podia escapar ao lançamento do livro, mas estava muito determinada em não pedir a Nile para ir comigo!

Decidi fazer de Emily, a mais alta das Brontë, apesar de a altura ser a única característica física que tínhamos em comum. Aparentemente, ela era tão larga como a Olívia Palito, uma informação curiosa que aprendi no livro acerca das Brontë, pois o homem que fizera o caixão dissera que fora, de longe, o mais estreito que alguma vez havia feito para um adulto.

Eu era muito alta, mas não era magra, o que tornou a busca por um vestido vitoriano que me servisse, em poucos dias, quase impossível. Nessa noite, as minhas buscas via internet não deram em nada, por isso, na manhã seguinte, após pintar uma segunda camada de tinta no teto do café, comecei a telefonar às lojas locais de vestidos caros.

O que também não correu bem (apesar de eu poder ter comprado uma enorme quantidade de fatos de enfermeira atrevida), contudo, a ajuda chegaria da direção mais inesperada. Tilda apareceu por causa do bolo de sementes de Nell e, quando lhe contei o meu problema, ela disse que tinha a coisa perfeita.

– Um ano, a gente teve de se mascarar para o Women’s Institute Victorian Extravaganza, um disparate, foi o que foi. Enfim, como também sou alta, era impossível encontrar algo que me chegasse até aos pés, por isso a Nell fez-me um vestido de musselina.

Olhei-a, duvidosa: parecia um pouco excessivo.

– Musselina?

– Fundo creme e padrão rosa-velho e verde – explicitou ela. – Pedi-lhe para não o fazer muito apertado para que fosse fácil pôr e tirar, tinha um saiote e mangas de balão.

– Parece... perfeito – disse eu debilmente. – E foi a Nell que o fez?

– Sim, ela foi costureira há muito tempo, por isso também o pode alterar, se quiser – referiu. – Vou pedir-lhe para passar cá.

– Mas de certeza que não quer emprestar o seu lindo vestido – comecei. Quer dizer, eu estava a ficar desesperada mas não pensei ser uma pessoa que usa musselina.

– Porque não? Está pendurado no roupeiro, a apanhar pó. Na verdade até pode ficar com ele.

Talvez passe a ir a este grande evento todos os anos e faça uso dele.

Desisti. Onde mais arranjaria outra coisa a tempo? E quando, apenas meia hora depois, Nell o trouxe e abriu o fecho da capa de plástico protetora, fiquei contente por ter desistido, pois o vestido era lindo. Era simples e descomplicado e ela fizera-o numa peça única com uma longa fila de ganchos no corpete.

* * *

Bel já lá estava, querendo ajudar-me a pintar durante uma ou duas horas, pelo que lhe falei sobre o convite e subimos ao apartamento para que eu pudesse experimentar o vestido sem um público interessado – Jack e Ross retiravam as prateleiras dos pratos e da porcelana, que circulavam as paredes do café, para que o verniz laranja pudesse ser lixado e pintado por cima.

Vesti o vestido e Nell apertou-o, mais fortemente na cintura, com a boca a brilhar cheia de alfinetes de costura.

– Pronto – disse ela, finalmente. – Trago-o amanhã acabado e com mais um centímetro ou dois de altura. É um pouco mais alta do que a nossa Tilda.

– É muito gentil da sua parte – disse eu, agradecida.

– Não é gentileza. Gosto de manter as mãos ativas na costura.

– Serás a mais bela do baile – afirmou Bel ao ir-se embora, depois de acabarmos a pintura do café. As paredes seriam cremes por baixo das prateleiras (quando estas voltassem a ser colocadas) e brancas em cima, como o teto.

– Não é um baile, é apenas o lançamento de um livro – referi.

– Mas será divertido. Quem me dera ir contigo!

– Podias vir, se te vestisses à Heathcliff, pois a Senga disse-me para levar um comigo – brinquei.
– Qualquer homem, aliás, apesar de ela preferir um que seja bonito.

Bel olhou-me.

– Acho que é melhor esperar e ir no próximo ano, de crinolina dos pés à cebça, mas podias pedir ao Nile. Não podes dizer que ele não é bonito.

– Nem pensar em pedir ao Nile para ir comigo. Ele podia achar que eu queria ter um encontro com ele – afirmei resolutamente.

Os grandes olhos azuis de Bel olharam-me, inclinados.

– Seria assim tão mau? Não seria a primeira vez que uma rapariga lhe pedia para sair.

– Exatamente! Não farei nada que o leve a pensar que me juntei ao clube das suas admiradoras babosas. Até a carteira lhe bate à porta para lhe entregar pessoalmente as cartas em vez de as enfiar na caixa do correio – comentei e ela riu-se.

– Oh, bem, como se diz, quanto mais me bates, mais gosto de ti.

– Ele também me bate, mas nenhum gosta do outro – declarei, firme.

* * *

Bel devia ter contado a Sheila tudo sobre o lançamento do livro assim que chegou a casa, pois ela telefonou-me mais tarde.

– O vestido parece lindo, querida, que divertido! E estive no sótão e encontrei um xaile quentinho de caxemira para usar por cima, pois não quer morrer de frio entre o carro e o restaurante.

– É muito gentil da sua parte – agradecei.
– E os sapatos?
– Tenho umas sabrinas prateadas que combinam com o vestido.
– Parece perfeito, e é claro que tem de passar a noite de sexta-feira connosco, para que lhe possa atar trapinhos ao cabelo de modo a fazer canudos decentes para a festa.

– Ele já tem muitos canudos naturais – protestei, mas ela insistiu.

Depois, distraiu-me por completo ao acrescentar:

– A Bel disse que a sua agente quer que leve o Nile consigo.
– Não o Nile em particular, ela só sugeriu que levasse um homem porque não houve muitos o ano passado, mas tenho a certeza de que máscaras e o lançamento de um livro não é a sua ideia de diversão.

– Bom, é agora. Acabei de lhe telefonar e contei-lhe. Ele tem de alargar os horizontes e sair mais.

– Ele parece estar sempre fora!

– Sim, mas sai da forma errada – disse ela, secretiva. – Ele pode usar um velho par de calças de montar do Paul e botas de couro pretas, uma camisa larga e branca aberta ao pescoço e talvez uma capa escura, e dará um Heathcliff muito jeitoso, não lhe parece?

Eu achava que ele seria um pouco elegante e bonito de mais para um Heathcliff. Mas corresponderia certamente ao que Senga e os outros queriam, principalmente se, tal como eu suspeitava, ele fosse arrastado para aquilo e mergulhasse num profundo e ameaçador mau humor durante o processo.

Não fazia ideia onde Sheila arranjaría uma capa...

* * *

Quando verifiquei os meus *e-mails* na manhã seguinte, encontrei as edições que Senga me disse que enviaria, com uma carta de apresentação da minha editora, dez páginas de notas e o próprio manuscrito anexado, coberto com tinta de marcador.

Era um grande desafio, pois apesar de serem maioritariamente questões, havia um par de mudanças sugeridas logo desde o início do livro que eu podia ver serem a teoria do caos em ação: uma borboleta bateria as asas e todo o maldito enredo se desenrolaria mais depressa do que um novo.

Enviei um *e-mail* urgente a Senga e recebi uma resposta breve a dizer-me para dar o meu melhor, que ela debateria o resto comigo no sábado. O que era ótimo, só que, depois de esperar semanas pelas edições, a editora queria-as já na segunda-feira.

Suspeitei que as coisas seriam assim de agora em diante.

* * *

Nile regressara de onde quer que tivesse estado, porque, mais tarde, quando saí para comprar peixe e batatas fritas, ele aceitou uma encomenda para mim e trouxe-a assim que voltei. Talvez conseguisse cheirar as batatas desde a Pequena e Perfeita?

– São amostras de guardanapos aparentemente de linho fácil de tratar, acho eu. Vem ao apartamento, dividiremos o meu peixe com batatas fritas e faço café – sugeri, esperando suavizar tudo para o caso de ele se querer queixar do lançamento do livro. – Eles fornecem quantidades

enormes.

– Uma oferta a que não posso resistir – respondeu, seguindo-me pelas escadas. – E mereço-a, já que a Sheila me obrigou a levar-te a uma festa pomposa no sábado – acrescentou, parecendo mais tristemente resignado com o acontecimento do que chateado, o que foi um alívio.

Só espero que não pense que o encurralei para me levar.

O meu pai já tinha convertido alguns quartos para si próprio no piso térreo, pelo que assim que contratei uma equipa eficiente de cuidadores para virem de uma boa agência, ele sentiu-se inteiramente confortável.

Subscrevi o Sky Sports para que ele pudesse ver todo o golfe que quisesse e para garantir que todos aqueles velhos companheiros com quem ainda falava saberiam que seriam sempre bem-vindos para tomar chá.

O meu pai também se afeiçoou logo ao meu cão, Drogo, que fornecia interesse e diversão. Ele nunca havia mostrado qualquer interesse por animais de estimação, pelo que foi uma grande surpresa para mim.

Editado

Na sexta-feira, o café parecia completamente caótico, não só com Jack e o seu assistente a esventrar tudo, mas também com um electricista a fazer buracos e canais no reboco e um canalizador a levar azulejos, sanitas e lavatórios partidos ou rachados para o contentor que tínhamos conseguido meter na área do parque de estacionamento das traseiras, junto aos carros. Era como se o local tivesse sido tomado por um exército de térmitas enormes e destrutivas.

Havia uma constante nuvem de pó e areia grossa no chão e, quando Tilda apareceu, atirou as mãos ao ar por causa do estado das coisas e, em vez do café, limpou o apartamento. Porém, disse que estava ansiosa pelo dia em que podia limpar novamente o café como devia ser. Nunca esperei conhecer alguém que realmente gostasse de limpar.

Mesmo fora do café as coisas tinham começado a mudar, pois o letreiro fora retirado para ser de novo pintado, os vasos de flores que restavam foram removidos e os bocados enferrujados do pórtico vitoriano foram substituídos.

Ajudada aqui e ali por Bel e Nile, acabei de pintar as paredes do café e também as coisas em madeira – e todas as mesas e cadeiras horríveis tinham sido vendidas ao contacto de Nile e levadas numa carrinha. Só recebi vinte libras por tudo, mas o espaço pareceu muito melhor sem elas.

Para além de pintar o escritório minúsculo, não havia muito mais que pudesse fazer até os profissionais terminarem a sua parte (embora eu estivesse constantemente a ser chamada para dar uma opinião, uma informação ou simplesmente para admirar algum trabalho), por isso retirei-me para o apartamento de modo a listar todas as coisas que queria perguntar a Senga no dia seguinte... Depois, levemente aliviada, escrevi outra cena do novo livro.

– O que vem a ser isto? – questionou uma voz autoritária, e um homem de libré azul-escuro apareceu no quarto. – Outra vez a entrar sem autorização, Kev?

– Eu nunca entrei sem autorização, Senhor Guarda – disse Kev, virtuoso. – Esta senhora convidou-me a entrar, não foi, amor?

– De certa forma – concordou Bela, encantada por o Príncipe Kev já lhe chamar de seu amor.

Depois, o homem de libré azul, parecendo confuso, disse:

– O que eu estranho é nunca ter reparado neste sítio antes. Não me parece bem.

– É porque estava encantado, mas alguma coisa deve ter corrido mal com o feitiço, porque eu acordei antes de o Kev me beijar – disse-lhe a Bela.

– Estou a sonhar com isto? – O homem franziu o sobrolho.

– Não, a menos que estejamos os dois a ter o mesmo sonho – disse Kev.

– Pois... – respondeu o homem. Depois, a sua atenção foi captada por um súbito barulho

de chocalho no quarto ao lado e acrescentou, suspeito: – O que se passa ali?

Abriu a porta de rompante mesmo quando Bela e o rato lhe gritaram, juntos:

– Não entre aí!

Cheguei a Oldstone a tempo do jantar, tal como Sheila sugerira, desejando não ter de ir ao lançamento do livro no dia seguinte. Dava-me jeito um fim de semana relaxante.

Certamente não descansei muito nessa noite, uma vez que Sheila e Geeta me tinham apertado o cabelo com longas tiras de algodão cortado de uma antiga fronha de almofada, e a única forma de descrever como a minha cabeça se sentia era nodosa.

Também fiquei proibida de remover os trapos até ao pequeno-almoço do dia seguinte, pelo que fiquei contente por Nile só aparecer ao final da manhã.

Foi um grande alívio quando Bel e Sheila finalmente os retiraram e fizeram canudos laterais, com outros a formar uma cascata atrás, a partir de um rabo-de-cavalo alto. Depois, ajudaram-me a vestir o vestido, que agora me servia perfeitamente.

Sheila encontrara um retículo de veludo verde que condizia com o fato, tal como o xaile que mencionara, que era enorme e tinha muitas franjas, feito de uma fina caxemira e com padrão de cornucópias.

– Sinto-me ridícula – disse eu, ingrata, depois de elas terem acabado e de nos termos juntado na cozinha.

– Mas estás linda – comentou Teddy, entrando à procura de chá e bolo. – Não está, Nile? – perguntou ele e só aí é que vi que Nile o seguira.

Acho que o meu queixo deve ter caído um metro: imaginem o Johnny Depp em modo pirata, com ares de Heathcliff, uma pitada sombria e ameaçadora, e terão uma ideia de como ele estava.

– Certamente parece-se tal e qual à musa pré-raphaelita – disse ele, com uma sobrancelha a erguer ainda mais piraticamente.

– Estás com um ar muito aventureiro, querido – comentou Sheila, admirando-o.

– Na verdade, acho que estas calças de montar me afivelaram as aventuras para sempre – disse ele, melancólico.

– O tecido há de alargar, é suposto ser confortável – garantiu ela. – Bom, não te esqueças de pôr a capa, lá fora o vento está muito frio e essa camisa é muito fina.

– Onde arranjou ela a capa? – perguntei enquanto saíamos em direção ao carro de Nile, com as suas dobras ondulantes a ameaçarem envolver-me como uma nuvem pesada.

– É de uma amiga que tem um grupo de teatro amador.

Ele ficou em silêncio depois disso até chegarmos ao destino. Já lá se encontravam dois ou três carros, mas deviam pertencer a familiares e a empregados, pois não havia convidados no restaurante, que era um antigo celeiro num pátio, perpendicular ao encerrado Hicker's Café.

Lá dentro, a zona de jantar era um espaço comprido com uma decoração moderna que encaixava subtilmente na herança rústica. Uma mulher de meia-idade de avental passou por uma porta de vaivém com uma pilha de pratos de chá, pousou-os na mesa mais próxima e saiu sem dizer uma palavra ou sequer olhar para nós. Obviamente não havia sinal de Eleri nem de Mr. Rochester, apesar de se poder ouvir gritos e palavrões vindos do que eu presumia ser a cozinha.

– Tens a certeza de que viste bem a hora de chegada? – perguntou Nile no instante em que eu começava a fazer-me a mesma pergunta. Depois, reparei em Senga, meio escondida por uma

batedeira de madeira antiga.

– Está ali a minha agente – suspirei, enquanto ela me acenava de modo suspeito com o que parecia ser um gim tónico, apesar de, nessa altura do dia, ser provavelmente apenas limonada. Tê-la-ia reconhecido de imediato em qualquer lado, apesar de o chá ter sido há anos.

O reconhecimento não foi inteiramente mútuo, pois ela levantou-se e olhou-me com olhos azuleiros e agudos.

– Alice? – perguntou, com dúvidas, depois respondeu ela própria: – Sim, só pode ser porque me lembro do seu cabelo, temos de lhe tirar umas fotografias promocionais assim vestida, está maaaravilhosa! – Beijou-me em ambas as faces.

– Mas normalmente não penteio o meu cabelo em canudos... – comecei, após reparar que perdera a sua atenção: os seus olhos estavam em Nile e tinham uma expressão apreciadora. Sorriu, revelando uma fila de dentes parecida à de um crocodilo prestes a comê-lo.

– E quem é este jeitoso? – perguntou. – O Heathcliff, presumo?

– Nile Giddings, um amigo – apresentei, com alguma ênfase. – Tivemos de arranjar fatos à última hora, por isso não sei bem o que é suposto sermos.

– Quem quer que seja, está maravilhoso – elogiou ela, depois pudemos ver a sua mente comercial a mudar. – Sente-se, Alice. Temos de falar antes que os outros venham.

– Eu vou dar uma volta e deixar-vos à vontade – sugeriu Nile.

– Não, fica, se quiseses, não me importo que estejas aqui – disse eu. – Está demasiado frio para ires dar uma volta com essa camisa.

Ele tirara a capa assim que entráramos, presumivelmente porque esta se agarrava a tudo, como papel para as moscas.

– Então, sentem-se – disse Senga, depois, reorientando o foco, interrogou-me extensivamente sobre o meu romance seguinte, pelo que foi bom eu já ter ordenado as ideias.

– Parece-me bem – acabou por dizer. – Terá de ser exatamente como o primeiro livro que eles estão a publicar outra vez, só que totalmente diferente. Continue e termine-o.

– Tenho estado um pouco distraída devido ao salão de chá que vou abrir muito em breve e que está a ser renovado.

– Não tem tempo para se distrair. Delegue, querida, delegue!

– Estou a delegar tanto quanto posso – assegurei-lhe.

– Sim, eu pinteí muito mais do que ela – Nile quebrou o seu silêncio para fazer o comentário e desapareceu-lhe um olhar reprimido.

– Posso perguntar-lhe sobre a edição? – inquiri. – Dei o meu melhor, mas há coisas que...

Comuniquei-lhe as mais esquisitas, incluindo a da teoria do caos, que ela me disse para retocar ligeiramente e depois abandonar.

– E ignore completamente a outra, pois não se pode mudar o sexo de uma das personagens principais. Acabaria totalmente com a motivação do livro inteiro – afirmou ela, demonstrando que realmente o lera. Eu escrevia um material tão diferente do de Eleri e dos seus outros autores que fiquei surpreendida por ela aceitar ser minha agente.

– A minha editora não se importa? – perguntei.

– Não se tiver cabeça: eu apoio-a se eles voltarem a perguntar.

– Oh, obrigada – disse, grata. – Eles querem-no segunda-feira e seria impossível reescrever o romance todo até essa data, mesmo que eu quisesse, o que não quero. Quero dizer, já foi publicado

em formato *e-book* e ninguém teve problemas com o seu aspeto.

– Exatamente – disse ela, depois, com os negócios obviamente terminados, virou a atenção para Nile. Namoriscou com ele sem pudor até Eleri sair da cozinha corada, bonita e extremamente grávida, num vestido comprido, esvoaçante e de cintura subida.

– Alice, que bom vê-la novamente! – exclamou ela, aproximando-se e beijando-me, tal como Senga fizera. Lembrava-me de todos estes beijos em Londres, toda a gente se beija, lá em baixo.

– Estou tão contente por ter conseguido um contrato editorial e por estar com a Senga – comentou ela, o que foi generoso da sua parte. Quero dizer, da última vez que nos vimos eu só fora ao chá por ser sua grande fã, pelo que aparecer de novo em modo autora foi muito surpreendente.

– Eu própria mal consigo acreditar – respondi. – Mas parabéns pelo seu novo livro... E vejo que também devia dar-lhe os parabéns pela sua próxima chegada.

– Sim, tenho uma nova edição a caminho – disse ela e Senga, como seria de esperar, referiu que esperava que ela terminasse o livro seguinte antes da tal chegada. Era claramente uma capataz.

Eleri chamou Henry, o marido, para nos conhecer – ele parecia uma figura sombria e romântica nas roupas de montar parecidas às de Nile, mais tosco do que bonito.

– Prazer em conhecê-los – disse ele, apertando mãos e permitindo-se um sorriso breve e atraente como cortesia.

Também apertou a mão a Nile e os dois pareceram reconhecer-se nos respetivos humores.

– Vejo que também o obrigaram a usar roupa bonita – ironizou Henry.

– Mal posso esperar para tirá-la – concordou Nile e Senga parecia que gostaria de o ajudar na tarefa... Ou aos dois.

Ouvimos o som desmaiado de portas de carro a bater, passos a percorrer a gravilha e vozes excitadas.

– Aí vêm os convidados – disse Eleri.

– Vai sentar-te, querida, para começares a assinar os livros – sugeriu-lhe o marido. – Eu recebo-os e depois dou uma mãozinha a Martha com os refrescos.

Eleri obedeceu às ordens, dirigindo-se para a mesa carregada com exemplares do seu novo livro – acho que ficou contente por sentar-se. Mas, antes de ir, convidou-me para tomar chá com ela antes do nascimento do bebé.

– Teremos oportunidade para falar melhor então – disse ela, e respondi que gostaria muito.

A sala encheu-se rapidamente e começou a fervilhar como uma colmeia de vespas abalada e o lançamento do livro correu muito bem. Senga fez um breve discurso, Eleri leu o primeiro capítulo do seu novo romance e depois serviu-se um delicioso bufê de sandes, bolos, pastéis e chás que estavam na linha do tipo de comida que eu queria servir no salão de chá, só que o meu seria mais delicado. Também se fez um brinde com champanhe, uma das minhas muitas fraquezas, pelo que fiquei contente por ser Nile a levar o carro.

Foram distribuídos saquinhos com brindes a toda a gente, contendo leques, chocolates em forma de coração e um postal com a imagem do retrato das irmãs Brontë pintado por Branwell.

Todos se misturaram à hora do chá e falei com pessoas de todo o mundo: Eleri tinha milhões de fãs e as Brontë, claro, tinham muitos mais. Aliás, eu acabara de conhecer pessoas envolvidas no Museu do Presbitério das Brontë, e contava-lhes sobre o meu plano de abrir um salão de chá de primeira qualidade em Haworth, quando Henry ouviu a conversa casualmente e disse que esperava que eu não lhe roubasse as ideias, pelo que podia esperar alguma rivalidade!

Achei que ele estava só a brincar, de uma maneira muito direta, e Nile, que se encontrava ao meu lado, referiu que o salão de chá em Haworth ficava muito longe para ser considerado um rival. Depois acrescentou que ouvira maravilhas do restaurante de Henry e que tinha de me levar lá uma noite destas.

– Estamos abertos o ano todo à noite, tal como o café está agora, todas as tardes, entre as duas e as cinco – disse Henry. – Desde que a Eleri encontrou o diário que referia Charlotte Brontë e o mostrámos, recebemos muitos visitantes fora de época. – Apontou para uma caixa de vidro iluminada na parede traseira. – Há uma cópia no salão de chá, mas aquele é o verdadeiro.

Deixei-o a falar com Nile e fui ver o diário, onde encontrei duas irmãs americanas inclinadas, a fazer o mesmo. Ambas se tinham mascarado de Cathy e tinham estado na festa do ano anterior.

– A festa no café foi mais pequena e as coisas ficaram um pouco descontroladas no fim, porque houve um acidente com um trator mesmo à porta e Henry foi um verdadeiro herói – dizia uma para a outra. – Ele foi tão corajoso, não foi, Eleri? – disse ela, chamando-a quando finalmente abandonou o posto e começou a circular entre os convidados. – E tu também foste.

– Oh, eu não fiz muito – respondeu Eleri, modesta. – O primo do meu marido, George, conseguiu dirigir o trator para a valeta enquanto o tentava virar – explicou-me Eleri. – O Henry foi logo ajudá-lo até a ambulância chegar.

– Sim, sou um verdadeiro herói – disse Henry, trocista, colocando o braço em redor da mulher.

– Não que o George esteja grato, ou tivesse estado, mas passou-lhe logo – disse Eleri, pesarosa. – É um homem muito mal-encarado e mau.

– Nada parecido com o meu pai – concordou Henry. – Era impossível encontrar um homem mais bondoso que Joe Godet.

Os meus ouvidos ficaram em alerta: seria assim tão fácil encontrar uma das duas pessoas com quem eu queria falar?

– Ele vive aqui perto? – perguntei.

– Infelizmente, sim. Na Withen Bottom Farm, logo depois da colina – respondeu ele, de rosto fechado, pelo que, apesar do salvamento, não havia grande amor entre os dois.

Não quis perguntar mais nada, mas a minha cabeça estava a mil enquanto Nile nos levava de volta para casa, com todas as conversas fascinantes, as instruções e o falatório de Senga, e o reencontro com Eleri – para não falar da descoberta sobre como encontrar uma das duas pessoas com quem eu queria desesperadamente falar.

Disse isto a Nile e agradei-lhe por ter ido comigo.

– Sei que realmente não o querias fazer.

– Na verdade, até me diverti, e gostei de Henry Godet – disse ele. – Vou manter os olhos abertos na busca de utensílios de quinta antigos para ele dispor no restaurante.

– Fico contente por teres passado um bom bocado – afirmei, surpreendida. – No entanto, acho que ficarás feliz por tirar essas roupas.

– Sem dúvida, já estou farto destas botas, e não são o melhor calçado para conduzir – admitiu, retirando-as assim que teve oportunidade quando voltámos, utilizando uma descalçadeira de ferro no pórtico da frente e entrando em casa de meias.

A casa parecia estranhamente deserta, apesar de estar quente e de ter o aroma a algo picante a cozinhar no forno.

– Parece um navio abandonado – comentou ele.

– Sim... Tenho de encontrar qualquer coisa para desapertar este vestido – comentei, pois não havia maneira de conseguir desapertar os milhões de ganchos das costas sozinha.

– Acho que estás com pouca sorte, a não ser que eu o faça... – ofereceu ele, com um ligeiro brilho maléfico nos olhos.

Vacilei por momentos, mas estava demasiado desesperada por regressar às minhas calças de ganga e a uma camisola confortável.

– Oh, está bem – concordei.

Virei-me e ele começou no topo e foi desapertando até abaixo. A certa altura, os seus dedos raspavam acidentalmente na minha pele e, quando tremi, ele parou por um instante e recomeçou mais rapidamente.

– Já está – acabou por dizer, depois juro que senti os seus lábios a passarem brevemente pela base do meu pescoço.

Mas talvez tenha sido apenas a minha imaginação. Pois quando me virei e olhei para ele, encontrava-se junto ao fogão, a colocar uma chaleira ao lume.

Olhou para cima, de sobrolho franzido, como se estivesse surpreendido por me encontrar ainda ali.

– Porque esperas? O primeiro a descer com a aparência de que pertence a este século faz o café.

Aceitei um emprego em part-time como médica de clínica geral numa clínica de Haworth e passava as minhas horas livres a jogar golfe, a dar pequenos passeios de carro com o meu pai e a passear o cão na charneca. Cheguei a um acordo com a mulher a dias, Kim, que aceitou ficar como nossa empregada. A vida corria bastante agradavelmente e eu até podia ir de vez em quando à minha villa em Portugal, apesar de estar alugada grande parte do ano.

Na devida altura, Drogo foi conhecer o seu Criador e foi substituído por um novo Bichon Frisé, Hugo. Demonstrou ter uma personalidade maliciosa e teimosa e eu tê-lo-ia devolvido ao vendedor por outro mais flexível, mas o meu pai não deixou, mesmo depois de Hugo lhe ter roído as pantufas.

Kim prometeu ter mão nele e, após alguns episódios mais infelizes, ele começou a comportar-se com mais prudência, principalmente quando saía comigo.

Um dia – suponho que tenha sido há seis ou sete anos – ouvi dizer que o meu antigo amante se tinha mudado de novo para a zona, depois de herdar a casa de família, que ficava lá em cima, na charneca, entre Upvale e Haworth. No entanto, esta notícia não me disse nada – e nem sequer fiquei triste quando ouvi dizer que ele tinha falecido de repente no ano seguinte, pois, para mim, ele já estava morto há muito tempo.

Com Folhos e Mais Folhos

Quando voltei a descer, Nile ganhara a corrida e, como ele estava como habitualmente, disse a mim própria que devia ter imaginado aquele momento na cozinha... Apesar de não fazer ideia porque devia tê-lo feito, já que não tinha a certeza de sequer gostar dele, por mais atraente que fosse. E não fazia de todo o meu género.

Mas era como se eu ainda conseguisse sentir a breve pressão dos seus lábios quentes contra a minha pele e o delicioso estremecer que me percorreu a coluna, por isso, quando os meus olhos captaram o seu olhar cinzento e frio, desviei-os, corando.

Toda a família estava lá para o jantar e, mais tarde, depois de terem deitado Casper, Nile, Bel e eu fomos para o apartamento de Teddy e Geeta ver *A Noiva Indecisa*, comer pipocas e, sob a direção de Geeta, tentar alguns movimentos de dança de Bollywood. O Teddy recusou logo, mas Nile provou ser melhor dançarino do que eu e Bel, apesar de a sua expressão de concentração grave nos ter reduzido a meras raparigas histéricas.

Ele tinha muitos talentos escondidos e só Deus sabia quais eram.

* * *

Após o pequeno-almoço da manhã de domingo, a maior parte da família foi inspecionar o próximo quarto na lista de renovações de Sheila para começar a tirar a mobília, mas eu fui dispensada para poder acabar as minhas próprias edições em paz, na biblioteca, tal como Teddy, que tinha trabalho a fazer no escritório da Pondlife.

Quando regresssei ao meu apartamento depois de almoço – ou, para ser mais exata, depois de ter dormitado um pouco após ingerir uma enorme quantidade de frango assado com todos os acompanhamentos, seguido de um pudim de caramelo pegajoso e cremoso –, telefonei a Lola e descrevi-lhe a festa de lançamento do livro, a minha agente assustadora, e contara-lhe mais do que pretendia sobre como Nile parecera de calças de montar e camisa.

– Quando aí for na minha visita rápida de quinta-feira, espero poder conhecer esse paradigma de beleza masculina – ironizou ela, com um sorriso na voz.

– Ele não é lindo, mas tem decerto uma beleza clássica – respondi. – Não sei se estará por aqui, pois está sempre a viajar em negócios... Simplesmente, vai-se embora. E tem uma parceira em Londres chamada Zelda. Parece ficar lá muitas vezes.

– Parceira amorosa ou de negócios?

– Ele diz que é só de negócios. A Sheila, a mãe adotiva, disse-me que eles são amigos desde a faculdade, mas ouvi uma conversa telefónica entre eles e desconfio que deve haver mais qualquer coisa.

– Que pena, porque gostaria de te ver finalmente estabelecida com um bom homem – lamentou,

pesarosa.

– Acho que o Nile não é do tipo que se estabelece, mesmo que estivesse terrivelmente atraído por mim, coisa que sei que não está. E não estou à procura do Príncipe Encantado, já tenho suficiente com que me preocupar. Se me sentir sozinha, compro um cão.

– Não é bem a mesma coisa – discordou, suavemente. – Mas percebo que o salão de chá seja um grande projeto, principalmente agora que tens de o alternar com a escrita de livros para a tua agente assustadora.

– Estou a desfrutar de tudo. Bem, à exceção do pó, das perfurações e das marteladas. Mas às vezes fico acordada a pensar na possibilidade de o salão não ser um êxito e de ter de começar tudo outra vez.

– Tenho a certeza de que será e estou ansiosa por vê-lo. Tal como a ti. Não te vejo há séculos.

– Já te arranjei uma cama – referi. – A Sheila emprestou-me uma pequena de latão que estava no sótão e Nile ofereceu-se para dismantelá-la e trazê-la para aqui quando voltar, esta tarde. Vou encomendar um colchão por expresso.

– É muito simpático da parte dele, mas espero que não estejas a ter muito trabalho para apenas uma noite.

– Desta vez é apenas uma noite, mas espero que voltes outras vezes, e, de qualquer forma, também quero arranjar o quarto de hóspedes, pelo que até me estimula.

– Bom, na verdade, és capaz de me ver mais vezes do que o esperado, se decidires usar as nossas geleias e condimentos no teu café. Levar-te-ei algumas amostras. Mas não há pressão para escolhê-las, pois, ainda que não o faças, poderei dizer ao contabilista que se tratou de uma viagem de negócios.

– Que ótima ideia! Não sei porque ainda não tinha pensado nisso – disse eu. – E também tenho de arranjar um contabilista, antes que as coisas se tornem uma confusão. É claro que tenho estado a anotar tudo e a guardar os recibos do café, mas será muito complicado.

– Sim, vale a pena – concordou ela. – Talvez o Nile conheça algum?

– É capaz. Pergunto-lhe depois – retorqui. – A propósito, a Sheila convidou-nos para jantar na Quinta Oldstone na quinta-feira, pode ser? Eu disse-lhe que te perguntaria primeiro.

– Claro que sim, é muito simpático da parte dela. Adoro casas antigas e eles parecem ser uma família amorosa.

– Então vou dizer-lhe que sim e podemos passear por Haworth antes de ir para lá. Vou tirar o dia. – Depois ouvi um barulho lá em baixo e disse-lhe: – Ou tenho um ladrão muito barulhento na cozinha ou o Nile já trouxe a cama.

– Ele tem a chave?

– Sim, dei-lhe uma há imenso tempo porque ele estava sempre a entrar e a sair, apesar de não me ter dado a da sua loja em troca. Talvez pense que eu iria bisbilhotar e mexer nas suas quinquilharias.

– Ou tem um quarto à Barba Azul na cave...

– É um pensamento engraçado – respondi a sorrir, depois disse-lhe que era melhor ir e ajudar Nile a levar os pedaços de cama para cima.

Também esperava que ele a montasse, mas parecia ausente e saiu assim que meteu tudo no pequeno quarto, dizendo que tinha uns telefonemas para fazer e pensei que teria de pedir a Jack. Ou talvez fosse altura de aumentar a minha coleção de chaves de fendas e ser eu a montá-la.

Enviei um *e-mail* com as edições nas primeiras horas da manhã seguinte, na esperança de que a editora conseguisse entendê-las, porque eu certamente não conseguia. Todas aquelas mudanças em cores diferentes eram terrivelmente confusas.

Ainda assim, fi-las e, depois disso, nada me impediria de terminar o meu novo livro... a não ser o salão de chá, como percebi logo depois.

Embora Jack coordenasse o projeto entre os seus outros trabalhos, eu estava constantemente a ser chamada para tomar decisões, dar uma opinião, ou simplesmente admirar a brilhante pintura branca dos armários da cozinha ou a instalação da nova sanita reluzente num dos cubículos das casas de banho dos clientes. Compreendi que os meus dias seriam todos assim até as obras acabarem!

O jovem quase mudo, Ross, tinha lixado e pintado todas as prateleiras e estantes e foram novamente pregadas às paredes do café. Acho que não gostou de o fazer, mas disse-me que estava ansioso por lixar o chão do café assim que este estivesse pronto, após martelar e tirar todos os pregos salientes.

Por causa do barulho, das interrupções e da organização de todas as coisas que tinham de ser preenchidas, ordenadas, vistas, registadas ou pedidas antes de o café abrir, tornou-se claro para mim que a maior parte da minha escrita teria de ser feita à noite, quando estava cansada. Mas como Senga era mais assustadora do que qualquer outra coisa que eu punha nas minhas histórias, fá-lo-ia.

E assim que me concentrava verdadeiramente num romance, perdia-me, claro. O título provisório poderia ser *Quando A Bela Se Torna Má*, mas na minha cabeça era A Durota Bela – porque ela era mesmo durona.

Nile parecia ter também reservado as noites para si, pois eu não fechava as cortinas até ir para a cama e, sempre que desviava os olhos da minha secretária, as luzes estavam ligadas por detrás do estore do seu apartamento e, ocasionalmente, uma figura alta e sombria movia-se. Considerava aquilo estranhamente consolador.

– Esta é uma boa arma – disse Bela, apanhando-a do chão. – Viste? Ele simplesmente apontou-a à aranha e ela morreu instantaneamente!

– Não está morta, mas ele é capaz de estar – respondeu o Príncipe Kev, ajoelhando-se junto do homem que se desequilibrara e caíra, batendo com a cabeça no chão. – Não, acho que está só desmaiado, mas vou sair daqui antes que ele acorde!

– Vamos os dois – disse Bela, pegando-lhe firmemente na mão e arrastando-o para a porta.

Lá fora, uma agradável e pequena fenda abria-se e um círculo de ninfas com vestidos verdes dançavam, com as saias a flutuar.

– Acho que devo estar a ter um pesadelo – disse Kev, vagamente.

– Se me beijares, o encantamento provavelmente ficará outra vez bom e seremos transportados para o nosso próprio final feliz. Achas que sou bonita? – questionou ela.

– Talvez – respondeu ele, olhando para as curvas generosas, os grandes olhos azuis e o cabelo loiro-dourado. – Gosto de uma rapariga com alguma carne nos ossos.

– Porquê? – perguntou Bela, confusa. – Queres comer-me?

No dia anterior lembrara-me da loiça branca que Tilda pusera no armário e coloquei rapidamente num *site* grátis de reciclagem da internet todos os pormenores na esperança de que alguém a tirasse das minhas mãos.

Só tinha um interessado, cujo nome de utilizador era o pouco prometedor «Sr. Majestoso», contudo, pelo menos, ele queria o conjunto todo e, quando lhe dei a minha morada, disse que passaria por cá mais tarde para a recolher e que não precisava de moradas, pelo que assumi que fosse um local.

Em retrospectiva, eu devia ter-lhe pedido o nome verdadeiro, pois se tivesse sabido que se tratava de Jim Voss, o proprietário da terrível Pensão Gondal, teria dito que a loiça já tinha sido dada.

Ele chegou pela porta das traseiras, o que mostrava a familiaridade com a antiga dona que ele negara, e acho que também teria mostrado uma certa familiaridade para comigo, se não tivesse sido o facto de ter ficado cara a cara com Nell quando passou por mim e foi diretamente para a cozinha.

Ela aparecera com um pedaço do seu próprio bolo gorduroso para eu experimentar, que libertava dos guardanapos gordurosos, e olhou-o com claro desagrado.

– É você, Jim Voss? – questionou. – Eu devia ter percebido que andava atrás de qualquer coisa, é que já era um aproveitador em criança e não mudou muito desde então.

– Ah, ah! – riu ele, de maneira pouco convincente. – Gosta sempre de mandar a sua piadola, Nell.

– Para si é Miss Capstick, flor – corrigiu ela firmemente.

– A loiça está naquelas caixas no quarto das traseiras, pelo qual passou – disse eu, apontando.

– Está bem – respondeu, olhando em volta para o caos na cozinha com uma curiosidade maliciosa. – Está realmente a gastar muito dinheiro na renovação deste sítio. Suponho que também vai comprar loiça nova?

– Não é preciso, aquele lindo conjunto com padrão de salgueiros de Miss Spencer, que ela usava na Chaleira de Cobre, estava dentro do armário – ripostou Nell.

– Ai, sim? Havia porcelana boa escondida no armário? – apressou-se a perguntar.

– Não estava escondida, estava simplesmente debaixo das escadas da cave. Foi a única coisa que Mistress M não levou daqui depois de enganar a pobre Alice com o que lhe vendeu – afirmou Nell.

– Oh, bem, não sei nada sobre isso – disse ele, impetuoso.

– Não creio que tivesse recebido notícias de Mistress Muswell? – perguntei. – Continuo a querer falar com ela, tal como Nile Giddings, visto ela ter vendido algumas das antiguidades dele que dispunha nas paredes do café e não lhe ter dado o dinheiro.

– Tenho a certeza de que ele deve estar equivocado em relação a isso – retorquiu Jim Voss rapidamente.

– Não, não está, porque ou eu ou a Tilda estávamos lá quando ela vendeu as coisas. Foi quando estava aqui a preparar-se para fechar mais cedo e o Nile estava fora. Vendeu tudo a preço de saldo e ficou com o dinheiro.

Jim Voss olhou-a de modo muito pouco afetuoso.

– Mas tenho a certeza de que ela mantinha dinheiro separado para dar a Mister Giddings o que era dele. E receio continuar sem os seus contactos atuais, mas, enfim, agora que ela vendeu o café, não tem necessidade de ficar connosco, pois não? – Lançou-me um sorriso pouco sincero, depois olhou para o relógio, aprontou-se e disse que tinha de ir andando, chamando o rapaz que deixara no carro, nas traseiras, para lhe dar uma mãozinha com as caixas.

– Tal como eu disse – reforçou Nell assim que eles se foram embora –, é um aproveitador!

Quando Nile me mandou uma mensagem à tarde a dizer que passaria ali depois para montar a cama, não protestei minimamente.

Para ser sincera, tinha tanto para fazer que estava a dar em doida, e, enfim, há independência... e há que ficar sentada e deixar que alguém faça as coisas complicadas.

Ele demorou cerca de quinze minutos a montá-la – achei que devia ter sido um perito em *Lego*, em criança. Depois, desempacotou o colchão, que chegara nesse dia mais cedo, e pô-lo em cima.

– Parece que gostarias de te deitar já nele e dormir durante um ano – comentou, olhando para mim, divertido.

– Tu também, se tivesses subido e descido um lanço de escadas durante o dia todo enquanto tentavas trabalhar, atender o telefone e receber encomendas – ripostei.

– Passei um dia calmo a ver catálogos e a telefonar aos meus contactos e clientes, mas esse é o meu trabalho – disse ele suavemente. – Pensei que o Jack fizesse tudo com o rapaz, como é que ele se chama?

– Ross. O Jack está a organizar tudo, mas parece que quer que eu desça de quinze em quinze minutos. E tive uma péssima visita inesperada. – Contei-lhe sobre Jim Voss e a maneira como Nell o enxotara.

Depois bocejei.

– Estou demasiado cansada para escrever esta noite, isso é certo.

As minhas pernas ficaram de repente um pouco instáveis e sentei-me à beira do impecável colchão branco.

– Acho que estás a exagerar. O que almoçaste? – perguntou ele.

– Acho que não almocei. Embora tenha comido uma fatia do bolo gorduroso da Nell esta manhã, que acho ainda estar colado às minhas costelas.

– Uma fatia de bolo não é suficiente. Vá, pega no casaco e vamos jantar a um ótimo *pub* que conheço.

Estava demasiado cansada para resistir e o *pub* era calmo, escuro e quente, com comida boa e simples. Senti-me melhor assim que comi uma empada de carne e batatas fritas.

– Já estás com alguma cor – notou Nile, com aprovação, quando limpei o meu prato e, declinando a sobremesa, pedi um café. – Estás a trabalhar tanto que não podes deixar que a Sheila te obrigue a ajudar na Oldstone aos fins de semana – acrescentou. – Ela parece achar que vamos todos passar um sábado maravilhoso a retirar papel de parede no quarto em frente ao teu. Para começar, vou estar fora a maior parte desse dia, num leilão.

– Ela realmente voltou a perguntar se eu podia ir lá outra vez no fim de semana, mas não me importo de ajudar no que for preciso. Também é divertido planear o café da olaria com a Bel.

– Não me tinha apercebido, até a Bel me dizer, que há imensas normas de higiene e segurança que até um pequeno café tem de cumprir – comentou. – Só espero que elas consigam recuperar o investimento.

– Inicialmente é um grande investimento quando se tenta criar algo do nada – concordei –, mas tenho a certeza de que trará mais visitantes à olaria.

– Mas não sei quanto à casa de *waffles*, pensei que servissem apenas bolo e café.

– Oh, acho que é uma jogada de génio! – respondi entusiasmada. – Quando os turistas virem a

placa virão às carradas, e assim que virem o lindo trabalho de Bel, principalmente as joias, também o quererão comprar.

– Espero que tenhas razão.

– Pergunto-me se Henry Godet ficará chateado quando descobrir que há um rival para o Hicker's Café a poucos quilómetros de distância? – questionei.

– Acho que não afetará o negócio dele porque o Hicker's Café já existe há muito tempo para os caminhantes, e agora os turistas também lá vão por causa da ligação às Brontë.

– Qualquer turista que lá vá a partir de Haworth tem de passar pela casa de *waffles* norueguesa primeiro – referi.

– Então é melhor não mencionar isso quando formos lá jantar – disse ele para minha surpresa.

– Vamos lá jantar? – perguntei, olhando para ele.

– Eu disse ao Henry que sim, ele já ganhou a reputação de servir comida boa pelo que gostaria de experimentar. Não gostavas de ir?

– Bem... sim, acho que seria simpático – concordei, pensando exatamente que tipo de encontro seria: amigável, um encontro de irmão mais velho mandão, ou um romântico?

– Estás a pedir-me para sair contigo? – quis saber, sentindo-me corar.

– Acho que é um encontro para nos-conhecermos-melhor. Se estiveres de acordo – respondeu, erguendo a sobrancelha escura.

Aquilo não respondia à minha pergunta, mas quando ele acrescentou, casualmente:

– Marco para a semana que vem e digo-te quando têm uma mesa para nós – decidi que não havia nada de romântico no convite.

O que não tinha importância, tendo em conta a forma como a bonita empregada namoriscou com ele enquanto pedia a nossa comida e a maneira como ele sorria às duas caminhantes loiras de pernas compridas, que se encontravam no canto e que olhavam para ele com mais apetite que para as gambas com batatas^u.

Relaxe um pouco. Na verdade, agora sentia-me tão relaxada e sonolenta por causa do calor e da comida que até o surpreendentemente maravilhoso café não me conseguiu acordar.

– É outra coincidência estranha o Henry ser parente do agricultor que me encontrou na charneca, não é? A minha vida toda é uma série de coincidências estranhas – comentei.

– Não é assim tão estranho se pensares onde foste encontrada, pois a terra é toda propriedade dos Godet.

– Em breve falarei com Joe Godet. Ele agora já deve estar velhote. O filho não parece ser muito agradável, pois não?

– Eu posso ir contigo e proteger-te, se ficares nervosa – ofereceu Nile.

– Já sou grandinha para me proteger a mim própria – afirmei cheia de dignidade. – Só preciso de algum tempo para pensar nas coisas e depois procurá-lo... Tal como à Emily Rhymer.

– Consigo compreender que queiras falar com eles e ouvir em primeira mão a história de como foste encontrada – afirmou –, mas se estás à espera que revelem alguma pista em relação à tua identidade, então acho que vais ter uma grande desilusão.

– Não... não, é claro que não espero isso – retorqui. – Mas devem ter chegado ao local pouco depois de eu ter sido lá deixada, caso contrário não teria sobrevivido, por isso devem ter visto alguma coisa.

– Eu não ficaria com muita esperança. E a oferta mantém-se: se não estiver fora, irei contigo –

respondeu, o que era muito gentil da sua parte, apesar de eu achar que era algo que preferia fazer sozinha.

Suspirei.

– Aceito que é improvável encontrar a minha mãe biológica, é uma hipótese remota, apesar de poder seguir a sugestão de Bel e contactar o jornal local para ver se querem fazer um artigo sobre mim. Por ter sido encontrada na charneca e ter voltado para abrir o meu próprio salão de chá em Haworth, ou assim. Seria boa publicidade mesmo que ela não me queira ver nem se chegue à frente, o que poderá fazer.

– Aconselho-te a não o fazeres, mas é só a minha opinião. Detestaria que a encontrasses e... ficasses magoada por ela não querer nada contigo.

– Uma última rejeição – concordei. – Mas talvez aí eu sentisse que tinha feito tudo o que podia e conseguisse seguir para a frente com a minha vida.

– Sim, acho que sim. – O rosto dele voltava a ter aquela expressão sinistra, sombria e reservada.

– Tu nunca quiseste tentar encontrar o teu pai verdadeiro, nem nenhum dos teus parentes? – perguntei-lhe, curiosa.

– O meu pai, o Paul, perguntou-me isso uma vez. Ele gostava de estudar a história familiar e fez um teste de ADN através de um dos *sites* de genealogia para ver se conseguia encontrar ligações com outros parentes na base de dados. Também sugeriu que eu tentasse.

– Nem sequer sabia que se podia fazer isso! Tu tentaste?

– Não porque já sabia que o meu pai era um empregado de mesa grego. A minha mãe uma vez disse-me que ele tinha voltado para a Grécia pouco depois de eu nascer, dizendo que a mandaria chamar quando contasse aos pais. Foi a última vez que teve notícias dele.

– Isso é tão triste – admiti.

– Acho que sim, mas tenho a certeza de que a pressão da família foi boa porque ele voltou para casa.

– Tentaste procurá-lo, não foi? – tentei adivinhar e vi pela sua expressão que estava certa.

– Sim. Consegui descobrir a aldeia de onde ele vinha e segui a partir daí... Mas tinha morrido uns anos antes, num acidente. Vi uma fotografia, por isso sei que sou fisicamente muito parecido com ele, e vi também que a família dele sabia da minha existência, mas renegou-me porque parecia achar que eu aparecera para reclamar a minha herança, tal como foi.

– Lamento imenso, deve ter sido horrível para ti – retorqui suavemente.

– Estava mais curioso que outra coisa, e vi as origens do meu pai – revelou, encolhendo os ombros. – Não contei à Sheila nem ao Paul o que fiz porque eles eram os meus verdadeiros pais e não quis magoá-los de forma nenhuma.

– Não direi nada – garanti-lhe. – E agora entendo porque achas que procurar a minha mãe biológica não é boa ideia, apesar de nem todas as experiências serem iguais. Se eu tornar a história pública e ela não aparecer, então está feito, nunca mais volto a tocar no assunto.

– Então acho que é melhor tentares – disse ele.

– A busca do teu pai revelou alguma coisa de interessante em relação aos Giddings? – perguntei.

– Eu nem sequer sabia que se podia procurar a história familiar através do ADN.

– Pode se existirem combinações na base de dados, e ele encontrou várias. É uma família muito antiga, com muitos ramos e várias personagens excêntricas... Como o Teddy.

– O Teddy é um querido, não é nada excêntrico! – protestei.

– Espera até veres a escala do modelo de comboio que ele tem num dos sótãos, ou apanha-o a vaguear pela casa na sua réplica de uniforme de chefe de estação vitoriano – referiu com um sorriso.

Eu própria gosto de relaxar numa camisa de dormir de algodão branco, de estilo vitoriano, comprida e volumosa, cheia de folhos esvoaçantes, a que dou o nome de Miss Havisham...

Decidi não mencioná-la.

Agora que Nile se abria um pouco comigo sobre a sua infância, podia ver que, de muitas formas, éramos farinha do mesmo saco: abandonados, recompensados no amor e em busca de quem realmente éramos. Senti que o compreendia melhor e que, apesar de estarmos sempre às turras, tínhamos uma ligação verdadeira.

¹¹ No original *Scampi and Chips*, um prato típico composto normalmente à base de algum tipo de marisco, como gambas ou douradinhos, e batatas fritas. (*N. da T.*)

Era bizarro que depois de praticamente não pensar nos eventos daquela terrível noite nos anos que se seguiram, assim que voltei a viver em Upvale não só senti o impulso de escrever os pormenores do que acontecera, como também me senti estranhamente atraída para a zona em redor de Oldstone.

Mas, enfim, de qualquer forma, o cão precisava de exercício diário, e, como havia um conveniente parque de estacionamento nas proximidades, tanto fazia ser ali como em qualquer outro lado.

De manhã cedo era improvável encontrar alguém lá em cima, mesmo nos meses de verão em que uma pessoa mal se podia mexer na charneca devido aos turistas das Brontë, pelo que não havia perigo que a minha afeição pelo sítio fosse notada e comentada.

Perfeitamente Preservado(a)

Na quinta-feira, Lola conduziu até lá acima e, como o contentor já tinha partido novamente, conseguimos encaixar a carrinha dela no lugar de estacionamento ao lado do meu velho Carocha, deixando ainda espaço para Nile, que parecia ter saído do trabalho um pouco cedo.

De certeza que ele estivera em casa na noite anterior, pois as luzes do apartamento estavam acesas. Acho que estou a tornar-me alguém que espreita pelas cortinas...

Não havia trabalhadores ali, embora Jack chegasse mais tarde após outro trabalho e trouxesse os azulejos que tínhamos escolhido para a cozinha e para os vestiários, e sabia que Ross começaria a lixar as placas do chão do café na manhã seguinte, portanto, parecia ser novamente um dia barulhento.

Levámos a mala de viagem de Lola para o apartamento e fiz-lhe uma visita guiada que, dado o tamanho do local, demorou cinco minutos.

Depois fiz café e tirei uma amostra de alguns dos conteúdos do cesto de pequenos frascos de geleia, compota, pickles e molho picante que ela trouxera para eu experimentar. Eram todos tão deliciosos que decidi que, além de os usar para o chá, também iria vendê-los ao balcão do café.

A Lola mostrou-me uma fotografia no *seu iPad* do stande de exposição que fizera para os revendedores que analisavam a variedade de produtos de Dolly e Lola.

– Não tenho espaço no salão de chá para ter um stande, mas pergunto-me se a Bel e a Sheila não estariam interessadas em ter um na sua casa de *waffles*, na próxima primavera? – sugeri. – Lembras-te de te ter contado?

Ela assentiu.

– Oh, achas que elas quereriam?

– De certeza que têm espaço, porque o café será numa antiga cocheira, pelo que podes mostrar-lhes as fotografias quando lá formos jantar.

– Imprimimos o nosso logótipo em algumas sacolas, pelo que posso levar-te uma provisão para detrás do balcão, se quiseres.

– Não é preciso, eu imprimo o nosso logo numas embalagens para quem quiser levar as sobras das sandes e dos bolos e podemos usar esses – disse. – Serão de cartão branco com o logo em azul-petróleo, nos lados.

– Parecem muito chiques – comentou ela. – O que achas do creme de limão?

– Esse e o de laranja são muito deliciosos, dariam um ótimo recheio de tarte, decoradas com uma pitada de casca caramelizada.

Olhei para o frasco que tinha na mão, apercebi-me que comeria quase todo o seu conteúdo e pousei rapidamente a colher.

– Estou contente por fazeres também o molho de rábano, porque vou precisar dele para as sandes de carne assada.

– O meu pai começou a cultivá-lo há uns anos, juntamente com as ervas aromáticas, e a minha mãe experimentou muitas receitas até encontrar esta: não é muito explosiva, mas é forte o suficiente para adicionar um pouco de sabor.

– Lá isso é – concordei, de seguida colocámos todas as tampas nos frascos e fomos para o andar de baixo. Já lhe tinha enviado muitas fotografias do café antes de termos começado as obras de renovação, e também do caos que se seguiu, mas, agora que já tinha pintado o próprio salão de chá, ela podia ter uma ideia de como seria o resultado final.

– Adoro a paleta de cores, é a mesma do apartamento! – disse ela, entusiasmada. – Todos estes azuis pálidos e brancos e cremes, leves mas de certa forma não frios.

– Exatamente, foi assim que pensei. Tirei a ideia do meu quarto na Quinta Oldstone. A Sheila Giddings é parte norueguesa e decorou-a no que Bel, a filha, chama de Escandi-estilo. Também combina bem com a loiça de padrões brancos e azuis, estranhamente.

– Gosto da maneira como o grande espelho atrás do balcão, ao fundo da sala, reflete a luz da janela em arco.

– Creio que está aqui desde que isto era a Chaleira de Cobre, tal como o letreiro, pois ainda se conseguia perceber as letras dos dois últimos nomes antes de ser Branwell Café. Está a ser devidamente lixado e pintado.

Eu saí primeiro pela porta da frente em direção ao pequeno pátio de pedra, salpicado pelos fracos raios do sol.

– Acho que o nome The Fat Rascal é uma escolha muito pertinente – comentou Lola. – Vais tê-los na ementa?

– Sim, versões em miniatura. Na verdade, vou ter um chá *Fat Rascal* como opção ao clássico chá com scones.

– Boa ideia!

– Podes ver onde o Jack reparou e pintou o pórtico vitoriano – referi. – Vou mandar pintar toda o azul exterior de branco para combinar com o novo letreiro.

Ela reparou na Pequena e Perfeita no lado oposto e disse com interesse:

– É a loja de Nile? Parece fechada.

– Não está muitas vezes aberta porque ele ganha a vida a encontrar peças caras para colecionadores ricos. O carro dele não estava ali estacionado esta manhã, pelo que deve ter ido a algum lado, o que é pena porque assim poderias dar uma vista de olhos.

– E também gostaria de ter visto a sua pessoa – disse ela com um sorriso.

Ainda assim, atravessámos e espreitámos pela janela, apesar de os vidros grossos darem a tudo um efeito um pouco desfocado, já para não falar de um desmaiado tom verde.

– Ele tem coisas muito bonitas, principalmente aquele pequeno pisa-papéis com flores de *millefiori* – disse Lola, pressionando o nariz contra o vidro.

– É bonito, não é? – concordei. – Eu gosto daquele jarro alto e estreito, azul e branco, com a cena pastoril. Se tiver dinheiro disponível quando acabar as renovações, sou capaz de lhe perguntar quanto custa. No entanto, pela maneira como estão as coisas, acho que vou ficar completamente depenada.

– Tens de tentar manter algum de lado para cobrir os custos correntes e o salário do pessoal até o salão de chá começar a dar lucro, não é?

– Sim, já pusde parte o suficiente para dar conta do recado nos primeiros três meses e, se não

estiver a dar lucro nessa altura, acho que nunca dará, mas provavelmente tirei de usar algum desse dinheiro caso alguma coisa grave aconteça, como a caldeira estragar-se ou algo assim.

– Bom, então vamos torcer para que não se estrague – respondeu Lola, otimista.

– Vou receber algum dinheiro da minha editora assim que lhes enviar o meu novo romance, um adiantamento, mas não será muito. Se algum dia o acabar – acrescentei, triste.

– Claro que vais acabá-lo! E não será maravilhoso vê-lo à venda nas livrarias e não apenas na internet? – questionou ela, encorajadora. – Como se chama?

– *Quando a Bela Se Torna Má*. Mas acho que eles podem mudar o título.

Voltámos para o café e Lola manteve-se no meio da sala vazia com os olhos semicerrados.

– Consigo visualizar como será o salão de chá depois de estar terminado, muito repousante, chique e adulto. As mesas cobertas com toalhas de linho branco...

– Linho fácil de lavar e guardanapos a condizer – emendei. – Já vi as amostras e são exatamente o que eu quero, pelo que vou fazer a encomenda. E encontrei uma lavandaria local que as virá buscar e entregar diariamente.

Ela voltou a fechar os olhos, como um médium a evocar o espírito do salão de chá.

– O silencioso barulho dos talheres...

– Aço inoxidável de boa qualidade que pode ir à máquina.

– As mesas postas para o chá com os tabuleirinhos de vários andares de porcelana...

– Ainda não encontrei os que quero, mas estou a trabalhar nisso. Se calhar terão de ser totalmente brancos em vez de terem o padrão de salgueiros.

– O brilho suave do vidro dos copos de água... – murmurou ela.

– Copos de água? Oh, Deus, eu sabia que me tinha esquecido de alguma coisa! – exclamei. – E jarros de água. Continua – pedi. – Vamos ver se me esqueci de mais alguma coisa.

– Pratinhos para os condimentos e pequenos frascos para natas coalhadas e manteiga para os scones.

– Espera – disse eu, indo buscar a folha impressa com a minha última lista, que agora era como um infundável Pergaminho do Mar Morto, e fazendo algumas adições.

– Muito bem, continua – pedi-lhe. – Isto é muito útil.

– Bules e cafeteiras... Chávenas e molheiras, açucareiros, jarros de leite.

– Bules, tenho, grandes e pequenos, apesar de me dar jeito ter mais, e já encomendei cafeteiras de vidro para o café – disse eu. – Já há uma caldeira de água atrás do balcão, pelo que a Tilda e a Nell podem enchê-los lá.

– Copos grandes para os refrigerantes?

– Sim, estão na lista, e tenho de encontrar um fornecedor de garrafas antigas de bebidas tradicionais feitas com ingredientes naturais, como o dente-de-leão e a bardana, cerveja de gengibre e limonada, e ainda sou eu que faço jarros com a minha própria limonada no verão – acrescentei.

– As pessoas vão provavelmente pedir *Cola*.

– Sim, mas não vão encontrá-la aqui – disse, firme. – Pedirei a Nell e a Tilda para lidarem com eles caso se façam de difíceis.

– As tuas empregadas parecem mesmo um pouco assustadoras! – Ela voltou a olhar em redor da sala. – O que vais pôr no mostrador de vidro do balcão?

– Bom, para começar, jarros com a tua geleia e condimentos, e também os dois grandes bolos do

dia. Um será sempre um tipo de bolo de fruta, mas vou variar em relação ao outro com receitas antigas como bolo Battenburg, bolo de sementes, pão-de-ló, bolo de café e noz...

– *Hum* – disse ela, gulosa, depois, sugeriu: – Facas para bolos?

– Acho que vou comprar umas novas de aço inoxidável que podem ir à máquina.

– Então já não tenho ideias – disse ela. – Pensa em tudo muito bem e terás tempo para afinar tudo antes de abrir, não é? Quero dizer, quando vais abrir, exatamente?

– No dia quatro de novembro. Isso vai dar-nos o período do Natal para nos afirmarmos e depois talvez feche e volte a abrir no Ano Novo. Mas, com a velocidade com que Jack trabalha, talvez possa abrir umas semanas antes.

– Então podes aproveitar esse tempo para terminar o livro novo, não é? – sugeriu ela.

– Boa ideia, e seguir o rasto e encontrar aquelas duas pessoas que me salvaram quando fui abandonada.

– Tenho a certeza de que falar com as testemunhas fará com que tudo pareça mais real do que ler apenas alguns artigos de jornal sobre o assunto – afirmou.

– Pareceu bastante real quando eu estava na colina junto à Oldstone, tão sombria e deserta – disse, tremendo ao lembrar-me. – Gostaria muito de saber o que levou a minha mãe a deixar-me num sítio daqueles, onde deveria ter a certeza de que nunca seria encontrada, pelo que também acho que vou publicar um apelo no jornal a dizer o quanto gostaria de ter notícias dela.

– Acho que talvez essa seja a única maneira de a encontrar, se ela quiser aparecer – admitiu Lola.

– Eu estava muito indecisa, mas a Bel referiu que seria uma ótima publicidade que a história toda iria trazer ao salão de chá, mesmo que não dê resultado nenhum, e ela tem razão.

– O que pensa o Nile? – perguntou Lola, inocente, pelo que a olhei, desconfiada.

– Oh, acha que tentar encontrá-la é má ideia e ainda que a encontre ela poderá não querer ver-me, o que me magoará. Como ele próprio teve uma má experiência quando tentou procurar o pai, acha que eu também terei. Não que me importe com o que ele pensa – afirmei determinada.

– Mas se a tua mãe biológica aparecer voluntariamente depois de ver o artigo de jornal, significará que te quer conhecer – disse ela. – E se não aparecer, então...

– Então ou o Nile tem razão, ou ela está morta, ou mudou-se para outro sítio e não viu o artigo – terminei.

– Então é melhor ligares ao jornal – concluiu Lola.

* * *

Almoçámos no *pub* onde Nile me levara, antes de darmos um passeio pela aldeia e visitarmos o Museu do Presbitério Brontë, e ambas achámos tão fascinante que ficámos lá horas e mais do que prontas para chá e scones num café, no caminho de regresso.

– Aqueles scones eram bons, mas os meus serão melhores – suspirei.

– Tal como a tua geleia se comprares a minha, pois esta de framboesa tinha muito açúcar e pouca fruta – comentou Lola, crítica, após ter espalhado deliberadamente alguma no seu meio scone e ter dado uma dentada.

– Bom, tu és a perita – declarei, depois perguntei-lhe como estava a correr o anexo ao lado dos pais.

– Está quase pronto, graças a Deus. O meu pai fez quase todo o trabalho que podia, para poupar dinheiro, razão pela qual está a demorar tanto. Terá quase o dobro do tamanho do chão da casa

original, tivemos muita sorte em obter a licença.

– É mais fácil quando já existe um edifício, não é?

– Sim, acho que isso ajudou. – Ela suspirou, feliz. – Vai ser ótimo voltar a ter o meu próprio espaço.

– Eu já adoro o facto de o meu apartamento ser meu e de ninguém mo poder tirar – disse eu.

– Assim que me mudar para o anexo com as miúdas, os meus pais terão mais sossego e poderei deixar de me sentir culpada por causa de todo o nosso lixo e brinquedos espalhados por todo o lado – disse Lola, apesar de eu ter a certeza de que os pais adoravam tê-las ali, por mais triste que fosse o motivo.

– Assim que nos mudarmos podes visitar-nos e ficar connosco, se conseguires escapar. Apesar de, na verdade, achar que estarás sempre a trabalhar até o salão de chá ser o sucesso que sei que será.

– Só vou abrir cinco dias por semana, de terça a sábado, e assim que as coisas acalmarem poderei fazer-vos uma breve visita. A Tilda foi gerente da última dona, tenho a certeza que poderá voltar a sê-lo mais tarde. Adoraria ver os teus pais outra vez e as minhas afilhadas. Provavelmente já estão tão altas como eu!

– Oh, ainda não – respondeu, rindo-se.

Foi ótimo poder passar algum tempo com Lola – a minha amiga de sempre. Tínhamos vidas muito diferentes, mas, sempre que nos víamos, parecia que não passara tempo algum, como se tivéssemos estado separadas apenas alguns segundos.

* * *

Dirigimo-nos cedo para a casa dos Giddings nesse fim de tarde, pois Lola queria dar uma olhadela a Oldstone primeiro.

Milagrosamente, lembrava-me das curvas e contracurvas que davam para o parque de estacionamento, mas, enfim, sempre fui boa nos jogos em que se tem de guiar uma bola prateada através de um labirinto. Fugi ao Minotauro mesmo sem um novelo.

Saímos do carro mas não caminhámos até ao topo do afloramento rochoso, só o observámos de baixo, enquanto um surpreendente vento siberiano nos soprava nas orelhas.

– É um sítio desolador para se abandonar um bebé, não é? – comentei. – Eu estava embrulhada num tapete de pele de ovelha e fui metida num buraco da rocha.

– Deve ter sido um ato de desespero e pânico – disse Lola, caridosa. – E acho que, mais tarde, a tua mãe deve ter-se arrependido muito por tê-lo feito, e deve ter ficado felicíssima por te terem encontrado com vida.

– Acho que é melhor clarificar no artigo de jornal que não estou zangada com ela pelo que fez, o que é verdade – disse eu. – Só quero perceber porquê.

– Ainda estou surpreendida por Nessa nunca te ter contactado, mesmo sabendo que te podia encontrar através de nós – afirmou Lola.

– Eu não, porque depois da morte do meu pai, de repente foi como se ela tivesse simplesmente representado o papel de mãe e se tivesse fartado. Tal como de mim.

Parecia um hábito meu extraviar mães.

Naquele momento, o entardecer pairava sobre a paisagem e o vento soprava forte.

– Anda – chamei com um arrepio súbito. – Volta para o carro. Depois apresento-te aos Giddings!

Lola, com a sua expressão doce e séria, e o seu coração bondoso, foi um sucesso imediato junto de toda a família, como eu sabia que seria. Até o Nile, que aparecera sem ninguém o esperar para o jantar, se derreteu rapidamente e pôs o pessimismo de lado em relação a uma peça antiga que não conseguira trazer do leilão.

Contei-lhes tudo sobre a Empresa de Picles e Condimentos Perfeitos e a minha sessão de amostras dessa manhã.

– Era tudo tão delicioso que vou usá-los em exclusivo no meu salão de chá. E vendê-los ao balcão. Terei um dos standes de Lola se tiver espaço, mas pensei se não quereriam ter um na casa de *waffles*?

Lola, que estivera a mostrar a Geeta e a Sheila uma seleção aleatória de fotografias no seu telemóvel, desde as suas três meninas, às galinhas e cabras, até ao novo edifício de madeira recentemente pintado para albergar a empresa, mostrara uma foto dos standes.

– Lindo – elogiou Bel, inclinando-se na mesa para ver melhor. – Tenho a certeza de que teríamos espaço para um desses.

– E talvez pudesse fornecer a geleia de cereja preta para os meus *waffles*? – sugeriu Sheila.

– Prefiro groselha preta – disse Nile, saindo do seu estado sombrio perante a menção aos *waffles*.

– Ou morango – acrescentou Teddy –, é a minha preferida.

– Vou trazer-lhe algumas amostras da próxima vez que vier – prometeu Lola. – As que trouxe já quase desapareceram.

– Nesse caso, é melhor maneres as próximas longe da Alice – aconselhou Nile.

– Eram frascos muito pequenos, foi só para provar – respondi indignada. – Não que estivesse a enfiar litros e litros daquilo.

– Acho que a Alice disse que vão abrir a vossa casa de *waffles* no próximo ano? – questionou rapidamente Lola a Bel.

Bel assentiu.

– Na Páscoa, se tivermos a licença de construção a tempo.

– Essa é a altura do ano em que as coisas também começam a aquecer para as lagoas nadáveis – lembrou Geeta. – As pessoas começam a pensar em instalar uma a tempo do verão.

– Oh, sim, a Alice falou-me disso. Acho que nadar ao ar livre e ao natural é uma ideia encantadora.

– Se vier quando o tempo estiver mais quente, pode experimentar a nossa – disse-lhe Sheila.

– Com o salão de chá de Alice, a empresa de conservas de Lola e a nossa prestes-a-abrir casa de *waffles*, parecemos mesmo irmãs que singram por si próprias – disse Bel, cantando em seguida um pouco da canção de Annie Lennox.

– Os irmãos também não estão nada mal – assinalou Teddy.

– É verdade, tu e a Geeta expandiram maravilhosamente o negócio da Pondlife, meus queridos – concordou Sheila. – E a pequena loja do Nile também é um sucesso.

– Já agora – murmurou Nile.

– Ora, Nile, sabes que não quis dizer isso dessa maneira, seu resmungão – retorquiu afetuosamente.

– Há pouco vimos a montra da Pequena e Perfeita, e tem coisas adoráveis – comentou Lola, com o coração mole de sempre e, logo a seguir, como ela adora bebés, foi ajudar Geeta a deitar Casper.

Quando regressou, disse que o cheiro do pó de talco do bebé era suficiente para a fazer sentir novamente como uma mãe galinha, contudo, por alguma razão, este comentário perfeitamente inocente parece ter devolvido o humor sombrio a Nile, que partiu antes do café.

Mais tarde, quando voltei ao meu apartamento, reparei que as cortinas de Nile estavam fechadas e as luzes acesas, mas quem poderia dizer se estava alguém em casa? O urso estaria na sua gruta ou andaria algures a vaguear?

– O Nile é ainda mais deslumbrante do que tu referiste – disse-me Lola. – E acho que ele gosta mesmo de ti, porque ao jantar estava sempre a apanhá-lo a olhar para ti, parecendo absolutamente fascinado.

Olhei para ela, embasbacada.

– Tenho a certeza de que estás errada. Ou se ele está mesmo fascinado, é apenas porque não compreende como não me ponho de gatas de cada vez que sorri, como praticamente todas as outras mulheres.

– Eu provavelmente pôr-me-ia, se me sorrisse – ironizou ela. – E acho que estás em negação e que realmente gostas dele.

– Bom, está bem, admito que o acho atraente, mas mesmo que fosse recíproco, não ando à procura de mais uma relação com um prazo de validade curto.

Lola largou o assunto, porém, eu continuei a pensar sobre o que ela dissera acerca de Nile estar sempre a olhar para mim quando eu não estava a ver...

O círculo da dança: dríades translúcidas cercaram mais e mais Kev, com os seus lindos olhos desumanos fixos nele e as suas mãos a tentarem agarrá-lo...

Mas Bela não estivera adormecida tantas centenas de anos para deixar que umas ninfas caprichosas ficassem com o seu homem, ainda que ele parecesse agora simultaneamente hipnotizado e submisso.

Apontou a arma que ainda segurava e a força mágica fez com que a dríade mais próxima caísse redonda no chão com um grito sonoro e satisfatório.

Bela agarrou a cimitarra¹² de Kevin e teria continuado a derramar um pouco de sangue verde caso as irmãs da ninfa caída não lhe tivessem pegado logo ao colo e fugido em direção às árvores, onde rapidamente as suas vestes tremeluzentes se confundiram com a folhagem.

¹² Espada de lâmina curva de origem persa. (N. da T.)

Dado o emprego de cirurgia de medicina geral a que me juntei, era inevitável que a família do meu antigo amante se registasse ali depois de se terem mudado para a casa ancestral na charneca, que ficava nos arredores de Haworth. A Quinta Oldstone era um caso extenso que se alastrava, com rumores de que a parte central seria muito antiga, embora eu tenha pouco interesse nessas coisas.

Nem faço ideia porque teria esse nome, uma vez que se encontrava a quilómetros do afloramento rochoso e, se alguma vez chegou a ser uma quinta em atividade, deixou de o ser dentro da memória viva.

A minha clínica era grande e a família foi registada com outro médico que lá trabalhava, pelo que tive pouco contacto com eles, embora, como é evidente, me fosse completamente indiferente se tivesse tido ou não.

Vistas Distantes

Lola pôs-se a caminho de Shrewsbury às primeiras horas da manhã seguinte e assim que Ross chegou e começou a lixar as tábuas do chão do café, desejei ter ido com ela.

No entanto, Bel sugerira que fosse passar o dia com eles, para que pudéssemos caminhar juntas até Oldstone na manhã seguinte bem cedo, e acabei por colocar a minha mala de viagem no carro e deixei Ross a trabalhar.

Tinha um encontro marcado com um padeiro artesanal local de que ouvira falar, que era jovem e estava entusiasmado com a ideia de fornecer o pão ao meu salão de chá. Em seguida fui verificar o *stock* de um armazém grossista, antes de chegar à Quinta Oldstone.

Na última noite que ali estivera com a Lola fora evidente que Sheilla assumira que eu passaria o fim de semana com eles, provavelmente a ajudar a pintar o quarto que ela estava a renovar. Era um caso de *busman's holiday*, mas não me importei. Também me afastaria do fedor do selante do chão, que esperava já ter diminuído um pouco quando regressasse ao meu apartamento, no domingo.

* * *

Logo depois do amanhecer de domingo de manhã, eu e Bel zarpámos no meu carro pela charneca com o *Honey* impaciente no banco de trás.

Na verdade, era tão cedo que ficámos admiradas por encontrar uma carrinha *Renault* novinha em folha estacionada no relvado abaixo de Oldstone.

– Tinha esperança de que tivéssemos o lugar só para nós – disse eu, desapontada. – Não havia ninguém da última vez.

– Pode ser alguém a observar pássaros – sugeriu Bel.

– Há assim tanta coisa para ver nesta altura do ano?

– Não faço a mais pequena ideia – confessou ela.

Mas parecia que não era nenhum observador, pois enquanto subíamos o caminho, uma mulher apareceu na direção contrária com um Bichon Frisé ao lado.

– Passeia os cães de madrugada – estranhou Bel.

– À primeira vista, pensei que fosse um cordeiro – disse. – São coisinhas cheias de lã.

Quando nos aproximámos, pude observar que teria cerca de cinquenta anos, era de estatura média e bem constituída, sem ser entroncada. Tinha o cabelo grisalho apanhado atrás numa trança firme, batom pálido, olhos azuis frios e uma expressão a condizer.

Mas havia algo de familiar nela... E, de súbito, apercebi-me de que era a mulher que conduzira na minha direção, na parte mais estreita da via, no dia da minha primeira visita, quando simplesmente ficou à espera que eu fizesse marcha-atrás durante vários quilómetros até haver espaço para passar. Uma pessoa não se esquece de alguém com quem se teve esse tipo de impasse – sobretudo quando

se saiu a perder! Por isso, ou ela vivia nas redondezas, ou este era o seu lugar favorito... Ou talvez ambos.

O seu olhar frio e desinteressado varreu-nos, embora me parecesse que os seus olhos se tivessem demorado em mim por um instante, pelo que o reconhecimento talvez tivesse sido mútuo.

– Bom dia – disse ela apressada.

Tenho a certeza de que teria continuado a caminhar, não fosse Bel ter exclamado:

– Oh, é a doutora Collins, não é? Talvez não se lembre de mim. Sou a Bel Giddings e conhecemo-nos quando foi chamada à Quinta Oldstone, uma noite. O meu sobrinho bebé tinha uma febre alta.

– Ah, claro – admitiu ela, parando e apertando-lhe a mão de uma forma profissional, mas sem qualquer entusiasmo. Os seus olhos frios como gelo pousaram em mim e Bel apresentou-nos.

– Esta é a minha amiga Alice Rose. Vai abrir um salão de chá em Haworth.

– É uma área já muito concorrida, pensaria eu – disse de maneira abrupta e o cão, que estivera a farejar *Honey* amigavelmente, olhou para ela com a cabeça de lado.

– Tenho a certeza de que há espaço para mais um – respondi, gentilmente. – Na verdade, já nos encontrámos uma vez, doutora Collins.

– Já?

– No penúltimo sábado. Estive aqui um pouco mais cedo do que hoje e os nossos carros encontraram-se na via quando eu estava a sair.

Não referi a parte de ter tido de recuar quilómetros, apesar de ela não o ter apreciado.

– Este deve ser um dos seus lugares preferidos...

Ela encolheu os ombros.

– O cão tem de ser levado à rua e eu gosto de estar sozinha no começo do dia, o que normalmente acontece quando aqui venho – respondeu sem rodeios. – Peço desculpa mas tenho de ir andando. Anda, *Hugo*.

O cão seguiu-a obedientemente, apesar de ter virado a cabeça com um daqueles sorrisos caninos com a língua de fora e os olhos brilhantes, como se dissesse: «Espera que vais ver, vou fazer alguma traquinice quando chegarmos a casa!»

– Bom, acho que isto foi uma chapada de luva branca – comentei quando começámos a andar.

– Sim, mas ela é sempre brusca. Todos preferimos ver outro médico na clínica – explicou Bel. – Ela é supereficiente, mas acho que vê as pessoas como casos que tem de tratar, e não como indivíduos, pelo que não é muito popular. Mas eles estavam desesperados por outro médico de clínica geral com quem dividir o trabalho, nem que fosse em *part-time*.

– Ela foi eficiente com o bebé?

– Sim. A Geeta estava convencida de que ele tinha meningite, se bem que era só uma febre ligeira, mas a doutora Collins disse-lhe que era sempre melhor ter uma opinião profissional caso o bebé mostrasse sintomas, pelo que ela tinha feito a coisa certa ao chamá-la.

– Bom, isso parece... simpático.

– Não sei se foi intencionalmente simpático ou se foi apenas a constatação de um facto. Ouvi dizer que antes ela trabalhava na Escócia e que se mudou para aqui há cerca de dez anos por causa do pai velhote que estava a ficar cada vez mais frágil. Ele tem uma grande casa neste lado de Upvale.

– Acho que arranjar um médico aqui seria uma das coisas que eu deveria fazer – comentei.

– Então é melhor ires a esta clínica – sugeriu Bel. – É a mais próxima. Lembra-te de pedires

outro médico se marcares uma consulta!

* * *

Demorámos quase o sábado todo a arrancar o papel de parede do quarto em frente ao meu. Acho que os vitorianos devem ter inventado algum tipo de supercola.

Teddy juntou-se a nós nas primeiras horas do dia, antes de ele e Geeta saírem, e, quando Nile chegou para assumir o seu lugar junto do esguicho de água e do raspador, já tínhamos quase terminado.

Bel acusou-o de ter chegado tarde de propósito e travaram uma pequena batalha com os esguichos. O meu cabelo ficou extra encaracolado por causa da humidade.

Fomos só os quatro ao jantar e, depois, a Sheila levou o seu café para o estúdio nas traseiras da casa e Bel foi responder a alguns *e-mails* urgentes sobre a próxima exposição do seu trabalho em York.

– Bom, somos só eu e tu, miúda – disse Nile, num falso sotaque americano. – Um filme? Ou dou-te uma tarefa no *Scrabble*?

E ele ganhou mesmo o primeiro jogo, mas só porque alguma fada má me cedera as letras que formavam naturalmente uma série de palavras terrivelmente grosseiras, que eu não fui capaz de usar.

Depois, mais tarde, quando fui para a cama e me encontrava naquele delicioso estado de limbo entre o despertar e o sono, as personagens do meu romance decidiram de súbito ter uma conversa na minha cabeça, e eu tive de me levantar, rabugenta, da cama e anotar tudo antes que desaparecesse como uma bolha.

Que chatice.

– *Para onde foram elas?* – perguntou Kev, procurando as *driades* de uma forma atordoada.

– *Deixa-as lá, és meu, por isso para de engonhar e dá-me um beijo* – ordenou ela, impaciente.

– *Este é o sonho mais estranho de sempre* – murmurou Kev.

– *Kev? Onde te escondes?* – gritou uma voz como a de um passarinho de algum sítio para além da moita circundante, e o rosto dele iluminou-se. Na verdade, parecia aliviado.

– *Estou aqui, princesa* – gritou ele.

– *Princesa?* – *Bela franziu o sobrolho: será que tinha rivais?*

Uma mulher magrinha de cabelo cor-de-rosa, curto e pontiagudo, top de alças a mostrar a barriga lisa e um pírcingue dourado no umbigo, avançou de um buraco na sebe – e, ao mesmo tempo, com uma espécie de estrondo, uma figura alta, bonita e majestosa apareceu do nada e ficou cara a cara com ela.

Olharam os dois nos olhos um do outro e depois o príncipe deu um passo em frente e beijou-a.

Nos contos de fadas, principalmente nos meus, as coisas nunca são o que parecem...

* * *

Tinha-me dado jeito dormir mais um pouco, mas marcara com a Bel e o Nile antes das oito irmos a uma venda ambulante numa carrinha, nos arredores de Keighley. Era a última grande venda do ano.

Nile insistira para que começássemos cedo: disse que assim conseguiríamos todas as pechinchas no começo do dia. Eu teria pensado que as vendas ambulantes em carrinhas não faziam o seu género, mas não, ele adorava-as, via todos os pequenos objetos brilhantes como um obcecado e fazia várias descobertas. Tinha uma forma metódica mas rápida de remexer em todas as coisas de todas as bancadas e de todas as caixas e de seguir em frente, enquanto eu e Bel éramos mais lentas.

Afastámo-nos rapidamente dele, mas encontrámo-lo mais tarde na carrinha dos refrescos, onde algumas mesas e cadeiras de plástico de piquenique tinham sido postas para os clientes, e onde comparámos as nossas compras.

Eu comprara um bule *Minton* azul muito maltratado, mas ainda assim lindo para mostrar no café – queria alguma variedade, pois o padrão azul de salgueiros poderia ser excessivo.

– Lembra-me aquele lindo jarro que tens nas traseiras da tua janela – disse eu a Nile.

– Referes-te ao *Spode*¹³? – Ele olhou-me como se eu fosse maluca. – Não há nada que se lhe iguale!

– Pode não ser uma antiguidade, mas o padrão tem exatamente o mesmo tom de azul – disse, determinada.

– Mostra-lhe as outras coisas que compraste – sugeriu Bel, rapidamente, pressentindo uma discussão no ar, pelo que abri a caixa de madeira que continha seis garfos de bolo com o cabo em madrepérola.

– Comprei-os por cinco libras, mas são para o apartamento – esclareci. – Não quero ter talheres no café que não possam ir à máquina de lavar.

Bel tinha comprado uma estranha panela de barro para dar de presente à mãe.

– Não lhe encontro marcas, mas parece *Troika* – disse ela, passando-a a Nile através da mesa de plástico instável.

– É boa? – perguntei. Eu pensava que parecia mais o produto de uma aula pós-laboral, mas que sabia eu?

– Acho que tens razão – respondeu Nile, explicando-me depois. – A olaria *Troika* é muito colecionável e já não se encontra em lado nenhum por um preço barato. A Sheila adora-a e eu compro-lha em leilões, se não for muito cara.

O próprio Nile comprara uma antiga tábua de cortar pão com um ratinho engraçado talhado, que disse ser um rato Mouseman, pelo que foi o meu dia para aprender sobre coisas obscuras colecionáveis. Os bolsos dele também estavam cheios de outras coisas, incluindo um esverdeado pisa-papéis abaulado, no qual bolhas pareciam subir numa nuvem... o que me lembrou algo que há muito queria perguntar-lhe.

– Aquele pisa-papéis *millefiori* que está na tua janela é terrivelmente caro como desconfio, Nile? A Lola viu-o e adorou-o, pensei em oferecer-lho no Natal, caso pudesse comprá-lo.

– É, mas tenho a certeza de que poderíamos chegar a um acordo de desconto, por serviços prestados – retorquiu ele, olhando-me, especulativo, tal como as três raparigas na mesa ao lado olhavam para o seu perfil bonito e austero e cabelo preto-azulado.

– Que tipo de serviços? – perguntei, desconfiada.

– Serviço de chá grátis entregue todos os dias à minha porta?

– Só nos teus sonhos, amigo! – exclamei.

– Deves estar a brincar, Nile – comentou Bel, a sorrir. – Se comesses um serviço inteiro de chá por dia, ficarias como o Ursinho Pooh quando comeu o mel todo e ficou demasiado gordo para sair da toca.

– Posso arranjar um pequeno saco de sandes e pastéis todas as tardes, se o vieres buscar – sugeri. – Disseste que não eras fã de coisas doces.

– Oh, gosto de algumas coisas doces – insinuou, esboçando-me aquele sorriso repentino e desconcertante, pelo que fiquei muito contente por estar sentada. – Mas com moderação. Está combinado, mais tarde acordamos os termos e assinamos o contrato com açúcar de pasteiro.

* * *

Quando regressámos, encontrámos o resto da família na cozinha, a ajudar ou a obstruir os preparativos de Sheila para o habitual grande almoço de domingo.

Casper estava na sua cadeira alta, a bater com a colher de plástico numa tigela cheia de algo pegajoso, enquanto *Honey* se sentava na sua posição do costume, por baixo, a olhar esperançosamente para cima.

– Aí vem o futuro noivo – comentou Teddy com um sorriso para Nile quando este entrou na cozinha. – Queres que eu seja o teu padrinho, mano?

Nile parecia completamente confuso.

– Mas de que raio estás tu a falar?

– Não brinques, Teddy – repreendeu Sheila, virando-se a partir do fogão. – A Zelda telefonou enquanto estavas fora, Nile, e contou-me que vocês iam casar, o que foi um bocadinho surpreendente, após todos estes anos a pensarmos que eram apenas amigos.

O meu coração voltou a sentir aquela coisa estranha em que parecia parar de repente e depois recomeçar com uma batida mais forte, e virei-me para olhar para Nile.

– Também é uma surpresa para mim – afirmou ele secamente. – Ela estava só a brincar.

– Ela realmente parecia estar só a brincar – respondeu Sheila, duvidosa. – Quando eu disse que era um pouco repentino, contou-me que tinham feito um pacto há muito tempo em como se ambos ainda não tivessem casado aos quarenta anos, se casariam um com o outro.

– Só que tu acabaste de fazer trinta e oito anos, Nile, e eu não acho que isso se possa chamar quarenta anos – retorquiu Teddy.

– Uau, obrigadinho – agradeceu Nile sarcástico.

– Mas a Zelda já tem quarenta anos – referiu Bel sem rodeios. – E há imenso tempo que não tem uma relação séria, pois não? Talvez tenha sido isso que a fez lembrar-se do pacto.

– Recordo-me vagamente de ter dito algo assim quando éramos estudantes, mas só porque ela mo lembrou recentemente – esclareceu Nile. – Quero dizer, não tínhamos nada sério nessa altura, nem temos agora.

– Bom, tu talvez não estivesses a falar a sério, mas não estaria ela? – questionou Bel.

Ele franziu o sobrolho.

– Acho que não, foi uma daquelas coisas estúpidas que se dizem. Mas sabem como a Zelda é, sempre a mandar bocas para ver a resposta que obtém.

– Acho que é isso – concordou Sheila, parecendo estranhamente aliviada, tendo em conta que ela e o resto da família pareciam gostar de Zelda. – Eu realmente achei estranho, depois deste tempo todo.

– Só temos sido amigos estes anos todos, e é assim que vamos permanecer – declarou decidido. – Ela sabe disso, só te estava a enrolar.

Perguntei-me se ela de facto o saberia. Quero dizer, talvez tenha percebido de súbito que o Príncipe Encantado estivera debaixo do seu nariz durante este tempo todo.

Teddy parecia querer gozar outra vez com Nile, mas Bel ofereceu ao gêmeo um olhar esmagador e mudou rapidamente de assunto.

– Não vão adivinhar quem encontrámos na colina perto do Oldstone, ontem de manhã. Esqueci-me completamente de vos dizer.

– Não, não vamos adivinhar, por isso podes dizer já – referiu Geeta do seu assento junto à cadeira alta, limpando um pouco de comida que lhe saltara para o rosto. Casper fez outro movimento expansivo com o braço e com uma colher cheia e *Honey* saltou com uma agilidade surpreendente para a sua idade e apanhou-a no ar.

Podia haver um bom mercado para desperdícios de comida voadores, se alguém o inventasse.

Bel tirava do seu saco uma espécie de jogo de formas de cores vivas que trouxera com ela e passou-lho através da mesa.

– Lembrei-me que comprei isto na venda ambulante.

– Oh, é para o Casper? – perguntou Geeta.

– Sim, e está quase novo, mas sei como és esquisita com os germes, acho que queres que o desinfete antes de lho dar.

– O cuidado nunca é de mais – disse Geeta, séria. – Lembras-te daquele vírus horrível que ele apanhou no início do ano? Pensei que fosse meningite – explicou-me ela, com os lindos olhos castanhos cheios de terror ao recordar o momento. – Fiquei fora de mim.

– Não me surpreende! – exclamei.

– Bom, por mais estranho que pareça, foi a médica que veio ver o Casper nessa noite que nós encontrámos junto ao Oldstone ontem de manhã – revelou Bel.

– O quê? A doutora Collins? – perguntou Sheila. – O que estava ela a fazer lá em cima?

– A passear um cão pequeno e branco. E não ficou assim tão contente por se cruzar connosco, porque disse que fora até ali para ter um pouco de paz e solidão.

– Isso foi antipático da parte dela – afirmou Geeta. – Mas a Rilla, a rececionista da cirurgia, vai à minha aula de ioga e contou-me que a doutora Collins se mudou outra vez para aqui para cuidar do pai quando ele ficou muito frágil, portanto, realmente deve ter bom coração.

– Bom, a mim disseram-me que ela se mudou para cá porque lhe tinham dito que o pai estava demasiado interessado na cuidadora e ela teve medo de perder a herança – refutou Bel. – Foi a empregada que me disse.

– Isso provavelmente são só boatos – comentou Teddy, suavemente, mas foi ignorado.

– A doutora Collins não pode ser assim tão nova, por isso o pai já deve ser muito velhote – sugeriu Bel.

– Tem apenas cinquenta e tal anos, como eu – respondeu Sheila, ligeiramente incomodada. – Também podia ser mais atraente, mas não toma conta de si o suficiente. E acho que ela é enteada dele, filha da mulher do primeiro casamento.

– Como sabes isso tudo? – perguntou Bel.

– O teu pai contou-me depois de a termos encontrado na garagem em Upvale, há muitos anos. Tinham-se conhecido enquanto adolescentes num clube de ténis local, num verão, quando ele estava

na casa dos avós e, apesar de não ter mudado assim tanto, ela simplesmente passou por nós sem dizer uma palavra, como se não o reconhecesse, e foi-se embora.

– Ele passou muitas férias de verão aqui na Oldstone com os avós, não foi? – questionou Nile. – É por isso que era tão apegado ao lugar.

– E as férias da universidade também, até ter deixado o curso a meio e ido trabalhar para aqueles amigos da família, na Alemanha, que tinham o negócio das lagoas nadáveis – esclareceu Sheila.

– Então... Ela foi uma paixão antiga? – perguntou Bel.

– Acho que devem ter dito uma paixoneta de verão, pelo que o Paul dizia. Uma vez via-a na cirurgia, logo depois de ter vindo trabalhar para a clínica, e disse que achava que ela tinha conhecido o Paul quando eram mais novos, mas ela foi muito brusca.

– O que disse ela? – perguntou Bel, interessada.

– Disse: «Eu mal o conhecia, só sabia que ele era um jogador de ténis razoável. Os locais jogavam como coelhos.»

– Acho que se a visse vir em direção a mim com uma raqueta, também eu correria como um coelho – replicou Geeta.

– Ou com uma seringa – concordei, decidindo que, se me inscrevesse na clínica, garantiria que as minhas consultas seriam com um dos seus colegas.

¹³ Marca de porcelana inglesa do final do século XVIII. (*N. da T.*)

Encontrar outros caminhantes madrugadores, quando regressava ao carro com Hugo após o nosso passeio matinal em Oldstone, foi uma intrusão desagradável e incomum – e em dose dupla, pois quase nos reconhecemos.

Assim que os meus olhos se encontraram com os da mulher alta de cabelo ruivo que estava com uma dos Giddings, soube que o meu passado viera assombrar-me, apesar de ter a certeza de não ter mostrado qualquer tremeluzir de surpresa – e decerto não fui capaz de mostrar nenhuma outra emoção, pois não senti nenhuma.

Pelos vistos, ela estava apenas curiosa para ver o sítio onde fora encontrada, apesar de a notícia de que vivia nas proximidades fosse desagradável: esperei que não tentasse despertar a velha história outra vez.

Não se parece nada comigo, mas há ali uma semelhança familiar que, felizmente, só eu sou capaz de perceber.

Senhor Errado

Às primeiras horas da manhã de segunda-feira, Jack inspecionou o chão do salão de chá, que agora era cor de mel quente e madura, e afirmou que eu já poderia andar por cima dele.

O que era ótimo, pois dentro de dois dias, as mesas e as cadeiras que Nile encontrara para o meu espaço chegariam. Se sobrassem, Teddy viria buscá-las na sua grande carrinha *pick up* e levá-las para Oldstone, para a casa de *waffles*.

Quando enviei uma mensagem a Nile a contar-lhe sobre o chão, ele não me respondeu, provavelmente estaria ocupado. Fora para o seu apartamento quando voltámos (de comboio) depois do almoço do dia anterior e não o via desde então.

Ross raspava a tinta das janelas traseiras com um pequeno maçarico, que parecia muito perigoso, enquanto Jack acabara de pôr os azulejos e, num impulso repentino, saí pela porta da frente e atravessei o pátio em direção à Pequena e Perfeita. Mesmo que abrisse a loja, tinha a certeza que Nile não estaria ali tão cedo e queria ver de novo o jarro *Spode*, para confirmar que era realmente do mesmo tom de azul do meu bule *Minton*, para o caso de a conversa voltar a surgir.

Mas não havia sinal dele. Tê-lo-ia vendido a um cliente pela internet durante a noite e tirara-o da janela para o embalar? O seu lugar fora ocupado por um periquito de porcelana de cores vivas, portanto, tudo indicava que sim.

Eu sabia que não podia comprá-lo, mas senti-me desapontada e aborrecida quando voltei para o café e dei uma segunda demão de tinta creme à parede por cima dos painéis do meu pequeno escritório.

A seguir, retirei-me lá para cima para escrever, apesar de, como de costume, ter sido chamada várias vezes lá abaixo, na ocasião final para admirar as novas sanitas e lavatórios das casas de banho dos clientes, que eram iguais às outras todas.

Nile deve ter estado fora o dia todo, pois já era tarde e eu tinha acabado de parar de trabalhar quando as luzes do seu apartamento se acenderam. O estore já estava corrido e não o pude ver... e ele também não me pôde ver a mim, a velha coscuvilheira. Contudo, dois minutos depois, o meu telefone tocou com a resposta à mensagem acerca de o chão ter sido terminado e estar pronto para receber a mobília.

– Ótimo – dizia, tão concisa como se as mensagens fossem cobradas pelo número de caracteres.

* * *

Fui inscrever-me na clínica local no dia seguinte e informaram-me que a única médica que aceitava novos pacientes era a que eu queria evitar. Mas depois a rececionista acrescentou que, como era uma clínica de grupo, eu poderia marcar consultas com outros médicos.

O seu tom sugeriu que aquilo era normal e a sua expressão, enquanto olhava para os nomes no

quadro, onde uma luz vermelha piscava junto ao nome da Dra. Collins, foi de sobressalto.

Depois de preencher os formulários, preparava-me para sair quando a mulher em pessoa abriu a porta mais próxima e chamou de forma autoritária a sua paciente seguinte.

– Mistress Clemency Jones?

Analisou a sala de espera, viu uma mulher pequena e inofensiva a acobardar-se atrás de uma planta e virou a cabeça.

Mrs. Jones levantou-se e apressou-se a ir junto dela.

Quando se virou para a seguir, o olhar basilisco da Dra. Collins caiu sobre mim e, por um breve instante, pareceu muito sobressaltada. Talvez pensasse que eu a seguia?

* * *

Não via Nile desde o almoço de domingo, porém, nessa tarde, recebi outra das suas breves mensagens a informar que viria buscar-me às sete, para irmos ao *pub*.

Sinceramente! Nenhum «gostarias de ir comigo» nem nada do género: parecia que com os Giddings só precisávamos de fazer uma coisa uma vez, como ir ao *pub* ou passar o fim de semana, para ficar subentendido que passaria a ser algo regular.

Uma resposta não parecia necessária pelo que não enviei nenhuma. E, quando me chamou e entrámos no *pub*, não sei porque se deu ao trabalho, pois não foi a melhor das companhias. Na verdade, parecia estar a ponderar um problema picudo. Talvez tivesse perdido uma incrível *netsuke* para uma licitação mais alta e não soubesse como dar a notícia a um dos seus queridos clientes?

O que quer que fosse não partilhou comigo e eu começava a desejar ter levado um livro quando o bonito empregado loiro me esboçou um sorriso alegre e me piscou o olho. Retribuí o sorriso e Nile olhou para cima nesse preciso momento, apanhando a troca.

Franziu o sobrolho ao pobre homem.

– Ele está a namoriscar contigo? – perguntou, apesar de eu não perceber o que tinha ele a ver com isso.

– Só se for nos meus sonhos! – ripostei. – Deve ser, pelo menos, dez anos mais novo que eu. E tu não podes falar, porque deixei-te sozinho durante dois minutos para ir à casa de banho e, quando voltei, estavas a conversar com uma mulher estranha.

– Era apenas uma turista a pedir-me para indicar Top Whitens no mapa.

– Está, está bem! Mas, pelo menos, conseguiu que falasses mais do que eu. Acho que o *barman* reparou que tinhas entrado em coma e estava só a tentar alegrar-me.

Ele franziu-me o sobrolho, com as sobrancelhas negras juntas, como se não tivesse a certeza se eu estava a brincar ou não.

– Estava só a pensar em como explicar-te sobre a Zelda e a razão pela qual a Sheila disse que nos íamos casar – afirmou. – É complicado.

– Então, não expliques. Realmente não tem nada a ver comigo se te casas ou não, nem com quem – retorqui, apesar de, secretamente, estar ansiosa por saber. – E, de qualquer forma, não disseste à família que ela estava a brincar?

– Bom, foi isso que pensei há um par de semanas, quando ela me recordou que tínhamos feito um pacto sobre casar um com o outro. Mas, nessa altura, éramos estudantes e foi só um comentário idiota, sem sentido.

– Mas ela não estava a brincar? Pensava que era a sério?

Ele passou uma mão distraída pelos caracóis negros.

– Foi o que me disse quando voltei ao apartamento no domingo e lhe liguei a perguntar que raio de jogada era aquela.

– E não concordaste, de todo, quando ela te recordou do pacto?

– Não, claro que não! – exclamou ele, parecendo completamente exasperado. – Acho que ela endoideceu um pouco desde que se apercebeu de que estava quase a fazer quarenta anos. Num minuto é uma doidivanas com uma queda para namorados desadequados, noutra diz que está desesperada para assentar e ter um bebé antes que seja tarde.

– Bom, acho que dá que pensar – comentei. – Quero dizer, é um pouco tarde para o primeiro bebé, mas hoje em dia as pessoas têm filhos depois dos quarenta, não têm?

– Podem ter, mas não comigo! – declarou determinado. – Só saímos juntos durante algumas semanas logo no início do meu primeiro ano de faculdade, mas não resultou. A diferença de idades parecia maior nessa altura e ela arranjou alguém mais velho. Desde então sinto por ela exatamente o mesmo que sinto por Bel: amor de irmão.

De repente, perguntei-me se ele me via a essa mesma luz, uma espécie de nova irmã irritante, razão pela qual me dava sempre ordens e conselhos. Lá por eu o achar irritante e absolutamente lindo, não significava que me visse da mesma forma. E, provavelmente, ainda bem que assim era...

– Então, disseste-lhe exatamente o que sentias?

– Após todos estes anos, não devia precisar de o fazer, mas sim, disse. Ela afirmou que não quer criar um bebé sozinha, mas, se não encontrar o Príncipe Encantado, e eu não lhe fizer a vontade, terá de o fazer. Fez uma espécie de teste para ver se ainda é fértil e acho que lhe disseram para seguir em frente.

Ele voltou a olhar para a *Guinness*.

– Acho que deve ter sido isso que a fez entrar em pânico e agarrou o primeiro homem que viu, tu – disse eu.

– Obrigado, sinto-me tão pressionado.

– Mas tenho pena dela – comentei. – Eu achava que tinha encontrado o meu Príncipe Encantado, embora ele nunca tenha gostado da ideia de ter filhos como eu. Eu teria gostado deles, pois assim teria tido uma família verdadeira minha.

– Sei o que queres dizer – anuiu. – Também gostaria de ter uma família, só que não com alguém que passei metade da vida a considerar amiga... E estou sempre a esquecer-me de como perdeste o teu noivo, recentemente – acrescentou, pensativo.

– Foi só há seis meses, mas, na verdade, o colapso que tive depois de ele morrer parece ter comprimido o luto num par de meses – respondi. – Ainda sinto a falta dele, e penso muito nele, mas saí desse lado da depressão a sentir-me vazia e à procura de algo para preencher esse espaço.

– Daí a decisão precipitada de comprar o Branwell Café sem o veres – retorquiu. – Faz mais sentido agora.

– E de tentar procurar a minha mãe biológica. Sei que também achas que é precipitado, mas o Dan era impulsivo e boa onda, e teria achado ambas uma ótima ideia.

– A sério? – perguntou Nile, depois olhou novamente para a sua *Guinness*. – A Zelda disse que eu não era capaz de me comprometer com nenhuma relação e que as minhas namoradas se cansavam sempre de esperar e encontravam alguém que se comprometia – disse ele, obviamente irritado.

– Então, tiveram mais sorte do que eu – comentei ligeiramente amarga, depois acrescentei, curiosa, e sem intenção de o parecer: – Todas as tuas namoradas te deixaram e casaram com outro?

– Algumas, sim, outras achavam que as coisas estavam a ficar sérias e eu acobardava-me e deixava-as – admitiu.

Era tal como eu pensava: ele era o Sr. Fobia a Relações Sérias. A chamada de Zelda começava a parecer-me menos um mal-entendido e mais como uma tentativa de o prender! Talvez ela se tivesse arrependido de o ter largado da primeira vez e quisesse mais uma fatia do bolo?

Ele suspirou.

– Somos parceiros de negócio e não podemos estar sempre a discutir. É melhor eu ir lá abaixo e resolver as coisas com ela, persuadi-la a ter bom senso. Estou ocupado até ao final da semana, mas depois tenho de ir a uma venda numa casa de campo, em Surrey, pelo que podia lá passar no caminho de volta.

– *Netsukes* ou *Stanhopes*? – perguntei, alegre, apesar de, por algum motivo, não me sentir assim tão contente com a sua visita a Zelda...

– Nenhum: um cabide de madeira trabalhada em forma de urso *Black Forest*, com um barómetro a condizer.

– Não parecem lá muito pequenos nem perfeitos...

– Não, na verdade, são grande e feios, mas este cliente em particular gosta tanto de ursos *Black Forest* que compra o que aparecer.

Para minha surpresa, a caminho de casa, convidou-me a ir ao seu apartamento para tomar café pela primeira vez e aceitei por mera bisbilhotice. Era óbvio que não se queria atirar a mim, pelo que pareceu suficientemente seguro.

Abriu a porta da loja, acendeu a luz e, à medida que eu avançava, reparei de repente no jarro *Spode*, colocado numa prateleira.

– Oh, não o vendeste! – exclamei, pegando-lhe e acariciando-o. – Reparei que já não estava na montra.

– Gosto de mudar a disposição das coisas de vez em quando – explicou. – E podes ver agora que não é nada parecido com o bule *Minton* que compraste na venda ambulante!

– Eu nunca disse que era – ripostei indignada –, só disse que o azul do padrão era o mesmo, apesar de não se perceber a esta luz.

Ele olhou por um instante, como se pudesse concordar com o argumento, mas depois pensou melhor e disse:

– Anda, vamos tomar café.

Relutantemente (e cuidadosamente, pois vira agora o preço), voltei a pousá-lo e segui-o.

O apartamento dele era mais pequeno que o meu, e a sua cozinha e casa de banho eram lá em baixo, atrás da loja, tal como a dispensa.

Fez o café e levámo-lo lá para cima, para a sala de estar, que estava mobilada num estilo retro sueco, com tecidos berrantes e muita madeira clara.

– Isto é divertido – comentei, surpreendida.

– Eu sou uma pessoa divertida – declarou sério.

– Podias ter-me enganado. Mas ter-te-ia bombardeado com perguntas sobre o *design* para o salão de chá se tivesse sabido.

– Acho que fizeste tudo muito bem, sozinha – disse ele, depois falámos sobre as minhas

renovações e do que precisávamos que fosse feito até eu ver as horas, que tinham passado a correr, e me levantar para ir embora.

Ele entregou-me uma caixa pequena, mas pesada, junto à porta.

– O que é isto? – perguntei, surpreendida.

– O pisa-papéis que querias para a Lola, lembras-te? É um *Clichy*, pelo que vais retribuir-me em chás da tarde para sempre.

– Posso enviar-te uma ocasional côdea de pão – concordei, magnânima.

* * *

O motorista da carrinha que trazia as mesas e as cadeiras conseguiu, na verdade, seguir as indicações e dar com as traseiras do café, o que era um caso raro entre os homens das entregas.

Na verdade, soube da sua chegada quando ele bateu à porta de trás – e, quando a abri, a primeira pilha de cadeiras já se encontrava empilhada lá fora e ele tinha ido buscar a seguinte.

Jack, que colocava metros infindáveis de tijolo, ajudou-o a carregar o resto para dentro e através do salão de chá, onde eu passei horas a dispô-las até chegar a uma configuração que gostava. Não queria que os clientes estivessem em cima uns dos outros, mas num ambiente espaçoso e relaxante.

Havia uma mesa redonda e enorme suficiente para seis pessoas que cabia perfeitamente na janela da saída. Em seguida, dispus meia dúzia de mesas quadradas numa das pontas do salão de chá e coloquei as pequenas cadeiras redondas à volta.

Finalmente satisfeita, semicerrei os olhos e imaginei as luzes a brilhar nos talheres e nos copos cheios, na brancura das toalhas de mesa e na fresta do garfo do bolo contra o prato...

– Podias colocar aqui mais uma ou duas – sugeriu Nile, útil, atrás de mim, quase me provocando um ataque cardíaco. Esquecera-me de que a porta estava aberta porque Ross estava lá à frente, a raspar a tinta da porta e das janelas.

– Acho que devias usar um guizo, como os gatos – disse-lhe eu.

– Assustei-te? Não te vi aí parada até ter entrado porque não tinhas as luzes acesas. A propósito, acho que precisas de substituir alguns candeeiros – acrescentou. – Aqueles de madeira rústica ficariam melhor na casa de *waffles*.

– Tens razão, mas pensei que por agora servem, podendo sempre substituí-los mais tarde quando encontrar algo mais adequado. Ainda não sei bem o quê.

Apontei para uma pilha de mesas e cadeiras ao fundo, perto do balcão.

– Não quero meter mais aqui dentro, aquelas vão para Oldstone.

– Acho que a Sheila as vai guardar no sótão até serem precisas. Só Deus sabe que há lá muito espaço para esconder um navio.

– É muito espaçoso, sim – concordei. – A Sheila podia pôr lá mais quartos para alugar, se quisesse.

– Não a encorajes ou seremos um hotel de campo – comentou ele.

– Oh, acho que não, ela não seria capaz de fazer tudo sozinha, e a sua olaria é o seu principal interesse, não é? Só arranjaria espaço para mais um ou dois clientes com a ajuda da família e assim não teria trabalho nenhum.

Olhei em redor da sala satisfeita com a forma como estava a ficar.

– Sabes, se o Jack continuar a trabalhar a este ritmo, não haverá nenhum grande trabalho para acabar depois da próxima semana! Amanhã vai pintar a madeira exterior, se estiver seca, é por isso

que o Ross está a raspar a tinta antiga, e o letreiro também será colocado.

– É seguro dar um maçarico ao rapaz? – perguntou.

– Espero que sim, mas já lhe disse que, se partir o vidro antigo da janela em arco, o mato.

Verifiquei o meu relógio.

– Bom, se só entraste por curiosidade e não precisas de mim para nada, é melhor eu ir andando e ver o que se passa com o forno duplo de incrustar que devia chegar hoje e que ainda não apareceu.

– Na verdade, vim para te dar isto – disse ele, entregando-me uma embalagem azul. – É um presente antes da inauguração do salão de chá.

– Oh, não era preciso... – comecei a protestar, depois parei assim que vi o lindo jarro azul e branco que adorei desde o momento em que lhe pus a vista em cima. – Níle, a sério, não é preciso!

– Achei que não eras capaz de resistir a pegar-lhe e a acariciá-lo sempre que fosses à minha loja, por isso pensei oferecer-to antes que o partisses e lhe retirasses o valor todo de uma só vez.

– Mas... eu vi o preço, sei que é realmente muito valioso! Não podes oferecer todo o teu *stock* e eu ainda nem sequer te paguei o pisa-papéis de Lola.

– Na verdade, este é um dos meus erros. Mas já foi emendado, ouve. – Fez tinir a parte lateral do jarro, que fez uma espécie de som mortício.

– Mas foi bem feito. Cheguei tarde a um leilão e comprei uma caixa de coisas que não tinha visto porque o jarro estava por cima.

– Bom, suponho que precisarias de visão raio X para ver o estrago de onde estavas?

Ele encolheu os ombros.

– Mas ainda tem algum valor e também descobri uma ou duas coisas boas naquela caixa quando a trouxe para casa. Ia levar o jarro para Londres, para ver se a Zelda o conseguia vender, antes de te teres afeiçoado a ele.

– Muito obrigada – agradei. – Realmente, adoro-o, mas não sei porquê, a não ser que seja pela cena pastoril tão idílica e reconfortante.

– Ruivas reconfortantes são a minha especialidade – ironizou ele.

– Quantas conheces?

– Só uma, e já é suficiente – retorquiu, depois agraciou-me com o fantasma do seu sorriso devastadoramente atraente e virou-se para sair. – Não te esqueças do jantar de amanhã. Eu conduzo.

– O quê? – perguntei, sem perceber.

Ele virou-se um pouco e ergueu uma sobrancelha.

– O restaurante de Mister Rochester? Disseste que querias ir e reservei uma mesa para amanhã. Tenho um mangual para entregar quanto lá chegarmos.

– Quando lá chegarmos, *o quê?* – disparei, mas ele provavelmente não me ouviu porque estava a caminho da sua loja.

Ele dissera um *mangual*?

Eu retirara o incidente indesejado da minha cabeça – mas, depois, abri a porta para chamar uma paciente atrasada e ali estava ela, a olhar para mim com aqueles estranhos olhos verdes pálidos.

Não sei porque fiquei tão surpreendida ao vê-la novamente tão cedo – e ali mesmo, na minha cirurgia. Mas a surpresa foi passageira, pois a partir do momento em que me tinham dito que ela ia abrir um salão de chá na aldeia, teria evidentemente de se inscrever num médico das redondezas em algum momento.

E registou-se comigo, tal como me informou a rececionista assim que me livreii da minha paciente, uma hipocondríaca crónica.

O Alimento do Amor

Tive de dar a mim própria um bom sermão enquanto me preparava para sair. Apesar do que Lola pensava, eu tinha a certeza de que Nile não gostava realmente de mim – porque deveria gostar quando podia ter praticamente qualquer rapariga que quisesse – e, mesmo que gostasse, eu não andava à procura de um caso ocasional, nem de um coração partido. Seria subir a escada e voltar a cair...

Ainda por cima, ainda não sabia exatamente qual era a situação dele com a sua parceira, Zelda.

Não, seria muito fácil apaixonar-me pelo Nile, mas não me permitiria fazê-lo. Este convite para jantar era uma coisa casual e eu tratá-la-ia dessa forma.

Contudo, como Nile tinha queda para parecer elegante e chique mesmo quando vestia calças de ganga, decidi levar o meu melhor vestido, embora fosse realmente mais adequado para uma festa de verão num jardim do que para um jantar de outono num remoto restaurante na charneca.

Comprara-o nuns saldos e vivera a maior parte da sua vida sossegado, dentro da sua capa, num cabide almofadado. Era comprido e rodado e feito de seda em tons de verde e âmbar. Vesti um casquinho de malha de caxemira verde por cima, mas tinha esperança de que o restaurante fosse aquecido, senão tornar-me-ia uma dama de gelo em minutos.

Quando Nile me foi buscar, o conjunto estava escondido por um megacasaco negro de inverno num estilo levemente militar, que vestira durante tantos anos que estava agora a ficar roçado nos punhos e no colarinho.

– Muito Frente Russa – comentou, analisando-me. – Só precisas de um daqueles chapéus redondos de pelo.

– Pelo de imitação, eu tenho um – disse eu. – Era da Edie, mas nunca lhe serviu e não acho que seja inteiramente o meu estilo, por isso só o uso quando está mesmo a nevar.

Ele liderou o caminho até ao carro, parecendo suficientemente bem para jantar, com um dos seus belos fatos sedosos e uma camisa de colarinho aberto.

– Vais congelar assim vestido – avisei.

– A minha própria versão do casaco Frente Russa está no carro. Tal como o mangual. Vá, anda.

No caminho lembrou-me de que Henry lhe pedira para estar atento a todas as peças antigas de ferramentas agrícolas que fossem adequadas para decorar as paredes do celeiro, e ele achou que o mangual, uma engenhoca de madeira e couro, seria perfeito.

Quando lá chegámos, o restaurante fervilhava com pessoas, pelo que a comida deveria ser deliciosa para as levar a conduzir a um local tão remoto. Fomos encaminhados para uma mesa para dois num canto isolado e iluminado apenas por uma lanterna para vela, o que teria sido muito romântico caso estivéssemos nesses termos.

Perguntei-me novamente: o Nile e a Zelda foram mesmo só amigos durante todos estes anos? E isso era importante para mim? Afinal de contas, mesmo que quisesse dar outra oportunidade ao

amor, algures no futuro, não seria com um compromisso-fóbico confesso.

O empregado levou-me o casaco, tomando-o tão reverentemente como se se tratasse de um manto de arminho¹⁴ e descobri, para meu alívio, que o espaço era aquecido.

– Pareces uma dríade com esse vestido – comentou Nile, sentando-se na outra ponta do banco curvo.

– Isso é bom? – perguntei, pois elas não eram certamente boas nos meus livros!

– Claro que sim, só que estás a receber muita atenção, o que pode dar-te a volta à cabeça.

– Por acaso acho que a galinhagem da mesa do fundo está a tentar atrair a tua atenção – assinalei.

Sobressaltado, olhou para trás através da sala e uma linda loira – que seria presumivelmente a noiva, pois tinha um véu por cima da fatiota de coelhinho – acenou-lhe, o que achei atrevido pois teriam assumido que nós éramos um casal.

Ele voltou rapidamente as costas.

– Acho que já tive mulheres problemáticas que cheguem na minha vida, de momento – afirmou. – Alice?

O dia estava a nascer, iluminando o cabelo cor-de-rosa de Shaz e brilhando nas lantejoulas do top que parava um pouco acima da sua cintura magra.

– Os boatos acerca da tua beleza não mentiam, foste descrita fielmente – disse o Príncipe S’uperficial. – Beija-me outra vez!

– É para já, meu amor – respondeu ela, olhando de relance para o namorado, agora de mãos dadas com outra mulher. Se o Kev preferia miúdas gordas com cabelo loiro-platinado, ele é que ficava a perder!

Na orla do bosque havia um agitar de capas verdes e um rosar longínquo e desmaiado. Sem serem notadas pelos amantes encantados, as dríades reagrupavam-se e preparavam-se para vingar a sua pobre irmã caída.

– Alice? – repetiu Nile pacientemente e eu pestanejei e voltei novamente à realidade.

– Desculpa, acabei de ter outra ideia para o livro. Disseste alguma coisa?

– Nada de importante. Como está a correr o livro?

– Um pouco mais rápido agora, embora tenha de parar constantemente a escrita a meio da frase, claro. Se não é o Jack a interromper-me, é porque estou à procura de equipamento e de acessórios, sem falar na questão dos fornecedores do *catering*... Bom, todas as mil e uma coisas nas minhas listas.

– Ainda bem que a Bel e a Sheila têm até à próxima Páscoa para resolver as questões todas da sua casa de *waffles* – disse ele. – E ao menos agora a Sheila já compreendeu que tem de empregar alguém para dirigir aquilo por ela.

– Se o meu salão de chá for um sucesso, tenho a certeza de que a Tilda conseguirá geri-lo e só terei de cozinhar um pouco de manhã. Gosto disso. Depois regressarei ao meu apartamento para escrever, a não ser que seja necessária. Mas no início, claro, terei de lá estar a maior parte do tempo.

Estudámos as ementas enquanto falávamos e, quando as entradas de aspeto delicioso foram colocadas à nossa frente, ele disse:

– Acabei de ler o teu primeiro romance e foi... um pouco revelador. Noto que deve muito aos

antigos contos de fadas e sei que as versões anteriores eram bastante horríveis, mas o teu coloca-os num mundo contemporâneo e acrescenta-lhes muito terror e várias reviravoltas inesperadas.

– Não sei se são inesperadas: metade dos meus enredos parecem acabar por recriar o que me aconteceu de diversas maneiras, embora eu calcule que a maior parte dos romancistas faça o mesmo. O tema do abandono, a descoberta de que afinal somos uma princesa, e tudo isso.

Ele sorriu e a suave luz da vela fez com que os seus olhos cintilassem como prata na pele cor de azeitona. O seu olhar aprisionou o meu e percebi de alguma forma que não conseguia desviar o olhar.

– Hoje tu és a minha princesa, embora não te vá aprisionar na minha torre, Rapunzel, porque depois de ler o teu romance tenho receio de que alguma terrível vingança apareça nas minhas cartas – disse ele suavemente.

Eu ainda fitava hipnotizada os olhos dele e não sei o que teria respondido, se é que o teria feito, quando o Henry apareceu naquele momento e disse:

– Não interrompo nada, pois não? O Nico disse-me que um cliente me tinha trazido uma coisa. Adoro o mangual!

– É ótimo, não é? – concordou Nile. – Também sei onde consegues arranjar um par de foices muito antigas, se achares que não ficariam demasiado à Dona Morte.

– Não, ficariam literalmente a matar – afirmou Henry, sorrindo.

Elogiámos o quão maravilhosa era a sua comida, o que era pura verdade, e perguntei pela Eleri.

– Está a florescer – disse e acrescentou que ela esperava ver-me outra vez em breve, embora eu supusesse que estivesse simplesmente a ser cortês.

Mas ele pensou obviamente que eu e Nile éramos um casal, pois, após regressar à cozinha, um empregado trouxe uma garrafa de champanhe, cortesia da casa, e, depois do prato principal, o outro empregado, Nico, apareceu subitamente com um violino e brindou-nos com uma versão de *O Sole Mio*.

Jack teria adorado e, provavelmente, cantado.

Senti-me terrivelmente embaraçada porque toda a gente estava a olhar para nós, porém, Nile parecia divertido e desempenhou o papel à altura, primeiro pegando-me na mão do outro lado da mesa e depois aproximando-se ao longo do banco até estar próximo o suficiente para colocar o braço à minha volta.

– O que estás a fazer? – sussurrei.

– Não podemos desapontá-los – afirmou. – Descontraí e entra no espírito.

De seguida, serviu-me outro copo de champanhe e fiquei mais tocada do que descontraída. Ele é que conduzia pelo que já bebera mais do que a minha conta.

Quando chegou a hora de ir embora, Nile insistiu em pagar a conta, uma vez que tinha sido ele a convidar-me. Não aceitaria um não como resposta e deixei-o, por fim, tratar disso enquanto fui ao bengaleiro. Não controlava inteiramente as minhas pernas e senti-me um pouco estranha, mas foi um alívio descobrir que parecia bastante normal ao espelho, embora um pouco corada e com os olhos reluzentes.

Regressei e encontrei Nile à porta, com ar de animal encurralado e com a noiva-coelhinha de volta dele.

– Foste tu quem eu sempre amei, Nile – soluçou ela na lapela do seu adorável fato.

– Mas só saímos durante algumas semanas, Chloe, depois trocste-me pelo Gareth – protestou

ele, parecendo ainda mais medonhamente embaraçado quando me viu.

Encolhi-me no meu casaco e atravessei a porta assim que duas da galinhagem começaram a afastar a Chloe dele.

– Tu sabes que adoras o Gareth e ele acha que tu és a melhor coisa desde a invenção do pão fatiado – dizia uma delas. O país devia estar pejado de ex-namoradas de Nile, o que reforçou a minha determinação em não enfraquecer e tornar-me uma delas.

Quando o ar frio me atingiu, fui também atingida pelo efeito do álcool e cambaleei. Nile devia ter escapado logo assim que saí, pois, subitamente, o seu braço apanhou-me mesmo antes de eu cair.

– Tem calma – disse. – Devias ter esperado por mim, bebeste demasiado champanhe.

– Nunca se bebe demasiado champanhe – informei-o. – E vim-me embora porque foi tudo um pouco embaraçoso.

– A quem o dizes! – respondeu pesarosamente. Depois começou a conduzir-me numa linha mais direita em direção ao carro.

– O céu está tão bonito – notei, detendo-me de repente e olhando para a escuridão azul-escura, pintalgada com pontos de luz brilhantes.

– Sim, lindo. Consegues ver a tua estrela da sorte, Alice? – perguntou ele e, quando voltei a olhar para cima, beijou-me rapidamente... Ou acho que essa fora a sua intenção até eu retribuir o beijo. Não controlava inteiramente os meus lábios.

Quando me soltou, as estrelas desenvolveram uma tendência para girar, mas eu tinha a certeza de que era apenas o champanhe.

– Desculpa, mas não consegui resistir – disse ele. – Tu estavas irresistível!

– Eu... não acho que tenha sido uma boa ideia – retorqui com toda a determinação que consegui.

– Talvez não – concordou ele, olhando-me seriamente. – Foi um impulso insensato. – Depois acrescentou, sem sentido: – Há uma canção de Arlo Guthrie que se chama «Alice's Restaurant»¹⁵. Aparentemente, podemos pedir tudo o que quisermos, menos a Alice.

– Eu não vou abrir um restaurante, apenas um salão de chá – repliquei, porém não desviei o braço que ele voltou a pôr em meu redor, acompanhando-me até ao carro. Eu bebera um copo a mais, pois o chão movia-se sob os meus pés e as estrelas já não giravam mas rodopiavam como se tivessem escapado de um quadro de Van Gogh.

– Um salão de chá – concordou ele, abrindo a porta do carro e ajudando-me, eu temia cair num sono leve provocado pelo álcool do qual ele teria de me acordar quando chegássemos a casa.

Ainda assim, quando voltei a sair do carro o ar frio da noite despertou-me um pouco e, quando abri a porta das traseiras, lembrei-me dos meus modos – e que ele insistira em pagar a grande conta – e virei-me para ele, educada:

– Tive uma ótima noite, muito obrigada.

– Sabes, eu também, com exceção do interlúdio com a Chloe – respondeu, depois, acariciando-me casualmente a face com o dedo, virou-se e seguiu em direção à passagem que dava para a sua loja sem mais uma palavra, apesar de parecer estar a murmurar qualquer coisa... Talvez a canção de que me falara.

Nem sequer me despi quando subi as escadas, limitei-me a atirar o casaco para cima de uma cadeira, a fazer um café bastante forte e a ir para a minha secretária escrever e escrever pela noite dentro.

Tinha a vaga noção da janela de Nile em frente à minha, a brilhar com a luz acesa, depois, quando

mais tarde voltei a olhar para cima, estava às escuras.

De madrugada, quando finalmente fui para a cama, procurei aquela canção de Arlo Guthrie no YouTube...

14 Manto de pele de animal usado pela realeza. *(N. da T.)*

15 Em português, O Restaurante de Alice. *(N. da T.)*

Assim que tive tempo para refletir nas coisas, não senti mais do que uma ligeira irritação pela aparição desta jovem mulher, pois, mesmo que tivesse voltado para descobrir a sua mãe biológica, não seria bem-sucedida.

É claro que eu esperava que não fosse o caso – aquele impulso emocional e irracional para encontrar e tentar estabelecer uma ligação com alguém que claramente não a quisera logo de início está para além da minha compreensão.

É lógico, tendo em conta a nossa relação, eu não sentir qualquer outra emoção para além da surpresa ao vê-la. Os meus colegas ficariam horrorizados se soubessem da história verdadeira – e pensariam que a minha atitude era muito fria!

Dá Cá

Acordei terrivelmente cedo, com as cenas do livro que escrevera na noite anterior ainda claras como água na minha mente, mas com os acontecimentos no restaurante, após o meu terceiro copo de champanhe, muito confusos.

Conseguia lembrar-me da forma como Nile me olhara através da mesa enquanto um violino tocava... E, em seguida, de uma loira vestida com um fato à coelhinha e com um véu de noiva a entrar na cena. Depois disso, tudo ficava ainda mais confuso: as estrelas apareciam... e uma canção sobre outra Alice e um restaurante. E um beijo ou dois... A não ser que eu tenha sonhado tudo, o que era perfeitamente possível.

Compus-me com esforço: estava à espera da entrega atrasada do novo forno duplo noutro daqueles períodos de tempo espaçados entre as sete e meia e o meio-dia. Por isso, levei a minha chávena de café para a cozinha, chegando mesmo a tempo de espreitar pela janela e ver a figura alta e inconfundível de Nile a dirigir-se para o carro.

Outro madrugador – e tinha a certeza de que ele não referira que ia a algum lado –, mas, também, porque devia tê-lo feito? As minhas recordações confusas da noite anterior eram de que nos tínhamos beijado, vindo para casa e separado de uma forma perfeitamente casual após uma bela noite. Nada me dava o direito de abrir a porta e exigir saber quando estaria de regresso.

Eu tinha imenso tempo para organizar os últimos recibos de trabalho e atualizar o livro de contas antes da chamada inevitável do motorista da entrega. Encontrava-se numa espécie de carrinha de mudanças e o mais próximo que conseguia chegar do salão de chá era pela rua de pedra, no final da passagem. O GPS instruíra para virar na Doorknocker's Row, mas, felizmente, ele teve o bom senso de não o fazer.

Aproximei-me e abri a porta da frente do café e, uns instantes depois, ouvi um estrondo e um homem com ar desapontado apareceu, empurrando o forno num carrinho.

Disse que não podia estacionar a carrinha onde estava, pelo que tinha de deixar o forno à porta.

– Não deixa, não – afirmei de forma educada. – Paguei a entrega e a ligação, o que significa que tem de o levar para a cozinha. Venha, está com sorte, instalei uma rampa para cadeiras de rodas para não ter de descer as escadas.

Estava muito satisfeita por ter desfeito as caixas de cartão e tê-las colocado sobre o novo chão de madeira de modo a protegê-lo dos pés dos trabalhadores, pois aquelas rodas do carrinho não lhe teriam feito bem algum.

Depois de ele ter atravessado a porta da frente, tentou escapar outra vez, mas mantive-me firme, bloqueando-lhe a saída e dizendo-lhe que, se comesse logo a trabalhar em vez de estar a discutir comigo, acabaria mais depressa. Acabou por desistir.

Num silêncio ensurdecedor, mas com a rapidez da prática, abriu a caixa e instalou o meu lindo forno duplo, que só precisou de ser ligado à corrente e colocado no sítio. Depois, atirou os

plásticos todos para dentro da caixa, meteu-a no carrinho e foi-se embora, resmungando, descontente. Suspeitei que devia ter tendências misóginas.

Tilda chegou para limpar enquanto eu ainda lia o manual de instruções antes de ligar e aquecer o forno. Ela subiu para o apartamento primeiro, que não lhe tomou tempo nenhum, e depois fez o melhor que pôde no salão de chá, queixando-se, como de costume, de que os trabalhadores enchiam tudo de pó.

Partilhámos um bule de chá quentinho às onze e ela admirou os novos fornos.

– São mesmo modernos – comentou, aprovando. – Também posso sentir o calor daqui, apesar de não estar nada a cozinhar.

– Não, temos de o pôr a trabalhar no vazio durante pelo menos uma hora antes de cozinarmos alguma coisa.

– Porquê?

– Não faço ideia – confessei. – Apesar de os fornos novos cheirarem melhor depois de o fazermos, talvez seja por isso.

– Se são novos, deviam cheirar sempre bem.

– É um dos grandes mistérios da vida – concordei, passando-lhe biscoitos digestivos de chocolate, e ela olhou em volta.

– Isto agora parece um hospital, com todos estes aparelhos e azulejos.

– É mais fácil de limpar, e é mais fácil de ver quando está limpo – expliquei. – Acrescentarei um pouco de cor com os estores novos e um chão de vinil rijo. Colocarei a mesma coisa na passagem da porta traseira.

– E a cave? Eles levaram as coisas antigas, o que já estava quase gasto.

Levantei-me e mostrei-lhe as amostras que escolhera.

– Este de cor cinzenta, é o mesmo lá de cima. Agora que já colocaram os azulejos nas casas de banho dos clientes, o chão pode começar a ser colocado assim que chegar. O Jack está a organizar tudo.

– A Nell e eu vamos ficar contentes quando estiver tudo pronto e o salão de chá abrir porque gostamos de estar ocupadas e a empresa de limpezas não paga quase nada.

– A Nell não...? – perguntei-me como deveria dizê-lo de forma simpática. – Quero dizer, ela não se reformará em breve?

– Não, porque havia de se reformar? É rija como um pero e faz quilómetros a pé todos os dias com o nosso *Frank* – afirmou ela, parecendo chocada com a mera sugestão.

– O *Frank*?

– O nosso galgo. Há um canil que está sempre a tentar encontrar casas para eles. Devia ter um, como companhia.

– Vou pensar nisso depois de me instalar – concordei, a seguir acrescentei: – A Nell deve estar em forma se sai com o cão todos os dias.

– Ela diz sempre que temos de nos esforçar se não perdemos a agilidade – respondeu Tilda. – Pense em arranjar um galgo.

– Está bem – prometi.

Depois, ouvi a porta de trás a abrir e pensei que fosse um dos trabalhadores.

– Há cá gente! – gritou a inconfundível voz de Jim Voss, entrando como se tivesse a certeza de que seria bem-vindo.

– A nossa Nell disse que já o tinha visto aqui – ripostou Tilda, olhando-o com desaprovação. – Ele assombra este sítio?

– Podia dizer o mesmo em relação às Capstick! – respondeu, desconcertado. – Não permita que a empate, se estava de saída.

– Não estou, trabalho aqui – disse ela.

– Queria alguma coisa? – perguntei sem rodeios.

Ele olhou para Tilda, que obviamente não iria a lado nenhum, depois respondeu com um sorriso agradável:

– Vim aqui numa missão delicada, Mistress Muswell telefonou-nos ontem à noite num grande desespero.

– Ficou de consciência pesada por mentir tanto? – perguntou Tilda.

– Ela devia ter-me ligado – censurei. – Foi a mim que enganou.

– Completamente sem intenção, ao que parece – disse ele, rapidamente. – Ela pensou que não queria aquelas coisas velhas, achou que iriam para o lixo.

– Pois, sim – resmunguei. – Então, pode dar-me o número dela?

– Não o tenho – mentiu ele. – Mas ela vai telefonar hoje outra vez porque, tal como digo, enviou-me numa missão delicada. Lembrou-se de repente que deixou o conjunto de chá da mãe numa caixa por baixo das escadas da cave, e, como tem um grande valor sentimental, quer-o de volta.

– Mas era aí que estava o conjunto de loiça com padrão de salgueiros, não estava lá mais nada a não ser um aspirador.

– Ela tem a certeza que estava lá, atrás das caixas da loiça do padrão de salgueiros... E, como ela não se opõe a que fique com esse, pensou que também não teria nenhuma objeção em entregar-me o serviço de chá para lho enviar.

– Depois de ter levado tudo o que era de valor até é simpático da parte dela não exigir o serviço de padrão de salgueiros – troçou Tilda secamente. – Eh, a atrevida da mulher!

– O valor da porcelana com padrão de salgueiros é uma gota no oceano do montante que ela me deve – afirmei. – E tenho o direito de ficar com tudo o que encontrar na minha propriedade.

– Mas como é o serviço da mãe dela... – defendeu ele.

– A Alice já lhe disse que não estava aqui – ripostou Tilda. – O armário estava vazio, só tinha aquele velho aspirador, tão antigo como você, Jim Voss!

Ele corou de um vermelho-escuro que não o favorecia até ao topo da careca.

– Talvez eu possa ver por mim próprio.

– Talvez você possa retirar-se – sugeriu ela.

– Sim, já lhe dissemos que não está lá nada e estamos muito ocupadas, pelo que preferimos o seu vazio à sua presença – declarei.

Ele fitou-nos ameaçadoramente, comprimiu os lábios omitindo o que quer que pensasse dizer e marchou dali para fora, batendo com a porta.

– A nossa Nell acertou em cheio: ele é um pequeno velhaco – assegurou Tilda.

* * *

Mais tarde, logo após Tilda se ter ido embora, chegou o letreiro do salão de chá, com as letras brancas pintadas de fresco sobre um fundo azul-petróleo para condizer com a pintura exterior. «The Fat Rascal» estava escrito em letras grandes e, em baixo, em letras mais pequenas, «Salão do Chá

da Tarde».

Quando foi afixado, fiquei ali séculos simplesmente a absorver o efeito maravilhoso do letreiro, a tinta brilhante, o lindo pórtico e o vidro reluzente da janela em arco. (Obra da Tilda – ela jurou pelo vinagre e papel de jornal amarrotado.)

Bel, que tinha ido fazer algumas compras, encontrou-me ali e disse admiravelmente:

– Oh, agora está perfeito, não está?

– Bom, está quase, mas acho que ainda precisa de uns retoques finais – disse eu, a ponderar. – O Nile deu-me um grande jarro azul e branco e vou pô-lo no parapeito da janela, com flores sazonais, mas não achas que devia haver outra coisa mesmo por fora, para alegrar?

– Sim, talvez um vaso com flores ou algo assim – sugeriu Bel. – Podemos ir a um centro de jardinagem no fim de semana e ver o que encontramos, se quiseres. Tu vais a Oldstone outra vez, não vais? Sabes que agora a minha mãe espera que vás, a não ser que lhe digas que não podes ir?

– É muito gentil da parte dela e irei amanhã, mas esta noite quero trabalhar no meu livro, que é quando há silêncio.

Mas se o Nile não voltar talvez fique demasiado silencioso em Doorknocker's Row... e se torne um pouco solitário. Gostava mais quando podia olhar para o outro lado da rua e ver o reconfortante quadrado de luz que me dizia que ele estava em casa.

– O Nile está lá este fim de semana? – perguntei, contra a vontade.

– Oh, o Nile raramente diz o que irá fazer, simplesmente aparece. Não está aí?

– Não, partiu muito cedo.

– Ele disse à minha mãe que te levou ao restaurante do Mister Rochester ontem à noite – referiu, olhando-me de lado. – Vocês andam a ver-se?

– Seria difícil não nos vermos, já que vivemos os dois na Doorknocker's Row – respondi, evasiva. – Mas fomos de facto ao restaurante, porque o Nile tinha uma coisa para entregar a Henry Godet, o dono. E também queria ver como era a comida e perguntou-me se queria ir com ele.

Ela pareceu desapontada – não tenho a certeza o que esperava.

– Oh... está bem. E como era?

– Deliciosa!

Ela olhou para mim com expectativa.

– E...?

– Um violinista apareceu e tocou junto à nossa mesa, o que foi embaraçoso. Mas não tão embaraçoso como uma das ex-namoradas do Nile, completamente embriagada, a fazer uma cena por causa dele quando saímos.

– Qual delas?

– Acho que ouvi chamarem-lhe Chloe.

– Lembro-me da Chloe. Trocou o Nile por outro e não sei porque faria uma cena. E, por acaso, ele não tem tido muitas namoradas desde que se mudou para aqui – acrescentou.

– Para mim não faz diferença quantas mulheres ele namorou – disse eu. – Somos apenas amigos.

– *Mmm...* – disse Bel, mas ao ver que não iria tirar mais nabos da púcara (o que teria sido difícil, dado o estado confuso das minhas memórias daquela noite e das minhas emoções), mudou de assunto. – O Teddy e a Geeta ofereceram-se para ajudar a minha mãe a pintar o novo quarto de manhã enquanto a Jan, a ama que eles têm a tempo parcial, toma conta do Casper, acho que não vamos ser precisas até mais tarde. Se vieres almoçar, podíamos ir ao centro de jardinagem a

seguir?

– Seria divertido. Eu adoro centros de jardinagem.

– Eu também, e há um maravilhoso no outro lado de Upvale. Oh, já agora – disse ela enquanto voltávamos para dentro –, o Teddy vem na segunda-feira com a carrinha de caixa aberta para levar o resto das mesas e das cadeiras, pode ser?

– Sim, ótimo. Elas empilham-se, como vês.

– Posso levar agora algumas das cadeiras comigo no carro – sugeriu.

– Boa ideia, e eu levo mais algumas amanhã, assim ele talvez consiga levar o resto numa leva.

Os esforços distantes de uma voz de tenor a cantar algo arrebatadoramente operático ouviram-se desde a cave, juntamente com o som de um berbequim elétrico.

– O Jack está de volta – disse eu.

* * *

No dia seguinte, ao almoço, Sheila contou-nos que Nile lhe tinha telefonado de Londres, pois encontrara uma peça boa mas cara de Troika e perguntou se ela queria que a comprasse.

– E é uma base de candeeiro enorme, que é algo que ainda não tenho, disse-lhe para tentar regatear o preço e avançar.

Então... Nile tinha ido diretamente para Londres na manhã do dia anterior, presumivelmente para ver Zelda. E não havia razão absolutamente nenhuma para que me contasse que iria fazê-lo, muito menos para se despedir antes de ir...

* * *

Há séculos que eu não ia a um centro de jardinagem e fiquei surpreendida com a quantidade de outras coisas que agora pareciam ter, não apenas relacionadas com plantas.

Tinham também um café, onde recuperámos energias depois de termos escolhido dois enormes vasos vitrificados azul-petróleo para ambos os lados da entrada do café. Já vinham plantados com coloridas árvores de azevinho em forma de bola, rodeadas por um círculo de amores-perfeitos.

Com esse assunto resolvido, pensei comprar algo para Nile, para animar a fachada verde-escura e dourada da Pequena e Perfeita, pelo que escolhi um vaso de madeira verde-claro, já com uma roseira vermelha plantada com um pé comprido, que me lembrou as ilustrações do meu antigo exemplar de *Alice No País Das Maravilhas*.

Foi um pouco caro, mas faria com que me sentisse melhor por ter aceite aquela jarra valiosa e o jantar dispendioso da noite de quinta-feira.

O centro de jardinagem prometeu entregar os vasos na tarde seguinte e desenhei-lhes um mapa para chegarem às traseiras do salão de chá. Pensei imprimi-lo em cartões para distribuir: pouparia muito tempo.

* * *

Eu e Bel pintámos os rodapés do quarto para alugar na manhã seguinte, uma vez que Teddy e Geeta já tinham feito a sua parte no dia anterior. Senti que tinha de fazer mais do que dar apenas conselhos sobre normas e regulamentos de *catering* de forma a merecer o meu almoço.

Sheila ficou surpreendida quando Nile não regressou a tempo do almoço de domingo, pelo que

devia ser uma situação rara. Eu também não me demorei muito a seguir, pois tinha de regressar ao apartamento antes de os vasos serem entregues.

E até calhou bem que o carro do Nile não estivesse ali estacionado, porque as plantas chegaram numa carrinha de caixa aberta, que pôde manobrar no estacionamento do beco sem qualquer problema.

Os vasos foram rodados através da passagem para o pátio e colocados no devido lugar e ficaram perfeitos – os retoques finais do exterior. Achei que a roseira de Nile, no seu vaso verde-claro, parecia particularmente elegante e esperei que ele gostasse.

Um dos homens que os entregou demorou-se a olhar para as rosas demasiado crescidas do meu jardim – se é que se pode chamar isso a um quadrado de pavimento com canteiros.

– Negligenciadas – concluiu, abanando tristemente a cabeça. – Mas pode-as bem, alimente-as na primavera e veja o que acontece, antes de desenterrar alguma delas – aconselhou-me, e agradeceu-me. Fá-lo-ia e, agora que tinha ido ao centro de jardinagem, conseguia imaginar como o meu pequeno jardim no pátio poderia ficar com um pouco de ternura, amor e carinho, com mais alguns vasos e talvez uma fonte no centro – uma daquelas que borbulham suavemente por entre grandes seixos.

Calmante...

Lembrei-me de todo o dinheiro que já tinha gasto naquele fim de semana e voltei para cima para trabalhar no meu livro: causa e efeito.

As dríades, tendo-se reagrupado, iam regressar para a sua vingança e as coisas só se poderiam tornar sangrentas – na altura em que os dois casais também estavam prestes a ser colocados com os seus pares corretos... Ou não, como podia ser o caso.

Bela tinha agarrado Kev e cravou-lhe um beijo nos lábios ao mesmo tempo que o Príncipe S’uperficial fez o mesmo a Shaz, fazendo tremer no ar o Aqui-e-Agora como uma bolha prestes a rebentar.

Mas, de súbito, foram todos sacudidos por gritos sonoros e aterradores, e voltaram-se para ver as dríades a correr na sua direção, com os dentes pontiagudos à mostra e as longas garras à procura de despedaçar os membros uns dos outros...

Kev saltou para a frente de Bela e empunhou a sua cimitarra.

– Não se aproximem da minha miúda, suas hárprias – gritou.

Bela pensou que era um gesto muito querido, mas ele não tinha ideia do que realmente enfrentava e talvez precisasse de uma pequena ajuda. Ela inclinou-se e fez pontaria com a arma mágica.

– E também podem manter-se afastadas do meu príncipe! – gritou Shaz, com as suas longas garras cor-de-rosa a transformarem-se em presas.

– Deixa-me lidar com isto, minha querida – disse o Príncipe S’uperficial, desembainhando uma espada com punho dourado e fazendo-a silvar no ar, embora não de maneira que a fizesse pensar que ele sabia o que fazer com ela.

Tudo serviu para mostrar que a estupidez era a melhor parte da valentia.

Eu ainda estava com as fadas perversas quando a voz de Nile me trouxe de volta à realidade.

– Alice? Estás aí? – chamou ele do fundo das escadas.

Pus-me rigidamente de pé.

– Sobe – convidei e ele apareceu logo a seguir. Parecia cansado, mas, enfim, pensei que estaria depois de ter conduzido de Londres até ali.

– Bati à porta do café primeiro. Precisas de uma campainha que toque aqui em cima ou um desses intercomunicadores, para quando o café está fechado. Não gosto de entrar simplesmente.

– Até agora isso não te impediu – assinalei. – E podias ter-me enviado uma mensagem a avisar que vinhas a caminho.

– E enviei várias. O teu carro estava nas traseiras e por isso fiquei preocupado quando não respondeste.

– Estava só a trabalhar – expliquei, ainda tão distante que sentia dificuldade em reconectar-me com o Aqui-e-Agora. – Precisas de mim?

– Bom, calculo que tenhas algo a ver com a roseira no vaso do exterior da minha loja, uma vez que tens dois vasos de cada lado da tua porta?

– Ah sim, esqueci-me – disse. – Eu e a Bel fomos ontem ao centro de jardinagem. Gostas? É um presente, por tudo o que tens feito por mim, sem sequer contar com aquela jarra adorável.

– Sim... e obrigado. Acho eu.

– Achas? – repeti. – Não és um amante de plantas?

– Oh, adoro-as, de facto, só que estou fora tantas vezes que elas provavelmente vão morrer de sede, ou as raízes ficarão sem espaço para crescer, ou outra coisa qualquer.

– Eu tomo conta delas juntamente com as minhas – ofereci. – O homem do centro de jardinagem que as entregou também me deu alguns conselhos sobre as velhas roseiras do meu pátio.

– Trouxe-te outra coisa que arranjei enquanto estive fora, mas, por favor, não me agradeças com mais plantas – disse ele, ingrato. – Deixei as caixas lá em baixo, anda ver.

E em cima da velha mesa da despensa estava um carregamento de caixas de cartão cheias até acima com loiça de padrão de salgueiros.

– A Bel disse que precisavas de mais, pelo que espalhei a palavra – explicou.

E parece que todos os negociantes que ele conhecia estavam inundados com loiça de padrão de salgueiros barata de que se queriam livrar, pois ele acumulara tudo aquilo apenas numa viagem.

– Teria conseguido regressar há horas, a tempo do almoço, se não tivesse de me desviar do caminho tantas vezes – queixou-se. – Há mais de onde esta veio, se quiseres.

– Acho que nunca é de mais, por causa das quebras, e tenho muito espaço nos armários para a armazenar. Muito obrigada, Nile – agradei. – És tão atencioso, e eu sou sempre tão má para ti! – Acrescentei com um remorso súbito: ele fez com que os espinhos defensivos do ouriço se eriçassem.

Deu-me um daqueles sorrisos arrebatadores.

– Nem sempre... E, de qualquer forma, gosto do teu lado amargo. Mantém-me no sítio. – Agachou-se e tirou uma caixa ainda maior de debaixo da mesa. – Trouxe isto primeiro, porque é um pouco delicado. Vi-o na loja de um amigo e pensei que seria perfeito para o café.

Tirei a tampa e vi um antigo candelabro num grande e superficial estilo *art deco*, com pequenos candeeiros de parede a condizer.

– Oh, é lindo! – exclamei, quando ele me ajudou a retirá-lo. – Mas deve ter custado uma fortuna!

– Não, fiz um negócio com algumas coisas minhas que ele queria. De qualquer forma, é outra maneira de te agradecer e submeter-te ao meu poder maléfico. – Acariciou um bigode imaginário e

fez um esgar.

– Ah! – disse eu, pouco impressionada, depois acrescentei: – Queres vir lá acima?

– Não é uma oferta que recebo todos os dias – comentou, erguendo o sobrolho.

– Para uma chávena de café – expliquei, direta, apesar de ter corado um pouco ao lembrar-me de repente do nosso momento sentimental no restaurante. O facto de me ter esquecido daquele instante só mostrava como estava perdida no meu livro. – Talvez também para comer qualquer coisa, não como nada há horas e estou esfomeada.

Cozinhei massa, acrescentei um pouco de molho pesto e polvilhei queijo parmesão (muito aquém do nível de Henry Godet, mas ainda assim bom e satisfatório) e, enquanto comíamos, Nile contou-me onde estivera.

– Primeiro fui a Norfolk e depois a um sítio chamado Guildford e pensei em ir falar com a Zelda esta manhã antes de regressar a casa para clarificar as coisas com ela.

– E... conseguiste fazê-lo? – perguntei.

Ele franziu o sobrolho.

– É estranho: conhecemos uma pessoa durante anos e anos, e achamos que a conhecemos bem, mas, depois, ela atira-nos com algo que nos mostra que, afinal, não a conhecíamos de todo.

– Algo novo ou antigo?

– Uma nova dimensão: a razão que a levou a pensar que eu estaria disponível para casar e começar uma família foi ter a ilusão de que sempre gostara dela desde que saímos durante algum tempo na faculdade.

– E gostas? – perguntei sem rodeios, com as palavras a saírem-me da boca.

– Não, claro que não! – afirmou. – Já te disse que só a vejo como amiga e que era assim que achava que ela me via também. No entanto, durante todo este tempo, ela achou que... Quero dizer, ela é muito bonita, mas não faz o meu género. – Olhou para mim, com os olhos verde-acinzentados inescrutáveis. – Agora parece que me sinto atraído por um género completamente diferente de rapariga.

– Presumivelmente, ela prefere um tipo de homem diferente, pelo que tu és um último recurso.

– Sim, obrigadinho – disse, amargo. – Mas o cerne da questão é que está obcecada com a ideia de ter um bebé antes que seja demasiado tarde e preferia fazê-lo com um parceiro do que sozinha. E achou que eu nunca encontraria alguém por ter estado apaixonado por ela. Questionei-me porque se tornara repentinamente tão carinhosa e porque estava sempre a ligar-me sobre coisas que normalmente resolvia sem eu ter de ir a Londres.

– Sim, pois – respondi, não acreditando. – Tenho a certeza de que já li esse livro. – Eu começava a pensar que Zelda poderia ter uma segunda carreira como escritora. – Então, meteste-a no lugar?

– Sim, e ela diz que terá de o fazer sozinha, com insiminação artificial.

– Muitas mulheres o fazem atualmente – respondi.

– Avisei-a para pensar bem, mas disse que não tinha tempo, que o relógio estava a avançar.

– Parece realmente que não pensa noutra coisa.

– Não, não consegue, depois sugeri-lhe que, já que agora recebera algum dinheiro, devia tentar comprar a minha parte das antiguidades e tentar expandir o negócio sozinha. Disse que pensaria no assunto, mas que possivelmente precisaria do dinheiro para comprar um apartamento, visto que viver num barco não é o ideal para uma criança.

– Acho que deve ser verdade – disse eu. – Terás de esperar para ver o que acontece.

– Também foi essa a conclusão a que cheguei— referiu, levantando-se. – Agora é melhor ir andando, tirar o resto das coisas do carro e deixar-te com os teus afazeres.

– Estava quase a entrar na fase em que tenho de olhar para o espaço vazio e tentar descobrir como vão terminar as coisas – disse eu. – Hoje à noite não posso fazer mais nada e, talvez antes de ires, me pudesses ajudar com as coisas do salão de chá? Preciso que me passes as loiças que quero mostrar nas prateleiras, para não ter de estar sempre a subir e a descer o escadote. Só vai demorar alguns minutos.

– Oportunista! – exclamou, mas, depois de me ter observado no escadote por uns instantes, disse-me que eu estava a enervá-lo, assumindo o controlo.

Mandão como sempre.

Ainda assim, apesar de os meus colegas me considerarem completamente incapaz de ter emoções humanas, não fiquei inteiramente imune à curiosidade. Por isso, pedi para ver os ficheiros dos pacientes que se tinham inscrito há pouco tempo, um pedido perfeitamente razoável e que já fizera antes. Descobri que Alice Rose não vivia muito longe da cirurgia e pensei ir caminhar nessa direção um dia.

Ecos Distantes

Robbie, tendo ouvido falar da morte de Dan por amigos comuns, ligou-me a partir da Austrália! Não era algo que ele costumasse fazer! Na verdade, acho que ainda não ouvira a sua voz desde que emigrara, contudo, parecia o mesmo de sempre.

– Onde arranjaste o meu número? – perguntei, surpreendida, assim que ele despejou o «lamento a tua perda» como uma pálida imitação do Crocodilo Dundee. Tenho a certeza de que o sotaque não era intencional, escapava-lhe.

– A Edie deu-mo e disse-me onde estavas. Ela sempre gostou de mim – lembrou, presunçoso.

– Gostava até teres ido para a Austrália. Depois disso, sempre que o teu nome surgia, dizia que eras um grande idiota.

– Provavelmente, é uma maneira escocesa de dizer algo carinhoso, e acho que ela já me perdoou. Enfim, irei aí em breve e gostava de ver-te.

– Porquê? Não te incomodaste da última vez, nem na anterior a essa.

– Não, mas isso foi porque estavas na outra ponta do país, enrolada com o Dan Carmichael!

– Eu não estava enrolada com ele, estávamos noivos – disse eu, fria, apesar de, na verdade, como o Dan era casado na altura não saber se isso era tecnicamente possível.

– A minha mãe perguntou por ti no outro dia – referiu, mudando de assunto.

– A tua mãe? – repeti, incrédula, pois a única vez em que me levara a casa dos pais ela não fora propriamente calorosa. – Porquê? Ela não gostou de mim e achou que não era suficientemente boa para ti.

– Estás muito enganada – disse ele, sincero. – Ela disse que eras uma rapariga muito simpática que me mantinha com os pés assentes na terra.

Nem uma âncora de reserva manteria Robbie com os pés assentes na terra quando ele sentia o impulso de saltar de um precipício, de acampar ou de apanhar a próxima onda gigante.

– Lembras-te daquela vez em que me levaste a casa deles, Robbie? Assim que tu e o teu pai foram ao *pub* antes de almoço, ela comentou que sempre tinham esperado que casasses com alguém com uma profissão, não com uma empregada de mesa. Quando lhe disse que não era uma empregada de mesa e que não precisava de ficar aborrecida porque nós não estávamos noivos, e nem sequer vivíamos juntos, ficou radiante de felicidade.

– Acho que não a deves ter compreendido bem porque ela nunca falou mal de ti – garantiu ele. – Aliás, aquela vez, há uns anos, quando ela e o meu pai vieram visitar-me quando as coisas estavam a ficar sérias com a Lucy, perguntaram porque não voltava para casa e assentava com uma rapariga simpática como tu.

– A Lucy não era a rapariga que foi presa por mostrar as partes privadas às pessoas, na praia? – perguntei, interessada.

– Sim, mas estava bêbada. É o tipo de coisa que qualquer um pode fazer.

– Até agora eu consegui resistir à tentação – afirmei, mas ele já não me ouvia: nunca ouvira. Fora um dos seus muito defeitos enquanto namorado.

– Por isso, quando a minha mãe te mencionou no outro dia – prosseguiu ele, como se eu não tivesse dito nada –, disse-lhe que tu tinhas perdido o teu noivo e comprado um café em Haworth, e ela respondeu que adoraria ver-te outra vez e que eu devia levar-te lá para passarmos o fim de semana.

– Que simpático da parte dela – ironizei, apesar de preferir arrancar o braço a passar um fim de semana em Wimbledon com os Fray. – Mas receio estar demasiado ocupada para ir onde quer que seja, pois o meu salão de chá abre no início de novembro.

– Então tenho de ir aí ver-te. Estou a pensar mudar-me de novo para Inglaterra e seria fixe falar contigo.

– Estás mesmo a pensar nisso? – perguntei, surpreendida. – Pensei que não serias capaz de largar a praia...

– Agora ando mais interessado em aviação ultraleve e *rafting* – respondeu. – O meu melhor amigo teve de amputar um bocado da perna por causa de um tubarão, no ano passado, o que me desmotivou um bocadinho.

– Pois, isso não é algo que aconteça aos surfistas da Cornualha.

– Não – concordou. – É outra razão para voltar. Enfim, pensei guardar as minhas coisas e ir por três meses enquanto me decido.

– Então é o teu trabalho?

– Desisti da medicina dentária e tornei-me nadador-salvador há uns anos, não sabias? – questionou, como se eu pudesse adivinhar todos os aspetos da sua vida através dos seus *posts* no Facebook. – Mas posso sempre recomeçar. Há sempre défice de dentistas no Serviço Nacional de Saúde em Inglaterra.

Fiquei com pena dos pacientes se ele fizesse isso, pois não tinha sido um dentista brilhante e provavelmente seria ainda pior após um intervalo de tempo tão grande.

– Gostarias de voltar a ver-me, certo, Alice? – persuadiu.

– Acho que seria bom pôr a conversa em dia contigo – concordei, lembrando-me de que realmente gostara daquele grandalhão enorme, amigável e quase inteiramente inofensivo. – Dá-me uma apitadela quando aterrares para tentarmos combinar alguma coisa, apesar de eu estar mesmo muito ocupada agora. Também tenho de acabar o meu próximo livro antes de o salão de chá abrir.

– Livro? – Pareceu confuso, o que reforçava o que eu sempre pensara: nunca reparara no que eu fazia nem ouvira uma palavra que eu dizia.

– Explico-te quando nos virmos – disse eu, pacientemente, pousando o auscultador e pensando que certamente não precisava de mais distrações do meu trabalho. E isso ainda se tornou mais verdadeiro quando verifiquei os meus *e-mails*, pois tinha um de Senga a lembrar-me de que o novo romance tinha de ser entregue no dia 24 de outubro, que era daí a menos de três semanas! Eu ficara convencida de que a data era novembro, porém, quando verifiquei o contrato, vi que ela tinha razão.

Tive um momento «Oh, meu Deus!» e depois, como era um dia raro em que não vinham trabalhadores, passei o tempo todo a escrever furiosamente, continuando noite dentro.

Mesmo quando Nile me mandou uma mensagem a dizer para ir a casa dele cear (uma novidade), respondi simplesmente que não, que estava demasiado ocupada a escrever, e ele não respondeu

mais nada.

Mais tarde, algo me fez desviar os olhos da secretária e ali estava Nile, na janela oposta, a fechar as cortinas. Deteve-se e olhou em frente, diretamente para mim, de forma séria.

Acenei, mas depois voltei para o meu mundo de ficção, embora me sentisse um pouco afetada emocionalmente. Não fazia ideia porquê.

Ainda assim, não há nada melhor do que um belo banho de sangue para nos fazer sentir melhor, pois não?

A Bela percebeu logo que, se quisessem sobreviver, ela teria de assumir o controlo da situação, por isso, quando a varinha mágica se recusou a lançar mais raios do azul que avançava em direção às ninfas, ela agarrou na cimitarra de Kev e começou a disparar golpes vingativos.

As palavras mágicas «Feito em Sheffield» brilharam com o sol e depressa os seus inimigos se retiraram.

Pedaços de dríades e poças de sangue espalhavam-se na relva suave e, como o sangue era verde, confundia-se na perfeição... E mesmo enquanto Kev e Shaz se mantinham de pé a olhar para a cena profundamente chocados, flores da lua começavam a surgir sempre que uma gota era derramada.

Edie ligou no dia seguinte para me avisar de que dera o meu número de telefone e a minha nova morada a Robbie e ficou surpreendida por ouvir que ele já me ligara.

– Não te importas, pois não? – perguntou ela. – É que ele disse que esperava ver-te quando viesse e tinha acabado de saber que o Dan tinha morrido, e estava muito triste.

– Ele de vez em quando manda-me *e-mails*, mas eu nunca lhe tinha dito nada sobre o Dan. E não me importo que ele queira ver-me, é inofensivo. Egocêntrico, mas inofensivo.

– Suponho que tens andado demasiado ocupada para avançares com a busca da tua mãe biológica? – perguntou ela.

– Sim, com o salão de chá e o meu novo livro, mas devia mesmo começar a falar com as duas pessoas que me encontraram na charneca, apesar de ter a certeza de que não dará em nada. A única forma de a encontrar é pondo um anúncio no jornal local e ela se apresentar.

– Acho que tens razão, mas se calhar é melhor falares com essas pessoas e ouvires primeiro o que elas têm para dizer.

– Na verdade, já sei onde uma delas vive, o agricultor, Joe Godet, e pensei ir lá na quinta-feira de manhã e ver se ele quer falar comigo. Estarei muito ocupada amanhã.

– Não vejo porque não há de falar contigo. Depois conta-me como correu.

– Está bem, envio-lhe um *e-mail* com os pormenores. E a Sheila Giddings acha que a outra testemunha, Emily Rhymer, poderá ainda viver em Upvale, por isso não tenho realmente uma desculpa para não seguir em frente.

– Não, é melhor atares as pontas soltas – concordou Edie.

Eu confiara nas experiências hoteleiras de Edie para me ajudarem a montar o salão de chá e disse-lhe que seguira o seu último conselho e comprara talheres simples, normais e baratos, mas clássicos, já que ela me garantira que estes tinham a tendência para irem parar às malas ou aos bolsos das pessoas.

– Nunca compreendi por que razão os clientes acham que não é roubo levar talheres para casa – comentei.

– Também não faço ideia, mas, pela minha experiência, as pessoas que ficam em hotéis, normalmente também levam o sabonete, as toalhas e os rolos de papel higiénico – respondeu ela.

Contei-lhe sobre as embalagens de toalhas e guardanapos de linho que tinham chegado nessa manhã da China.

– Parece que chegaram mais depressa do que as encomendas que fiz neste país! E já encontrei uma lavandaria aqui perto, pelo que posso riscar isso da minha lista.

– Vejo que está tudo a ganhar forma – disse ela, aprovando.

– Sim, e vou começar agora com os melhores pormenores, a parte divertida.

Na verdade, a única coisa que não conseguira arranjar fora suportes para os bolos em padrão de salgueiros, tal como disse a Nile mais tarde quando ele apareceu e me levou positivamente ao *pub* onde insistira que eu comesse uma refeição a sério e pensasse noutra coisa durante cinco minutos que não fosse o meu romance.

– Apesar de eu achar que o salão de chá é outro tópico – disse ele. – Mas não posso dizer que a luta para encontrar o tabuleiro de bolo certo me comova profundamente.

– Tens razão, não é assim tão importante porque posso sempre ter uns simplesmente brancos – concordei e, depois, completamente absorvida no que ele acabara de dizer, olhei para ele com um sorriso trocista. – Tornei-me um tédio sobre escrita e salões de chá?

– Não inteiramente, agora que li o teu livro e comecei a perceber o que vai nessa tua cabecinha tortuosa – afirmou. – És parecida com um cisne gracioso a nadar serenamente enquanto, por baixo de água, as suas pernas nadam, frenéticas.

Olhei-o desconfiada. Gostava da parte do cisne, mas não tinha a certeza em relação ao resto.

– Bom, tu és um enigma total para mim – disse-lhe, franca. – Sei que adoras antiguidades e que gostas de as caçar para clientes.

– Sim, a emoção da caça.

– Mas o que fazes para te divertires, Nile?

– Obrigó ruivas lindas a ir ao *pub* comigo, depois vou para casa sozinho e leio histórias de fadas sangrentas e distorcidas – disse ele.

* * *

Quando voltámos declinei o seu convite para tomar café e trabalhei até mais tarde para compensar o facto de ter saído, e também porque queria tirar algumas horas na manhã seguinte para finalizar a minha ementa do salão de chá.

A maior parte das receitas que tencionava usar eram as minhas favoritas de sempre, mas havia uma ou duas novas que tinha de experimentar primeiro.

Por isso, no dia seguinte, enquanto Jack e Ross estavam a pôr o chão de vinil na cozinha, o seu último grande trabalho, eu estava a causar uma pequena tempestade na cozinha do meu apartamento.

Em seguida, chamei-os para um teste de prova, tal como a Nile, que parecera ter entrado outra vez sem bater.

– Fui comprar uma sandes e trouxe uma a mais para o caso de estares a trabalhar e te teres esquecido de comer. Mas creio que foi um pouco redundante – acrescentou, olhando para a mesa a gemer sob o peso de uma manhã de cozinhados –, pelo que vou comê-la eu: preciso de arranjar

forças.

Não disse para quê.

– Uma mulher não pode viver só de bolos – retorqui. – Adoraria comer a sandes.

Jack e Ross levaram a prova a sério e tudo correu muitíssimo bem. Dividi o que restou (não muita coisa, pois Ross pusera os pedaços de comida na boca uns atrás dos outros, numa espécie de ação fabril) para os dois levarem para casa.

Quando voltaram lá para baixo para colocar o chão, Nile e eu comemos as sandes e alguns dos bolinhos que eu guardara.

– Pedi ao eletricista para vir colocar o candelabro e os novos candeeiros de parede, esta tarde – disse-lhe. – Mas a seguir volto a trabalhar no livro.

– Vou estar fora o resto do dia, provavelmente chego a casa muito tarde, e aposto que ainda vais estar a trabalhar quando eu chegar – disse ele.

Não me disse onde ia e eu não quis perguntar. Ele saía frequentemente, por isso talvez estivesse a encontrar-se com outra pessoa e fosse por isso que era tão contra a ideia de Zelda de que deveriam ficar juntos. Suponho que eu era apenas alguém para namoriscar quando lhe apetecia.

Queria ter-lhe dito que ia à procura de Joe Godet na manhã seguinte, mas ele desapareceu antes de ter a oportunidade de o fazer.

Ainda assim, era algo que tinha de fazer sozinha, de qualquer maneira.

– O que nos está a acontecer, Shaz? – perguntou Kev. – No início pensei que estivesse a ter um sonho bizarro, mas não está a parar... Isto parece bastante real.

Depois, ele olhou com admiração para a princesa de cabelo dourado ao seu lado, com a cimitarra ainda a pingar sangue verde para a relva, e acrescentou:

– Bela, és mesmo uma miúda durona!

– Tu és a Bela? – perguntou o príncipe, olhando para ela atentamente. Ele bem tinha suspeitado quando ela agarrara aquela estranha espada e partira para a ação, o que ele a deixou fazer de bom grado, pois não há nada pior do que o sangue de dríade para manchar uma túnica de veludo, porém, ela estava longe de ser a sílfide¹⁶ delgada que ele esperara.

– Sim – respondeu Bela. – E tu deves ser o tal Príncipe S’uperficial a quem fui prometida quando ainda estava no berço – prosseguiu, olhando reprovadoramente para a figura entroncada com cabelo amarelo-manteiga. De certa forma, ela esperava alguém mais duro e sombrio.

– E sou, mas na verdade prefiro a Princesa Shaz! – declarou ele de forma desafiadora. – Ela é a mais bonita de todas.

– Tu também não estás nada mal, apesar de dizeres umas patéticas – disse Shazza, deixando-o pegar-lhe na mão.

– Bom, eu prefiro o Príncipe Kev a ti – disse-lhe Bela.

– Diz-lhe das boas – incitou Kev presunçosamente, acrescentando: – Este sítio é teu, Princesa?

– Claro, é o meu caramanchão.

– Certo... e aquele telhado é feito de metal?

– Ouro maciço, de que mais? – questionou ela. – Podemos viver aqui felizes para sempre.

– Não, em vez disso podemos vendê-lo e viver noutra sítio qualquer – respondeu ele,

apertando-lhe a cintura roliça. – Vales mais do que ganhar a lotaria, tu.

Já eram as primeiras horas da manhã quando fui para a cama, e tinha deixado os cortinados da sala abertos até então, à espera de ver o quadrado caloroso e amigável de luz que significava que Nile estava em casa.

Nunca apareceu.

¹⁶ Génio do ar, na mitologia celta e germânica da Idade Média. (*N. da T.*)

Ao folhear os seus registos, vi que Alice Rose parecia ter sido saudável fisicamente ao longo da vida, sem contar com as doenças normais de infância. Mas reparei na sua medicação mais recente e esperei que não tivesse herdado a histeria e hipocondríase que corriam na família do lado da minha mãe. Ela não parecia ser desse género, mas as aparências podem iludir.

Parecia que tinha mudado muitas vezes de residência pelo país fora, nunca ficando no mesmo local mais do que alguns anos, pelo que é possível que se canse de Haworth dentro em breve e vá para outro sítio qualquer.

Conforto Frio

Eu não tinha a certeza de qual era a melhor altura para visitar um criador de ovelhas – nem sequer se havia uma boa altura. De qualquer forma, escolhi o fim da manhã e conduzi para fora de Haworth a sentir-me muito nervosa, embora não soubesse exatamente porquê.

Ao passar a saída para os Giddings, senti que era quase demasiado tentador ir simplesmente até lá, porém, segui em frente de forma resoluta.

Tinha comprado um mapa de grande escala da zona, pelo que sabia que tinha de seguir uma estrada pequenina que virava mesmo antes do restaurante de Henry.

Terminava na Quinta Withen Bottom, uma casa baixa de pedra situada numa cova, com Oldstone tapada pelo aglomerado de casas na colina de cima.

O portão de metal que dava para um pátio pavimentado estava aberto, rangendo levemente com a brisa fria, e um grande trator estava prestes a sair.

Ficámos cara a cara. O condutor era um homem baixo, magro, sombrio, de ar severo e com nariz bicudo, que gesticulou primeiro para me ir embora – apesar de não haver outro sítio para onde eu pudesse ir que não fosse o pátio atrás dele – e depois olhou para mim muito zangado e desligou o motor.

– Você apanhou a saída errada. Não viu as placas para o restaurante chique mais à frente? – gritou.

– Eu não quero ir para o restaurante – berrei do lado de fora da janela. – Estou à procura de Joe Godet.

Ele desceu do trator e caminhou com dificuldade até mim.

– O que deseja dele? – perguntou profundamente desconfiado. – É das finanças? Se é, vem um pouco tarde: ele morreu há já quinze anos.

– Oh, não! – gemi, abatida, pois percebera pelas palavras de Henry que ele ainda estava vivo.

– Bom, está mesmo, e agora vá-se embora – ordenou o homem, mal-encarado.

– Lamento imenso, e não sou das finanças.

– Então quem raio é você?

Ele era claramente da mesma escola encantadora de Nell e Tilda.

– Sou... Fui um bebé abandonado que Joe Godet salvou. Encontrou-me na charneca – desapareí, distraída pela notícia. – Sou Alice, Alice Oldstone.

A expressão dele não mudou, contudo, após outro escrutínio com olhos semicerrados, disse, relutante:

– Então é melhor entrar.

Também desliguei o motor e deixámos os veículos ali como dois cães a analisarem-se. Segui-o na direção da quinta, que mostrava sinais de ser apenas ocupada por um homem solteiro, apesar de estar uma mulher mais velha a atacar a mesa de pinho com um grande pincel áspero e muita energia.

– Esta é a Val – disse ele, como apresentação.
– E já estou de saída – respondeu ela, atirando o pincel para o lavatório e retirando as luvas de borracha.

Ela acenou-me e analisou-me com curiosidade, depois disse-lhe:

– Se quiseres tirar mais pêlo de cão do tapete, tens de comprar um aspirador melhor, porque aquele devia estar num museu. Como eu.

– Não tem nada de mal.

– Também não tem nada de bom – disse ela, em seguida, vestindo um antigo casaco aos quadrados e saindo sem se despedir, limitando-se a bater com a porta da frente.

Pensei onde iria ela, pois não vira nenhum veículo para além do trator.

– Sente-se, se quiser – convidou o homem.

– Por acaso é filho de Joe Godet? – arrisquei.

– Sou o George Godet, sim senhor, e agora este sítio é meu.

Era difícil adivinhar a idade dele, já que a sua pele era rugosa e os olhos enrugavam nos cantos.

– Sabe que ele encontrou um bebé abandonado ao pé de Oldstone?

– Oh, sim, o meu pai falava muitas vezes nisso. Como foi ele que a encontrou, achava que também a devia ter criado. Mas, enfim, a minha mãe já tinha morrido e ele já não era novo, pelo que não era ideal.

– Então poderíamos ter sido irmão e irmã – disse eu, e ele franziu o sobrolho ainda mais.

– Se tinha a esperança de o encontrar para ele lhe deixar alguma coisa, chegou uns aninhos atrasada... – começou.

– Não, claro que não – garanti-lhe rapidamente. – Só lhe queria agradecer por me ter salvado a vida.

– Bom, ele não teve grande escolha! O que podia fazer? Pô-la outra vez no buraco e deixar que morresse ali? – Ruminou por um momento e não tive a certeza de como teria corrido se ele tivesse estado no lugar do pai. – Ele disse àqueles trabalhadores dos serviços sociais para lhe darem o nome de Alice, como a minha mãe.

– Oh, que bonito! – exclamei. – E ainda sou Alice, porque os meus pais adotivos mantiveram o meu primeiro nome, apesar de, claro, já não me chamar Oldstone, sou Rose.

– E está de vista à zona?

– Não, na verdade, comprei um café em Haworth, que estou a renovar e espero abrir em breve como salão de chá.

Ele pareceu acalmar-se com a prova de que eu não andava atrás do seu dinheiro. Se tivesse algum, claro, pois não vivia propriamente uma vida luxuosa.

– Isto é tão ao estilo de *Cold Comfort Farm* – murmurei, pensando alto.

– Nunca ouvi falar desse sítio – afirmou, conciso. – Existe uma Cold Cross Farm do outro lado de Upvale, se é isso que quer dizer...

– Não... desculpe – disse –, a minha mente está a vaguear. O que eu gostaria muito de saber é o que disse o seu pai quando me encontrou. Ele costumava falar disso?

– Oh, sim, a qualquer ouvido que quisesse ouvir, até ficarmos todos fartos do conto.

– Pode contar-me o que ele dizia? – pedi, e ele suspirou, resignado.

– Ele saía antes do amanhecer em busca de uma ovelha pequenina que gostava de se esconder perto da base de Oldstone, onde as pedras fornecem um pouco de abrigo. O céu estava limpo e a

lua cheia, pelo que, quando reparou num pedaço de lã branca, pensou tê-la encontrado. Depois, quando se aproximou pôde ver que estava a sair de um buraco nas rochas, achou que devia ser uma ovelha morta que talvez uma raposa tivesse arrastado para ali.

– E depois? – perguntei quando ele se deteve e olhou para o vazio.

– Ele puxou-a cá para fora e era mesmo lã branca, mas um daqueles tapetes que se vendem aos turistas, e um bebé embrulhado nele. Disse que ficou tão surpreendido que pensou estar a sonhar, ou a ter um pesadelo, pois o bebé estava em muito mau estado e achou que não iria sobreviver.

– Eu tinha um lábio leporino – disse eu. – Acho que devia ser um pouco chocante na altura.

– Fizeram um ótimo trabalho quando a coseram – observou ele, olhando para o meu rosto com um olhar curioso que, de certa forma, não era ofensivo.

Toquei na pequena cicatriz cinzenta.

– Acho que devo ter tido um ótimo cirurgião, apesar de o meu pai, o meu pai adotivo, dizer que lhe disseram ter visto casos muito piores.

– Sim, o meu pai disse que um dos seus primos nasceu com uma fenda labial e um lábio leporino ao mesmo tempo, mas, mesmo naquela altura, eles corrigiam muito bem e hoje não se nota quase nada.

– O que fez o seu pai depois de me salvar? – perguntei, desejosa que George continuasse.

– Assim que ultrapassou o choque inicial e olhou melhor, apercebeu-se de que não estava morta, pois tentou chorar um bocadinho. O tapete deve tê-la mantido suficientemente quente para sobreviver, mas não deve ter lá estado muito tempo.

– Tive uma sorte incrível por ele estar ali naquele momento – referi.

– O meu pai disse que foi o destino e que alguém lá em cima queria que fosse encontrada, pois, se ele não a tivesse visto, aquela mulher de Upvale provavelmente teria.

– Oh, sim, li os artigos de jornal que diziam que a tal Emily Rhymer foi ao local logo depois de o seu pai me ter encontrado.

– Ela provocou-lhe outro choque – afirmou. – Ele não tinha visto ninguém, apesar de ter achado que vira faróis na estrada a caminho de Upvale. Mas depois o cão ladrou e outro respondeu do topo, e estava uma das bruxas de Upvale a olhar de cima para ele.

– Emily Rhymer, de vinte e dois anos, segundo os jornais – disse eu. – O que fez com que o seu pai pensasse que ela era uma bruxa?

– Por que outro motivo estaria uma jovem mulher junto ao Oldstone, no escuro, sozinha? – perguntou ele. – Não teria medo se não tivesse os Poderes Obscuros a protegerem-na?

– Pensei nisso, porque realmente parecia estranho. E suspeito, também, que a polícia a investigou e descartou, não foi?

– Se ela não era uma bruxa, agora é conhecida como uma. Lá em baixo, em Upvale, todos o sabem. Mas não foi ela que teve o bebé – concordou ele, relutante. – Ela tinha acabado de lá chegar, querendo ver o Sol nascer sob o Oldstone, ou alguma ideia maluca do género. A amiga dela, uma mulher mais velha que o meu pai também dizia fazer parte da congregação de bruxas, foi lá ter de carro alguns minutos depois e estacionou lá em baixo, na relva.

– Eu conheço o sítio, mas parece um lugar surpreendentemente popular tendo em conta que era de madrugada, numa noite fria de março – comentei. – O que aconteceu a seguir?

– Entraram todos no carro desta mulher e vieram para aqui, ligaram à polícia e chamaram uma ambulância. O meu pai meteu-a por baixo do colete, da camisola e da *T-shirt*, como teria feito com

um bezerro, para mantê-la quente com o seu calor corporal. Funciona às mil maravilhas.

– Ele foi muito gentil.

– Ele disse que com a rapariga, a mulher, os dois cães e ele próprio com o bebé, o carro aqueceu num instante no caminho para cá. Nessa altura eu já estava de pé, pelo que os vi entrar – acrescentou. – Era apenas um miúdo e tínhamos perdido a nossa mãe no ano anterior, por isso, o meu trabalho era acender a lareira e fazer o pequeno-almoço porque, apesar de termos uma empregada, a Val, que viu há pouco, tinha de tomar conta do marido primeiro.

De repente, dei comigo a sentir pena de George ou, pelo menos, do menino isolado e sem mãe que ele fora. É que ele parecia alguém que nascera com o pé esquerdo e que tentara mudar isso a vida toda, e a minha vaga de simpatia pode ter sido mal-empregada.

– Então agora vive aqui? – perguntei.

– Tive uma esposa, mas perdi-a – respondeu.

– Lamento imenso!

– Deus me livre! Perdi-a para o homem do seguro de agricultura. Demorei algum tempo a perceber porque aparecia ele sempre que eu não estava.

– Oh... que horror!

– Estou bem, com a companhia dos cães e o bar na Standing Stones para jogar dardos à sexta à noite, parece que estou num hotel de luxo – comentou. – Então, de onde vem? Não parece ser de Yorkshire. Não tem um sotaque específico, agora que penso nisso, só um pouco chique.

– A minha mãe adotiva não tinha sotaque, era do Sul. O meu pai era do Yorkshire, apesar de vivermos perto de Knaresborough nos primeiros anos. Depois, mudámo-nos para uma aldeia nos arredores de Shrewsbury.

– Então é isso. E ainda não tinha voltado aqui em... trinta e tal anos?

Abanei a cabeça.

– Fui encontrada há trinta e seis anos e, apesar de saber que tinha nascido por aqui algures, nunca quis vê-lo, até agora. Eu... pensava que era capaz de ficar cara a cara com a minha mãe biológica, alguém que se parecesse exatamente a mim.

Era o meu pior pesadelo: que nos reconhecêssemos as duas de imediato, e que ela me rejeitasse de novo.

Ele olhou-me, pensativo.

– Não me lembro de haver muitas ruivas por aqui, principalmente de olhos verdes – disse ele. – E o seu cabelo é realmente da cor do cobre. Talvez a sua mãe não seja local?

– Pois. Se eu tivesse sido levada de carro para Oldstone poderia ter vindo de qualquer lado, não é?

– Sim, se quem quer que a tivesse trazido soubesse o caminho até Oldstone pela estrada.

– Ou pode ter sido alguém local a caminhar até lá, tal como fez Emily Rhymer.

– Não quando acabou de dar à luz – afirmou ele, prático. – Disseram que tinha apenas algumas horas, no máximo.

Pressionei-o um pouco, mas ele não podia acrescentar muito mais à história e começou a perguntar-me sobre o café e onde tinha eu arranjado dinheiro para o comprar e contei-lhe

– A inauguração oficial do salão de chá será no início de novembro e será sempre bem-vindo se quiser tomar uma chávena de chá e comer bolinhos, caso esteja em Haworth.

– Não sou de salões de chá chiques, apesar de gostar de uma bela fatia de bolo com um pedaço

de queijo ao lado – disse ele.

– Então eu faço-lhe um e trago-o na próxima vez que vier nesta direção – prometi. – Qual é o seu preferido?

– Bolo de fruta, claro – respondeu, como se eu fosse estúpida. – Bolo de fruta decente, com cerejas, amêndoas e outras coisas.

– Certo – disse eu –, bolo de fruta.

– Se não estiver cá ninguém, ponha-o no bidão do leite no bloco da parede exterior – orientou ele.

– E se estiver lá leite?

– Nunca está lá leite – disse ele, levantando-se. – É melhor ir tirar o trator para poder dar a volta.

Claramente, a reunião tinha acabado.

Dei um passeio em redor de Haworth após um dia na cirurgia, e dei com a entrada para Doorknocker's Row, que não posso dizer ter reparado anteriormente, visto ser uma simples fenda para um beco estreitíssimo.

Parei e, depois, pegando no meu telefone e levando-o ao ouvido, avancei na passagem como se tivesse recebido uma chamada e quisesse um sítio calmo para atendê-la. É o género de coisa que as pessoas fazem sempre e tive a certeza de que pareceria muito natural, caso alguém reparasse em mim.

Mas não havia ninguém, pois para lá da entrada tudo estava deserto. Via a parte da frente do que deveria ser um café à minha esquerda, e parecia haver a montra de uma loja no lado oposto, pois tinha um letreiro, mas não explorei mais.

O pai adora um tipo de doce antigo chamado Uncle Joe's Mint Balls e procurei uma latinha no meu regresso ao carro, como razão para ter chegado tarde a casa.

Passos Obstinados

Lá fora apareceram dois cães-pastor idênticos de olhos verdes e começaram a arrebanhar-me dali para fora com dentadas afiadas nos meus tornozelos, enquanto George fazia marcha-atrás com o trator.

Saltei com alívio para dentro da segurança do meu carro e os cães lançaram-me um olhar de aversão e foram atrás do dono, que regressava já à casa da quinta. A porta bateu e ele desaparecera, tal como a empregada de limpeza, Val, deve ser uma forma de despedida particular no Yorkshire.

Fiz uma inversão de marcha atabalhoada e voltei para o caminho da quinta, mais do que feliz por alcançar novamente a estrada. Ao parar para verificar o trânsito, o letreiro à minha direita para o Restaurante do Mr. Rochester e para o Café dos Caminhantes abanou com a brisa forte e, sem decidir conscientemente, dirigi-me para lá que nem um pombo-correio.

Um chá quente era o que eu precisava urgentemente e, por sorte, o café estava aberto, com as janelas embaciadas do calor de dentro. No interior encontrei dois caminhantes de ar robusto e Val. Ela deve ter caminhado até lá, embora talvez houvesse um atalho?

Olhou-me verdadeiramente desconfiada quando a cumprimentei, e rodeou o seu chá e bolo de manteiga com ambos os braços, como se eu os fosse roubar.

– Ele vai contratá-la para me substituir? – interrogou, beligerantemente.

– O quê? – questionei, confusa.

– Aquele George. Só porque já estou a bater as botas, não significa que não consiga limpar como sempre limpei.

– Oh! – exclamei, percebendo tudo subitamente. – Não, eu não vim por causa disso, de todo. Foi por algo completamente diferente. Na verdade, estava à procura do pai dele, não sabia que tinha morrido. – Ao ver que ela ainda não parecia convencida, acrescentei: – E acabei de montar o meu próprio negócio em Haworth, pelo que não estou à procura de trabalho.

Ela relaxou ligeiramente.

– Pensei que ele me fosse substituir. Já me ameaçou vezes suficientes.

– Estou sempre a dizer-te que ele não o fará, sua morcega surda – disse a mulher atrás do balcão, que reconheci pelo cabelo longo e grisalho como uma das ajudantes no lançamento do livro de Eleri. – Quem mais trabalharia para um idiota miserável como ele, tão forreta que só liga o aquecimento se houver gelo dentro das janelas?

Val demoliu a última dentada do seu bolo e levantou-se.

– Bom, é aquilo a que estou habituada, Martha. Agora é melhor continuar para a minha próxima tarefa.

Ela olhou para mim.

– E, se voltar a ver o George, não lhe diga que me viu aqui.

– Está bem... Embora não veja razão para que não possa estar aqui.
– Ele e o primo Henry não se dão lá muito bem.
– A esta altura do campeonato ele já deve saber que tu deixas aqui o carro – comentou a mulher atrás do balcão. – E que também fazes as limpezas à Eleri uma tarde por semana.
– Sim, Martha, mas se não falarmos disso, não têm importância, pois não? – questionou Val com um ar de lógica e saiu, arrastando o casaco aos quadrados.

– Você esteve no lançamento do livro, não esteve? – perguntou Martha, anotando o meu pedido, mas parecendo perder o interesse em mim assim que confirmei que estivera lá.

O chá era excelente e estudei as fotografias penduradas nas paredes, que pareciam ser do primeiro lançamento de um livro. Eu sabia que tinha sido realizado no café, uma vez que o restaurante ainda não estava aberto nessa altura.

Também havia uma réplica do precioso diário com a referência a Charlotte Brontë, com postais e lembranças para venda ao lado, juntamente com cópias autografadas de alguns dos livros de Eleri, pelo que caminhei para ver melhor até Martha trazer o meu pedido.

Estava justamente a comer um excelente scone com queijo derretido, tão leve que quase levitou do prato – mas, enfim, os meus também – quando Eleri entrou com Henry. O seu rosto de linhas duras mas atraente parecia tão intensamente melancólico como sempre, e, embora ele me tivesse visto, não disse nada, acenou apenas e seguiu diretamente para a cozinha.

– A miúda acabou de comer o último scone de queijo – disse-lhe Martha. – Henry?

Houve um bater de tachos e panelas e alguns resmungos.

– Eh, lá está o nosso Mister Rochester – comentou Martha para Eleri secamente.

– Eu ouvi isso – disse a voz de Henry através do passa-pratos.

Martha acenou na minha direção:

– Ela esteve no lançamento do livro.

– Não só esteve no lançamento do livro, como também é uma romancista e foi aceite pela minha agente, Senga – referiu Eleri. – Olá, Alice, que bela surpresa. Posso juntar-me a si?

– Claro – anuí.

– O que a traz de tão longe? – perguntou, sentando-se e sorrindo-me do lado oposto. Aliás, sorrindo-me de baixo, pois é muito pequena. Senti-me um pouco como uma girafa. – A não ser que esteja a ver quão boa é a cozinha do Henry? Sabemos que vai abrir um salão de chá em Haworth.

– O scone estava delicioso, mas, na verdade, vim aqui por impulso, depois de visitar o George Godet – referi e, de seguida, Martha colocou à nossa frente, sem ninguém lhe pedir, canecas de chocolate quente espumoso e fatias de bolo de gengibre, e por algum motivo dei por mim a confidenciar-lhe toda a minha história do abandono na charneca e a descoberta subsequente do Joe Godet.

– Fiquei tão desapontada por descobrir que ele morreu há vários anos, apesar de o George me ter contado tudo o que ele lhe disse sobre o facto de me ter encontrado. Mas ainda tenho a outra testemunha ocular, Emily Rhymer, se conseguir encontrá-la.

– Eu não sou daqui, nunca ouvi a história – disse Eleri, com um brilho nos olhos que reconheci como o da romancista farejando uma ideia para um enredo interessante. – Nunca ninguém sequer a mencionou.

Martha, que pairava ali à volta com o pretexto de limpar uma mesa, disse:

– É porque foi há muito tempo.

Nesse momento, alguns caminheiros pediram mais água quente para a sua chaleira e uma segunda ronda de tostas de queijo e ela teve de se afastar.

– Estou absolutamente pasmada – afirmou Eleri. – Mas lamento muito por si e compreendo porque precisa de tentar encontrar a sua mãe biológica.

Depois, ela inclinou-se para a frente e acrescentou:

– Mas digo-lhe o seguinte: sei onde a Emily Rhymer vive, porque a irmã dela casou com um ator e argumentista bastante conhecido e eles vêm jantar ao restaurante do Henry frequentemente. Por vezes até trazem o clã todo!

* * *

Quando saí do Hiker's Café já tinha voado uma boa hora e, já que me esquivara ao trabalho por tanto tempo, pensei talvez agravar a infração no caminho de volta e telefonar para saber se algum dos Giddings estava em casa. Estava desejosa de contar a alguém tudo sobre a minha visita ao George.

A Bel encontrava-se fora, mas a Sheila, com as suas habituais calças de bombazina pintalgadas de barro, estava na cozinha a mexer a sopa.

Despejei-lhe a história toda e o grosseirismo de George pareceu bastante desengraçado em retrospectiva.

– E a seguir tomei um chá com a Eleri Groves no Hiker's Café – continuei. – E adivinhe só: ela deu-me a morada da Emily Rhymer, em Upvale.

– Então vai visitá-la também?

– Sim. Na verdade, estou a pensar ir amanhã de manhã porque acho que quero despachar o assunto. Ela agora é a única testemunha ocular que resta dos acontecimentos, percebe?

– Acho que ouvir um relato em primeira mão pode ser mais perturbador do que pensa, talvez devesse levar consigo a Bel ou o Nile – sugeriu Sheila.

– Oh, vou bem sozinha – afirmei. – Quer dizer, saí-me bem com o George Godet, e ele não foi o homem mais amigável do mundo. Calculo que a Emily Rhymer seja muito mais simpática e que, no mínimo, não se importe de descrever o que aconteceu.

Ela pareceu ter muitas dúvidas.

– Bom, vem diretamente para aqui para nos contar tudo logo depois de falar com ela, não é? E fique, por favor, na noite de sábado. A Bel disse que tem trabalhado no seu livro todos os dias até tarde, mas tenho a certeza de que uma pausa durante o fim de semana lhe fará bem.

– Isso seria muito agradável – concordei, embora não tivesse a certeza de que Senga sentiria o mesmo...

– O Nile esteve aqui mais cedo – disse ela, mudando o assunto. – Foi visitar aquele amigo dele com o celeiro de antiguidades e acabou por passar a noite. Calculo que tenha pensado onde é que ele andaria?

– Nem por isso – respondi, o que era mentira. – Ele vai e vem, e não há razão nenhuma para me dizer onde.

Sheila olhou para mim e entregou-me uma caneca fumegante.

– Sopa de galinha para a alma – comentou ela. – Pão?

* * *

Eu não pedira a Sheila para guardar segredo, mas, ainda assim, fiquei surpreendida por descobrir, quando regressei ao meu apartamento, que ela ligara a Nile a contar-lhe tudo sobre George Godet e também a minha intenção de falar com Emily Rhymer na manhã seguinte.

– Não, não há necessidade – disse, determinada. – Será apenas outra versão do que George me contou, mas de uma perspetiva diferente e em primeira mão.

– A Sheila pensou que podias ficar chateada depois. Eu não tenho de ir contigo, posso simplesmente deixar-te lá e ir visitar a Angel Delights.

– A Angel Delights¹⁷?

– É uma loja em Upvale – explicou ele. – Uma estranha mistura de tralha, antiguidades e lixo *New Age*, porém, de vez em quando, encontro lá peças interessantes.

Esperei que a peça interessante não estivesse a atender atrás do balcão... e não sabia sinceramente porque tinha sempre estes pensamentos ciumentos em relação a Nile, quando as suas namoradas descartáveis enchiam a paisagem como um terrível aviso do que me poderia acontecer se eu fosse fraca.

Assim que ele se foi embora, senti o impulso de matar alguém no meu romance – muito catártico.

Ouviu-se um repentino barulho de chocalho atrás deles e uma grande aranha apareceu da cabana numa pressa cambaleante e ligeiramente atordoada. Sem um segundo de hesitação, Bela abanou a cimitarra e o aracnídeo caiu esparramado no chão.

– É o seu fim – disse o rato, que seguira a aranha. – Não que eu esteja triste, pois ela tentou comer-me.

– O rato está a falar – sussurrou Shaz ao Príncipe S’uperficial.

– Eu sei, não se pode parar os roedores de falar, pois não? – respondeu ele, olhando para ela de uma forma encantada, enquanto a Bela estendia os braços à volta do pescoço de Kev e lhe oferecia os lábios, convidativamente.

O rato contemplou os dois casais trocados e disse:

– Sabem que não podem mudar as coisas assim que tomarem as vossas decisões, não sabem? A Bela terá de ficar para sempre no Aqui-e-Agora com o Kev, e o príncipe e a Shazza no Era-Uma-Vez.

Depois, suspirou, pois nenhum deles o ouvia.

Na manhã seguinte, sendo sexta-feira, a Tilda veio para limpar e trouxe Nell com ela. Ela gostava de aparecer ocasionalmente para ver como estavam a correr as coisas, oferecer conselhos aos trabalhadores e dar-lhes chávenas de chá doce.

Nesse dia, estava só o Jack a colocar toalheiros novos na cozinha, na lavandaria e nas casa de banho, pelo que me ofereceu a mim o chá enquanto Tilda limpava o apartamento.

– A nossa Tilda acabou de me dizer que o Jim Voss teve o descaramento de lhe vir pedir o antigo conjunto de chá da Molly Muswell – comentou ela, mexendo o bule antes de servir. Nesta altura, acho que eu já estava imune ao tanino.

– Sim, foi demasiado tendo em conta a forma como ela me enganou ao levar as coisas que comprei. Acho que o Jim Voss lhe disse que encontrámos o conjunto com padrão de salgueiros naquele armário, o que lhe refrescou a memória, mas, claro, não existe nenhum conjunto de chá, ela deve tê-lo vendido ou deve ter-se esquecido, ou algo assim, apesar de dizer que pertenceu à mãe.

– Oh, há mesmo um conjunto de chá, mas não tem nada a ver com a Mistress M – anunciou Nell, para minha surpresa. – Eu lembro-me bem dele. Foi um legado às Misses Spencer da sua tia Queenie, mas era tão horroroso que elas o embalaram e guardaram. Só o retiravam e usavam uma vez por ano, em memória dela. Tenho algumas fotografias delas a servirem chá com ele no meu álbum, em casa.

– Então, que é feito dele? Não está lá nada a não ser o aspirador.

– A Miss Clara empurrou-o para longe da vista – disse Nell. – Venha, vamos ver se está lá.

As casas antigas têm particularidades estranhas e o armário mostrou dar uma volta para a direita em direção a uma pequena reentrância, com uma caixa poeirenta lá enfiada.

– A Tilda não sabe que este espaço existe porque o resto do armário está tão limpo que até brilha – comentei.

Abri o topo e desempacotei uma peça do conjunto de loiça mais horrivelmente escuro, dourado e pretensioso que alguma vez tinha visto.

– É horrível! – declarei.

– As Misses Spencer guardaram-no pelo seu valor sentimental, mas nem elas gostavam dele – disse Nell.

– Bom, certamente não pertence a Mistress Muswell, vamos mantê-lo onde estava por agora – decidi.

– É capaz de valer uns dinheirinhos – sugeriu Nell. – Mistress M deve pensar que sim, se mandou cá o Voss.

– Vou pedir ao Nile para lhe dar uma vista de olhos, um dia destes – disse. – Mas acho que Mistress M não deve ter muito bom gosto, provavelmente, não vale nada.

– Ela era uma vulgareca – concordou Nell, liderando o caminho de novo até lá para cima.

* * *

Quando Tilda desceu com o aspirador e eu pude voltar para o meu apartamento sem a estorvar, cometi o erro de verificar os meus *e-mails* antes de me pôr a escrever, e lá encontrei o novo lote de edições por parte da editora!

Senga avisara-me de que chegariam mais, mas tinham sido sempre mudanças pequenas, e, para meu alívio, ela tinha razão.

Esquecera-me completamente do fio condutor do meu novo livro quando percebi aqueles, pelo que quando Bel me ligou a dizer que se encontrava em Haworth e a perguntar-me se eu estava demasiado ocupada para uma visita, disse-lhe para vir ter comigo.

A sua chegada foi ainda mais bem-vinda quando compreendi que trazia bolos de creme frescos e uma ótima notícia: estivera a distribuir algumas peças de cerâmica numa pequena galeria de Oxenhope e deparou-se com a oficina de um homem que faz reciclagem.

– Um homem que faz reciclagem? – Eu tinha a imagem mental de alguém a pôr lixo num contentor.

– Sim, sabes como é, aquelas pessoas que recebem mobília e bricabraque e as transformam noutra coisa de forma a ganharem uma nova vida.

– Oh, está bem, já sei o que queres dizer.

– Só lá entrei por curiosidade, pois não gosto assim tanto de mesas de centro feitas a partir de antigas paletes de madeira e bocados de motor de carros, mas as coisas dele eram muito mais giras do que isso. E o melhor de tudo é que também faz tabuleirinhos para bolos a partir de pratos

antigos.

- São bonitos? – perguntei, interessada.
- Lindos. Comprei um para a minha mãe, mas deixei-o no carro porque tenho compras para fazer. Mas tenho imensas fotografias no meu telemóvel – acrescentou, mostrando-as.
- Tive uma longa conversa com Thom, é o nome dele, Thom Catey, e ele faz tabuleirinhos por encomenda, qualquer que seja a quantidade, se fornecermos os pratos.
- Seriam perfeitos se fossem do padrão de salgueiros, e só Deus sabe que estou inundada deles desde que o Nile espalhou a palavra.
- De quantos suportes achas que precisas? – perguntou Bel, prática.
- De vinte, pelo menos. Teria de me sentar e fazer as contas. Idealmente, gostaria de suportes com quatro pratos para o Yorkshire Clássico e o Fat Rascal High Tea, e com três para o Light Afternoon.
- Acho que estou outra vez com fome – disse ela, olhando com pena para a caixa vazia de bolos com creme. Parecia que cada uma tinha comido dois bolos.
- Tenho uma grande tarte de ovo, se quiseres uma fatia? – ofereci. – A Nell deu-me a receita e tentei fazê-la.
- Oh, sim, há séculos que não como tarte de ovo! – exclamou ela e, enquanto expandíamos um pouco mais as nossas figuras, contei-lhe todos os pormenores da minha entrevista com George Godet. Desistira completamente de tentar esconder qualquer segredo dos Giddings.

* * *

Telefonei ao homem da reciclagem de Bel para lhe dizer o que precisava e o resultado foi ter de levar muitos pratos para a sua oficina no domingo de manhã, para que ele pudesse começar a trabalhar na encomenda.

Escolhi-os e coloquei-os no porta-bagagem, pois Nile decretara (numa série de mensagens – não me agraciara com a sua presença o dia todo) que devia deixar o meu Carocha na Quinta Oldstone, no sábado de manhã, e ele levar-me-ia a Upvale no seu carro.

Sentia-me agora muito nervosa por conhecer Emily Rhymer – se ela lá estivesse; não telefonara primeiro a confirmar. Apareceria simplesmente, e veria.

¹⁷ Em português, delícias de Anjo. (*N. da T.*)

O advogado esteve aqui hoje a pedido do meu pai (apesar de eu admitir que lhe pusera a ideia na cabeça) e ele assinou os documentos que me davam os derradeiros poderes de justiça, assim, na eventualidade de ele ficar incapaz, eu poderia tomar decisões por ele, tanto financeiras como de outra natureza.

Em troca, assegurei-lhe que não tinha qualquer intenção de o pôr num lar se a sua saúde física e mental se deteriorasse. Mesmo que não tivesse percebido que fosse o meu dever, havia a vantagem de, na sua própria casa, eu poder assegurar sempre que ele recebia o melhor cuidado que eu podia pagar.

Angel Delights

A minha ida para a Quinta Oldstone na manhã seguinte foi acompanhada pelo tilintar de loiça com padrão de salgueiros e por Nile, cujo carro seguia logo atrás do meu, até chegarmos à única parte direita da estrada e ele aproveitar a oportunidade para me ultrapassar. Acho que conduzia devagarinho, mas ele também não tinha o carro cheio de objetos frágeis.

Quando encostei junto a ele, a sua porta do pendura estava aberta e o motor a trabalhar, pelo que saí do meu carro e entrei no dele, sem sequer entrar em casa para implorar uma torrada e dizer olá.

Tendo em conta que ultimamente eu estava a experimentar novas variações de bolos e receitas de pastéis, e a comer muitos dos resultados finais, aquele era provavelmente um passo inteligente no que dizia respeito à minha figura. Bem constituída não fazia mal, constituída de mais é que não.

A viagem através da charneca ondulante até Upvale foi cénica, principalmente a última parte, onde a estrada para lá do Stranding Stones Motel descia a pique e fazia uma curva até à aldeia, lá em baixo.

Pensei que género de jovem mulher acharia que caminhar até ali no escuro, com apenas o cão por companhia, era uma boa ideia. Talvez fosse realmente uma bruxa e não temesse ninguém nem nada que pudesse encontrar?

Passámos por uma ou duas casas isoladas, mas a maior parte da aldeia estava alinhada com a estrada que subia até ao outro lado do vale, que poderia ser alcançado ao atravessar uma antiga ponte de pedra sob um pequeno riacho.

Estacionámos um pouco antes dela, junto a um pequeno campo de ténis com o chão cor-de-rosa que me fez lembrar o que Sheila dissera sobre o seu marido e a Dra. Collins terem sido parceiros de ténis na juventude, tendo eu pensado se teria sido ali que eles haviam jogado. Achei difícil imaginar como teria sido a minha médica em adolescente!

Atravessámos a ponte e subimos a colina até eu reparar numa grande casa isolada, a única que se via.

– É aqui – disse a Nile.

– Como sabes?

– Procurei no Google ontem à noite. De qualquer forma, a Eleri disse-me que se chamava O Presbitério e há um letreiro no portão – disse eu. – Onde é a tua loja?

– A Angel Delights fica no caminho por onde viemos, mais abaixo da ponte, mas eu queria vir aqui primeiro.

– Não é preciso, se não estiver ninguém em casa, vou ter contigo. Caso contrário, encontramo-nos no carro.

– Okay – concordou ele, deixando-me a percorrer sozinha o último bocado de estrada até lá acima. Não se via ninguém, mas eu tinha a impressão de que havia olhos a ver-me atrás das janelas das grandes casas geminadas de pedra que havia próximo da estrada, do outro lado.

A porta do Presbitério estava pintada de frescode um vermelho vivo e a antiga casa de pedra parecia um pouco incerta em relação à cor, como se tentasse decidir se a fazia parecer um carneiro vestido de cordeiro.

Toquei à campainha e, após esperar um bocadinho, em que ouvi o ladrar distante de um grande cão, a porta abriu um pouco para revelar um rosto velho e sensato sob cabelo grisalho.

– O que quer? – perguntou ela.

– Posso falar com Emily Rhymer, por favor? É um assunto privado.

Ela olhou-me, desconfiada.

– Ela está a czinhar.

– Czinhar? – repeti, confusa.

– Uma tarte de maçã. Na czinha.

Uma cabeça masculina da mesma idade apareceu atrás dela com um gorro de lã verde-jade.

– Olá! – disse ele, com um sorriso encantador. – Sou o Walter e não tenho sobrancelhas.

– Posso ver que não – respondi automaticamente.

– Vai-te embora, nosso Walter, estás a espalhar serradura no corredor – disse a mulher, depois, virou-se para mim e acrescentou, relutante: – E acho que pode entrar. – A seguir, bateu com a porta logo após eu ter posto os pés no tapete.

– É bom que não seja uma daquelas jornalistas – avisou-me.

– Porque seria?

– Por causa daquele ator pretensioso com quem a nossa Charlie casou – informou. – Não vale nada.

– As pessoas que escutam atrás das portas nunca ouvem coisas boas sobre si próprias – disse uma atraente voz masculina. – Mas vou abrir uma exceção por ter sido chamado de pretensioso!

Um homem estranhamente familiar de cabelo escuro desceu levemente as escadas, como se todos os seus movimentos estivessem a ser filmados e, de súbito, lembrei-me do que Eleri dissera sobre uma das Rhymer ter casado com um ator/produtor. Não era novo – tinha madeixas de cabelo branco no cabelo escuro e rugas de expressão nos olhos –, mas era extremamente atraente de uma forma incomum.

– É o Mace North! – exclamei.

– Pois sou – disse ele, alegre. – E você?

– Alice Rose. Gostava de falar com Emily Rhymer.

– A minha cunhada, uma delas. Está na cozinha a provocar uma tempestade, como sempre. A Gloria acompanha-a.

– Pensei mantê-la à entrada até ver se a Em quer falar com ela – retorquiu a mulher, teimosa. – Talvez a tal aparição venha dar uma espreitadela. Não a temos visto muito ultimamente.

Eu pensava que, no geral, seria melhor não ser fechada numa sala com a tal aparição, quando ele disse:

– Leva-a lá... Parece-me inofensiva.

– A responsabilidade é tua!

Depois, voltou-se para mim.

– Mas aviso-a, flor, se fizer com que a nossa Em perca tempo, ela dir-lho-á.

Mace North esboçou-me um sorriso encorajador, tirou um casaco do cabide e saiu, e Gloria mostrou-me o caminho através de uma passagem escura na direção de uma cozinha enorme, onde

uma mulher alta com imensos cabelos brancos mexia uma grande panela de ferro com uma mão, enquanto segurava um livro com a outra.

– Visita para ti, florzinha – anunciou Gloria.

Ela virou-se e, por um instante, fiquei surpreendida com os seus olhos de uma cor tão intensa como a minha, mas de um azul pálido em vez de verdes, com círculos mais escuros em redor da íris.

Ela olhou para mim sem parecer surpreendida, nem sequer muito interessada.

– Não esperava nenhuma maldita visita – disse a Gloria, acusatoriamente.

Gloria encolheu os ombros.

– Quer falar contigo e aquele Mace disse para ta trazer.

– É bom que não seja uma maldita jornalista, então – afirmou ela, deixando a colher afundar e afastando o livro. – Pensei que eles já tivessem ultrapassado a novidade de «cunhada de ator famoso é uma bruxa casada com um pároco».

– Não sou jornalista, e não fazia ideia que... – gaguejei, embaraçada.

– Então, o que quer?

– O meu nome é Alice Rose e... sou o bebé que encontrou perto de Oldstone, na Charneca Blackdog.

– Ora bem, por esta é que eu não esperava! – exclamou Gloria, chocada, no entanto, a expressão de Emily de irritação aborrecida não mudou.

– Foi Joe Godet, um agricultor local, que a encontrou, não fui eu – disse ela.

– Mas chegou quase imediatamente ao local, não foi?

Ela olhou-me com os olhos semicerrados.

– Sim, mas não deixe que isso lhe dê a ideia errada. Joe Godet pensou que era minha filha e que eu a tinha posto naquele buraco, mas eu esclareci-o logo... Tal como à polícia.

– Então, você era aquele bebé horrível que apareceu em todos os jornais? – perguntou Gloria, ainda maravilhada. – Eh, bem, ficou uma rapariga muito bonita! Quase tão alta como a nossa Em.

– Há muitas mulheres altas por aqui. Eu não me destaco assim tanto.

– Nunca deixei que tal me incomodasse, porque deixaria? – disse Em. – Somos todos altos na minha família, menos a minha irmã Charlie: é a baixinha. Sente-se – acrescentou, coisa que fiz, pois foi mais uma ordem do que um convite.

– Acho que foi a altura combinada com o cabelo ruivo que me fez sentir tão destacada – comentei. – E, na verdade, eu já tinha a certeza de que não era a minha mãe biológica porque li todas as reportagens dos jornais e ficou claro que a polícia a descartou.

– Eu era uma maldita virgem vestal na altura, não era? – disse ela, beligerantemente. – Tinha de me manter pura, pela magia.

Era um pouco difícil imaginar uma resposta para aquilo, pelo que decidi nem sequer tentar.

– Acabo de me mudar para Haworth e parte da razão por querer lá viver é tentar encontrar a minha mãe biológica.

– Não sei como vai fazer isso, depois deste tempo todo – disse Em.

– Não, nem eu, a não ser que ela se apresente, mas pensei que, mesmo que não a encontrasse, falar com as duas pessoas que me encontraram poderia, pelo menos, dar-me uma espécie de paz.

– Bom, não faço ideia de quem ela seja – afirmou ela. – As suas cores são tão distintas, com esse cabelo.

– As minhas sobranceiras também são naturalmente escuras: acho que é uma combinação muito incomum.

– Talvez, mas não me consigo lembrar de ninguém que seja assim... Mas esses seus olhos verde-claros são-me algo familiares. – Ela franziu o sobrolho e abanou a cabeça.

– Poderia descrever o que viu, naquela noite na charneca? – perguntei. – O Joe Godet já morreu, mas o seu filho contou-me tudo o que se lembrava, o que foi muito, pois o pai parece ter aborrecido toda a gente com a história desde então.

– Creio não poder acrescentar muito, mas se realmente deseja saber, vou contar-lhe.

Pôs a tampa na enorme panela a borbulhar e verificou o forno, onde eu conseguia ver uma vasta tarte a cozinhar – presumivelmente de maçã. Ela tirou-a e colocou-a numa base para arrefecer.

– Está pronta e a caçarola pode tomar conta de si própria, mas vou fazer uns scones enquanto falamos. Sente-se e, Gloria, faz um bule de chá – ordenou ela à mulher.

Depois, enquanto misturava ingredientes de forma casual para fazer massa de scone, contou-me numa série de frases curtas e lacónicas como planeava conduzir até Oldstone às primeiras horas dessa manhã com uma amiga, para ver o Sol nascer sob a rocha.

– Mas houve uma reunião em casa dela na noite anterior e ela exagerou no gim, por isso, quando não me foi buscar, pensei que tivesse adormecido e decidi ir até lá com o meu cão.

– Não foi muito arriscado, no escuro?

– É uma dura caminhada até ao vale, mas, depois, é suficientemente fácil. E estava uma lua grande e cheia. Normalmente, nunca há trânsito naquelas pequenas estradas a essa hora da manhã, pelo que também não foi uma preocupação.

– Então não viu absolutamente ninguém?

– Vi, mas só quando cheguei ao último troço de estrada estreita antes de virar para o parque de estacionamento, perto de Oldstone. Sabe a que me refiro?

– Sim, já lá estive.

– A faixa está profundamente metida entre margens, muros e curvas, pelo que o carro passou por mim tão depressa que mal tive tempo para desviar o cão do caminho.

– Mas podia ter sido a minha mãe a ir-se embora, não podia? – questionei, ansiosa. – Viu quem estava a conduzir? Ou o tipo de carro que era?

– Foi-se embora num segundo e os faróis cegaram-me. Tive a impressão de que era um *Mini*, apesar de não ter a certeza, razão pela qual não o mencionei à polícia. Não havia assim tantos *Mini* por aqui, nessa altura.

– Mas podia ser uma pista importante! – exclamei, ansiosa.

– Não me parece: juntei dois mais dois e concluí cinco porque havia uma jovem rapariga na aldeia com um *Mini* e não foi ela, pois via-a a abastecer mais tarde, nesse dia, e pareceu-me igual a sempre.

– Suponho que não se pode simplesmente abandonar um bebé e agir como se nada tivesse acontecido, umas horas depois – concordei, desapontada.

– Não, e quando pensei bem nisso, vi que ela também não era esse género de rapariga.

Lembrei-me de algo.

– O George disse que o pai pensou ter visto luzes de carro à distância um pouco antes de me ter encontrado, mas não reparou bem porque estava à procura da sua ovelha perdida.

– Bom, então, foi provavelmente o mesmo carro – admitiu ela. – De qualquer forma, pensei que

talvez tivesse vindo de uma das cabanas isoladas para lá da estrada e que ele tinha ficado muito espantado por encontrar alguém ali, nessa altura, tal como eu ficara, pelo que prossegui e subi até ao Oldstone.

– Não reparou no agricultor?

– Não, mas ele já podia estar no outro lado do declive, onde estão as rochas caídas. A lua cheia começava a desaparecer, mas ainda estava muita claridade, pelo que havia grandes sombras.

Estremeci um pouco.

– Parece assustador!

Aqueles olhos pálidos olharam-me, confusos.

– Não sei o que quer dizer, a charneca é sempre a mesma, seja de dia ou de noite, não é?

– Eu... suponho que sim – concordei. – Continue a história.

– Certo, bom, eu estava junto ao Oldstone, a olhar na direção onde o Sol nasceria, quando o meu cão ladrou. Outro respondeu lá em baixo, por isso olhei sobre o precipício e vi um homem a segurar o que parecia ser um cordeiro. Gritou-me para ficar ali enquanto subia, apesar de eu não ter intenções de ir a lado nenhum.

Ela envolveu a massa vigorosamente e começou a desenhar círculos com uma faca de metal.

– Vá, continua – pediu Gloria, que ouvia com tanta atenção como eu.

Em encolheu os ombros.

– Quando ele subiu, acusou-me de abandonar o bebé, ele metera-o por baixo da camisola para o aquecer e mostrou-mo. Eu disse-lhe que ele era maluco e que, enfim, eu tinha acabado de ali chegar. Depois, por sorte, reparei que a minha amiga estava a chegar no seu carro, por isso, entrámos todos, fomos para a quinta dele e chamámos a polícia e uma ambulância.

– E eles levaram-me – terminei por ela.

– Sim, mas mesmo depois de se ter ido embora, a polícia fez-nos imensas perguntas antes de nós podermos ir para casa, e coscuvilharam tudo até terem a certeza de que eu não era a mãe.

Ela esboçou-me um sorriso repentino.

– Joe Godet estava convencido de que eu fazia parte de uma congregação de bruxas e provavelmente disse à polícia que eu a ia sacrificar na rocha ou algo ridículo do género.

– Como se tu alguma vez fizesses isso – troçou Gloria.

– Eu estava mesmo enrolada num tapete de pele de carneiro, sem roupa nem nada?

– Num pequeno tapete de pele de carneiro, do tipo que se tem ao lado da cama, só. Ainda nem sequer tinha sido limpa.

– A polícia tentou ver de onde provinha o tapete?

– Duvido. São baratíssimos nesta zona. Não, a sua origem permaneceu um mistério, mas pareceu-me lógico que tivesse sido trazida no carro que passou por mim. A polícia nunca o encontrou, pelo que não era das cabanas.

– Então, ainda é uma ponta solta – disse eu. – Embora seja bom ouvir o que realmente aconteceu por alguém que lá esteve. Muito obrigada por me ter contado.

– Penso sempre em si de cada vez que lá vou, que é muitas vezes. O local tem um grande significado espiritual – acrescentou ela, apesar de não ter dito qual.

Pensei que Joe Godet pudesse ter razão em relação à congregação, mas eu tinha a certeza de que Em não me levara lá para nenhum sacrifício nem outro propósito do género.

Como se me tivesse lido os pensamentos, ela sorriu e disse:

– O filho de Joe parece surgir sempre que vou lá acima com as minhas amigas, provavelmente espera que nós façamos todos os bruxedos que o jornal de domingo evoca, como despirmo-nos e dançarmos.

Naquele momento, Gloria servira o chá em grandes chávenas de porcelana branca, que giraram com grandes folhas de chá rasgadas. Gostava mais que tivesse sido escorrido, mas não disse nada e beberiquei. A dureza, caso eu engolisse um pouco, provavelmente far-me-ia bem.

Gloria tirou-me a chávena depois de eu terminar e pensei que a ia reencher, mas, em vez disso, fez girar os restos e espreitou.

– Vês alguma coisa de interessante? – perguntou Em, séria.

– Há tudo o que se espera que eu encontre: um homem alto, moreno e bonito entrou na vida dela.

– Consegue ler o destino nas folhas do chá? – perguntei, interessada. – O homem é apenas o meu vizinho da frente, é alto, moreno e muito bonito.

– Ele é mais próximo do que pensa – disse ela, enigmática.

– De que forma?

– Não sei, pois não? – disparou ela, irritada. – As folhas do chá não são como ler um livro.

– Desculpe – disse eu, rapidamente. – Consegue ver mais alguma coisa?

Ela voltou a analisar o padrão de folhas.

– Fez uma longa e rotunda viagem para chegar até aqui, mas ainda não terminou.

Eu poderia ter-lhe dito isso.

Em olhou para cima depois de ter posto os discos de scone num grande tabuleiro.

– Aqueles olhos verde pálidos... tão incomuns – murmurou ela, ausente.

Tentei ir a um ou outro local nas minhas caminhadas matinais com o cão, mas dava comigo constantemente a regressar à zona em redor de Oldstone. Além disso, as nossas visitas tinham-se tornado rapidamente parte da minha rotina e eu não gosto da mudança. O Hugo parecia achar o mesmo, pois queixava-se se eu levasse o carro noutra direção.

Felizmente, não voltara a ver Alice Rose naquele sítio, pelo que esperei que a sua curiosidade tivesse ficado satisfeita com as visitas anteriores.

Novidades de Última Hora

Encontrei Nile sentado no muro à beira da estrada, lá fora, à minha espera.

– Sentar na pedra fria provoca hemorróidas. Era o que a minha avó costumava dizer – comentei.

– Vou registrar – respondeu na sua forma habitual grave. – Ela tinha mais conselhos úteis?

– Sim, comer muito açúcar origina lombrigas.

– Eu devia ter perguntado se ela tinha outros conselhos que não fossem nojentos. – Levantou-se e espreguiçou-se, pelo que já devia estar à espera há algum tempo.

– Oh, tinha imensos, como comer côdea de pão faz com que o cabelo fique encaracolado.

– Então nós devemos ter comido imensa côdea de pão – disse ele, à medida que nos dirigíamos para onde tínhamos estacionado o carro. – E presumo que tenhas visto Emily Rhymer. Foi esclarecedor?

– Foi certamente interessante – respondi, depois repeti o que ela me dissera sobre o carro que passara na faixa estreita antes da curva para Oldstone. – Ela acha que era um *Mini*, mas não disse à polícia porque não tinha a certeza.

– Mas, se tivesse dito, teria ajudado?

– Não sei. Poderia ter implicado alguém inocente. Emily referiu que uma rapariga jovem local possuía um, mas que tinha a certeza que não fora ela porque a viu no dia em que fui encontrada, normal como sempre.

– Mas não te disse quem era?

– Não, e não conhecem ninguém local com o mesmo tom de cabelo que eu, apesar de ter dito que já viu alguém com olhos verdes pálidos como os meus, mas não se lembra quem. A Gloria concordou com ela, deixei-lhes o meu número de telefone para o caso de se lembrarem.

– A Gloria?

– A senhora mais velha que me deixou entrar. Não sei se era parente, se era a empregada ou quem quer que fosse. Fez chá enquanto falávamos, depois leu as minhas folhas!

– A Betty, da Angel Delights, insistiu em ler-me as cartas dos anjos – contou ele. – Como o tarô, mas menos assustador.

– Disseram alguma coisa de interessante? – perguntei, interessada.

– O costume: que vêm aí grandes mudanças, que devo aceitar o futuro... esse tipo de coisa. E as tuas folhas?

Encolhi os ombros.

– Que um homem moreno e bonito ia entrar na minha vida. Eu disse-lhes que isso já tinha acontecido, porque ele vivia praticamente à minha porta, porém, a descrição completa deveria ter sido: moreno, bonito e mandão.

– Eu não sou mandão – declarou ele, depois estragou tudo ao dizer: – A propósito, vamos almoçar fora.

- Lá está: mandão – afirmei. – Caso provado! A Sheila não estranhará?
- Não, porque liguei-lhe a dizer que o meu contacto de Skipton me telefonou, pelo que almoçaríamos lá e veríamos o que ele encontrou para mim. Belo lugar, Skipton.
- Eu ia passar a tarde na biblioteca a trabalhar no meu livro – protestei.
- De certeza que não te podes dar ao luxo de tirar um tempinho?
- Não, segundo a minha agente... e faltam menos de duas semanas para o prazo de entrega. Mas acho que posso tirar a tarde porque, na verdade, depois de uma manhã destas não conseguirei concentrar-me – admiti. – Amanhã de manhã, tenho de entregar aqueles pratos a um homem que a Bel encontrou e que consegue transformá-los em suportes para bolos, mas irei diretamente para o meu apartamento depois de almoço para trabalhar a tarde toda e à noite, para compensar.
- Amanhã tenho de me deitar cedo porque vou para a bela Escócia segunda-feira de madrugada e estarei fora durante alguns dias – disse ele. – Há um leilão em que quero participar e alguns contactos que quero fazer enquanto lá estiver.
- Podias ficar na pensão da minha amiga Edie, se ficares lá perto – sugeri e, quando lhe disse onde era, respondeu que podia fazer um curto desvio, se eu quisesse. – Desconfio que tens um motivo ulterior.
- Sim, gostaria de lhe mandar uma ou duas coisas, mas só se não te der muito trabalho.
- Acho que sobreviverei. Há alguma coisa que te possa trazer? Um *haggis*, talvez? – brincou.
- Sim, uma caixa de *Edinburgh rock*¹⁸, adoooro – disse-lhe.
- Fazem apodrecer os dentes – comentou, sério, mas com um brilho de riso nos olhos acinzentados –, já para não falar que provocam lombrigas!

* * *

Por um mudo consentimento mútuo, não falámos de nada contencioso, pelo que a nossa expedição a Skipton se tornou um daqueles dias maravilhosos que recordamos sempre como um sentimento caloroso, dourado e impreciso.

Primeiro, almoçámos num antigo *pub*, depois passeámos por Skipton enquanto Nile me contava alguns pormenores da sua história interessante. Até havia um canal cheio de barcos estreitos e Nile pegou-me na mão enquanto avançávamos pelo caminho de torno, que estava escorregadio devido à chuva matinal. Depois disso, pareceu a coisa mais natural do mundo andar de mão dada em redor das ruínas do castelo de Skipton, e dei comigo a dizer-lhe como, quando era pequena e vivíamos perto da avó Rose, em Knaresborough, ela me levava ao Dropping Well, onde ficava fascinada com todas as coisas estranhas que os visitantes penduravam para ficarem petrificadas.

Em troca, ele descreveu algumas das coisas mais estapafúrdias que a família Giddings fazia quando fora viver com eles como, por exemplo, decidir de repente passar um fim de semana prolongado em França com uma hora de antecedência, percebendo, quando já estavam do outro lado do canal, que não tinham levado as estacas das tendas.

- E não cabíamos todos na carrinha *VW* pão de forma, mas, por sorte, o tempo estava quente e alguns de nós dormiram debaixo do toldo.
- Parece ser o tipo de divertimento que eu tinha com a família de Lola depois de nos termos mudado para Shropshire, quando tinha oito anos – recordei. – Quando colocamos os bons tempos numa balança, eles são sempre mais pesados do que os maus, não são?
- Isso é verdade – concordou, apertando-me a mão. – Não nos esquecemos dos maus bocados,

mas eles estão sobrepostos com as memórias mais felizes.

Em seguida, ele olhou para o relógio e disse que era melhor irmos visitar o contacto dele antes que ela terminasse o dia – e, nessa altura, já me tinha esquecido completamente do motivo da nossa viagem!

Violet Grange era uma senhora baixa, magra e rígida com uma cabeça de cabelo branco impecável e um par de astutos olhos azuis. Mantinha uma loja de antiguidades pequena, mas muito cara, fora da rua principal e, enquanto Nile examinava os objetos que ela selecionara para ele, eu babava-me sobre uma montra trancada de jóias, especialmente um anel glorioso com uma única grande pedra brilhante de cor amarelo pálido.

– Diamante amarelo em anel de platina – explicou-me, reparando no meu interesse com um aguçado olho para o negócio.

– Oh! – exclamei, desapontada por não ser um citrino, algo que eu talvez pudesse pagar. Mas, antes de poder dizer alguma coisa, ela já tinha aberto o tampo e fazia deslizar o anel pelo meu dedo anelar.

– Seria o anel de noivado perfeito, não seria Nile? – perguntou ela, pelo que calculei que nos tivesse visto a passear de mãos dadas e chegado à conclusão errada.

– Suponho que sim, para a pessoa certa – concordou ele. – Fica-te realmente bem, Alice. – Ele voltara-se para Violet com a sua já familiar cara fechada. – No entanto, talvez seja um pouco caro, Violet. Nem toda a gente deseja um diamante amarelo. É um mercado limitado.

– É uma belíssima pedra... E, claro, para ti, talvez eu baixe o preço – sugeriu ela.

– Eu não posso pagar seja qual for o preço – afirmei resolutamente e, tirando-o, devolvi-o, embora já me estivesse a sentir como o Gollum e o quisesse desesperadamente, o meu Precioso. Mas havia uma pequena etiqueta à volta dele a indicar o preço e era realmente precioso – muito além do meu alcance.

O Nile pegou-lhe e examinou-o.

– Eu não lido muito com joalharia, mas talvez tenha um cliente para isto – disse ele. – Com o preço certo, claro.

Depois voltou-se para mim.

– Esta é a parte aborrecida, Alice, em que regateamos e eu resolvo o que quero com a Violet. Porque não esperas por mim no salão de chá ao lado, eu vou lá ter daqui a uns minutos?

* * *

Pedi um chá da tarde para dois ignorando a despesa sumptuosa (pois tinha um grande interesse em saber qual seria a ideia deles de um bom chá).

Depois, deslizei para um sonho acordado em que eu e Nile tínhamos justamente ficado noivos e estávamos na loja de Violet a escolher um anel...

Porém, quando o Nile real, alto, moreno e estonteante entrou uns minutos mais tarde e todas as cabeças femininas no local se voltaram em simultâneo para o fitar, lembrei-me da razão pela qual não seria de todo provável que aquele devaneio se tornasse realidade.

Realmente, se eu continuasse assim, mais valia começar a escrever ficção romântica em vez de contos de fadas de terror!

A empregada de mesa trouxe uma bandeja com sandes, bolos e scones de aspeto bastante vulgar, e quase pousou o bule de chá no meu colo porque não conseguia desviar os olhos de Nile.

Ele parecia estar bastante alheio a tudo e disse-me pesadamente que, como sempre, a Violet o tinha feito pagar mais do que ele gostaria pelas suas aquisições.

Consegui não lhe perguntar naquele momento se o lindo anel tinha sido uma delas, nem mais tarde, no caminho de regresso à Quinta Oldstone. Não queria que ele pensasse que estava à pesca de mais um presente caro do seu *stock*, mas tal não me impediu de querer revistar os seus bolsos para o descobrir.

Caso o tivesse comprado, esperava que o cliente para quem o anel estava destinado o valorizasse.

* * *

Teddy e Geeta tinham levado Casper a passar o dia com os avós, e o jantar dessa noite era *takeaway*, porque a mãe de Geeta cozinhará uma enorme quantidade de comida e eles haviam trazido para casa o jantar já pronto.

– Ela faz sempre o dobro do que se consegue comer e o congelador explodirá se tentar enfiar lá mais alguma coisa – explicou Geeta enquanto nos empanturrávamos.

Casper estava tão cansado quando regressaram que foi diretamente para o berço, tendo ficado na mesa o intercomunicador de bebé, embora ele tenha pulmões tão bons que, se acordasse, poderíamos ouvi-lo claramente a chorar sem o aparelho.

Como eu já desistira há muito de tentar guardar segredos de qualquer um dos Giddings, fiz uma atualização para toda a gente sobre o que tinha descoberto através das conversas com George Godet e Emily Rhymer, ficando todos informados.

– Não sei se a Emily alguma vez se lembrará de quem tem olhos verde-claros como os meus, ou se sequer me contará caso se lembre – terminei. Provavelmente também não ia dar em nada.

– Parece que a única esperança que te resta de encontrares a tua mãe biológica é através de um artigo de jornal, se ela se der a conhecer – disse Teddy.

– Sim, mas ao menos terei feito tudo para a encontrar, pelo que se ela não o fizer, posso finalmente colocar tudo atrás das costas e seguir em frente – declarei e, como Nile estava a oferecer-me um dos seus olhares de «tu sabes que acho que isso não é boa ideia», acrescentei: – O Nile hoje comprou bonecas e ursinhos de peluche. Se calhar está na segunda infância.

– Duas garrafas miniatura de perfume *Schuco* em forma de urso – começou ele.

– Muito querido, exceto que tens de lhes arrancar a cabeça para chegar ao perfume – intervim.

– E uma casa familiar de bonecas de porcelana do início da era vitoriana – concluiu.

– Eles tinham famílias grandes – disse eu. – São cerca de sete filhos, incluindo gémeos bebés.

– É uma grande descoberta, principalmente porque todas as roupas são originais – disse ele. – Posso vendê-los com um bom lucro com um *e-mail* ou dois. A mesma coisa com os ursos: tenho dois colecionadores para eles, posso oferecer um a cada.

– E o anel? – perguntei. Disse-o sem pensar, embora não tivesse a mais pequena intenção de o fazer. – Compraste-o?

– Sim, tens bom olho e é uma beleza. Tenho em mente alguém especial para ele.

– O anel! – exclamou Sheila e ficámos todos a olhar para ela. – Esqueci-me completamente, a Zelda ligou-te há horas e pediu para lhe ligares. O teu telefone não estava a dar sinal.

Nile tirou o telefone do bolso.

– O telefone está desligado. Devo ter-me esquecido outra vez de o pôr a carregar – comentou. –

Não te preocupes, de certeza que não era urgente, já vejo o que ela quer a seguir ao jantar. Talvez tenha pensado acerca da minha proposta para me comprar a parte do negócio com o dinheiro que o tio lhe deixou.

– Parece mesmo uma boa ideia, agora que vives tão longe – disse Sheila. – Sei que viajas muito de qualquer maneira, mas ao menos não terias de ir e vir a Londres tantas vezes.

– O que há para sobremesa? – perguntou Teddy, mudando de assunto para algo mais próximo do seu coração.

– *Waffles* noruegueses e gelado de baunilha caseiro – respondeu Bel, alegre.

– Essa não é a sobremesa tradicional depois de uma refeição indiana – afirmou Teddy.

– Não, mas a Sheila sabe que é a minha preferida – retorquiu Geeta.

Waffles moles com geleia acompanhados com gelado também eram a minha sobremesa preferida depois daquilo... E, possivelmente, a ruína completa da minha figura caso alguma vez fraquejasse e comprasse a minha própria máquina de *waffles*.

* * *

Ficámos na cozinha, a beber café e a limpar as coisas, enquanto Nile foi retribuir a chamada de Zelda no telefone da biblioteca. Teria sido melhor se tivesse fechado a porta, pois ouvimos de súbito a sua voz elevada a vociferar:

– Não! Não, Zelda, de maneira nenhuma! Nem pensar!

Eu e Bel entreolhámo-nos. O que poderia estar ela a pedir-lhe agora?

Nile voltou com um ar carregado e serviu-se de café em silêncio.

– Ela anunciou o vosso noivado desta vez? – troçou Teddy.

Nile olhou para ele, disse que tinha de fazer mais chamadas e enviar mais *e-mails*, e levou o seu café para a biblioteca, desta vez fechando a porta com um decisivo clique.

A nossa tarde solarenga e feliz podia nunca ter acontecido... e calhava bem eu não querer trabalhar na biblioteca naquela noite!

– Oh, céus – exclamou Sheila. – Eu podia ter-lhe dito que quanto mais se tenta pressionar o Nile a fazer algo, mais ele resiste. Mas também, talvez venha a calhar eu não ter dito nada, não é, Alice?

Ela esboçou-me um dos seus sorrisos mais solarengos e inocentes.

* * *

Nile parecia estar a ferver num estado ligeiramente vulcânico ao pequeno-almoço, mas insistiu em ir a Oxenhope comigo e com Bel, por isso colocámos todos os pratos de padrão de salgueiro na sua bagageira e deixámo-lo conduzir.

Eu não precisava que ele regateasse nada, porque o Thom Carey, o homem que reciclava objetos, oferecia-me condições bastante razoáveis pela volumosa encomenda – embora, claro, eu oferecesse os pratos, ele estava apenas a transformá-los em suportes.

Creio que achou que fazê-los seria o seu ganha-pão nos anos vindouros, porque os clientes tendem a ser desleixados com a loiça. Ainda que, por outro lado, até o cliente mais cuidadoso tenha dificuldade em colocar um tabuleiro de bolos com vários níveis numa mala.

Quando finalizámos o negócio, ele ofereceu-nos chá e convidou-nos a ver os seus trabalhos em curso no barracão ao fundo do jardim. Afinal, a reciclagem de pequenos objetos como suportes

para bolos servia apenas para pagar as contas, a sua verdadeira paixão era construir peças de mobiliário únicas feitas de madeira recuperada. Havia uma estante de parede em forma de árvore semicompleta que cobicei, com ramos a fazer de estantes de livros, mas tive de me controlar, pois os luxos teriam de esperar até mais tarde.

Era um homem agradável e modesto, com cabelo castanho espesso e olhos a condizer, e comecei a suspeitar que Bel estava interessada em algo mais do que os seus pratos...

– Que homem simpático que o Thom é – comentei enquanto regressávamos. Ia sentada ao lado de Nile, à frente, e ele lançou um dos seus olhares mais impenetráveis.

– É, não é? – concordou Bel, inocente – e também é um marceneiro muito talentoso. É pena que não consiga ganhar a vida com as suas peças maiores.

– Para mim não é pena nenhuma, caso contrário não conseguiria fazer os meus suportes de bolos – notei.

– Não me importo de ir lá buscar-te o primeiro lote quando ele os tiver terminado – ofereceu ela.

– Gostava de ver aquela estante em forma de árvore quanto estiver terminada. Era tão realista, como se tivesse crescido na parede.

Olhei para Nile e trocámos sorrisos: não achei que a intenção declarada de Bel de não se envolver com outro homem se mantivesse por muito tempo.

¹⁸ Doce tradicional colorido feito de água, açúcar e creme tártaro. (*N. da T.*)

Repentinamente, a mobilidade do meu pai parece decair mais rapidamente, pelo que tive de providenciar mais cuidadores e encomendar equipamento especial para os ajudar a transportá-lo mais facilmente e assegurar o seu cuidado pessoal. Ele nunca foi um homem de temperamento fácil, ou de muita paciência para com gente que não acha inteligente, e eles tinham aprendido a fazer aquilo para que foram contratados sem grandes familiaridades.

O meu pai gosta de ouvir os pormenores acerca dos meus pacientes e oferecer conselhos irrelevantes e desatualizados – nunca praticou clínica geral e, mesmo que ainda seja um especialista no campo da cirurgia oftalmológica, não se manteve atualizado com os outros avanços da medicina.

Sem ser isto, tem a televisão e o computador para se entreter e o Hugo também passa muito tempo com ele. Para um homem que nunca quis animais de estimação, dedica-se muito à criatura tal como fazia com o seu predecessor, Drogo, o que acho muito estranho, embora presuma que é simplesmente um sinal da perda lenta das suas faculdades.

Bem Frutado

Quando regresssei ao meu apartamento a seguir ao almoço, corri novamente em direção à aldeia e comprei um *puzzle* Brontë para a Edie (a sua paixão secreta – tinha sempre um enorme e complicado em mãos) e uma caixa de caramelos. Depois levei-os até à Pequena e Perfeita, que estava, por uma vez, aberta.

Um cliente examinava uma coleção de facas antigas para cortar papel, daquelas que uma pessoa imagina estarem espetadas nas costas de uma vítima nos antigos mistérios de homicídio.

Nile olhou para cima e ergueu-me a sobrancelha escura.

– Esta caixa é para a Edie, vou deixar-ta na sala das traseiras – disse eu apressadamente e, depois de o fazer, saí, porque não queria armar-lhe a venda... e isto não era suposto ser um trocadilho, embora o tenha repetido à Edie quando lhe liguei mais tarde a dizer que o Nile a visitaria em breve.

– Muito engraçada. Estou curiosa para conhecer o teu amigo – acrescentou com uma estranha ênfase antes de desligar para lidar com uma crise hoteleira que decorria no fundo.

Amigo? Era isso que Nile era? Eu já não sabia.

* * *

Pensei que Nile pudesse vir cá a casa mais tarde, mas não veio – e sei que se deitou cedo, como disse que faria, porque tinha os cortinados da minha sala de estar abertos enquanto trabalhava como costume e vi as luzes dele apagarem-se.

* * *

Apesar de ter trabalhado até tarde, já estava a pé e a trabalhar cedo na manhã seguinte – e mesmo a tempo de ver Nile fechar a porta da Pequena e Perfeita e dirigir-se para o seu carro, embora ele não tenha olhado para cima.

Uma vez que não levava nada, assumi que já tinha carregado a sua bagagem e esperei que se tivesse lembrado da caixa para a Edie.

Também não fazia ideia quando ele regressaria, mas eu já tinha o suficiente para me manter ocupada. Dispunha agora de uma semana e meia para acabar o novo livro, pelo que este era o Esforço Final. Depois, assim que o acabasse, seria a correria louca para concluir os preparativos finais a tempo da grande inauguração do The Fat Rascal.

Não tinha a certeza se Jack percebera que escrever também era trabalho e não algo que eu fazia por lazer, preferencialmente sem interrupções. Ainda assim, ele não veio aqui muitas vezes, aparecendo apenas entre trabalhos para outros clientes para tratar de todas as coisas pequenas, como colocar o varão dos cortinados da janela em arco do café e instalar prateleiras deslizantes e

basculantes no interior dos armários da cozinha de maneira a ter melhor acesso ao seu conteúdo. Havia mil e um pequenos retoques como este e já lhe tinha dado uma lista bastante abrangente, à qual continuei a acrescentar coisas em que ia pensando.

E continuei a fazer somas e a ver as despesas consumirem as reservas do dinheiro do seguro, perguntando-me se duraria até abrirmos.

Marquei uma reunião com o contabilista de Nile, que, embora me tenha afastado da escrita durante um par de horas, foi útil. Estava desempregada desde a morte de Dan e os ganhos da escrita não haviam atingido o rendimento que obrigasse a pagamento de IRS, mas agora tinha de abrir atividade como trabalhadora independente. O contabilista ajudar-me-ia ainda com a papelada do pessoal e com a questão dos pagamentos, pelo que tornaria a minha vida mais fácil.

* * *

Já tinha registado o salão de chá e sabia agora que as instalações seriam inspecionadas num dia qualquer dentro de três semanas!

Não considerando um ligeiro pânico ao receber a notificação no correio, o resto do dia foi tranquilo – sem Jack, sem interrupções, a não ser aceitar uma encomenda especial para Nile. Era pequena e provavelmente perfeita. Perguntei-me quando chegaria ele e, nessa noite, senti falta que me afastasse do meu livro para ir ao *pub*. Contudo, tive uma longa e agradável conversa telefónica com Lola.

Ela e as miúdas estavam agora instaladas no anexo, a aproveitar luxuriosamente o espaço.

– É espetacular! – suspirou ela. – Já coloquei a minha mobília e as minhas coisas e está tudo muito bonito. E tem uma cozinha comprida, e a nossa própria sala de estar, também, para que a mãe e o pai possam ter a sua casa de volta.

– Acho que eles devem adorar ter-te a ti e às miúdas aí, não vão pensar nada disso – assegurei.

– Eu sei, mas tenho a certeza de que gostarão de um pouco de paz de vez em quando, e podem fechar as portas de cima e de baixo.

– Aposto que as miúdas se divertem imenso no minifúndio, tal como nós nos divertíamos. Sempre adorei dar de comer às galinhas e às cabras e ajudar a regar as ervas na grande estufa do teu pai.

– Sim, as gémeas parecem muito interessadas nos animais, mas a Rosie gosta mais de fazer jardinagem com o meu pai. Como está o encantador Nile? – perguntou ela.

– Não posso imaginar o que te tenha dito para pensares que é encantador, mas está fora, numa viagem à Escócia, apesar de mal ter notado a sua ausência – menti – por estar a trabalhar tão arduamente no meu livro.

– Pois, sim – disse ela, sem acreditar.

É o problema dos melhores amigos: conseguem ler todas as entrelinhas, até as invisíveis.

* * *

Na quarta-feira de manhã, fiz três tipos de bolos de fruta, com o objetivo de pesquisar qual seria mais adequado para o salão de chá, e deixei-os a arrefecer numa prateleira.

Jack, apareceu com a intenção de arranjar a parte de baixo da porta das traseiras, que tendia a prender sempre que o tempo estava húmido, e comentou que o cheiro estava a dar com ele em doido, por isso disse-lhe que se servisse do bolo Dundee, com topo de cobertura de açúcar. Eu

tinha planos para os outros dois.

À hora de almoço, quando Jack e metade do bolo tinham desaparecido e a porta já não prendia, fiz um intervalo da escrita e conduzi através da charneca para cumprir a promessa que fizera a George Godet.

O bolo que lhe destinara era o que eu fazia de estilo tradicional, recheado de fruta, nozes e cerejas. Colocara-o num recipiente de plástico, o que calhara bem porque não estava ninguém em casa – nem mesmo os cães, embora na verdade isso fosse um alívio. Deixei-o onde ele me dissera: dentro de uma vasilha de leite que estava num nicho da parede. Meti uma nota por baixo da porta para o caso de ele não procurar regularmente por bolos ocasionais.

No caminho de regresso, parei na Quinta Oldstone por breves instantes, mas também não estava ninguém em casa. Conseguia ver uma luz acesa nos escritórios da Pondlife e ouvir os batiques ritmados do barro na oficina de Sheila, mas não quis perturbar ninguém e deixei simplesmente o último bolo de fruta na cozinha com uma nota a convidar a família toda a ir ver o salão de chá quase terminado na manhã de sábado.

Sim, eu sou a fada dos bolos da Charneca Blackdog.

* * *

A ausência de Bel em casa foi explicada quando ela telefonou mais tarde – a perguntar primeiro se me podia incomodar – pois tinha ido falar novamente com Thom Carey.

– A Geeta gostou tanto do suporte para bolos da mãe que pensei em oferecer-lhe um também – explicou, um pouco insegura.

– Qualquer pretexto para ver o Thom novamente serve? – trocei.

– Não! – protestou, a fraquejar e a ficar cor-de-rosa. – Quer dizer, é simpático... mas o meu divórcio ainda mal terminou e não estou realmente à procura de alguém novo: uma vez magoada, duas vezes precavida.

– Eu sinto o mesmo. Parece que tenho um dom para escolher homens que não se querem comprometer e não quero mesmo passar por tudo outra vez.

– Eu sei que o histórico do Nile não é ótimo – começou ela.

– Quem falou do Nile? – reclamei, indignada.

– Deixa-te de coisas, tu não me consegues enganar. A maneira como vocês olham um para o outro é o elefante na sala sobre o qual nós não falamos. Ele gosta realmente de ti, Alice. Desta vez, poderia ser diferente.

– Ou poderia ser ainda pior. E, de qualquer forma, tenho a certeza de que estás enganada e de que ele não está seriamente interessado em mim.

– A minha mãe diz que o passado dele o tornou receoso de ser magoado e que o teu fez com que seja difícil para ti confiares noutro homem, por isso estão ambos a refrear-se, a pensar que o outro não se quer comprometer.

– Bom, é uma teoria, mas não é a correta – retorqui e ela riu-se e disse que eu era incorrigível.

* * *

– O teu jovem ficou comigo a noite passada e é um rapazola formoso – comentou Edie ao telefone de forma aprovadora, parecendo assumir o mesmo equívoco que Sheila e Bel. – Não me lembro de

ter visto outro mais bonito.

– Ele não é o meu jovem! Na verdade, nem é assim tão jovem, porque é uns anos mais velho que eu. E a beleza está nos olhos de quem vê – acrescentei, empertigada.

– Ele está na idade de acabar com a vadiagem e assentar, e falou de ti carinhosamente, por isso, não desdenhes se queres comprar, Alice – aconselhou-me.

– Não estou a desdenhar nada! – protestei. – Nunca assentou com nenhuma rapariga por muito tempo, portanto, não vai interromper o hábito de toda uma vida por mim, pois não? É como um colibri a voar de flor em flor.

Ela riu-se e afirmou que uma das flores tinha de ser mais doce do que todas as outras, e depois desligou.

* * *

Acordei de um sonho estranho às primeiras horas da manhã, a pensar que ouvira o rugido inconfundível de um trator. Depois lembrei-me de que estava a viver no centro de uma aldeia, pelo que era altamente improvável que tivesse sido real e adormeci novamente.

No entanto, Jack encontrou uma caixa de ovos no degrau mais tarde – grandes e obviamente muito variados, com pedaços de palha e estrume agarrados.

Uma mensagem obscura tinha sido escrita a lápis na caixa: «Obrigado pela sua simpática lembrança», dizia. Se tivesse de adivinhar diria que era de George, mas ele não poderia ter vindo de trator de tão longe, através da charneca, só para os entregar, pois não?

Fiz uma omeleta grande e fofinha para o almoço deliciosa. Teria convidado Nile, se tivesse tido algum sinal dele...

* * *

Na sexta-feira de manhã, embora estivesse vagamente consciente de que Jack voltara outra vez para furar qualquer coisa, não desci por estar imersa no livro e a encaminhar-me para o final do primeiro esboço.

Mas, quando finalmente abri a porta do apartamento, havia uma daquelas caixas de cartão aos quadrados cheia de *Edinburgh rocks* encostada a ela. O viajante obviamente regressara.

Conseguia ouvir Tilda a falar com Jack e encontrei-os na cozinha a beber chá e a comer biscoitos enquanto admiravam o dispositivo elétrico para matar moscas na parede, que ele acabara de fixar.

– Isto dá cabo de qualquer mosquito que passe pela rede – disse Tilda, aprovando.

– Ótimo – respondi. – A propósito, Jack, se chegar uma encomenda de talheres e panelas enquanto aqui estiver, diga-lhes para a porem no quarto das traseiras.

– Sim, senhora – respondeu –, mas vou-me embora para outro trabalho daqui a pouco. – Depois levantou-se e foi prender o agora brilhante e alegre sino antigo no cordão da porta, que soava mais alto do que nunca quando esta se abria.

Sentira falta dele de uma maneira estranha.

Tilda ofereceu-me a última chávena de melaço e a caixa que continha uma base prateada do bolo Dundee e uma coleção de migalhas, mas declinei as duas.

– Bom, de volta ao trabalho – disse ela. – Faço uma limpeza rápida ao apartamento? Não quis incomodá-la porque o Jack disse que estava outra vez a escrever.

A forma de como ela o referiu pareceu querer dizer que se tratava de um péssimo hábito, como comer ópio.

– Isso seria fantástico: vou só fazer um intervalo e depois continuo à tarde. O livro precisa de ser terminado até ao final da semana que vem. O que é ótimo, pois preciso de me concentrar no salão de chá depois disso, se quiser abrir no dia quatro de novembro.

– Não vejo problema nenhum. Está quase acabado, não está? Se bem que, quando pus o último conjunto de loiça de padrão de salgueiros que o Nile arranjou na máquina de lavar, ela começou a fazer uns barulhos esquisitos.

– É muito antiga e desconfio que esteja a dar as últimas – concordei. – Só espero que dure até termos o salão de chá a funcionar, depois tenho de fazer o esforço e comprar uma grande máquina industrial assim que tiver dinheiro.

– Haverá muita coisa para lavar à mão que não precisa de ir à máquina – referiu ela.

– Sim, principalmente utensílios de cozinha, embora eu os costume ir lavando assim que ficam sujos.

– A nossa Daisy ficaria contente se tivesse um emprego à noite, depois da faculdade, a lavar, a encher e a esvaziar a máquina e a ajudar-me nas limpezas – sugeriu ela. – A Nell ficará pronta para ir para casa e fazer o chá depois de terminarmos o serviço da tarde, mas eu e a Daisy podemos preparar o espaço para o dia seguinte em três tempos. É claro que eu viria uma vez por semana, num dia em que encerramos, para deixar este sítio num brinco.

– Isso seria perfeito, mas só se quiser fazer o trabalho extra... Posso arranjar empregadas de limpeza...

– Não é preciso pagar a outras pessoas quando eu posso fazer tudo melhor e ficar contente com o dinheiro extra – disse Tilda, firme. – Pergunto à nossa Daisy?

– Ótima ideia, se acha que ela gostará do trabalho.

– Todos querem um pouco de dinheiro, não é? E ela acaba suficientemente rápido para ainda poder ir vadiar. Eu mando-a vir aqui falar consigo. Lembre-se de que ela não é muito conversadora, veste muito preto e diz que é uma emu.

– Emo? – perguntei eu passado um minuto. – Como uma gótica, mas mais obscura?

– Acho que é isso – concordou ela.

* * *

Fui agradecer a Nile os *Edinburgh rocks*, mas ele saíra de novo, pelo que, em vez disso, mandei-lhe uma mensagem e ele telefonou-me do seu telemóvel a perguntar se queria ir ao *pub* mais tarde.

– É sexta-feira – referi.

– Não faz mal, eles abrem à sexta-feira.

– Pensei que fosses uma criatura de hábitos e que, por isso, só íamos às terças.

– Sou infinitamente adaptável, posso aprender novos hábitos. Então?

– Não posso mesmo – respondi, dividida entre o querer ir e a compulsão de continuar a trabalhar. – Só tenho mais um último capítulo do primeiro esboço para escrever, apesar de achar que dará para tarde. – E, ainda assim, sofreria um bloqueio, como acontecia sempre com os últimos capítulos, pois as palavras nunca pareciam ganhar asas no fim até eu reescrever o romance toda outra vez.

– Mas tens sempre de comer.

– Vou fazer um prato de sandes para ir comendo. Poderá ser uma sessão de maratona.

– Eu ia mostrar-te a minha bolsa de couro escocesa – retorquiu, tentador.

– Qual bolsa de couro escocesa? – perguntei.

– Uma linda e antiga que estava no fundo de uma caixa de tralha que ganhei num leilão. Conheço alguém que a compraria num abrir e fechar de olhos, mas dá imenso jeito para pôr os trocos.

– Espero que estejas a brincar – afirmei, severamente. – E agora, apesar de me sentir terrivelmente tentada pela ideia de escapar por um momento, o meu Medo da Agente diz que devo resistir.

– *Okay*, vemo-nos amanhã de manhã, então, com o resto do clã – disse ele.

– Vais lá de manhã?

– Claro! A Sheila disse-me que convidaste a família toda para ver o salão de chá acabado e estou ansioso por isso.

– Mas sabes que não está totalmente acabado. Trata-se apenas de uma espécie de ensaio, e depois tenho pouco mais de duas semanas para resolver questões pendentes antes de abrirmos no dia quatro de novembro. E, de qualquer forma, tu estás sempre a vê-lo!

– Então volto a vê-lo com novos olhos, e talvez devesse abrir na Bonfire Night¹⁹ para ser um estrondo?

– Ah, ah – disse eu. – Não quero que haja fogo de artifício nenhum, só uma inauguração calma e civilizada para depois servirmos os chás.

– Parece um tumulto de gentileza – disse ele, secamente, depois, acrescentou: – Gosto da tua amiga Edie, ela deu-me muitos conselhos bons.

– Sobre quê? – perguntei, desconfiada.

– Oh, sobre tudo – respondeu, vago, depois desligou.

O retângulo amigável e brilhante da janela de Nile brilhou calorosamente nessa noite enquanto trabalhei, dando as últimas para o derradeiro capítulo e, quando finalmente acabei e reparei na caixa vazia de *Edinburgh rocks* junto ao meu cotovelo, senti-me bastante enjoada, mas de uma boa maneira.

¹⁹ Comemoração da noite de Guy Fawkes, no dia 5 de novembro, em que se lançam muitos fogos de artifício. (*N. da T.*)

Os derradeiros poderes do advogado foram assinados mesmo a tempo, pois as capacidades mentais do meu pai também começaram definitivamente a falhar. A sua memória em particular já não é o que era, repete constantemente a informação que já me deu – uma característica que nas outras pessoas costumava irritá-lo.

Ontem, apanhei-o absorto numa conversa sem resposta com Hugo. Na minha opinião, esta não é uma ação de uma mente racional.

É triste ver o declínio de um intelecto tão brilhante.

Traços Ancestrais

Apesar da minha última noite, às primeiras horas da manhã seguinte já estava de pé a cozinhar tartes de queijo e tomate, mini *fat rascals* e queques com cobertura de açúcar.

Depois, pus a grande mesa redonda na janela em arco com uma toalha e guardanapos limpos e brancos, pratos, copos e talheres – uma espécie de ensaio. Também desdobrei uma das cadeiras altas recomendadas por Geeta, pronta para Casper.

Estava tudo muito bonito, se é que poderia dizê-lo, e quando a família chegou, seguida de perto por Nile (sem usar, como fiquei contente por reparar, a antiga bolsa de couro escocesa), tudo estava pronto à exceção da disposição dos suportes, do chá e do café.

O vidro turquesa suave e rosa pálido do candeeiro *art deco* e as luzes de parede ficaram refletidas no vidro atrás do balcão, pelo que o que poderia ter parecido uma gruta comprida e estreita pareceu algo infinito.

Bel e Nile, claro, tinham observado a evolução tanto do apartamento como do café, mas subiram as escadas com todos os outros – pensei que pudéssemos começar no topo e seguir para baixo – e pelo menos Sheila admirou a minha coroa de flores secas na porta e parou num silêncio profundo e de admiração diante do retrato que o meu pai me fizera, durante uns bons dez minutos.

– Maravilhoso! – exclamou, finalmente. Depois espreitou pela janela da frente e comentou: – Quando está aqui sentada à secretária deve conseguir falar com o Nile, para o apartamento dele!

– Bom, nem por isso, não é assim tão perto – disse apressadamente.

– Vejo muitas vezes a Alice a trabalhar quando baixo o estore – comentou Nile. – Mas ela normalmente está tão perdida no que está a escrever que não repara.

– Talvez devesse pôr uma corda e uma roldana no espaço vazio para mandar cestos para trás e para a frente – sugeriu Sheila. – Os ganchos na parede lá de fora serviam provavelmente para estender a roupa dessa maneira.

– Sabe, ainda não tinha reparado neles – retorqui, surpreendida, e depois fomos todos lá para baixo ver as cozinhas imaculadamente limpas.

Não havia sítio para um germe se esconder e todos os horários da limpeza, diária e semanal, já estavam afixados na parede, tal como as tabelas junto aos frigoríficos e ao congelador para marcar quando e de onde tinham vindo os diversos produtos.

– Felizmente, a Tilda geriu o Branwell Café e manteve-se atualizada em relação às normas, aos regulamentos e à papelada, pois não acho que Mistress Muswell devesse estar muito interessada – referi. – A Tilda comandava um navio com pouca margem de manobra e continuará a fazer a gestão do dia a dia assim que nos estabelecermos e estivermos a funcionar, por isso posso relaxar um pouco e concentrar-me nos bolos.

– Parece-me tudo perfeito, principalmente agora que compreendo mais o que está em jogo – afirmou Sheila e os outros concordaram.

– Acho que também está tudo certo com os nossos planos para o café, graças aos teus conselhos – disse Teddy. O Casper adormecera de súbito contra o ombro dele e tinha um ar angelical, apesar de ter dado o seu melhor para apanhar a coroa de flores secas da porta plana quando descemos.

Demos uma volta final pela sala da caldeira, atravessámos a porta corta-fogo e entrámos nas casas de banho, agora com um aspeto palaciano.

– Estou a tirar notas para as instalações dos clientes da Quinta Oldstone – disse Teddy. – As loiças da casa de banho, quero dizer... Não percebo nada de decoração de interiores...

– Tu não gostas nada de decoração de interiores – retorquiu-lhe Geeta. – Se dependesse de ti, o apartamento teria sido decorado em tons de couro triste e com sinais de antigas estações de caminhos de ferro.

– Havemos de fazer uma decoração bonita – assegurou-lhe Bel. – É a parte divertida, não é, Alice?

– Provavelmente é a única parte divertida – concordei.

Emergindo nas escadas curtas em direção ao salão de chá, deixei-os à vontade na mesa da janela em arco enquanto aquecia os *fat rascals* e enchia os suportes para bolos. Bel ajudou a transportar tudo, enquanto Nile fazia o chá e o café atrás do balcão, como se fosse um empregado do Fat Rascal há anos.

Casper, seguro numa das novas cadeiras altas, bebia uma chávena de sumo que Geeta lhe trouxera, porém, ocorreu-me que devia comprar uma daquelas máquinas que aquecem os biberões dos bebés, apesar de achar que não receberia muitas crianças pequenas.

Tudo passou no teste da prova com nota máxima, principalmente os *fat rascals*, quentes, partidos ao meio e barrados com manteiga.

– A tua viagem à Escócia correu bem? – perguntou Teddy ao irmão, ganhando-lhe o último bolinho.

– Oh, sim, acho que posso dizer que sim – respondeu Nile.

– Ele comprou uma bolsa de couro escocesa – revelei.

– Pensei que desse jeito para ter os trocos – respondeu com uma cara séria. – Mas depois mencionei-a num *e-mail* a um cliente americano, que adora tudo o que é escocês, e comprou-ma.

– Comi todos os *Edinburgh rocks* que me trouxeste – disse, arrependida –, mas motivaram-me enquanto escrevia o último capítulo.

– O açúcar provoca-te lombrigas – lembrou-me ele.

– Não sejas desmancha-prazeres, Nile! – censurou Geeta.

– Na verdade, acho que isso é um antigo mito – afirmou Bel para o irmão.

– Foi um ótimo lanche, querida – elogiou Sheila, pousando o guardanapo num prato vazio. – Parece maravilhosamente decadente beber um chá tão luxuoso, pelo que creio que o seu salão de chá será muito bem-sucedido!

– Sim, pode não ser a ideia maluca que achei – admitiu Nile.

– Já não deve haver muita coisa para organizar, pois não? – perguntou Sheila. – Já está tudo acabado?

– Há umas coisas de última hora que ainda têm de ser feitas, mas, não, está quase tudo pronto. Tenho uma lista com os fornecedores que escolhi e, quando reescrever o meu romance e o enviar na sexta-feira, faço as primeiras encomendas e vou ao supermercado comprar os ingredientes básicos.

– E sei que vais mandar imprimir as ementas, os panfletos e os cartões de negócios, não é? –

disse Bel.

– Anúncios de jornal? – questionou Geeta.

– Rascunhei um porque vou contactar o jornal local na segunda-feira para ver se querem escrever um artigo sobre como fui abandonada na charneca e a minha busca pela minha mãe. Se o anúncio for publicado no mesmo número, mesmo que ela não apareça, terei sempre uma boa publicidade.

– Acho que isso é muito sensato – concordou Sheila. – Sugira que façam a entrevista na Quinta Oldstone, se quiser, para ter alguém consigo.

– Obrigada, essa é uma grande ideia, pois sinto-me realmente nervosa com isto – respondi agradecida.

– E uma vez que acabou ontem à noite o primeiro rascunho do seu romance, pode voltar connosco para casa e descansar um pouco durante o fim de semana, não pode? – sugeriu ela. – Vamos fazer um jantar comemorativo em família esta noite, também!

– Tudo menos cabeça da ovelha – pediu Teddy, o que parecia ser uma piada de família recorrente.

* * *

Não foi cabeça de ovelha, mas sim um prato delicioso de massa cremosa, precedido por paté *mackerel* com tostinhas finas e seguido por uma *trifle* de cereja e natas espessas. Conseguia sentir a cintura das minhas calças de ganga a ficar apertada a cada dentada... Ou talvez fossem os *Edinburgh rocks* ainda a expandirem.

– Como está a Zelda? – perguntou Sheila, raspando o resto da *trifle* para a tigela de Teddy, que ele empunhava em silêncio para ser servido pela segunda vez, como uma versão bem alimentada de Oliver Twist.

– Sim, ela já se decidiu se te vai comprar o negócio das antiguidades? – perguntou Bel. – Não contaste.

– Não sei. Parece que neste momento ela não me fala – disse ele de maneira assertiva.

– Discutiram outra vez? – perguntou Sheila. – Pareceste contrariado quando ela te ligou na semana passada e pensei que era muito estranho, pois nunca discordaram nos anos todos em que se conhecem e agora, de repente, estão sempre às turras.

– Ela nunca me tinha proposto ideias tão malucas, umas atrás das outras – referiu Nile. – É por isso.

– Mas não disseste que aquilo do casamento era uma piada? – perguntou Teddy.

– Para mim era até ela pensar de repente que devíamos tentar. E, quando recusei, veio com uma outra ideia brilhante...

– Bom, vais contar-nos ou tentamos adivinhar? – perguntou Bel alegremente.

– Não sei se vocês têm alguma coisa a ver com isso – declarou Geeta.

– Bom, foi ela que anunciou que eles iam casar quando não iam – fez notar Bel. – Mais vale ele contar-nos antes que a nossa imaginação ganhe asas.

Eu acho que a minha já tinha ganho...

– Queria que eu fosse o seu dador de esperma e que desempenhasse um papel na vida do bebé – referiu. – Quer dizer, se houvesse um.

Olhei para ele: não admirava que andasse tão distraído ultimamente!

– Acho que isso talvez seja levar a amizade um pouco longe de mais – comentou Geeta.

– Mas é fácil perceber porque preferiria ela ter alguém que conhece muito bem, como o Nile, do que um dador anónimo – disse Bel. – Mas é um grande compromisso, porque o Nile não é o tipo de homem que se afaste e não se envolva.

– Não, e sinto que ela está a colocar-me numa posição difícil ao pedir-me isto – retorquiu, olhando diretamente para mim, embora eu não soubesse porquê.

Sheila franziu o sobrolho.

– Creio que não é de todo uma boa ideia, querido. As pessoas pedem normalmente aos amigos para serem os seus dadores de esperma, ou até dadores de óvulos, mas, se pensares bem, pode haver todo o tipo de inconvenientes.

– Pois pode e, apesar de parecer cruel dizer que não, não o poderia ter feito de modo nenhum.

– Tenho a certeza de que estás certo – afirmou Bel. – Imagina o que aconteceria se a Zelda se metesse noutra relação com um daqueles homens medonhos de que ela gosta e ele fosse viver com ela. Poderia ficar tudo um bocado confuso.

– Ou se tu encontrasses alguém com quem quisesses assentar – lembrou Sheila brilhantemente.

– Percebo de onde veio a ideia dela, uma vez que vocês já são amigos e parceiros de negócio, tu estás sempre a ir e vir a Londres – disse Teddy.

– Mas espero que ela me compre o negócio para não ter de estar sempre a ir e a vir!

– Nesse caso, poderias fazê-lo, mas deixa claro que ela tem de seguir sozinha – sugeriu Teddy. – Parece mesmo cruel não a ajudar quando vocês são amigos há tanto tempo.

– Nesse caso, fá-lo tu! – irritou-se Nile.

– Nem pensar! – exclamou Geeta.

– Eu faço bebés muito simpáticos – disse Teddy de maneira bastante presunçosa em relação ao seu rebento, que fazia uma sujeira ao comer um pedaço de banana.

– Nós fazemos bebés simpáticos – corrigiu Geeta de maneira enfática.

– Eu acho que o Nile faz bem em recusar, não acha Alice? – perguntou Sheila.

– Eu? – perguntei, ficando levemente rosada. – Isto não tem nada a ver comigo... Mas se ela avançar com a inseminação artificial de uma maneira ou de outra, um dia a criança vai querer saber quem é o pai, não vai?

Nile olhou-me com um dos seus olhares impenetráveis.

– Eu acho que agora os filhos dos dadores de esperma registados podem saber quem é o pai quando fazem dezoito anos.

– Sim, tenho a certeza de que já li isso algures – concordou Teddy.

– Seria maravilhoso encontrar qualquer um dos meus – disse eu pesarosamente e o Teddy, que adora a história familiar, contou-me acerca do *site* sobre genealogia que usou e que é possível fazer um teste de ADN através dele.

– Oh, sim, o Nile mencionou-mo uma vez, mas não estou certa do que apareceria se o fizesse.

– Se alguém que seja teu parente tiver feito um e se tenha registado na base de dados, nesse caso talvez possas encontrar alguns familiares – sugeriu ele. – Mas, no mínimo, saberias todo o tipo de informações interessantes sobre de onde são os teus ancestrais, pelo que vale a pena a despesa.

– Como fazem eles? – perguntei.

– Oh, é um simples exame de saliva. Enviam-te um *kit* por correio e tu completa-lo e envia-lo de volta.

– O Paul fez o teste assim que eles começaram a oferecê-lo, há uns anos atrás – revelou Sheila. –

E encontrou um outro ramo da família.

– É bastante caro e acho que as possibilidades de ajudar a Alice são escassas – comentou Nile, depois houve um daqueles longos debates familiares que parecia que ia durar o resto da noite.

A meio do debate chamei a atenção de Teddy e disse:

– Vamos fazê-lo! – E fomos para a biblioteca, onde ele me inscreveu ali mesmo para um teste de ADN, usando a sua conta.

– Vem tudo para cá, mas eu digo-te quando chegar – disse ele.

Eu tinha uma vaga ideia sobre ter de esfregar o interior da boca com um cotonete e enviá-lo num tubo de ensaio, ou algo do género. Tinha de ser fácil para a pessoa o fazer sozinha.

– És um querido – disse agradecida e, em seguida, os outros vieram e Teddy foi buscar a árvore genealógica dos Giddings para ma mostrar. Paul começara-a e agora Teddy estava a completá-la cada vez mais.

* * *

Mais tarde, quando estava na cama quase a adormecer, pensei que o teste de ADN seria provavelmente atirar dinheiro para a rua, mas, por outro lado, mesmo a menor das informações sobre a minha composição genética seria mais do que eu sabia agora!

Hoje, quando regressei da cirurgia e fui visitar o meu pai, encontrei-o a olhar perdidamente para o ecrã do seu computador, sem se conseguir lembrar da jogada seguinte num jogo de xadrez.

– A tua memória tem-se deteriorado nos últimos tempos – disse eu. – Não seria mal pensado seres visto pelo teu próprio médico, pois há avanços bastante interessantes nos estados iniciais de Alzheimer e demência.

– Não sejas tonta, como se eu não soubesse se tivesse alguma dessas coisas! – irritou-se. – Não, eu tive simplesmente um pequeno lapso de memória, o que é bastante comum na minha idade.

Ele tinha-se esquecido evidentemente de todos os outros lapsos, dava para perceber que daqui para a frente cada lapso seria, para ele, o primeiro e eu disse da maneira mais cuidadosa que sabia:

– Claro, mas não faria mal fazer um check-up, pois não?

– Não há motivo, não há nada de errado comigo – declarou, inflexível e não havia volta a dar.

Ele deve aperceber-se do declínio das suas faculdades, e teme que os seus receios se confirmem, o que é completamente ilógico quando pode haver medicação para retardar o avanço dos sintomas.

Os Pássaros e As Abelhas

Na manhã seguinte, Sheila convenceu-me a descansar e a apanhar ar fresco e, de certa forma, dei comigo a caminhar pela colina em direção a Oldstone, de mão dada com um Nile ainda rabugento, e com *Honey* a vaguear alegremente atrás de nós.

O tempo mudara rapidamente, o sol estava brilhante e havia apenas uma brisa. Grandes nuvens pairavam lentamente através do céu azul-claro, imponentes como galeões.

Não se via mais ninguém e ficámos com potenciais hemorróidas ao sentarmo-nos num dos monólitos caídos para admirar a vista.

– Fui criado no Yorkshire, mas esta zona sempre me fez sentir em casa – disse Nile.

– A mim também, logo quando cheguei – concordei. – Sinto que tenho raízes aqui, apesar de não conhecer o meu passado, e certamente nunca mais me quero ir embora.

Ele virou a cabeça e olhou-me.

– A Edie contou-me que te afastaste da tua mãe adotiva depois de o teu pai morrer, mas que nunca assentaste em lado nenhum.

– Quase o fiz uma vez – disse eu secamente. – Pensei que ia casar com Dan, mas acho que não teria dado bom resultado, mesmo que ele não tivesse morrido naquele acidente.

– Sim, a Edie contou-me que ele nunca se chegou a divorciar da mulher. E sei que tiveste um colapso nervoso... – Ele olhou para mim com os olhos cinzentos sérios. – Ela afirmou que precisaste de tempo para ultrapassá-lo e aprender a confiar noutro homem, mas que tens um coração muito carinhoso.

– Ela lê muitos romances – comentei, desviando o olhar. – E já ultrapassei o Dan, não o esquecerei, mas já atirei a dor para trás das costas.

– É muito astuta, e também me disse algumas verdades!

– Como o quê? – perguntei, curiosa.

– Não vou dizer, apesar de ela me ter dito que eu estava a ficar demasiado velho para andar a vadiar, e de referir algo relacionado com beija-flores e flores que eu nunca percebi muito bem. Talvez me pudesses iluminar?

– Não faço ideia – retorqui, inocente, e ele olhou-me, levantou-se e ofereceu-me a sua mão. – Então vamos para o carro, flor – disse num sotaque local razoável, chamando *Honey* e afastando-o de uma escavação interessante.

A caminho do carro, disse abruptamente:

– Não precisas de te preocupar com a Zelda. Espero que seremos sempre amigos, mas não posso fazer o que ela me pede. E está a agir de forma tão estranha ultimamente que começo a pensar que realmente nunca a conheci!

– Porque me haveria de preocupar com Zelda? Nem nunca sequer a conheci! – exclamei, amarga, mas ele continuou como se eu não tivesse falado.

– Podes nunca chegar a conhecê-la, pois agora quero definitivamente sair do negócio das antiguidades. Vou dizer-lhe que ou o vendemos ou ela compra a minha parte, o que ela quiser.

Pareceu muito determinado e ainda conservava a minha mão num aperto mais apertado.

– De agora em diante, quero passar todo o tempo possível em casa.

– Isso é uma grande mudança.

– Não gostarias de me ver mais vezes? – Uma sobranceira escura ergueu-se, inquisidora.

Não havia realmente uma resposta para aquilo: eu queria vê-lo sempre... Fiquei cheia de calor só de pensar naquilo.

– Mas terás sempre de fazer algumas viagens de negócio, não é? – questionei.

– Bom, tu também desapareces muitas vezes, quando escreves – notou ele. – Desconfio que sempre o farás.

– Sim, aliás, vou desaparecer assim que chegar ao apartamento esta tarde e durante algum tempo...

* * *

Embora tivesse ficado tão cheia com o almoço de domingo que não sabia se queria voltar a comer novamente, Sheila enviou-nos de regresso a Haworth com tanta sopa e sandes que daria para alimentar um pequeno exército e Nile insistiu que passasse pelo seu apartamento mais tarde, para que pudéssemos cear juntos e ele certificar-se de que eu comia alguma coisa nessa noite.

Só que com os cozinhados de Sheila e todos aqueles *Edinburgh rocks*, eu não definharia, porém, foi muito agradável ter alguém que se preocupasse comigo.

* * *

Na manhã seguinte, a primeira coisa que fiz foi enviar um *e-mail* para o jornal local antes de me acobardar com a ideia, depois, nos dias seguintes, resvalei para o Era-Uma-Vez, apesar de, claro, ter sofrido várias interrupções.

Na terça-feira, Daisy, a sobrinha de Tilda, telefonou-me para marcar um encontro comigo e ela era exatamente como Tilda descrevera: vestida de preto dos pés à cabeça e muito sombria, com olhos azuis aborrecidos delineados com um risco preto esbatido e uma boca inflexivelmente reta, realçada por um profundo batom vermelho-escuro. Na verdade, parecia saída de um filme da *Família Addams*.

Era evidentemente farinha do mesmo saco de Tilda e Nell e desconfiei que teria as mesmas ideias sobre o serviço ao cliente. Perguntei-lhe sobre o seu curso na faculdade e as suas ambições e acabei por ficar a saber que queria trabalhar em hotelaria...

Mas, enfim, ofereci-lhe o trabalho em *part-time* a ajudar Tilda a limpar e a arrumar, e ela aceitou-o e foi mais um assunto resolvido.

Quando ela se foi embora, encontrei um pequeno pacote no correio: trazia uma nota de Geeta a dizer que Teddy lhe pedira para o pôr ali quando fosse às compras à cidade, mas que não me quisera incomodar.

Era o teste de ADN que pedíramos e, quando o levei para o apartamento e li as instruções, apercebi-me de que estava completamente enganada em relação ao modo como aquelas coisas eram feitas.

Não era apenas uma questão de simplesmente deslizar um cotonete na boca, mas sim cuspir para dentro de um tubo de teste – sim, a sério.

Bleck.

Estava completamente convencida que desperdiçara o meu dinheiro, mas fi-lo, depois coloquei-o na embalagem fechada pré-paga e saí para o pôr no correio.

Sabemos que estivemos muitas horas a escrever quando o sol fraco de outubro parece insuportavelmente claro e tudo aparenta brilhar.

Mas o arrastar da história afastou-me – e ainda bem, pois quando voltei a ligar o computador tinha uma mensagem de Senga a recordar-me, como se eu precisasse, de que o livro deveria ser-lhe enviado por *e-mail* na sexta-feira.

Antes de eu ter esvoaçado de novo para a Terra das Fadas, ocorreu-me que não tinha notícias de Robbie há séculos. Teria ele encontrado outra namorada na Austrália e mudado de ideias sobre regressar? Ou continuaria a querer voltar mas mudara de ideias em relação a ver-me?

* * *

O *Upvale and District Gazette* ficou muito interessado em entrevistar-me para um artigo e aceitou a minha sugestão de que deveria ser na Quinta Oldstone, no sábado. Nessa altura, eu já teria acabado e enviado o meu livro e estaria de regresso à minha mente normal.

Enviaram um fotógrafo para tirar primeiro fotografias do salão de chá, apesar de, como eu não esperava que me tirasse fotos a mim, provavelmente ter parecido uma sem-abrigo nelas.

Mas, à parte este interlúdio ligeiramente perturbador, na quinta-feira à tarde a minha escrita fluiu, a minha cabeça ficou cheia de fadas malvadas, de princesas difíceis e da alegre euforia de avançar até à meta final.

Bela voltou a beijar Kev e, desta vez, ele correspondeu com tanto entusiasmo que brotaram rebentos nos ramos entrelaçados por cima das suas cabeças, pássaros azuis esvoaçaram através do céu e um unicórnio apareceu e começou a raspar a relva verde-esmeralda...

Estavam demasiado perdidos no momento para reparar no portal que se abria atrás deles, mas o Príncipe S'uperficial reparou.

– Vamos voltar para o meu mundo – disse ele, guiando Shaz em direção ao portal. – O teu lindo cabelo será coroado de ouro e a tua garganta branca envolta em diamantes não menos brilhantes do que os teus olhos.

– O quê? Verdadeiros? – perguntou ela ao atravessarem e desaparecerem no Era-Uma-Vez.

O rato apressou-se a segui-los antes que o portal se fechasse, carregando uma barra de chocolate meio comida, retirada do bolso do casaco de Kev quando ele estava ocupado com outra coisa. Não era o impressionante chocolate Criollo que provara numa anterior viagem, mas era melhor do que nada...

– Alice, tem uma visita – gritou Jack das escadas, atirando-me de súbito para o Aqui-e-Agora, depois, antes que eu pudesse compreender o que ele dizia, ouvi um estrondo de pés pesados e, no segundo seguinte, Robbie entrou na sala.

– Mas que raio...? – comecei, levantando-me, depois fiquei sem fôlego quando fui assolada por

um abraço de urso esmagador.

– Alice, estás mais linda do que nunca! – exclamou ele, depositando-me um beijo nos lábios antes que eu pudesse agir evasivamente. Fui um pouco lenta, pois parte da minha cabeça ainda estava na Terra das Fadas e não me senti remotamente agradada por ter sido arrancada dela.

Afastei-o e repreendi-o um pouco agressivamente e ele pareceu magoado.

– Mas aluguei um carro e vim a conduzir desde Londres só para te ver, e é assim que me recebes! Tornei-me um pouco mais branda; ele parecia tão grande, tão rapazola e tão cabisbaixo!

– É claro que estou contente por te ver, seu tolinho, mas gostava que me tivesses avisado que vinhas, pois nem sequer fazia ideia de que já cá estavas.

– Pensei que te tivesse avisado – respondeu, olhando-me outra vez de forma ternurenta. Não parecia ter mudado muito nos sete e poucos anos desde que o vira, mas eu mudara e, apesar de ainda sentir carinho por ele, também o achei ligeiramente exasperante.

– Bom, não avisaste – afirmei, um pouco áspera – e tenho de acabar o meu novo livro e enviá-lo amanhã por *e-mail* à minha agente, pelo que simplesmente não tenho tempo para visitas agora.

– Oh, mas não é preciso preocupares-te comigo – disse suavemente, recuperando a energia. – Trarei a minha mala para cima e instalar-me-ei sem que notes que estou aqui. Depois, podemos passar o fim de semana juntos, não é?

– Olha, Robbie, não te consigo aturar ou a quem quer que seja até terminar – afirmei sem rodeios.

– Oh, vá lá, Alice – bajulou ele, colocando novamente os braços à minha volta. – Tu sabes que estás realmente contente por me ver, e prometo não te incomodar até amanhã.

Deixara a porta aberta e Bel espreitou nesse momento.

– Alice, estás aí? Não quero interromper, mas...

Depois calou-se, apercebendo-se de que eu estava presa nos braços de um homem estranho, e começou a recuar, desculpando-se.

– Desculpa, não me apercebi...

– Entra, Bel, não estás a interromper nada, ou pelo menos não mais do que o Robbie. Ele chegou agora mesmo, inesperadamente.

– Prazer em conhecer-te. Sou o namorado – cumprimentou ele, prestável.

– O ex-namorado de há muito tempo – corrigi. – Acho que já te falei dele, Bel. Veio da Austrália. Robbie exibia novamente a sua expressão de profundamente magoado.

– Eu vim de tão longe até aqui só para te ver, Alice, mas tu não pareces agradada de todo.

– É apenas uma má altura – expliquei. – É claro que estou contente por te ver, simplesmente poderias ter verificado se esta era uma boa altura, seu grande calhau tonto.

Ele animou-se um pouco.

– Bom, suponho que poderia encontrar um sítio para dormir em Haworth até enviases esse livro importante amanhã – concedeu ele, magnânimo. – É um bocado longe voltar a Wimbledon e regressar novamente.

Bel, ao ter tempo para sumariar a situação e a minha provável expressão longe-de-ser-acolhedora, disse:

– Tive uma ideia, Robbie. A minha mãe recebe hóspedes na nossa casa que fica mesmo ao pé da aldeia, e ela ficaria muito feliz por te receber. E a Alice também vai ficar connosco este fim de semana, precisa de descontraír depois de todo o trabalho, pelo que se encaixaria tudo muito bem, não é?

– Bela ideia – disse eu, grata. – Por favor, leva-o daqui!

– E que tal se me acolherem apenas por uma noite e depois eu regressar para aqui para eu e a Alice passarmos o fim de semana juntos e... pôr a conversa em dia – sugeriu ele, com um olhar preocupantemente entusiasmado.

– Oh, não – retorqui rápida e enfaticamente, sem pensar. Depois tentei suavizar, explicando: – Prometi à Sheila, a mãe de Bel, que jantaria amanhã, e depois irá lá um repórter do jornal local para me entrevistar, sábado de manhã.

– Entrevistar-te? – ecoou ele, parecendo perplexo. – Eu já não sei que raio se está a passar.

– Devias prestar atenção à história – censurei acidamente. – Conte-te acerca dos meus romances e do salão de chá que vou abrir.

– É melhor vires comigo que eu explico-te tudo quando chegarmos à Quinta Oldstone – prometeu-lhe Bel. – Vamos deixar a Alice em paz e amanhã à noite já podes falar com ela.

– Bel, tu és um anjo – disse-lhe.

– Só dei cá um saltinho porque te trouxe o primeiro lote de suportes de bolo do Thom. Por acaso passei lá esta manhã – disse ela um pouco inibida. – Estão lá em baixo na cozinha das traseiras e são exatamente o que querias.

Em seguida, conduziu Robbie dali para fora e ouvi-a perguntar-lhe nas escadas se tinha levado o carro até lá e, se sim, onde estacionara.

* * *

Sem surpresa, demorei um pouco a regressar novamente ao romance, mas assim que entrei, voei noite dentro, mal dando conta de que a luz do outro lado da rua se apagara...

Dei uma guinada para baixo e aterrei na última frase às primeiras horas da manhã, ficando ali sentada e regressando lentamente ao Aqui-e-Agora.

Onde foram os outros dois? – perguntou Kev, olhando finalmente para cima e dando conta de que estavam sozinhos... Bom, sem contar com uma estranha vaca com um chifre. Ele nunca estivera no país, mas já tinha visto vacas na televisão e elas não se pareciam nada àquela.

Subitamente, o animal relinchou e depois passou por ele a galope antes de avançar por uma cortina de névoa cintilante.

– O portal vai fechar-se e está a puxar todas as criaturas de Terra das Fadas de volta para o Era-Uma-Vez – disse Bela. – Vês? Ali vão os nossos inimigos – acrescentou, enquanto o grupo depauperado de dríades era sugado através da mancha nebulosa, rosnando e debatendo-se.

– Pronto, já não tem qualquer poder sobre mim – declarou Bela. – Podemos casar e viver felizes para sempre no teu reino.

O homem vestido de azul cambaleou para fora do caramanchão, a segurar na cabeça.

– O que aconteceu? – gemeu ele, olhando em redor, atarantado.

– O senhor caiu e ficou fora de combate, Senhor Guarda. Não se lembra? – questionou Kev. – Eu e a minha noiva estávamos justamente a perguntar-nos se havíamos de chamar uma ambulância ou não, não estávamos, Bela?

O polícia semicerrou os olhos.

– *Bela? Mas tu há anos que namoras com aquela Shaz.*

– *Já não namora – disse-lhe Bela. – Ela tomou demasiado pó de fada e nunca mais regressará.*

– *Ai é assim, não é? – disse ele e de seguida, com a cabeça a latejar, abriu caminho por entre alguns arbustos e deu consigo no meio da propriedade familiar de casas velhas e degradadas.*

Viveriam os dois casais trocados felizes para sempre? Eu não tinha a certeza e pensei que a história ainda tinha pernas para andar. Talvez houvesse espaço para uma sequência... Mas, de momento, estava vazia que nem uma concha gasta pelo mar e os meus ouvidos tinham de exaustão.

Quando abri a janela por um instante, Haworth estava silenciosa e a dormir profundamente sob um céu estrelado.

Atirei-me para a cama e segui-lhe o exemplo.

Acabei por fazer uma marcação para o médico do meu pai vir visitá-lo, pois se ele estiver num estado inicial de Alzheimer, então há novos medicamentos no mercado que devemos experimentar.

Claro que desta vez não consultei o meu pai, pois ele teria vetado qualquer sugestão e insistido que não se passava nada com a menor importância com ele. Contudo, embora ele seja medicamente qualificado, o autodiagnóstico tem os seus limites e, quando falamos do tratamento dos nossos próprios familiares, precisamos de uma segunda opinião.

Esclarecer

Sem surpresas, acordei muito tarde na manhã seguinte e apenas porque o telefone tocou.

Parou de tocar quando o alcancei, mas tocou outra vez de imediato e era Nile, preocupado porque me enviara muitas mensagens naquela manhã e eu não lhe respondera.

– Finalmente acabei o livro mesmo antes das cinco da manhã, e fui para a cama. E agora tu acordaste-me – queixei-me, a bocejar.

– Desculpa, não pensei que tivesses trabalhado até tão tarde! Mas, quando não me respondeste e vi as cortinas ainda fechadas, fiquei preocupado. Se não tivesses atendido desta vez iria aí ver se estavas doente.

– Não te preocupes, até calha bem que me tivesses acordado, pois tenho de enviar o livro à minha agente daqui a pouco e preciso de ter a cabeça fria para o fazer, e sabe Deus o que lhe enviarei em vez disso. Mas assim que o tiver enviado... oh, dia feliz!

– E depois talvez te possas concentrar noutra coisa? – sugeriu.

– Verdade: tenho certamente de acelerar se quero que o salão de chá esteja pronto para o dia da inauguração. As contas começam a dar-me pesadelos.

– Não era bem isso que eu tinha em mente – respondeu, com um riso na voz.

– Para que me querias? – perguntei, começando a acordar um pouco.

– A Bel contou-me que o teu namorado está a dormir em Oldstone – havia uma pergunta na voz dele.

– Esqueci-me completamente dele! – exclamei. – Que horrível da minha parte deixá-los assim com ele, embora tenha sido a Bel a sugeri-lo. E, já agora, o Robbie é um ex-namorado, uma chegada inesperada no departamento da bagagem perdida.

– A Bel disse que ele achou que tu o esperavas.

– O Robbie acha sempre que toda a gente o espera, mesmo quando não lhes diz que vai aparecer. Eu sabia que ele talvez voltasse ao país em breve, vive na Austrália, mas não fazia ideia de quando, nem de que se dirigia para aqui.

– Parece que vais jantar a Oldstone esta noite e que depois ficas para o fim de semana, a não ser que tu e Robbie voltem para o teu apartamento, claro?

– Claro que não – disse eu enfaticamente. Ficar engaiolado aqui comigo poderia dar a ideia errada a Robbie. Ele certamente parecia já estar inclinado para ela. – E lembra-te de que tenho aquela entrevista com o repórter do jornal e a Sheila diz que podemos usar a biblioteca.

– Vai ser praticamente um jantar volante esta noite em Oldstone – comentou ele. – Eu também vou lá estar, tal como a Zelda, porque ela ligou agora à Sheila e perguntou se ela podia ir buscá-la à estação.

O meu coração fez um daqueles batimentos estranhos e deu uma reviravolta.

– Convidaste-a ou é outra ex inesperada no departamento de bagagem?

– Não tive notícias dela desde a nossa última discussão, não sei porque está a aparecer desta maneira. A não ser – acrescentou ele, sombriamente – que esteja a tentar mudar a minha opinião... Ou até talvez a tentar convencer a Sheila. Ela sabe que ela é um coração de manteiga.

– Bolas, parece que vai ser um fim de semana divertido! – disse eu, azeda. – E estou tão cansada que mal posso falar.

– Vamos então esperar que ganhes o poder da fala a tempo da tua entrevista de amanhã – ironizou antes de acrescentar que iria para Oldstone por volta das seis.

– Eu também. Tenho algumas coisas para organizar, e preciso de encontrar algo para vestir para a entrevista, pois o repórter disse que talvez me possa tirar outra fotografia. Não gostou muito das que o fotógrafo tirou no outro dia, no salão de chá.

– Podias usar aquele vestido lindo que usaste no restaurante?

– É demasiado chique para uma manhã de sábado no campo – protestei.

– Não acho que possas ser demasiado chique quando estás a ser entrevistada e, de qualquer forma, o visual de dríade fica-te bem.

Estremeci levemente.

– Não me chames dríade. Elas não são as ninfas doces e gentis que pensas que são.

– Dentes e garras vermelhas?

– Verdes – corrigi-o.

* * *

A primeira coisa que fiz após pousar o telefone foi lavar a cara com água fria para acordar o meu cérebro e, depois, enviar o livro por *e-mail*.

Mas, nesse momento, quando desapareceu no éter, senti-me como uma marioneta com os fios cortados e desejei apenas ter um fim de semana pacífico e descontraído com os Giddings para recuperar.

Em vez disso, tinha de resolver o assunto Robbie. Se ele achava que lhe cairia nos braços agora que regressara, tinha de o esclarecer de imediato. Já me sentia culpada por largá-lo com os Giddings e perguntei-me o que faria ele o dia todo.

E agora a Zelda, quase miticamente impossível, também ia lá estar – e com a sua recente fixação por bebés, convencida que estava de que Nile a amara durante vinte anos e aceitaria todos os seus planos loucos, tenho de admitir que estava morta por conhecê-la... enquanto sufocava sentimentos de nervosismo, ciúme e inquietação. E se ela tivesse vindo para o convencer e conseguisse?

Quando desci para a cozinha do salão de chá tudo estava silencioso e vazio. Jack já não viria a não ser que o chamasse para fazer um biscate, pelo que sem ser uma última conta, estava pronto. Sentia um pouco a falta dele a cantar excertos de ópera pelo salão e de Ross a preocupar-se em silêncio.

Também estava tudo muito limpo, pois Tilda viera e deixara uma nota a dizer que achava que eu estava a dormir até tarde e por isso não me tinha perturbado, e que faria uma limpeza extra ao apartamento na próxima vez. Ela rasgara algumas imagens de catálogo de esfregonas a vapor e máquinas de limpeza a vapor e deixou-as debaixo do bule. Eu consigo reconhecer uma insinuação quando a vejo. Simplesmente não tinha a certeza que as finanças conseguissem cobrir mais alguma coisa.

A inspeção oficial do salão de chá era na segunda-feira, pelo que tratei de uma ou duas coisas no

escritório, fiz alguns telefonemas e depois dei conta das horas e corri ao apartamento para fazer a mala. Ignorei a sugestão de Nile acerca do que vestir para a entrevista ao jornal e levei, em vez disso, uma longa túnica com um painel frontal de seda em tons outonais, que sabia fariam sobressair o meu cabelo, e um par de calças pretas justas. Isto serviria... e depois pensei em Zelda no jantar e que talvez ela tivesse o estilo londrino e eu me sentisse um farrapo com as minhas calças de ganga e *T-shirt* habituais, com um dos estranhos e maravilhosos casaquinhos de malha de Edie por cima.

No entanto, por outro lado, não queria que ninguém pensasse que me aprumava por alguma razão em particular...

Fiz uma busca pelo cabide de serviço até encontrar um guarda-roupa pouco dispendioso.

– As minhas calças de ganga novas, o *top* italiano de linho verde-esmeralda com rendas, e, onde estão os meus brincos de malaquita? – murmurei para mim própria, dobrando rapidamente as roupas para dentro de uma mala ligeiramente maior do que a primeira que tirei.

Fiz-me à estrada mais tarde do que planeara, mas não tão tarde como o Nile, pois fizera pouco menos de um quilómetro quando a sua carrinha preta se aproximou e me seguiu o resto do caminho, apesar de eu ter abrandado tentadoramente na reta, na esperança de que ele me ultrapassasse.

* * *

Encontrei a Sheila na cozinha, a começar a fazer o jantar.

– Olá, queridos. Caçarola de galinha com recheio de ervas e *crumble* de maçã com natas para sobremesa – informou ela.

– Direta com a informação importante, como sempre – disse Nile, dando-lhe um abraço e eu segui-lhe o exemplo.

– Lamento por vos ter largado o Robbie ontem sem nenhum aviso prévio – desculpei-me.

– Oh, não há problema nenhum – assegurou-me ela. – Ele é muito simpático e pu-lo logo a amassar barro, o que foi bastante útil. Coloquei-o no quarto quase oposto ao teu, mas a usar a casa de banho ao fundo do corredor. Porém, agora que a Zelda chegou, receio que esteja no quarto que partilha a tua casa de banho, pois ainda não acabámos de decorar o outro quarto.

– Não faz mal – respondi.

– Temos mesmo de escolher rapidamente um dos quartos no lado da família para ti, querida – acrescentou ela, para minha surpresa, até me aperceber que na época alta eles precisariam do meu quarto para os hóspedes.

– Não é preciso, porque se alguma vez quiserem o meu quarto para um hóspede, eu posso simplesmente ficar no meu apartamento – retorqui.

– Imagino que te consigamos enfiar em algum lado – disse Nile. Depois perguntou a Sheila se Zelda lhe tinha dito porque resolvera aparecer tão subitamente.

– Não, talvez ela queira apenas esclarecer as coisas contigo – sugeriu ela. – Não tive tempo para conversar porque, depois de a ter ido buscar à estação, tive um trabalho para acabar, ela e o Robbie foram dar uma volta no carro dele.

Ela olhou para o relógio.

– Calculo que estejam quase a chegar.

– Vou levar a minha mala para cima e depois venho dar-lhe uma mãozinha com o jantar – ofereci.

– Esta noite vem toda a gente?

– Sim, quantos mais melhor, pensei eu, e mais seguro – disse Sheila vagamente.

– Para diluir os elementos confrangedores? – questionou Nile.

– Espero que não haja nenhum – disse, otimista.

No andar de cima, a minha casa de banho cheirava a um perfume desconhecido e metade da prateleira estava ocupada por um grande saco de esponja, várias garrafas de aspeto exuberante e frascos de creme e loções.

Senti-me um pouco ressentida por esta ocupação, embora não devesse; poderia partilhá-la com um hóspede qualquer a qualquer altura. De qualquer maneira, quando uma de nós estava na casa de banho, a porta para o outro quarto podia ser aferrolhada, pelo que não era nada de mais.

Lavei-me e arranjei-me, depois mudei de roupa para o meu *top* de linho e as minhas calças de ganga novas, antes de tentar persuadir o meu cabelo a ficar com uns caracóis soltos. Um pouco de maquilhagem... e estava quase a descer quando bateram à porta.

Tinha conseguido esquecer novamente Robbie por completo, mas à minha frente estava um metro e noventa de uma bela e bem-intencionada estupidez.

– Alice! A Sheila disse que tu finalmente chegaste – comentou ele, puxando-me para os seus braços e tentando dar-me um beijo nos lábios, o que parecia ter-se tornado um hábito infeliz. Desviei a cara, e por cima do ombro dele vi uma mulher pequena e magra de cabelo escuro a observar-nos, com a mão na porta do quarto mais adiante.

– Sai de cima de mim, seu idiota – disse, afastando-o.

– Pensei que ficarias contente por me ver, agora que terminaste o raio do livro – estranhou, parecendo magoado. – Eu estava a contar à Zelda, esta é a Zelda, já agora, que não te disse exatamente quando vinha porque queria surpreender-te, e, enfim, mal podia esperar para te ver.

– Olá – disse eu a Zelda, e ela olhou-me com um enorme par de olhos castanhos de amor-perfeito.

– A Sheila falou-me de ti. Na verdade, pareces ser o sabor da moda por aqui, apesar de nunca ninguém te ter mencionado anteriormente – respondeu com voz rouca e arrastada. Semicerrou os olhos e olhou-me de alto a baixo. – Não consigo perceber porquê.

– Fiquei aqui enquanto preparava o meu apartamento para me mudar e desde então regresso muitas vezes porque estou a ajudar a Bel e a Sheila a criar um café na olaria – expliquei. Depois acrescentei mordazmente: – Eu também ouvi falar muito de ti.

– De Nile, calculo – replicou.

– A Zelda tem coisas a discutir com o Nile que devem ser tratadas pessoalmente em vez de por telefone – entreviu Robbie antes de eu poder responder. – Ela também chegou sem avisar ninguém de que vinha. É estranho que ambos tenhamos aparecido por impulso ao mesmo tempo, não é?

– Sim, é estranho – confirmei. Pela maneira como olhavam um para o outro, como um par de conspiradores, supus que tivessem trocado confidências. Na verdade, provavelmente teriam passado a tarde a contar as histórias das suas vidas um ao outro.

– Nós também precisamos falar – disse-me Robbie de forma significativa.

– Precisamos? Receio que tenha de esperar, pois vou descer para dar uma mãozinha à Sheila com o jantar – disse rapidamente. – Onde foram os dois hoje, a algum sítio giro?

– Oh, encontrámos um *pub*, o Standing Stones – referiu ele.

– Eu conheço-o, é por cima da Charneca de Blackdog em direção a Upvale.

– Não fazia ideia onde era, simplesmente fomos por ali fora e parámos ao primeiro sinal de civilização. Era confortável, tinha uma lareira, e como a chuva estava a piorar, ficámos lá. Também

tinha uma boa ligação à internet.

– A tua alegria deve ter sido ilimitada – disse eu, e ele lançou-me um olhar incerto. Nunca compreendeu realmente o meu sentido de humor.

– É melhor ir mudar de roupa – disse Zelda. – Vou deixar-vos a conversar.

– Sim, anda lá, Alice – disse Robbie. – Tenho a certeza de que eles conseguem tratar do jantar sem ti.

– Oh, está bem – concordei, cedendo e deixando-o entrar no meu quarto, embora tivesse deixado a porta aberta como uma senhorinha vitoriana.

Ele não era a maior das espertezas, mas ao fim de cinco minutos eu tinha conseguido meter-lhe na cabeça que, apesar de estar encantada por vê-lo e gostar muito dele, não tinha a mais pequena intenção de alguma vez sermos mais do que apenas bons amigos.

– Não sei porque achaste que poderíamos simplesmente continuar onde parámos quando emigraste para a Austrália – acusei. – Passou muita água debaixo da ponte desde essa altura, e nós somos pessoas muito diferentes do que éramos quando nos conhecemos. Eu não posso fazer com que o relógio ande para trás com as minhas emoções.

– Mas eu tinha a esperança de te levar de volta para conheceres os meus pais – revelou ele, como se isso fizesse alguma diferença em relação ao que quer que fosse.

– Robbie, vou inaugurar um salão de chá em menos de duas semanas e estou sobrecarregada com coisas para fazer antes disso. Suspendi tudo enquanto terminava o romance, mas agora tenho de me despachar e não há maneira de ir a algum lado nas próximas semanas, se não meses!

Ele pareceu desconcertado. Acho que tinha um cenário na cabeça e as coisas não estavam a correr da forma como ele esperara.

– Pensa nisto – pedi-lhe. – Assentei aqui permanentemente, enquanto tu vives na Austrália. É uma distância bastante grande.

– Mas eu disse-te que podia regressar com o incentivo certo.

– Se te referes a mim, esquece.

– Conheceste alguém? – perguntou ele com uma desconfiança súbita.

– Sim, estou secretamente prometida ao príncipe William – disse eu bastante cansada e ele sorriu. Ainda bem que eu só acendera as luzes pequenas da parede, pois sentia o meu rosto a arder ligeiramente.

– Não, a sério, conheceste? – repetiu ele.

– Espera só até veres a tiara que pedi emprestada à rainha para usar no jantar de hoje à noite – repliquei levianamente.

Demorámo-nos um pouco mais na conversa de chacha, no entanto, após um bocado, ele parecia ter-se convencido de que tinha passado um pouco das marcas após a morte de Dan e de que simplesmente eu precisava de um pouco mais de tempo para me ajustar à ideia de que voltaríamos a ficar juntos. Depois, foi-se arranjar para o jantar enquanto eu fui lá para baixo.

Zelda parecera muito pequena e extremamente bonita numa maneira gira e, lembrando-me disso, senti-me de repente tão grande como um dinossauro.

Pensei se Sheila tinha razão sobre o motivo que a fizera aparecer ali.

- O doutor Tompkins vem vê-lo mais tarde, pai – disse-lhe eu.*
- Porque vem ele cá? – disparou, furioso.*
- O pai ligou-lhe e pediu-lhe para cá vir – respondi. – Não se lembra?*
- Ele olhou para mim um momento mais longo, depois os seus olhos desviaram, vagamente.*
- Oh, sim, claro – acabou por murmurar.*
- Vou pedir ao Ron para lhe lembrar mais tarde e à Kim para trazer chá e scones de sultana quando ele chegar.*
- Ron, que hoje estava de serviço, fora despachado para o jardim com Hugo, que fazia sempre muitos barulhos insistentes quando desejava aliviar-se. Eu podia vê-los aos dois através da janela, a caminharem pelo relvado.*
- Não preciso que me lembrem – afirmou o pai, zangado. – Qualquer um acharia que eu tinha ficado malquinho.*

Fora de Cena

Sheila trocara as calças com manchas cinzentas por umas limpas de ganga e uma camisola comprida, larga, aos quadrados azuis, na qual não parecia ser muito mais velha do que Bel.

O jantar estava quase pronto e eu pus a mesa enquanto ela pôs pratos de pão quente cortado.

– Bebi um gim tónico – disse ela. – Senti que era capaz de precisar, pois, embora eu espere que a Zelda só queira esclarecer tudo com Nile, ela pode ter vindo aqui para fazê-lo mudar de ideias sobre a insinuação artificial.

– A sério? Acho que ele já lhe disse de forma subentendida que não quer fazer. Apesar de ela ser extremamente bonita – acrescentei, melancólica. – E provavelmente muito persuasora.

– Estava desejosa de lho perguntar enquanto vínhamos para aqui desde a estação, depois de ter ido buscá-la – confessou ela. – Só que acho que ela não fazia ideia que eu sabia, por isso pensei ser melhor não perguntar.

– Isso é verdade, provavelmente ela teria ficado para morrer se se tivesse apercebido de que todos sabíamos. E, a propósito, peço desculpa por lhe ter largado o Robbie sem nenhum aviso prévio.

– Oh, não foi problema nenhum. Ele queria ir de carro até Haworth para falar consigo esta manhã, mas pedi-lhe para me ajudar a dar forma a toneladas de barro, o que o manteve ocupado.

– Não faço ideia o que envolve dar forma a barro – confessei –, mas, de qualquer forma, obrigada por distraí-lo!

– Dar forma ao barro é quase como amassar a massa, só que numa escala maior e mais pesada – explicou ela. – Enquanto ele o fazia, contou-me que esperava que vocês ficassem juntos outra vez e que ficara surpreendido por a Alice não ter ficado mais agradada por vê-lo.

– Ele escolheu o momento errado, e também escolheu a rapariga errada, pois não voltaremos a ficar juntos.

– Não, eu tinha a certeza que não, mas fui muito discreta e referi-lhe que a Alice precisava de mais tempo para ultrapassar a morte do seu noivo e que estava muito ocupada com a escrita e o salão de chá.

Então foi assim que a ideia entrou na cabeça dura de Robbie!

– Bom, é claro que ainda penso muito em Dan, mas como disse a Nile há algum tempo, o colapso nervoso parece ter-me permitido seguir em frente.

– A sério? – exclamou ela. – Acho que o Nile não percebeu isso na totalidade, pois parece pensar que ainda precisa de um pouco de espaço... apesar de eu esperar que vocês os dois acabem por...

– Somos apenas amigos – referi rapidamente, imaginando onde iria dar a conversa. – Mas não no sentido do mundo de Zelda – acrescentei, ouvindo a voz dela no *hall*, a dizer imperativamente: – Nile, podemos falar?

– Acho que sim, apesar de ser quase hora de jantar. Vem à biblioteca – respondeu ele, parecendo

sigiloso, mas resignado.

Depois, ouvimos o clique da porta da biblioteca a fechar e trocámos olhares.

– Acho que temos algumas questões a resolver antes de poder haver um final feliz generalizado – afirmou Sheila, pensativa.

– De qualquer forma, eles não existem – respondi. – Nem sequer nos meus contos de fadas.

* * *

O resto de nós já se tinha juntado à volta da mesa e começado a comer as entradas deliciosas de vegetais samosa de Geeta, quando eles emergiram juntos, apesar de, pela expressão de Zelda, apenas no sentido de partilharem o mesmo espaço momentaneamente.

Pela primeira vez, olhei bem para ela, pois as luzes no corredor lá de cima não eram muito fortes. Era baixíssima, com cabelo preto e brilhante a cair-lhe como duas asas perfeitas, que lhe enquadravam o rosto que só poderia ser descrito como muito bonito. Também era magra e elegante, num macacão vermelho e ondulante que provavelmente custara uma fortuna.

Nile envergava a sua melhor expressão trombuda e uma camisola preta, provavelmente para refletir o seu humor.

– A Zelda às vezes é modelo de catálogo – sussurrou-me Bel ao ouvido.

– De quê? Roupas de criança? – sibilei cruelmente e Bel troçou.

Zelda olhou para nós, desconfiada, depois foi sentar-se junto a Robbie, enquanto Nile tomou a última cadeira, que ficava do lado oposto ao meu. Os seus olhos pousaram em mim por um momento, tão vagos e duros como quartzo cinzento. Depois, a expressão zangada que eles transpareciam deu lugar a um brilho malvado.

– Hoje estás muito parecida com a Lizzie Siddal, Alice, cheia de renda e caracóis esvoaçantes – disse ele, com a óbvia intenção de me provocar, mas eu não era capaz de resistir àquele sorriso.

– Não gozes, Nile – repreendeu Sheila, depois, para meu alívio, a conversa de circunstância recomeçou e Teddy começou a dar colheres de papa granulada a Casper enquanto Bel contava à mãe que acabara de se lembrar que convidara Thom Carey para o almoço de domingo, perguntando-lhe se havia problema.

– Claro que não, querida – respondeu ela, como seria de esperar.

Quando virei a cabeça, apanhei Zelda a olhar-me fixamente, depois começou a sussurrar algo a Robbie, o que foi bastante mal-educado. O que quer que lhe tenha dito fez com que ele primeiro olhasse para Nile e depois para mim, apesar de nunca ter parado de comer. Nunca nada interferia entre Robbie e o seu jantar.

– A que horas é a sua entrevista amanhã, querida? – perguntou-me Sheila. – Temos de desimpedir a biblioteca para isso.

– Cerca das dez – respondi. – Estou bastante nervosa e gostaria de a despachar o mais depressa possível.

– Vais aceitar o meu conselho e usar o vestido das dríades para as fotografias? – perguntou Nile.

– Que entrevista? – perguntou Robbie, melancólico. – E porque te vão fotografar, Alice?

Tivemos de contar a Robbie e a Zelda toda a história de eu ter sido abandonada e de ter esperança que a minha mãe biológica aparecesse se visse o artigo no jornal local.

– Nem fazia ideia nenhuma disso – comentou Robbie, vagamente.

– Mas contei-te tudo há uns anos, Robbie – observei, paciente.

– A sério? – Os olhos dele abriram muito. – Devo ter-me esquecido. Quero dizer, eu sabia que eras adotada, só não me lembrava do resto.

– Parece tudo muito ao estilo de *O Monte dos Vendavais* – comentou Zelda de forma arrastada. – Quem escolheram para fazer de Heathcliff? – Olhou para Nile. – Ou devo tentar adivinhar?

– Sempre pensei que Heathcliff era mais uma força da natureza do que uma personagem real – disse Sheila, segurando Casper, que, tendo acabado o jantar, estava a ser passado de colo em colo, à volta da mesa. Reparei que Zelda não mostrara qualquer interesse nele, o que foi estranho tendo em conta o seu desejo de ter um bebé, mas talvez ela fosse uma daquelas mulheres que só gostava dos próprios filhos?

Mas Casper era tão amoroso que eu não percebia como podia alguém resistir-lhe! Geeta acabou por levá-lo para a cama, quando levámos os nossos cafés para a sala de estar. Eu só fiquei o tempo suficiente para não ser mal-educada antes de ceder à enorme vaga de sono que estava finalmente a assolar-me devido à maratona de escrita da noite anterior.

– Tenho de ir para a cama – confessei. – Peço desculpa, mas só dormi algumas horas na noite passada, antes de o Nile me acordar.

Zelda fixou-me novamente com um daqueles olhares demorados, riu baixinho e murmurou qualquer coisa a Robbie, que estava sentado ao seu lado no assento acolchoado da janela.

Senti-me a ficar corada e Nile parecia zangado.

– Sim, vá, querida – incitou Sheila, rapidamente. – Quer estar simpática e fresca para o repórter do jornal, amanhã.

– Também me sinto cansada, acho que vou fazer o mesmo – anunciou Zelda, levantando-se de repente.

Eu podia ter adivinhado que ela tinha um motivo ulterior se não estivesse com tanto sono, pois agarrou-me no braço quando alcançámos o patamar e disse:

– Quero falar contigo.

– Não sei sobre quê, mas terá de esperar até amanhã, estou exausta.

– Só demoro um minuto – respondeu, seguindo-me sem ter sido convidada para o meu quarto e afundando-se na única cadeira.

– Vamos parar de jogar joguinhos e aclarar o ar: quando o Nile e eu falámos na biblioteca, ele disse que te tinha contado que eu queria que ele fosse o meu dador de esperma, mas que não quer fazê-lo porque está numa relação contigo. Não que eu não o tenha percebido ao jantar – acrescentou.

Aquilo afastou algumas nuvens de sono e olhei fixamente para ela.

– O quê? O Nile disse-te que nós tínhamos uma relação?

– Eu não sou completamente idiota e pude ver por mim própria assim que observei a forma como vocês olharam um para o outro durante o jantar. Ele diz que desta vez é sério, mas, enfim, já saiu com muitas raparigas e diz sempre isso.

– Mas... – As rodas dentadas rodaram ligeiramente e eu apercebi-me de que Nile só lhe dissera aquilo para a afastar. O meu primeiro impulso foi negar tudo veementemente, mas não parecia que ela fosse acreditar em mim. – O Nile e eu...

– Olha – interrompeu ela –, podes dizer-lhe que não te importas que ele o faça. Quero dizer, ele não precisa de ter nada a ver com o bebé, se não quiser. Não há razão nenhuma para tu te importares, pois não? Por isso, podias falar com ele e...

– Não! – exclamei com mais força do que intencionara. – Zelda, estás completamente equivocada. Não tem nada a ver comigo! E agora estou tão cansada que já nem consigo pensar direito e gostaria que te fosses embora para eu poder ir para a cama – acabei, vigorosamente.

– Oh, está bem – anuiu, levantando-se. – Mas não me enganas com o que se está a passar, por isso, pensa bem, voltamos a falar amanhã.

– Não há mais nada a dizer. Por favor, vai-te embora! – disparei, e ela saiu, praguejando enquanto ia.

Esperem só até eu meter as mãos no Nile amanhã, a usar-me como bode expiatório!

* * *

Na manhã seguinte acordei tarde, pelo que foi uma guerra arranjar-me e descer a tempo de beber um café e comer uma torrada antes de o repórter chegar.

Bel estava de serviço ao pequeno-almoço e disse-me que eu chegara antes de Robbie e Zelda, apesar de Sheila estar há muito retirada no estúdio.

– E o Nile está na biblioteca a enviar *e-mails*, acho que hoje fez algumas ofertas em leilões – acrescentou ela. – É melhor lembrá-lo de que precisas da sala.

– Eu lembro – respondi, dirigindo-me para a porta. E perguntar-lhe-ia que raio dissera ele a Zelda!

* * *

– Mas ela estava convencida de que me podia convencer se me visse cara a cara e continuou, e continuou, como água a escorrer de uma pedra – explicou Nile. – Por isso, no final, pensei que a forma mais fácil de me livrar dela seria dizer-lhe que não podia fazê-lo por estar numa relação com alguém. Não disse com quem, ela preencheu os espaços vazios sozinha – acrescentou, inocente.

Olhei para ele.

– Sim, pois preencheu, e tu tens sorte por eu não lhe ter dito que não estamos numa relação, séria ou de outra natureza!

– Estamos, pois. Senti-me seriamente atraído por ti e tu duvidas seriamente das minhas intenções – disse ele, levianamente.

– Não sejas maluco! – disparei. – Já percebeste que ela vai contar ao Robbie assim que tiver oportunidade? Se é que já não contou!

– Bom, não faz mal porque tu não o queres, pois não? Ou... queres? – Ele olhou-me com olhos semicerrados.

– Não, claro que não!

– A Bel disse que entrou no teu apartamento logo após ele ter chegado, e que vocês estavam a abraçar-se.

– Não foi um abraço mútuo: o Robbie tinha acabado de entrar de rompante e estava um pouco entusiasmado de mais – ripostei. – Não que tenha ficado triste por vê-lo, tenho-lhe muito carinho, mas, enfim, não te diz respeito!

– Certo: isso põe-me mesmo no meu lugar – respondeu, sarcástico. – Mas se realmente não o queres de volta, então não sei porque estás tão irritada, pois ao dizer a Zelda que eu e tu somos um item, resolvi dois problemas de uma vez.

– Podias, ao menos, ter-me avisado do que ias dizer!

– Não tive oportunidade, nem esperei ter, mas realmente não esperei que ela te apanhasse tão depressa.

– Ela não perdeu tempo nenhum: quando me seguiu até lá acima na noite passada foi para pedir que te persuadissem a ajudá-la a engravidar.

– Então espero que lhe tenhas dito que isso nunca vai acontecer. A propósito, esse *top* fica-te muito bem – acrescentou. – Não pareces nada a Lizzie Siddal... nem uma dríade.

– Fico contente por ouvi-lo – disse-lhe eu, ligeiramente confusa. – E para de tentar mudar de assunto.

– Não estava, a sério. – Ele voltou a erguer a sobrancelha inquisidora outra vez, parecendo-se ligeiramente com um pirata. – E aqui está o repórter que chegou para a tua entrevista – comentou, ouvindo a campainha distante e esboçando-me um daqueles sorrisos repentinos e desmoralizadores.

– Trá-lo-ei para a biblioteca e afastarei as outras pessoas.

* * *

O repórter era jovem, interessado e entusiástico e já lera todos os artigos impressos desde o tempo em que eu fora encontrada. Disse que daria uma história com um grande interesse humano e o facto de eu ter regressado ao local onde nascera para abrir um salão de chá acrescentava uma bela dimensão extra.

Tanto o artigo como o anúncio sobre a inauguração do Fat Rascal sairiam na edição de quinta-feira. Já não havia volta a dar.

Ele tirou mais umas quantas fotografias minhas com a câmara digital e disse que esperara que estivesse um dia bonito, e não nublado, assim poderíamos sair e ter como pano de fundo o Oldstone distante.

– Mas temos imensas fotografias aqui: talvez eu pudesse usar o *Photoshop* em algumas? – questionou, com um sorriso, depois, afastou-se.

* * *

Repasar pela história toda outra vez fora mais esgotante do que esperara e não queria realmente mais conflitos com Zelda, nem um Robbie ofendido, para o caso de ela lhe ter revelado tudo, por isso meti a cabeça fora da porta da biblioteca e fiquei à escuta antes de sair.

A casa estava estranhamente silenciosa a não ser alguns barulhos na cozinha. Quando entrei, encontrei Sheila lá sozinha, a fazer uma chávena de café e a pôr algo na torradeira.

– Biscoitos para o chá! – disse ela. – Preciso de hidratos de carbono relaxantes e também parece que a Alice precisa.

Assenti e ela partiu outro ao meio e deu-me o primeiro quando saiu, ligeiramente acastanhado e com um aroma deliciosamente frutado.

– A Zelda acabou de me contar que o Nile não a ajudará na insinuação artificial porque está numa relação séria consigo – comentou ela casualmente.

– Ela também me disse isso na noite passada, mas já conversei com Nile e ele disse-o apenas para se livrar dela – expliquei.

– Sim, sei que a vossa relação é muito recente, e que se calhar ainda não queriam dizer a

ninguém, mas suponho que ele sentiu que deveria fazê-lo.

Olhei para ela e ela esboçou-me um daqueles sorrisos calorosos, como se o sol se levantasse.

– Infelizmente, a Zelda não desiste assim tão facilmente. Ela pediu-me para tentar persuadi-la a si para persuadir o Nile, as coisas estão a ficar deveras confusas, e tive de ser muito, muito firme com ela sobre não interferir. Agora receio que ela esteja zangada e aborrecida e, como disse tudo diante de Robbie, ele também o esteja.

– Quando ele chegou, pareceu gostar da ideia maluca de recomeçarmos onde tínhamos terminado quando ele foi para a Austrália. É de pensar que eu estive numa torre como a Rapunzel durante os últimos anos à espera que ele voltasse.

– Acho que, por agora, ele começa a perceber que a Alice não é a rapariga que ele deixou para trás, mas uma mulher forte e independente: exatamente o que Nile precisa.

– Sheila! – exclamei e ela abriu os grandes e inocentes olhos azuis.

Gostei da parte do forte e independente, mas ainda assim não tinha a certeza de ser o que Nile precisava – ou vice-versa. Enfim, fez-me sentir como se eu fosse um remédio, ser tomada até os sintomas desaparecerem e o frasco poder ser mandado para o lixo.

– A Zelda já tinha começado a fazer confidências a Robbie quando eles ontem foram ao *pub*, pelo que agora penso que ele é o confidente mor – comentei. – Onde estão todos? A casa está muito quieta.

– Fiz com que a Bel e o Nile os levassem a passear pela charneca. Já parou de chover e espero que o ar aclare.

Achei que aquilo era ser otimista: provavelmente estava sulfuroso das emoções faladas.

Maliciosamente, pensei de repente como seria bom se a Bel e o Nile simplesmente abandonassem a Zelda e o Robbie algures no meio da charneca sem um mapa.

O meu pai pareceu achar que a visita do Dr. Tompkins era de caráter social, já que eram colegas de golfe, mas que ele insistira em vê-lo enquanto estava em casa.

– Um disparate! – disparou ele. – Mas disse que agora, que estava semirreformado, precisava de se manter atualizado.

Contudo, quando dei uma palavrinha ao meu colega, os meus receios confirmaram-se, apesar de eu não achar relevante dizer ao meu pai.

Sabia que ele nunca repararia nos comprimidos extra que eu colocara entre os outros que ele já tomava.

Grandes Reservas

Reparei nos viajantes a regressarem da janela da cozinha. Bel e Nile vinham à frente, com Robbie e Zelda a deixarem-se ficar para trás, com as cabeças juntas como um par de conspiradores.

Ficaram fora de vista quando contornaram a casa e, alguns momentos depois, a porta da frente bateu e ouvimos vozes no *hall*.

Bel seguiu Nile até à cozinha e revirou os olhos.

– *Pfff!* Sinto-me como se tivesse sido sugada num vórtice de emoções e cuspidada para o lado oposto.

– Para ti não teve mal, não estiveste diretamente envolvida – disse Nile, resmungão, sentando-se à mesa da cozinha e esticando as pernas longas e cobertas de ganga. Pareciam calças de ganga caras, mas, enfim, tudo o que ele usava parecia caro, mesmo quando não o era.

– Pude ouvir todos os pormenores, já que mudávamos de parceiro mais depressa do que numa dança *country* – referiu Bel. – Primeiro, Robbie passou imenso tempo a dizer-me que sentia que a Alice o tinha levado até Yorkshire sob pretextos falsos, enquanto Zelda tentava apanhar Nile...

– Essa foi a sua grande cena de renúncia – disse ele.

– Eu sei: ela contou-ma, palavra por palavra, logo depois de acabar de enrolar o Robbie ao ponto de ele começar a discutir contigo. Sinto-me exausta!

– Não estou surpreendida – respondi. – Parece ter sido um passeio dos infernos, mas fico contente por parecer que ninguém chegou a vias de facto!

Nile olhou para cima.

– O Robbie acusou-me de ser astuto e de ter brincado com o coração da Alice quando ela estava muito vulnerável.

– Acho que alguns dos floreios teatrais de Zelda devem ter tido efeito nele, não achas? – questionou Bel. – Ele não parece falar habitualmente como um papá vitoriano.

– Ele disse isso? – perguntei a Nile. – Não parece o Robbie de todo!

– Sim, mas consegui persuadi-lo de que as minhas intenções eram estritamente honradas – respondeu, sério.

– Claro que são, querido – concordou Sheila, que começava a preparar o almoço.

– Que intenções? – exigi saber.

– Todas – disse ele, e os seus olhos cinzentos cruzaram-se com os meus, cheios de uma inocência límpida e, eu tinha a certeza, inteiramente suspeitos.

– A Zelda e o Robbie tinham as cabeças juntas quando regressaram e não sei qual foi o resultado disso, só sei que o Robbie gostaria de te dar uma palavrinha, Alice: está na biblioteca.

– Oh, Deus, a sério? – exclamei, aterrorizada.

– Desconfio que será a sua grande cena de renúncia – afirmou Nile, secamente. – É melhor ires e despachares isto.

Ele estava coberto de razão: foi simplesmente azar ter achado o humor resignado, magnânimo e nobre de Robbie tão divertido que tive dificuldade em manter o meu rosto sério. Felizmente, ele pareceu assumir que os meus lábios trémulos se deviam a um tipo de emoção diferente.

– Quem me dera que me tivesses dito que estavas envolvida com outra pessoa antes de eu ter aparecido para te ver – disse ele, reprovador.

– Como não me disseste primeiro que já tinhas chegado, tal teria sido um pouco difícil – referi.

Ele ignorou o comentário.

– Não me passou pela cabeça que tinhas encontrado uma pessoa tão depressa depois da morte de Dan. No início, achei que Nile se estivesse a aproveitar de ti enquanto passavas por um mau bocado, até ele ter explicado tudo.

– Explicado? – questionei deveras interessada. – Explicado o quê?

– Bom... que vocês estavam a avançar lentamente na relação porque não te queria apressar relativamente a nada de que depois te pudesses arrepender.

– Oh, certo... – respondi. – Sim, claro: que tonta que sou!

– Enfim, agora percebo a tua atitude. Mas estarei sempre lá para ti se as coisas derem para o torto e precisares de mim – assegurou-me ele, digno.

– É muito amável da tua parte, Robbie – retorqui, apesar de, efetivamente, o seu apoio não ser de grande utilidade se regressasse para os antípodas.

– Espero que sejam os dois muito felizes.

– Acho que seremos – afirmei, não acrescentando que poderia não ser necessariamente juntos...

Ele suspirou profundamente.

– Decidi regressar a Londres depois de almoço.

– Mas pensava que ficavas até amanhã – disse eu, acrescentando, apesar de a notícia ter sido um alívio –, mal falámos.

– Bom, a culpa não foi minha, pois não? – replicou, com a dignidade a ir-se embora e a ser substituída por uma nota mais magoada. – Enfim, já que não há necessidade de andar por aqui, pensei voltar para Wimbledon.

Não tentei persuadi-lo e terminámos o nosso *tête-à-tête* com um abraço.

Foi pena Nile ter escolhido esse momento para enfiar a cabeça na biblioteca a avisar-nos que o almoço estava pronto.

O ar enfadado e cheio de nuvens negras de Nile durou até Robbie dizer a toda a gente que se ia embora a seguir ao almoço, pelo que o sol voltou a brilhar.

Era evidente que Zelda já sabia, pois disse:

– E eu vou com ele: deixa-me em Camden, o que será mais fácil para mim do que pernoitar aqui e apanhar o comboio de domingo. Esta viagem tem sido uma autêntica perda de tempo.

– Oh, espero que não, porque adoramos vê-la, querida – respondeu Sheila, docemente, apesar de eu ter a certeza que estava tão aliviada como nós por ouvir que ela se ia embora. – E o Robbie também será sempre bem-vindo se quiser visitar-nos outra vez.

Acho que foisincera; mas tenho a certeza de que os restantes esperavam que eles nunca mais

ensombrassem Oldstone.

* * *

– De volta à normalidade mais uma vez – comentou Sheila com um suspiro de satisfação quando finalmente acenámos um adeus ao carro de Robbie.

Todos concordávamos... apesar de, na verdade, o normal para os Giddings não ser o normal para as outras pessoas e Sheila fazer com que eu, Bel e Nile fechássemos o corrimão da escadaria traseira praticamente antes de o pó provocado pelo carro na estrada se ter desvanecido.

* * *

Teddy, Geeta e o bebé não estavam em casa naquele dia pelo que éramos apenas nós os quatro ao jantar.

Acho que estávamos muito aliviados depois de as águas turbulentas terem acalmado e voltámos a discutir os planos para a casa de *waffles* e o que era preciso fazer durante a minha corrida louca para ter o salão de chá pronto de modo a abrir no dia 4 de novembro, como se os últimos dias e as chatices emocionais não tivessem acontecido. E a inauguração do The Fat Rascal estava a pouco mais de uma semana de distância!

– Vou convidar algumas pessoas especiais para o chá de abertura, pelo que devem deixar a data livre – disse eu a Sheila. – Vou reservar a mesa grande junto à janela para si e para a família, quero muito que estejam lá todos.

– Claro que estaremos, querida – afirmou –, mas eu já tinha intenção de reservar uma mesa, de qualquer forma. Seremos os seus primeiros clientes.

Levei algum tempo a persuadi-la de que não era preciso pagar, depois, Nile perguntou-me quem eram os outros convidados especiais.

– Bom... para começar, o Thom Carey.

– Então é melhor sentar-me ao lado dele, pois não haverá espaço na mesa grande para mais uma pessoa – sugeriu Bel apressadamente.

– Vou tomar nota disso quando marcar as mesas... o que me fez lembrar que encomendei alguns marcadores pequenos para as mesas que ainda não chegaram, tenho de lhes telefonar.

Arranquei uma folha da lista de compras de Sheila e tomei algumas notas.

– Vou convidar o Jack e a mulher, e o Ross também, se quiser vir. Pensei convidar a Eleri e o Henry Godet... mas, enfim, o Henry poderá criticar a minha comida, por isso é melhor não! Vou convidar com toda a certeza o primo de Henry, George, apesar de ele ter dito que os salões de chá não são uma preferência sua. E a Emily Rhymer e o marido.

– E o repórter que te entrevistou esta manhã? – sugeriu Bel.

Tinha acontecido tanta coisa que a manhã daquele dia parecia ter acontecido há vários dias!

– Oh, sim, boa ideia! Ele até poderá escrever alguma coisa, se vier.

– Pensei que o salão de chá já estava quase pronto e que só precisava de alguns ajustes, mas parece que estarás bastante ocupada até à inauguração – comentou Bel.

– E estarei – respondi –, mas ao menos agora não tenho de fazer equilibrismo como quando tentava terminar o livro!

* * *

Sheila passou a manhã seguinte no seu estúdio, enquanto eu e Bel, para variar, fizemos o almoço, com Nile como criado. Creio que todos tivemos cenas emotivas e explicações mais do que suficientes por ora, pelo que sabia bem fazer algo tão comum.

Quando o Thom chegou, trouxe ainda mais suportes para bolos e pusemo-los diretamente no carro de Nile, que era mais espaçoso do que o meu, ele poderia levá-los mais tarde. Já tinha praticamente os suficientes... e Thom dissera que estava a chegar a um ponto em que tinha pesadelos com o padrão de salgueiros.

Era mesmo simpático e ele e Bel pareciam estar a dar-se muito bem. Quando me fui embora, ela estava a mostrar-lhe as plantas da casa de *waffles* e a seguir ia fazer-lhe uma visita guiada para ele ver os estúdios.

Eu sabia que gostariam de converter mais alguns estábulos em oficinas, por isso talvez Thom se tornasse o seu primeiro artesão residente a construir aquelas maravilhosas estantes de livros em forma de árvore.

Convidei-o ali mesmo para o chá inaugural do The Fat Rascal e ele afirmou que adoraria ir, pelo que era um sim na lista de convidados.

* * *

Corri dali para fora a seguir ao almoço, com a desculpa de que tinha de ir a um sítio – apenas não revelei que a urgência era ir até Oldstone e pensar sobre várias coisas, sendo Nile a principal.

Não sei porque pensei que poderia fazê-lo melhor ali do que em qualquer outro sítio, mas foi assim.

O tempo abriu, ainda que continuasse a estar um dia frio de fim de outubro, daqueles com uma pitada de fumo de madeira suspenso no ar frio. Não era surpreendente que tivesse a casa só para mim. Do cume, ao pé do monólito, conseguia ver a quilómetros de distância... O que era muito mais do que eu imaginava onde a minha vida pessoal me levaria.

Foram uns dias muito confusos, mas uma coisa tornara-se clara como água: Nile sentia-se atraído por mim e eu podia deixar-me apaixonar por ele muito facilmente. O que seria um grande erro, pois quando me deixasse, o que seria inevitável, tal faria com que fosse difícil para mim continuar a dar-me com os Giddings e deixar de fazer parte do mais próximo a uma família que eu já tivera.

Percebi que trauteava uma canção sobre alguém que levava mais um pedaço do meu coração quando uma ovelha apareceu detrás de uma moita de urze e me lançou um olhar de profunda desaprovação.

* * *

O Nile foi mais rápido do que eu no regresso a Doorknocker's Row: o seu carro estava estacionado nas traseiras do salão de chá e as caixas com os suportes de bolos encontravam-se colocadas na mesa da despensa.

Deixou-me ainda um bilhete a dizer que tinha trazido alguns brócolos da Sheila, sopa Stilton e pãozinhos crocantes, pelo que os traria mais tarde para a ceia. Depois deixou um *post scriptum* a informar que não ficaria muito tempo, pois seguiria em mais uma das suas viagens às primeiras

horas da manhã seguinte.

– Mas, quem queria que ficasses cá? – ripostei para o bilhete, zangada. – Na verdade, quem te convidou sequer, com ou sem ceia?

Sentindo-me irritada, desempacotei os suportes de bolos, lavei-os, enxaguei e coloquei-os em fila nos grandes armários da despensa.

Quando Nile chegou, percebi que não precisei que o meu coração recentemente endurecido desencorajasse quaisquer avanços, pois parecíamos estar de regresso aos termos da nossa amizade habitual – embora ligeiramente mais espinhosa da minha parte e reservada da dele.

Acabámos por ficar até mais tarde do que ele queria, mas a culpa foi dele: quando lhe disse que depois de ele sair iria fazer algumas alterações na página da internet do café, não resistiu a ajudar-me, o que calhava bem, pois sabia muito mais sobre o assunto do que eu por ter criado a sua própria página.

Quando o anúncio fosse publicado na quinta-feira, incluiria o endereço da página da internet e precisava de colocar lá as ementas.

– Vamos aceitar marcações pela internet e por telefone – disse-lhe. – Vão ser todas registadas num caderno atrás do balcão, para a Tilda e a Nell consultarem... E tenho mesmo de comprar outro computador portátil para o escritório. A Tilda diz que consegue aceitar marcações por *e-mail* se eu o fizer, porque a Daisy ensinou-a a usar um computador, mas a Nell acha que a internet é obra do diabo e não quer ter nada a ver com ela.

– Bom, suponho que ela poderá ter razão – concordou ele a sorrir. Depois levantou-se e disse que tinha de ir. – Como disse, tenho um compromisso cedo logo de manhã.

Resisti à tentação de lhe perguntar onde ia, mas estive quase a fazê-lo.

E eu também precisava de acordar cedo, porque o salão de chá receberia a sua inspeção oficial e queria garantir que ele estava perfeito.

* * *

E devia estar, pois passou todos os testes com total sucesso e as únicas recomendações foram que desse formação especial em saúde, higiene e segurança ao meu pessoal antes de abrir as portas.

Achei que isso cairia bem à Tilda e à Nell, mas telefonei-lhes e convidei-as para virem fazer a formação na quarta-feira. Ou, em qualquer caso, para virem beber chá e falar sobre isso.

Depois criei páginas no Facebook e no Twitter para o The Fat Rascal, liguei-as à página e carreguei uma fotografia muito boa do conjunto para o chá da tarde da mesa redonda que tinha tirado no dia em que todos os Giddings ali haviam estado. Senti-me uma miúda completamente tecnológica depois daquilo.

Impulsivamente fui ver a página de Facebook de Robbie enquanto lá estava, mas continuava a não mencionar que não se encontrava na Austrália de momento. Mas ele pareceu sempre estar mentalmente noutro continente – à deriva.

* * *

Na terça-feira acordei com um sentimento de vazio no estômago e a percepção de que o Fat Rascal seria inaugurado dali a precisamente uma semana – e tive de imediato um enorme colapso, mesmo que tivesse a certeza, ou quase, de que estava tudo pronto.

Era como se tivesse tido uma premonição, pois, no momento em que descí, a caldeira ligou-se sozinha e fez um barulho horrível como um longo chocalhar moribundo e expirou.

Quando o homem que verificara a caldeira do meu apartamento lhe deu uma vista de olhos, confirmou os meus piores receios: estava completamente morta. Precisava de uma nova – e tinha de a ter, mesmo que limpasse por completo o fundo de contingência destinado a manter o salão de chá à tona durante as primeiras semanas vitais.

Pensava que Nile ainda se encontrava fora, mas ele devia ter regressado durante a noite anterior, pois apareceu minutos depois de uma enxurrada de mensagens em pânico terem chegado à sua caixa de entrada.

E, ainda por cima, depois de me acalmar, ficou e ajudou-me pacientemente com todas as minhas listas, a verificar os livros, o *stock*, a ver se eu tinha encomendado o pão fresco e o leite... tudo.

– Vai correr tudo bem – assegurou-me pacientemente. – E como eles vão instalar a nova caldeira amanhã, estará pronta com muita antecedência. Para de te preocupar.

– Mas está a ser tão caro! Se a do apartamento também se for, terei de viver num cubo de gelo. Vou estar cheia de frio mas perfeitamente preservada na primavera – disse eu, triste.

– É isso mesmo, vê o lado positivo – exortou-me com um sorriso.

– Se os clientes não nos inundarem e continuarem a vir, não vou conseguir pagar aos fornecedores, ou ao pessoal, ou...

– Para já aí – ordenou-me. – Já te disse: os clientes vão inundar-te, tudo vai ser um sucesso, e a Princesa Alice viverá feliz para sempre no seu castelo de salão de chá das fadas.

– Pois, claro – disse eu.

– E se as finanças ficarem mesmo depauperadas, eu resgato-te.

– Oh, isso é muito generoso! – exclamei, completamente surpreendida pela sua oferta. – Mas...

– Não terei de o fazer, vais ver. Vá, o que mais tens nessa tua lista infindável de coisas para fazer?

– A Lola vem fazer-nos uma visita rápida na sexta-feira, só por uma noite, para entregar as compotas, os pickles e os molhos, mas, sem ser isso, acho que está tudo.

– Então tudo o que tens a fazer agora é descontrair e depois encheres-te de energia.

– Já nem sei se sei relaxar – comentei pesarosamente –, mas obrigada por me ajudares em tudo, Nile. Fico muito agradecida.

– Podias demonstrar a tua gratidão levando-me a almoçar fora – sugeriu. – E matamos dois coelhos com uma cajadada só, porque a seguir vamos distribuir alguns dos folhetos do Fat Rascal pela aldeia.

E assim fizemos – e também em alguns dos hotéis e pensões mais distantes, todos eles com prateleiras de informação prontas e à espera. Todavia, evitámos definitivamente a Pensão Gondal.

* * *

Nile regressou à Pequena e Perfeita quando voltámos. Ainda não dissera onde tinha ido no dia anterior, o que, claro, não me dizia respeito.

Depois Sheila telefonou com a boa notícia de que acabara de receber a indicação de que a licença de construção para fazer o café nos estábulos seria provavelmente concedida.

– Isso significa que é muito provável que avance, não é? – disse eu.

– Acho que sim, por isso perguntei à Michele, a irmã da ama do Casper, se gostava de gerir o

café por mim. Ela respondeu que adoraria, pelo que vou ensiná-la a fazer *waffles*. É uma rapariga muito simpática.

– Ótimo, pois tenho a certeza de que durante a época alta terá mais do que fazer do que cuidar dos hóspedes.

– Na verdade, não faço assim tanto, exceto cozinhar o jantar caso eles queiram – respondeu. – A Bel faz os pequenos-almoços e a senhora da limpeza muda as camas e as toalhas. Oh, e Alice, o Thom talvez se torne no nosso primeiro artesão residente no próximo ano, se convertermos o outro estábulo! – acrescentou ela, alegremente. – Se ele cobrasse mais por aquelas adoráveis peças grandes de mobília de madeira reciclada que a Bel me mostrou em fotografias, não teria de se preocupar tanto em reconverter pequenos artigos.

– Isso é verdade – concordei. – Adorei aquela prateleira de livros em forma de árvore que ele estava a fazer, e de certeza que as pessoas pagariam uma fortuna por ela.

– Os vizinhos têm-se queixado do barulho quando está a serrar e a lixar a madeira. Algumas pessoas não têm alma. Mas não nos faz diferença e vai ser muito bom termos outro artesão a trabalhar aqui. Talvez seja bom em mais que uma maneira, porque dá para ver que a Bel está muito encantada com ele.

– Já reparei, mas tenho a certeza de que ela não tem pressa nenhuma em começar uma nova relação. Nem eu tenho, já agora – acrescentei mordazmente, pois tinha a certeza, pelas suas insinuações, que ela acalentava esperanças.

– Sabe, é exatamente isso que eu disse ao Nile quando ele me ligou a caminho daquela venda da casa de campo, em Northumberland. «Leva as coisas devagarinho», disse-lhe eu. – Sorriu-me, irredutível.

– Oh, então foi aí que ele foi? – questionei sem querer.

– Sim, ele esqueceu-se de lhe dizer? Tenho a certeza de que pensou ter-lhe dito... E diz que vocês vão ao *pub*, logo à noite, com a Bel e o Thom.

– É a primeira vez que oiço isso!

Depois de ter pousado o telefone, pensei que Nile tirava muitas conclusões em relação a mim e que lhe deveria dizer que tinha outra coisa para fazer à noite, apesar de ser provavelmente giro irmos todos juntos ao *pub*.

* * *

E, de facto, tivemos um serão agradável e relaxado, depois voltámos para casa do Nile para tomar café, que ele fez numa máquina toda modernaça. Em seguida, Thom levou Bel a casa, significando que ia passar metade da noite a dar voltas pela charneca, e eu disse que estava exausta e fui para casa.

Nile não tentou persuadir-me a ficar um pouco mais com ele, mas isso era o que eu queria, não era? Pelo que não havia qualquer razão para eu ter ficado desapontada...

* * *

No dia de treino de Tilda e Nell, fi-las sentar e expliquei-lhes tudo sobre a nova caldeira.

– Como veem, já que gastei todo o meu dinheiro a substituí-la, não me restará nenhum para vos pagar os salários, nem mais nada, se o salão de chá não for um sucesso imediato.

– Será, e, de qualquer forma, nós podemos esperar pelos nossos salários caso seja necessário – disse Tilda.

– Porque não vende aquele antigo conjunto de chá que o Jim Voss veio buscar? – sugeriu Nell. – Havia um exatamente igual no programa *Antiques Roadshow* no domingo, e valeu cerca de cinco mil libras. Eu fiquei espantada.

– Creio que não devia ser igual ao que está lá em baixo, é tão feio!

– Oh, sim, era igualmente horrendo – garantiu-me ela. – Era francês – acrescentou, como se tal o explicasse. – Tirei essa fotografia do álbum que mostra as senhoras a beber chá com ele, tal como lhe disse que elas faziam uma vez por ano.

A fotografia a preto e branco era pequena, mas os pormenores eram surpreendentemente claros: duas senhoras de aspeto eduardiano estavam sentadas atrás de uma pequena mesa de bambu, na qual, indiscutivelmente, estava o serviço de chá. Uma versão mais jovem de Nell de pé encontrava-se junto a elas, com a touca branca puxada para baixo até às sobrancelhas.

– Bom... Eu realmente pretendia que Nile lhe desse uma vista de olhos – disse, cheia de dúvidas.

– É melhor não deixar para amanhã o que pode fazer hoje, flor – sugeriu Tilda. – Se tiver valor, não é de espantar que a Molly Muswell o quisesse de volta!

Eu não estava convencida, mas concordei pedir a opinião de Nile e prosseguimos com o treino, o que foi um estrondo.

Li solenemente todas as regras para assegurar a segurança no local de trabalho, a preparação de comida, boa higiene geral e como lavar as mãos.

– Ainda não matei nenhum hambúrguer – disse Nell.

– As toalhas de papel são uma opção mais higiénica e pode usar uma limpa para fechar a torneira – continuei, mantendo-me fiel ao guião. – A roupa suja, ou seja, toalhas e guardanapos, deve ser metida em sacos e colocada no *hall* de trás de modo a serem recolhidas todas as noites, e a roupa limpa deve estar guardada no armário próprio até ser necessária.

– Bom, minha nossa! – exclamou Nell, sarcástica.

– Todas as toalhas do chá, de mão e dos pratos serão colocadas na máquina de lavar num programa muito quente, todos os dias...

Virei uma página e disse, aliviada:

– Por último, deve ter cuidado ao assinalar as caixas do quadro branco quando as limpezas diárias e semanais estiverem concluídas, assim como as tabelas de *stock* com as datas de validade.

Recostei-me.

– Pronto, é isto.

– Nós já sabíamos isso tudo – declarou Tilda, sentando-se com os braços cruzados e um rosto impassível enquanto ouvia tudo.

– Bom, eu sei que vocês sabem, mas tinha de o fazer na mesma.

– Deixe lá, foi muito divertido, como uma peça de teatro – comentou Nell. – Disse que os nossos aventais já chegaram?

Eram de estilo vitoriano com o topo cruzado, pontas com folhos e uma generosa fita para atar atrás e, quando os experimentaram, acho que Nell deu duas voltas à fita, fazendo-a passar pelos buracos da cintura e fazendo um laço à frente.

– Era assim que fazíamos quando eu trabalhava na Chaleira de Cobre – disse ela.

Tinham decidido entre elas usar *tops* pretos e calças por baixo, e Nell pedira o género de fita

para o cabelo com um folho branco que eu só vira em filmes.

É surpreendente o que se pode encontrar na internet.

– Já falta pouco para o dia de abertura e eu virei logo cedinho com a nossa Tilda – disse Nell. – Estaremos todas preparadas e prontas para arrancar quando as portas abrirem.

Ela fazia com que aquilo parecesse a abertura de uma venda, quando poderíamos ser invadidas por um batalhão de clientes.

– Eh, será espetacular estar de volta à labuta e num sítio decente – disse Nell, contente.

– Antes de irem – disse eu –, há uma coisa que tenho de vos dizer sobre mim, antes de a lerem no jornal local de amanhã.

– Diga, então – pediu Tilda. – Tem toda a minha atenção, agora!

* * *

Quando elas saíram, telefonei a Nile e disse:

– Podes cá passar? Tenho uma coisa que quero mostrar-te.

– Promessas, promessas – disse ele. – Vou já para aí.

– Não acalentes esperanças, só quero a tua opinião profissional – retorqui e ele riu-se.

Quando ele chegou, eu já trouxera o conjunto de chá para cima, para a cozinha das traseiras, e estava a desempacotá-lo e a pô-lo na mesa antiga, peça a peça.

– De onde veio isto? – perguntou, pegando numa chávena e virando-a para avaliar a base.

– Lembraste de te ter contado sobre Mistress Muswell ter enviado Jim Voss para me pedir que lhe devolvesse o conjunto de chá da mãe, porque ela o deixara para trás, só que não estava no armário onde ela dizia?

Ele assentiu.

– Bom, estava lá sim, senhor, só que longe de vista. A Nell sabia onde se encontrava e disse que datava desde as Misses Spencer, que detinham A Chaleira de Cobre, pelo que Mistress Muswell mentira sobre pertencer à sua mãe. A Nell até tem uma pequena fotografia a preto e branco que mostra o serviço a ser usado pelas Misses Spencer, trouxe-ma hoje cedo.

– Então Mistress M simplesmente lembrou-se dele e estava a tentar recuperá-lo?

– Sim, acho que o Jim Voss lhe contou que achámos a loiça com o padrão de salgueiros no armário por baixo das escadas, e isso avivou-lhe a memória.

– Bem, não fico surpreendido, é muito valioso.

– A sério? – Olhei para ele. – A Nell e eu achamos que é horrivelmente feio, mas recentemente ela viu algo parecido no *Antiques Roadshow*.

– Também acho que é bastante feio – concordou ele –, mas é um *Sèvres* e há imensos colecionadores que não partilham a nossa opinião.

Ele analisou cuidadosamente todas as peças e disse, convicto:

– São todas genuínas, há muitas falsas no mercado, e vêm completas, com o tabuleiro original. Também estão em perfeitas condições.

– Então, quanto achas que esta coisa vale? – perguntei, ansiosa.

– Terei de verificar as avaliações dos leilões, mas acho que vale, pelo menos, quatro mil libras, possivelmente um pouco mais.

– Uau! – exclamei eu. – Acho que as Misses Spencer acabaram de me oferecer um pouco de desafio financeiro!

Achei que, se soubessem, ficariam agradadas por me ajudarem a devolver ao seu querido salão de chá a sua antiga glória e, ao mesmo tempo, fiquei feliz por pagar a Mrs. Muswell na mesma moeda!

Normalmente, não leio o jornal local, mas havia uma pilha de edições recentes no balcão quando estava a pagar a minha gasolina, na aldeia. Uma fotografia de Oldstone e a manchete na primeira página chamaram-me a atenção: «Mulher abandonada enquanto bebé regressa para procurar mãe biológica», dizia, de forma sensacionalista.

É claro que não comprei um exemplar, em vez disso, parei numa papelaria onde não seria reconhecida, a caminho da cirurgia. Quando li o artigo, pensei que era muito cansativo a Alice Rose querer ter o encontro feliz para conhecer a mãe que tão raramente ocorria. Neste caso, também não ocorreria.

Culpei todos os programas de televisão por encorajarem pessoas confusas a procurar parentes perdidos que, tenho a certeza, nove em dez dos casos tinham querido permanecer desconhecidos.

Perfeitamente Preparada

No dia em que saiu o artigo no jornal, eu saí cedo para comprar um exemplar – e por pouco não me cruzei com a Dra. Collins, que saiu da loja e entrou no seu carro enquanto eu caminhava pela rua. Todavia, ela seguiu na direção contrária e por isso acho que não me deve ter visto.

No caminho de regresso ao salão de chá senti-me exatamente como um caracol sem carapaça, embora não me parecesse que muitas pessoas já tivessem lido o jornal ou, caso já o tivessem feito, estivessem interessadas.

Será que a minha mãe biológica o veria? E, se sim, como se sentiria ela? Tinha esperança que ficasse contente por eu andar à sua procura e ansiosa por me conhecer, mas havia uma torrente de pessimismo a percorrer-me (provavelmente vinda de Nile) que sugeria um cenário alternativo.

Estava tão absorvida por estes pensamentos que só regresssei à realidade quando ouvi o som de uma alteração sonora ao virar para Doorknocker's Row – uma voz feminina estridente e os tons graves familiares de Nile.

Parei aterrada ao ver Nile e uma mulher incrivelmente gorda numa discussão acesa à porta do The Fat Rascal.

Era inconfundivelmente Mrs. Muswell, mas ou usava uma fotografia antiga na internet, ou ganhara muito peso recentemente, porque os seus olhos pequenos e escuros estavam enterrados no rosto pastoso.

– Não ouvirei mais o seu descaramento! – disse ela a Nile.

– A senhora não vai a lado nenhum antes de me pagar as antiguidades que vendeu.

Mrs. M abriu os olhos o máximo que pôde – que não era muito – e disse inocentemente:

– Já lhe disse, esqueci-me apenas de colocar aquele cheque debaixo da sua porta antes de partir.

– Sim, tal como se esqueceu de responder à carta que lhe enviei através do seu advogado.

– Tenho andado de um lado para o outro – desculpou-se de forma evasiva. – Ainda não tenho o correio em dia.

– Reportei o que aconteceu à polícia – declarou ele, implacável.

– Não era caso para isso, foi apenas um esquecimento! – respondeu, indignada. – E, além disso, eu não vendi tudo e não posso ser responsabilizada por nada do que sobrou.

– A Alice, a mulher a quem vendeu o café, encontrou-as e devolveu-mas. E aqui está ela – acrescentou ele com agrado.

Mrs. M voltou-se tão depressa quanto o seu volume permitia e olhou para mim.

– Eu também lhe enviei uma carta através do seu advogado – disse eu. – Referia o pequeno facto de cada objeto de valor que estava listado no contrato-promessa de compra e venda quando comprei o café ter sido removido antes da minha chegada.

Acho que teria tentado fugir nesse momento se eu não estivesse a bloquear a única saída, mas, em vez disso, recompôs-se e continuou o descaramento.

– Ora, é exatamente por isso que eu vim visitá-la, mas a Alice estava fora – desculpou-se.

– Apanhei-a a espreitar pela janela do café – explicou Nile.

– Cheguei ontem de Espanha e estou em casa de uns amigos, os Voss da hospedaria, e o Jim disse-me que você entendeu mal a situação sobre as coisas de que me livre, pelo que pensei que podia aparecer e explicar-lhe.

– Muito bem, então explique! – exclamei. – E é melhor entrarmos enquanto o faz – acrescentei, abrindo a porta e obrigando-a entrar.

Nile colocou-se atrás dela – obviamente não a deixaria ir até ela lhe pagar.

Ela entrou de maneira relutante e depois olhou em redor, surpreendida.

– Ninguém diria que é o mesmo lugar! Os Voss contaram-me os seus planos megalómanos e que a Alice quer fazer muito dinheiro com este seu salão de chá de luxo, pelo que parece que não se saiu muito mal com o nosso negócio. Ficou com o sítio por uma pechincha, foi o que foi.

– Ainda não abri, e quem poderá dizer como vai correr? – ripostei. – E quando cheguei também parecia um local completamente diferente daquele cujas fotografias me mostrou antes de eu o comprar.

– Eram as únicas que tinha e eu não lhe disse que ainda se parecia com elas.

– Talvez não, mas assinou um acordo a indicar os equipamentos, móveis e acessórios que estavam incluídos na venda, e praticamente nenhum deles estava aqui.

– Ah, é aqui que começa o mal-entendido – respondeu ela de forma falsa. – Pensei que fosse apenas uma lista do que aqui estava na altura, mas claro que mandei para o lixo as coisas velhas quando comecei as renovações. Se bem se lembra, expliquei-lhe que só pus o café à venda para ver se alguém o queria comprar e fazer as renovações por si próprio, antes de eu gastar dinheiro com ele.

Ela tinha dito algo do género, mas, ainda assim, sabia que me tinha enganado.

– Também lhe deixei toda aquela linda loiça de padrão de salgueiro – disse, conseguindo parecer ofendida.

– Atualmente, não se pode doar material moderno como aquele – interveio Nile. – Não tem valor.

– É a sua opinião – retorquiu Mrs. M rudemente, depois voltou-se outra vez para mim. – Não creio que o seu caso tenha pernas para andar, querida. E já que aqui estou, vou aproveitar para levar aquele conjunto de chá antigo da minha mãe, que estava no armário com o de padrão de salgueiro. Não sei como me esqueci dele.

– Boa tentativa, mas nem pensar – declarei. – Eu já disse ao Jim Voss que vou ficar com ele. E sei que não era da sua mãe porque a Nell contou-me que foi deixado às donas da Chaleira de Cobre em testamento, e tem fotografias para o provar.

A cara pastosa de Mrs. M ficou inundada com um rubor de fúria.

– É uma mentirosa, está a inventar isso porque sabe que é valioso!

– Sabe muito bem que a mentirosa aqui é você, e vou vender o conjunto de chá para compensar algum do equipamento com o qual me enganou.

– E se me pagar agora pelas antiguidades que vendeu, não farei com que a prendam por roubo – interveio Nile e Mrs. M fez um som como se engolisse em seco.

– Como se isso fosse possível, quando foi tudo um pequeno mal-entendido.

– Quer pôr-me à prova? – desafiou ele.

– Não há necessidade de agir assim. Vou passar-lhe um cheque quando voltar à hospedaria.

– Vai pagar-me em dinheiro antes de a deixar ir embora – insistiu, dizendo-lhe quanto lhe devia ela.

O rubor tornou-se uma palidez chocada.

– Não pode ser assim tanto!

– É-o certamente, e considere-se sortuda por lhe ter descontado a sua comissão.

Como ele estava diante da porta, ela cedeu após um instante, tirando uma carteira grossa da mala e retirando algumas notas de alto valor de um chumaço grande.

– Só tenho euros – disse, mal-humorada.

– Aceito tudo menos dinheiro de Monopólio – disse ele, contando-o quando ela lho atirou.

– Parece bem – afirmou ele por fim.

– Então talvez queira sair da frente e deixar-me passar? – sugeriu ela. – Nunca ouvi tantas acusações, e eu que só vim aqui por pura bondade para explicar tudo à Alice porque percebeu mal as coisas.

– Entendi-as muito bem – afirmei. – Adeus, Mistress Muswell. Espero não voltar a vê-la.

Ela fez um som semelhante ao de uma chaleira a ferver e saiu aos safanões. Da janela do salão, vimo-la errar cega de fúria pelo beco fora e, esperámos nós, para fora das nossas vidas.

Nile voltou-se para mim.

– E o que é mais engraçado é que, quando a apanhei a espreitar à tua janela, eu estava justamente a vir para te dizer que o conjunto *Sèvres* tem um *design* muito raro e que o último a ir a leilão alcançou quase oito mil libras.

Depois olhámos um para o outro e desatámos a rir.

* * *

O jornal circulou mesmo, pelo que recebi a minha primeira reserva por telefone a seguir ao almoço: Eleri, que, tal como Sheila, insistiu em pagar em vez de vir como minha convidada.

– Só espero que o Henry aprove os meus cozinhados – disse eu, nervosamente, e ela riu-se e respondeu que o proibira de dizer algo que não fosse completamente elogioso.

George deixou uma mensagem a declinar o convite que eu lhe enviara, mas acrescentou que, sempre que eu estivesse de passagem e quisesse levar-lhe bolos, seria bem-vinda. Acho mesmo que queria dizer que o bolo seria bem-vindo, não eu.

E tenho mesmo de me habituar a dizer «Salão de Chá Fat Rascal» quando atender o telefone lá em baixo em vez de anunciar simplesmente «Fat Rascal!», que dava azo a más interpretações.

* * *

Quando todos os meus armários, frigoríficos e congeladores ficaram cheios até acima, senti-me tão feliz como um esquilo com uma transbordante horda de nozes.

Passara a tarde inteira a fazer bolos de fruta, embrulhados em película impermeável e guardados em latas, porque se conservam melhor.

Nesse dia, quando mais tarde verifiquei novamente as reservas feitas por telefone, encontrei uma segunda mensagem de George Godet, que mudara totalmente de ideias e afinal vinha à inauguração! Decidi que o ia sentar na mesa do repórter do jornal, para que ele lhe pudesse dar uma versão completa de como o seu pai me tinha encontrado.

Na sexta-feira, Lola conduziu até cá acima uma carrinha nova e elegante com uma estampa lateral a dizer «Doddy and Lola's Perfectly Pickled and Preserved Company».

Ela trouxera a primeira consignação de conservas, bem como um modesto *stock* para ser posto à venda no armário de vidro sobre o balcão. A Tilda tinha-o polido até brilhar, tal como o espelho, atrás.

Como deixara o espaço todo tão limpo que se podia comer em qualquer superfície, não havia muito para a desafiar até abrirmos, contudo, se voltasse a lavar as casas de banho a vapor com aquela máquina que me convenceu a comprar, estava convencida de que elas encolheriam.

Nile sugeriu que nos encontrássemos essa noite para jantar com a Bel e o Thom no *pub* ali perto, o que foi agradável, embora Lola tenha dito depois, quando regressámos ao apartamento:

– Gosto do teu Nile, mas com o Thom e a Bel a tornarem-se também um parzinho, senti-me um bocado a segurar a vela!

– O que queres dizer com também? Ele não é o meu Nile, por isso, por mim, não precisas de te sentir a segurar a vela.

– Oh, por favor – comentou. – Já é altura de vocês pararem de andar com joguinhos e juntarem-se. Ele está apaixonado por ti e tu estás apaixonada por ele, por isso o que vos impede de estarem juntos?

– Achas mesmo que ele está apaixonado por mim? – perguntei. – Penso que se sente atraído por mim, pelo que se calhar pensa que... Mas não duraria. Já te disse, ele é compromisso-fóbico.

– E tu só te comprometes se receberes a garantia banhada a ouro de que vais ter um final feliz – ironizou com um sorriso. – É um impasse!

– E ultimamente tornou-se ainda mais complicado – disse eu, contando-lhe a versão integral do fim de semana de Zelda e Robbie, incluindo o que Nile dissera sobre a nossa «relação séria».

– Não sei em que pé estou com ele – concluí. – Nem onde quero estar.

– Ele provavelmente está tão confuso como tu, mas até lhe fica bem, pois, embora se sinta atraído por ti, tem sido bastante paciente porque acha que ainda precisas de tempo para ultrapassar o Dan.

– Isso é o que ele diz. De qualquer forma, já lhe expliquei há muito tempo que, embora eu ainda pense muito em Dan, estava pronta para seguir em frente.

– Os homens nunca aprenderam a decifrar uma dica – respondeu ela.

– Lola! – exclamei e ela sorriu.

Depois, insistiu em ir até à Pequena e Perfeita para se despedir de Nile na manhã seguinte, antes de ir para casa.

– Ele diz que ficará contente quando a tua cabeça já não estiver ocupada por fadas más e salões de chá – referiu Lola ao regressar. – Agora sabemos o que espera.

– Se é que espera alguma coisa... Acho que me tornei um aborrecimento em ambas as coisas – disse eu –, quando o salão de chá abrir, a Tilda vai geri-lo para que eu possa afastar-me um pouco.

– Foi o que eu lhe disse, mas avisei-o de que tu estavas sempre longe com as fadas e que ele tinha de se habituar a isso.

– Realmente estou sempre a pensar como é que as personagens do livro que acabei há pouco tempo se estão a dar agora – admiti. – Tenho a certeza de que há uma sequela a formar-se algures na minha cabeça.

– Esperemos que esta tenha um final mais feliz – desejou ela, mas eu avisei-a que não tivesse grandes esperanças.

Quando me despedi dela, voltei para dentro. Apesar de ir a Oldstone para o almoço de domingo no dia seguinte, tinha muito para fazer naquele fim de semana para ficar lá a dormir. Faltavam menos de quatro dias até abrirmos!

Porém, depois de ter posto maçapão num dos bolos, para poder colocar-lhe a cobertura a seguir, cometi o erro de ir ao meu *e-mail* para ver se precisava de responder a alguma urgência – e tinha lá uma da minha editora a dizer que Senga lhe reencaminhara o manuscrito do meu novo livro e que o adorava!

A parte a seguir não era tão boa: as edições chegariam nas próximas semanas.

Eu podia imaginar que o ritmo seria implacável... e, pouco tempo depois, as mensagens telefónicas para reservar mesas também o foram. Não sei se foi a imagem de eu ter sido abandonada em bebé na charneca, ou a novidade de um salão de chá que prometia ter as empregadas mais mal-educadas de Yorkshire, mas, à tarde, o telefone não parou de tocar com reservas, chegando também cada vez mais *e-mails*.

De qualquer forma, eu começara a verificar a caixa de *e-mails* a todas as horas, só para o caso de a minha mãe biológica preferir comunicar desta forma, no entanto, não tive notícias dela nessa altura nem mais tarde.

Sabia que ainda era cedo, no entanto, a cada hora que passava, a esperança vaga de que ela me poderia contactar morria um bocadinho.

* * *

Finalmente, a noite anterior à inauguração do Fat Rascal chegou e mais prontas não poderíamos estar.

Tilda, Nell e Daisy tinham vindo nessa tarde preparar as mesas com toalhas e guardanapos brancos como a neve e talheres brilhantes. Havia trocos na caixa registadora, os marcadores de «reservado» estavam em cima de todas as mesas e um saudável número de reservas para o resto da semana estava escrito no livro de contabilidade atrás do balcão, junto à linha telefónica.

O lindo jarro azul e branco na janela em arco estava agora cheio de flores que me tinham sido oferecidas anteriormente por Nile, juntamente com uma garrafa de champanhe e, quando os outros chegaram finalmente a casa, nós retirámo-nos para o meu apartamento com *fish and chips*, acompanhados de champanhe... como manda a regra.

– Já tiveste notícias de Robbie? – perguntou Nile depois, quando colocou os guardanapos gordurosos dentro de um saco para o levar para o lixo.

– Não, mas ainda não tive muito tempo para pensar nele desde que voltou para Londres com Zelda. Tenho estado muitíssimo ocupada. E tu? Já tiveste notícias da Zelda?

– Bom, essa é a questão – começou, com um brilho aparentemente muito divertido nos olhos. – Ela voltou a ficar silenciosa e não tem atendido o telefone, pelo que verifiquei o seu estado no Facebook e... diz que está numa relação.

Fiquei a olhar para ele.

– Não podes estar a dizer que...?

Ele assentiu.

– Sim, agora é o programa da Zelda e do Robbie. Acabei por conseguir que ela atendesse o

telefone e confirmou-me que o Robbie é tudo o que ela esperava encontrar num homem.

– Se procurava alguém grande, bem-humorado e estúpido, então arranhou certamente o seu par, mas devo dizer que não estava à espera dessa.

– Nem eu: parecem um casal tão estranho. – Ele olhou para mim mais seriamente. – Importas-te?

– Com o quê? Com o Robbie? Não, claro que não! – exclamei. – Espero que funcione para os dois.

– Também é assim que me sinto. E agora ela quer vender a sua parte no negócio das antiguidades e pôr a casa flutuante à venda porque estão a tentar voltar para a Austrália. Falam em abrir uma espécie de centro de aventuras de canoagem, ou algo assim. Isso não tem nada a ver com a Zelda, acho que ela deve sofrido um transplante de personalidade.

– Bom, espero que também arranje um pequeno Joey em breve – disse eu, generosa, depois bocejei de súbito.

– Sinto-me completamente exausta, mas entusiasmada ao mesmo tempo! – afirmei.

– Acho que precisas de te deitar cedo e preparar para o grande dia – concordou Nile –, é melhor ir-me embora, diz-me se precisares da minha ajuda para alguma coisa de manhã, estarei mesmo aqui ao lado.

Depois, sorriu, agarrou-me no rosto com as duas mãos e beijou-me demoradamente nos lábios antes de descer as escadas e sair. Apesar das minhas melhores intenções, pode ter havido uma reciprocidade na ação dos lábios. Começava a pensar que as minhas tentativas de resistência eram fúteis.

Apesar da minha exaustão, não fui logo para a cama porque tanto a Lola como a Edie me telefonaram a desejar boa sorte para o dia seguinte.

Desejei que elas pudessem vir à inauguração, mas, pelo menos, teria Nile e o resto dos Giddings para me apoiarem. E ainda que a minha mãe biológica nunca aparecesse para me reclamar, tinha uma nova família, pois os Giddings pareciam ter-me absorvido no seu clã através de uma espécie de osmose.

Quando finalmente me deitei, senti-me no topo de um escorrega, pronta a deslizar para um futuro incerto.

Meti o jornal na mala e voltei a ler o artigo no meu intervalo prolongado, apareceram muito poucos pacientes meus.

Achei extremamente irritante as minhas ações perfeitamente lógicas dessa noite terem sido comparadas a uma espécie de incapacidade mental causada pelo choque de um nascimento indesejado. De qualquer forma, não havia maneira de corrigir esse erro e defender-me sem o risco de revelar a minha identidade.

Meti o jornal no lixo a caminho de Haworth.

Fat Rascals

Eu sonhara com este momento durante tanto tempo que, quando finalmente chegou, tive de me beliscar constantemente para ter a certeza de que estava acordada.

O primeiro serviço corria a todo o vapor e espreitei para o salão de chá pela porta da cozinha. Todas as mesas estavam ocupadas e o zumbido constante das conversas preenchia o ar como o som de uma colmeia feliz. A Nell e a Tilda, com os seus aventais franzidos a toda a volta, andavam de um lado para o outro, alvoroçadas.

Houve uma salva de palmas quando abri a porta para dar as boas-vindas a toda a gente à inauguração do The Fat Rascal e o jornalista insistiu em tirar-me uma fotografia, ladeada por Nell e Tilda, antes de eu bater rapidamente em retirada para os bastidores.

Por sorte, ele parecia agora demasiado ocupado a enfiar sandes e bolo para pensar em tirar mais fotografias. George Godet estava sentado no lado oposto e, com o nariz adunco e o cabelo preto com madeixas cinzentas espetado numa crista zangada, parecia uma catatua ligeiramente demoníaca. Ainda assim, fizera a barba e aprumara-se para a ocasião, com um casaco *tweed* com cotovoleiras de cabedal e uma camisa com padrão axadrezado pequeno.

– Está a correr bem, não está? – sussurrei a Tilda enquanto ela fazia uma breve pausa junto a mim, segurando um tabuleiro cheio de chá. – Acho que é melhor eu fazer uma ronda pelas mesas e falar com alguns clientes.

– É como Blackpool em dia de feriado! – exclamou Tilda, o que tomei como uma coisa boa dada a sua expressão e então, com um aceno para a mesa do George, acrescentou: – Aqueles dois parecem estar numa espécie de competição de comida. Eh, até parece que estão num bufê de coma o que puder!

– Imagino que seja isso, de certa forma – respondi. – Um chá de coma o que puder.

– As mesas três, seis e nove são a concorrência – sussurrou ela, embora eles estivessem bem fora de alcance. – Vêm ver quão grande ameaça é aos negócios deles.

– A concorrência? Dos outros cafés locais?

– Exatamente, e a expressão das caras deles é tão azeda que podia fazer coalhar o leite – disse ela com satisfação, depois voltou para a labuta enquanto eu fazia a minha ronda pela sala para dar uma palavrinha a toda a gente.

A maioria era amigos: os Giddings, claro, estavam sentados na janela em arco para ajudar e a Bel estava com Thom numa das mesas mais pequenas da lateral do salão. O Ross levava a sua mãe e partilhavam uma mesa redonda com Jack e a sua mulher, Viviane.

Quando cheguei ao pé de Henry e Eleri, ela disse que a Proeminência a tornara tão faminta e que ela comia por seis.

– E porque não? – encorajei-a, pensando o quão radiantemente bonita a gravidez a tinha tornado. – Fico contente por estarem a gostar do chá. Se quiserem mais alguma coisa, basta pedir à Nell ou à

Tilda.

– Aqueles scones não eram maus de todo, mas... – começou Henry de forma crítica, e naquele momento acho que Eleri lhe deu um pontapé por baixo da mesa porque ele calou-se de repente e fitou-a com ar zangado. Ela não pareceu impressionada com aquilo, calculo que seja simplesmente a sua expressão por defeito.

– Está tudo delicioso – assegurou-me ela.

– É isso mesmo, minha flor, e precisa de manter as suas energias quando está grávida – interveio Tilda, colocando pastéis de limão e laranja de maneira impecável na prateleira vazia do topo do suporte de bolos. – Não deixe que esse grande pedaço de nada se abarbate aos pastéis todos desta vez.

O Henry pareceu agradado com a indelicadeza e sorriu-lhe abertamente.

– Não podia em vez disso aliciá-la a vir trabalhar para mim? Ver uma tão grande beleza e ouvir a sua doce voz todos os dias valeria cada cêntimo.

– Deixe-se disso, seu pateta idiota – retorquiu amigavelmente, e deixei-os entregues à sua verborreia e fui cumprimentar Emily Rhymer e o marido. Eu tinha a certeza de que ela me contara que ele era pároco, mas, se o era, não era da maneira tradicional, pois tinha o cabelo longo e grisalho amarrado num rabo-de-cavalo e duas cruces de ouro nas orelhas. Chegaram ambos com casacos de cabedal de motoqueiros, embora os tenham pendurado nas cadeiras ao fim de pouco tempo, provavelmente porque ficou calor no salão de chá.

Eu prometera dar a minha receita de *fat rascals* a Em e estava quase a chegar à mesa de George quando ouvi Nell a dizer-lhe sem rodeios:

– Se me pedir mais algum scone de queijo, seu doido ganancioso, você é que será o *fat rascal*²⁰ e vamos poder contratá-lo para mascote!

– Se eu quisesse ser insultado por uma morcego velho e raquítico poderia ter ficado em casa – replicou severamente.

– Seu idiotinha miserável, você tem é sorte de alguém decente pensar em falar consigo – respondeu ela. A julgar pelo queixo caído e a cara vermelha, calculo que ele não tenha visto o anúncio acerca das empregadas de mesa mais mal-educadas de Yorkshire, pelo que bati estrategicamente em retirada para a cozinha.

Tenho de admitir que me perguntara se seria possível que a minha mãe biológica reservasse uma mesa naquele dia, para me poder ver sem se dar a conhecer, mas nenhuma das mulheres presentes me pareceu uma candidata óbvia.

Mas, talvez nós, humanos, não tenhamos uma habilidade inata de distinguir os nossos pais do resto do rebanho?

* * *

Tinha de fazer mais scones de queijo para o segundo serviço, sobretudo devido ao facto de o George ter gostado tanto deles, e, enquanto misturava a massa, Sheila entrou com Nile para se despedirem.

– Parabéns, querida. É um grande êxito! – afirmou ela, beijando-me.

– Sim, e peço desculpa por alguma vez ter duvidado de que seria – concordou Nile.

– Será um êxito se o negócio continuar a ser tão vigoroso, mas durará? – questioneei, ansiosamente. – Quantos terão vindo hoje apenas por curiosidade?

– Alguns deles podem ter vindo apenas por curiosidade, mas vão regressar pela comida – assegurou-me Sheila.

Depois de ela se ter ido embora, Nile ficou um pouco mais, abastecendo-me de café e enchendo a máquina de lavar loiça sempre que Nell e Tilda esvaziavam uma mesa. Depois, recebeu um telefonema e teve de voltar para a sua loja.

– Uma cliente minha vem cá para comprar uma leiteira *Clarice Cliff*, é a peça que lhe falta para completar um serviço de chá inteiro – explicou. – Não demoro nada.

E não demorou, pois regressou justamente quando os scones estavam a arrefecer na prateleira.

– Que *timing* perfeito – comentou, tirando um scone e procurando a manteiga. – Tu cozinhas como um anjo.

– Os anjos cozinham? – perguntei.

– Os pré-rafaelitas sim.

– Poise esse scone, seu grande palerma, e encha alguns destes frascos com geleia – ordenou Nell, que entrara de costas pela porta de vaivém carregando um tabuleiro cheio de pratos sujos com a facilidade concedida pela larga experiência. Ela parecia incrivelmente animada, tendo em conta que já não ia para nova e que andara para trás e para a frente desde que abrimos.

– *Okay* – concordou ele. – As natas também?

– Sim, uma dúzia de ambas antes que entre a próxima leva. Vou voltar a colocar os marcadores de «reservado» nas mesas assim que esta leva se for embora, ainda que alguns estejam a demorar tanto que uma pessoa pensa que ficaram com os rabos colados às cadeiras.

Saiu novamente.

– É impressão minha ou a Nell está a tinir? – perguntei.

– Os bolsos dela estão cheios de gorjetas. Reparei no mesmo com a Tilda – disse ele. – Quanto mais indelicadas são, mais dinheiro parece que as pessoas lhes dão. Foi uma ideia brilhante em termos de promoção!

O segundo serviço era composto sobretudo por estranhos, embora eu tenha reconhecido uma ou duas pessoas, como a rececionista da clínica da minha médica, que era uma das amigas de Geeta, e a ama da Geeta e Teddy, Jan, porém, parecia ir a todo o vapor, tal como o primeiro serviço.

Quando a campanha soou finalmente após a partida dos últimos clientes satisfeitos, levando as caixas de cartão cheias de sobras de bolo e dos pequenos frascos das conservas da Lola, de repente o salão de chá pareceu estranhamente vazio.

Tilda estava no seu pequeno gabinete a contar o dinheiro, enquanto eu guardava os pauzinhos de queijo que haviam sobrado numa lata.

– Só uma pessoa quis a ementa completa de chá, calculei em excesso o número de canapés de que necessitava – disse a Nile.

– Comerei tudo o que não guardares – ofereceu-se ele, de forma útil.

– Parece que me lembro de te ter prometido há séculos que te levava um *takeaway* de canapés em troca do pisa-papéis da Lola – relembrei-lhe. – E hoje foste tão maravilhoso ao ajudares em tudo o que fosse necessário que acho que mereces!

– Alimenta-me simplesmente com as sobras e eu fico feliz – retorquiu.

– Aqui está a nossa Dondoca, venha ajudar a limpar as últimas mesas e depois ajude a Tilda nas limpezas – ordenou Nell, com a cabeça de fora da escotilha, como um fantoche de marionetas.

O salão de chá estava finalmente limpo, arrumado e silencioso, à exceção do ruído da máquina de lavar loiça, e eu e Nile ficámos sozinhos.

Senti-me cansada, mas, de certa forma, eletrizada com a descarga de adrenalina pelo que concordei quando ele sugeriu irmos a casa dele para que me pudesse cozinhar a sua ceia especial.

A sua especialidade era *Welsh Rarebit*²¹, que também estava delicioso. No entanto, logo depois de termos comido, fiquei tão grogue do sono que nem uma chávena do seu ótimo café poderia evitar que os meus olhos se fechassem e por isso acompanhou-me à minha porta, deu-me um beijo rápido e empurrou-me para dentro. Talvez tenha pensado que, se me desse um beijo suficientemente rápido, eu não repararia. É uma teoria, ainda assim..

Ao atravessar o salão de chá, reparei que tinha doze mensagens no atendedor de chamadas, mas a única que vi nessa noite foi uma curta mensagem de texto de Edie no meu telemóvel.

Conta os teus talheres, dizia.

Mas claro que a Tilda, que é ainda mais desconfiada do que a Edie, já o fizera.

²⁰ Malandro gordo, em inglês. (*N. da T.*)

²¹ Prato tradicional galês do século XVIII que consiste em pão torrado coberto com molho de manteiga e queijo. (*N. da T.*)

Assumi que, quando Alice Rose não obtivesse resposta ao seu apelo, pensaria que a sua mãe biológica tivesse morrido ou saído daquele distrito – ou até que vira o artigo no jornal mas não desejara revelar-se. Talvez então ela parasse de insistir no assunto.

Quase esperei que o seu salão de chá fosse um fracasso, o que poderia ter sido um incentivo extra para levar a sua presença indesejada para outras paragens, mas parecia que acontecera precisamente o oposto: todos, ao que parecia, falavam daquele salão de chá.

A grande atração (para além da qualidade dos chás, que pelos vistos era alta) era o facto de as empregadas serem mulheres do Yorkshire sem papas na língua. Não percebo qual é a graça disso, mas, enfim, como dizem por aqui, gostos não se discutem.

Provada e Comprovada

De madrugada estava de novo a pé, a fazer mais uma dúzia de miniaturas de *fat rascals* e um grande bolo de marmelada, que tencionava terminar com uma cobertura forte e picante de laranja, assim que arrefecesse. Desconfiei que em breve seria capaz de fazer *fat rascals* a dormir...

A lavandaria viera buscar as toalhas e os guardanapos no dia anterior e o padeiro entregara a minha encomenda, que tinha de ser conferida e posta de lado... E assim a manhã passou a correr e foi altura de Tilda vir e começar a cortar as sandes em formas pequenas.

Depois, repetimos a mesma *performance* do dia anterior, só que com um novo grupo de clientes e sem o Nile para ajudar, pois estaria fora o dia todo e só voltaria mais tarde. Senti a sua falta...

Nessa noite, quando fechei a porta do salão de chá depois de Tilda e Daisy se terem ido embora, e de ter apagado as luzes, subi para o apartamento e liguei a Lola para lhe dizer que as suas conservas tinham sido um êxito.

– Tens de me trazer muitas mais. Fiz pequenas tartes com a de limão e a de laranja e as pessoas compraram muitos frascos para levar para casa.

Depois, contei-lhe todos os pormenores divertidos da inauguração, como George ter comido tantos scones de queijo que deveria entrar para o livro dos recordes e o que Nell lhe dissera.

Ela não podia estar muito tempo ao telefone pois ia ver o fogo de artifício com as miúdas – com tudo o que se passara, esquecera-me por completo de que era a noite Bonfire! – mas fiz uma omeleta e fui para a cama, estava tão cansada que via faíscas em todo o lado.

* * *

É surpreendente como nos habituamos logo a uma nova rotina, apesar de, claro, a Nell e a Tilda serem já um duo experiente e de eu esperar que elas se conseguissem organizar sem mim. Mas, enfim, assim os chás não teriam sido tão bons. Quero dizer, chamem-me imodesta, mas nenhum scone nem bolo voa logo do prato como os meus, apesar de suspeitar que Henry Godet discorde de mim.

A edição de quinta-feira do jornal local trazia outro artigo do salão de chá, com as Empregadas Mais Mal-Educadas de Yorkshire a terem uma menção honrosa, juntamente com fotografias de Nell, com a touca muito baixa sob a testa à medida que repreendia um cliente espantado.

Tilda disse que ia encomendar cópias de todas as suas fotografias e as de Nell, e pedi-lhe para também me encomendar um serviço completo, já que lá ia – seriam uma boa recordação do dia, emolduradas e penduradas nas paredes.

Nile também tirara algumas fotografias para o meu *site* da internet no dia em que abrimos, que ele me ajudou a fazer.

E na sexta-feira apareceram as primeiras críticas no *site* da Travel-Oracle, com a bênção de

algumas estrelas, pelo que suspirei profundamente de alívio e comecei a acreditar verdadeiramente que ia funcionar!

Comida e insultos ao lanche! Os preços podem ser altos, mas o novo salão de chá Fat Rascal revela grande qualidade na comida e no palavreado das empregadas – e podemos pedir mais de ambos, se quisermos...

Bel ligou no sábado de manhã com uma mensagem de Teddy a dizer que os meus resultados do teste de ADN já tinham chegado.

– Ou chegou o *link*, ele dá-te acesso à página dos resultados – explicou ela.

– Tenho estado tão preocupada que me esqueci disso – exclamei. – Anda assim, a probabilidade de encontrar parentes não é muita e o resto dos resultados possivelmente não terão qualquer significado para mim. Acho que é melhor o Teddy interpretá-los.

– Peço-lhe, então, para fazer isso? – perguntou Bel.

– Sim, se ele tiver tempo, porque assim poderá explicar-me os resultados quando eu lá for esta noite, não é?

– Okay, vou fazer isso. Acho que é bastante entusiasmante, mesmo que tu não aches!

– Para ser sincera, estou muito mais entusiasmada por passar uma noite descansada em Oldstone – confessei francamente, porque iria para lá assim que fechássemos o salão de chá nessa tarde.

Ainda assim, tinha a certeza de que em breve a Tilda conseguiria gerir o dia a dia do café sozinha, tal como fizera anteriormente, o que calhava bem, pois Bela e os restantes tinham começado a manifestar-se para me contar o que lhes estava a acontecer e eu tinha mesmo de escrever aquela sequência.

– Aqueles pássaros têm bicos muito compridos... e braços para além de asas – disse Shazza, franzindo a testa ao olhar para as criaturas que flutuavam em redor das árvores. Era míope, mas preferia morrer a usar óculos.

– Narizes compridos, meu amor – corrigiu o Príncipe S’uperficial. – Não tens fadas no Aqui-e-Agora?

A maior parte da família já estava reunida na cozinha grande e calorosa da casa da quinta quando cheguei, embora Teddy aparentemente ainda estivesse na biblioteca a analisar os resultados do meu teste de ADN.

– Está lá há séculos, talvez seja algo de excitante, como seres a última dos Romanov – comentou Geeta.

– Mais provável é ela ser uma descendente direta de Lizzie Siddal – sugeriu Nile com um brilho nos olhos e lancei-lhe um olhar.

– Vou mas é arranjar-me e desfazer a mala – respondi. – Já volto.

Foram apenas dez minutos, passados sobretudo a desembaraçar o meu cabelo que o vento emaranhara numa nuvem demente durante a curta viagem do carro até casa, porém, quando voltei para baixo e abri a porta da cozinha para entrar num balbuciar de conversas, houve um silêncio súbito e toda a gente se virou e olhou para mim como se nunca me tivessem visto nas suas vidas

anteriormente.

– O que foi? – gaguejei, completamente desconcertada. – O que aconteceu? Passa-se alguma coisa de errado?

– Não, nada de errado. Venha e sente-se, querida – pediu Sheila. – O Teddy tem algo para lhe dizer. Notícias muito entusiasmantes.

– Sim... – disse Teddy, passando distraidamente a mão pelo farto cabelo e arregalando os olhos azuis. – São os resultados do teu teste de ADN, Alice. Ainda mal consigo acreditar, mas verifiquei tudo com muito cuidado e...

– Nós temos o mesmo pai! – irrompeu Bel impacientemente. – Alice, não é incrível?

Ela saltou como se tivesse molas e deu-me um abraço impulsivo, mas, quando me libertou, a cozinha girou tão estonteantemente que mergulhei na cadeira vazia ao lado de Nile. Ele pegou-me na mão e segurou-a num aperto quente e forte.

– Querem dizer... que o Paul Giddings era o meu pai? – perguntei sem expressão.

– É verdade, Alice – assegurou-me Nile.

– Mas como pode isso ser possível? E como sabes? – apelei a Teddy.

– Oh, apercebi-me assim que comecei a ver os teus resultados – respondeu. – O meu pai estava no topo da tua lista de parentes mais próximos, com uma ligação à entrada dele na base de dados com a nossa árvore genealógica, e é claro que eu sei o nome de utilizador disso.

– A Alice é meia-irmã de Bel e Teddy, querida – disse Sheila, parecendo surpreendentemente feliz com isso. – Lá está, eu simplesmente soube que fazia parte da família assim que a conheci!

– Mais uma irmã para mim e para o Nile – comentou Geeta.

– Deixa-me fora disso: não me sinto remotamente irmão da Alice – afirmou Nile. – Na verdade, e pela primeira vez, estou contente por não ter de todo qualquer relação de sangue com os Giddings!

– Mas isso pega-se: és um Giddings de todas as outras maneiras – afirmou Teddy.

Eu mal discerni o que eles estavam a dizer, porque ainda estava a tentar assimilar a revelação esmagadora.

– Mas é bizarro! – exclamei por fim. – Quer dizer, como pode isso ser verdade? Tem de haver algum erro!

– Não, não há – assegurou-me Bel. – O Teddy é o especialista e ele assim o diz.

Depois Nile fez a pergunta mais importante:

– O que ainda não discutimos é: se o Paul é o pai da Alice, então conseguimos saber quem é a mãe?

– Através dos resultados de ADN não, porque eu reconheço todos os parentescos listados, pelo que não são do lado da mãe dela – declarou Teddy.

– Sabes, com toda a excitação, não pensei nisso! – disse Sheila. – Vamos calcular a idade que Paul tinha na altura em que foi concebida. Tem trinta e seis anos, não é, Alice?

Anuí em silêncio com a mão ainda confortavelmente segura por Nile. Um progenitor recentemente descoberto parecia o suficiente a que me habituar, naquele momento.

– E o meu aniversário é a dois de março, embora eles achassem que nasci ligeiramente prematura.

– Então... estamos no início do verão antes de Paul começar o primeiro ano da universidade. É assim, Teddy?

Teddy, que estivera a escrevinhar números num pedaço de papel, anuiu.

– Creio que sim. Ele disse-me que costumava passar as férias grandes em Oldstone, antes de desistir do primeiro ano do curso e ir para a Alemanha.

– Nós conhecemo-nos na Alemanha – referiu Sheila sonhadoramente. – Foi amor à primeira vista...

– Então ele deve ter tido aqui uma namorada antes de a conhecer a si – disse Geeta sem grande tato, embora isso não parecesse afetar Sheila.

– Bom, quando visitámos Oldstone logo depois de ficarmos noivos, encontrámos alguém com quem ele tinha namorado – disse Sheila. – Tenho a certeza de que já vos falei disso.

– Não podes estar a falar da doutora Collins? – questionou Bel, incrédula. – Acho que ela não nasceu com emoções humanas. Provavelmente é uma androide.

– Mas ela devia ser só uma adolescente naquela altura e certamente era uma androide extremamente bonita – observou Sheila. – Ainda seria atraente, se a expressão dela e as suas maneiras não fossem tão repulsivas.

– Não pode ser a doutora Collins – declarei convicta. – Já nos conhecemos e... não houve nada, nenhuma centelha de reconhecimento ou de outra coisa. Tem de ser outra pessoa!

– Não sei, querida. Parece improvável que ele tivesse outra namorada misteriosa local ao mesmo tempo – disse ela. – Além disso, quando eu e o Paul nos cruzámos com ela na garagem de Upvale, ela ignorou-o ostensivamente e foi então que ele me contou que haviam tido um breve namoro de adolescentes, mas que tinham acabado e que a culpa fora dele.

Olhou para cima com uma expressão subitamente perturbada.

– Oh, céus! Apercebo-me agora de que ele deve tê-la deixado e ido para a faculdade, não foi?

– Parece que sim, mas o Paul não podia saber que ela estava grávida, se assim foi. Quer dizer, se ela realmente for a mãe da Alice – notou Nile.

– Isso é verdade! – Sheila pareceu aliviada. – Ele não era o tipo de homem que se afastasse de alguém com problemas.

– Porque não lhe contou ela? – ouvi-me perguntar.

– Não sei. Talvez não se tenha apercebido que estava grávida até muito depois de ele partir e não tenha conseguido entrar em contacto com ele sem ser através dos avós. Ela não teria querido fazer isso.

– Talvez também tivesse medo de contar aos pais. Ou nem soubesse que ia ter um bebé até ele nascer. É mais comum do que podemos pensar – sugeriu Bel.

– Já estou a ter dificuldade em aceitar a identidade do meu pai, embora o Teddy pareça ter a certeza, mas não há qualquer prova de que a doutora Collins é a minha mãe. Não passa de especulação... – afirmei, sentindo-me atordoada.

– Eu sei, foi um choque, se bem que um bom choque. Não nos vamos preocupar agora com isso, mas sim celebrar o facto de fazer parte da família Giddings, Alice – disse Sheila, como se descobrir que o defunto marido fora pai de uma criança com a ex-namorada fosse algo alegre e bem-vindo.

– Nile, há uma garrafa de champanhe no frigorífico. Vai lá e abre-a imediatamente! – ordenou ela. – E Getta, encontra os melhores copos. Isto requer um brinde!

Fui até à loja da aldeia comprar selos e, quando emergi, vi Emily Rhymer no outro lado da rua com um daqueles cães demasiado grandes e de pelo áspero de que ela tanto gosta. Parou e lançou-me um olhar muito estranho, depois acenou com a cabeça como se tivesse acabado de confirmar algo de que ela apenas suspeitava, antes de partir.

Claro que os Rhymer, um clã local, eram todos um pouco estranhos, mas a Emily era mais do que os restantes. Ainda assim, senti-me um pouco perturbada com o que aconteceu, uma vez que ela era a mulher com quem me cruzara na estrada para Oldstone naquela noite, há tantos anos atrás.

Mas, mesmo que ela tivesse as suas suspeitas, sem provas dificilmente me poderia acusar após um período de tempo tão longo, e suponho que a coscuvilhice seja um passatempo tão alheio e incompreensível para ela como é para mim.

Mensagens Confusas

– Continuo assoberbada por de repente ter a minha própria família... E a Sheila foi tão generosa com tudo – disse eu a Nile, na manhã seguinte.

Estivera tão assolada pelas emoções e pelo champanhe que mal dormi e fomos os primeiros a descer para o pequeno-almoço juntamente com Sheila; havia sinais de que ela já comera e se dirigira para o estúdio.

– Ela está sinceramente encantada. Não seria da sua natureza não estar – garantiu-me ele. – A única coisa que a chateou foi o Paul não saber que a tua mãe estava grávida, e ter passado por tudo sozinha. Ou não, tendo em conta o que aconteceu.

– Isso não se parece nada com a doutora Collins, pois não? Quero dizer, o cenário todo parece não bater certo com tudo o que sei sobre o carácter dela.

– Mas ela era uma adolescente nessa altura, não a mulher que conheces agora – referiu ele. – Todos fazemos disparates quando somos jovens.

– Ainda assim, acho difícil aceitar que ela é minha mãe, mas, tenho de concordar com a Sheila que ela realmente é a única candidata. Não vejo, no entanto, como posso descobrir sem lhe perguntar diretamente, e ela é assustadora.

– Se for ela, não se chegará à frente para entrar em contacto contigo, se não já o teria feito – afirmou, pousando uma chávena de café acabado de fazer à minha frente e aproximando a torrada e a manteiga.

Eu pensava.

– Pergunto-me... Lembras-te de eu te ter dito que a Emily Rhymer desconfiou originalmente de uma rapariga de Upvale que conduzia um *Mini* que passou por ela às primeiras horas da manhã, depois de eu ter sido abandonada?

– Sim, mas ela não a viu mais tarde, no mesmo dia, a pôr gasolina de forma bastante descontraída?

– Sim... mas se a rapariga era a doutora Collins, então ela provavelmente era tão fria e contida como é agora, e não deixaria transparecer nenhuma emoção, não é?

– Suponho que seja possível – concedeu ele.

– Por isso, se eu telefonar à Emily e lhe disser que desconfio de quem seja a minha mãe, talvez ela confirme ou negue que esta era a pessoa que ela pensava.

– Talvez o faça, mas já não te chega todo o clã dos Giddings? – perguntou ele, erguendo o sobrolho.

– Oh, é mais do que suficiente! – exclamei. – Mas, ainda assim, só quero saber a história toda, já que cheguei aqui.

E quando, mais tarde, telefonei a Em e lhe disse o que descobrira, perguntei-lhe diretamente se a Dra. Collins era a rapariga que ela desconfiava ser minha mãe, e ela confirmou.

– Pensei logo que era ela porque tinha dezassete anos e o pai acabara de lhe comprar um *Mini* novo depois de ter passado no exame de condução. E também houve outro fator que me deu que pensar: quando a polícia terminou finalmente connosco e nos dirigimos para casa, reparei que os portões de ferro em frente à casa dos Collins estavam fechados, mas que tinham estado abertos quando eu os atravesssei nesse mesmo dia, mais cedo.

– Mas depois viu-a mais tarde nesse dia e pensou que não poderia ter sido ela? – arrisquei eu.

– Exatamente. Ela estava a abastecer o carro e parecia pálida e séria, mas, parecia sempre. Não havia nada para mostrar... Pelo que pensei estar enganada.

Fez uma pausa e disse lentamente:

– A Glória lembrou-se onde já vira olhos parecidos com os seus, na mãe de Liz Collins. A Liz não os herdou, os dela eram azuis, mas são obviamente de família.

– A sério? Isso parece um pouco o argumento decisivo – disse eu. – Não sei de onde vem o cabelo ruivo, mas em altura saio ao lado Giddings... e francamente estou a achar isto tudo um pouco de mais para digerir.

– Não me surpreende, mas fico contente por os Giddings a terem recebido de braços abertos na família. Nós, os Rhymer, também somos um bando um pouco estranho – comentou, mas não explicou de que forma.

– Sim, mas temos de manter a relação como um segredo de família, pois a Sheila referiu que, se se tornasse público, as outras pessoas que se encontravam nas proximidades na altura em que fui concebida podiam juntar dois mais dois e concluir quem é a minha mãe.

– A minha boca será um túmulo – prometeu. – Vai perguntar diretamente à Liz se é a sua mãe?

Encolhi os ombros.

– Não me imagino a fazê-lo, e ela provavelmente negá-lo-á ou ameaçar-me-á com uma ação judicial por difamação de carácter ou algo do género. Não – terminei. – Não vejo como poderia fazê-lo sem provas, e não tenho nenhuma.

– No entanto, há um monte de provas circunstanciais – afirmou Em. – Se fosse eu, perguntava.

– Vou pensar nisso – respondi.

* * *

Fiz o ponto de situação à família no almoço de domingo. Nile, claro, achava melhor eu deixar morrer o assunto, mas o resto da família estava indecisa.

– Se ela for a sua mãe, gostaria de lhe dizer que lamento muito o facto de o Paul não ter sabido que ela estava grávida, pois estou certa de que, se ele tivesse sabido, não a teria simplesmente abandonado e ido embora – disse Sheila, doce como sempre.

– Acho que ela não se tem preocupado muito com isso durante os últimos trinta e seis anos: na verdade, diria que ela o apagou da mente e prosseguiu com a sua vida – declarou Bel. – Ela tem de saber que tu voltaste e abriste um salão de chá, Alice, e escolheu não te contactar.

– Seria bom atar as últimas pontas soltas, mesmo que ela não te queira reconhecer publicamente – sugeriu Teddy. – Esta tarde, vou acrescentar-te à árvore genealógica da família, mas terei de deixar o teu lado materno de fora até sabermos com toda a certeza. Há uma hipótese de alguns dos teus familiares maternos também se inscreverem na base de dados de ADN mais tarde, pelo que

poderemos sempre localizá-la dessa forma.

– Acho que preciso de tempo para me habituar à ideia de que faço parte da família Giddings antes de lhe perguntar – respondi.

– Eu gostaria de dizer a toda a gente que é realmente a Alice Giddings! – exclamou Sheila.

– Sim, eu também – concordou Nile, depois esboçou-me um dos seus sorrisos mais enigmáticos e desconcertantes.

* * *

A seguir ao almoço, Nile foi até à Antiguidades do Fim do Mundo onde o seu amigo Rick tinha um par de artigos para ele ver, enquanto eu fiquei em Oldstone a ver os álbuns de família com a Sheila.

Era incrível pensar que esta também era a minha família agora – algo que eu nunca tivera!

Agora que sabíamos sobre a relação, a minha parecença com alguns dos antepassados era óbvia e fez-me sentir muito estranha, mas também ligada de um forma que eu nunca estivera.

* * *

Enquanto, mais tarde, conduzia para casa através da charneca para Haworth, apesar do que antes dissera a Teddy, o sentimento de que não poderia deixar as coisas simplesmente como estavam começou a apoderar-se de mim: eu só queria saber.

Por isso, mal cheguei ao apartamento, sentei-me à secretária para escrever uma carta.

Tive de fazer algumas tentativas durante uma hora até estar satisfeita com o tom certo.

* * *

Cara Dra. Collins

Tendo descoberto através de um teste de ADN que o meu pai era Paul Giddings da Quinta de Oldstone, provas circunstanciais muito fortes apontam para que a doutora seja a minha mãe biológica. Como não entrou em contacto comigo após o artigo aparecer no jornal, presumo que não deseja reconhecer-me, mas a verdade é que não quero nada de si, só a certeza da confirmação. Depois o assunto ficará encerrado e a informação guardada.

Esperei que aquilo não soasse ameaçador, mas sim razoável.

Acrescentei a seguir os meus contactos pessoais, fechei a carta num envelope marcado «Estritamente Pessoal» e meti-o dentro de outro com a morada da cirurgia.

Já estava escuro quando me permiti sair pela porta do salão de chá, de carta na mão... exatamente no momento errado, pois Nile acabava de emergir na passagem em direção à Pequena e Perfeita.

– Olá – disse, surpreendido. – Onde vais?

Podia ter-lhe perguntado o que tinha a ver com isso, no entanto, em vez disso, respondi vagamente:

– Vou dar um passeio.

– Não está um pouco... escuro? Está a ameaçar granizo. – Depois, ele aproximou-se e olhou-me desconfiado à luz de um candeeiro sobre a porta. – O que andas a tramar?

– Nada, só quero apanhar ar fresco – respondi. – E também tenho uma carta para pôr no correio,

pensei fazê-lo agora.

– Dá-me um minuto para pôr a mala na loja e vou contigo.

– Oh, não te incomodes, não vou demorar e...

Mas ele não me ouvia e tendo enfiado a mala pela porta da Pequena e Perfeita, e voltado a fechá-la, liderou o caminho para fora de Doorknocker's Row.

– Então... vais pôr uma carta no correio, mas não me parece ter selo – observou enquanto caminhávamos pela rua. – Por isso, deduzo que a vás meter diretamente numa caixa de correio... Chama-me Sherlock. E deixa-me tentar adivinhar outra vez: na da doutora Collins?

– *Okay*, sim – admiti. – Mas só lhe pedi para responder sim ou não à pergunta se é minha mãe, nada mais.

– Sabes que se não for verdade e insistires em contactá-la, ela pode fazer queixa de ti à polícia por perseguição, não sabes?

– Esta será a minha única tentativa porque todas as provas apontam para ela, não é? O que a Em Rhymer disse junta tudo.

– Sim, então porque não esperas um pouco? – perguntou ele, depois tentou persuadir-me a não colocar a carta no correio, apesar de isso me ter tornado muito teimosa.

Mas, assim que coloquei a carta na caixa de correio da cirurgia, desejei não tê-lo feito, apesar de ser demasiado tarde.

Regressámos por uma estrada com uma rotunda que nos trouxe ao topo da aldeia e a uma igreja silenciosa. Eu estava tão preocupada com os meus pensamentos que, a certa altura, sem eu reparar, Nile pusera o braço à minha volta.

– Mulher enfurecida – disse ele, parando de repente e olhando para mim. – Sabes que há uma grande probabilidade de ela não responder sequer à tua carta?

– Mesmo assim vale a pena tentar, mas, se ela não quiser falar comigo, pelo menos agora sei que sou uma Giddings.

– Sim, e ainda bem que eu sou um só de nome, pois nunca me senti tão pouco irmão na vida – disse ele convicto.

– Sim, já tinhas dito – lembrei e ele fez um barulho exasperado antes de me puxar para si e beijar-me disparatadamente.

A minha resposta foi instintiva e o seu aperto quase me esmagou.

O tempo parou e provavelmente alguns planetas colidiram e estrelas saíram da sua órbita.

Finalmente, foi ele a quebrar o contacto e olhou para mim sombriamente.

– A Edie disse-me para te dar tempo... e a Lola avisou-me que, a não ser que as minhas intenções para contigo fossem sérias, eu devia deixar-te em paz.

– Bons conselhos – murmurei, ainda meio tonta. Os meus braços pareciam estar à volta do pescoço dele, apesar de não me lembrar de os ter lá posto, e os meus joelhos tinham-se dissolvido por completo. Ainda bem que ele estava a segurar-me.

– Que parte? – perguntou ele.

– A de «me deixares em paz se as tuas intenções não forem sérias».

– Mas são, acho que te amo!

– Achar não chega – disparei, voltando à vida e tentando lentamente afastar-me dele.

– *Okay*: se queres mesmo que fale com o coração, admito que me apaixonei por ti assim que te vi, em cima daquela cadeira no café e a usar uma touca horrível. Demorei algum tempo a perceber,

pois nunca me tinha sentido assim.

Olhei para cima, para o que conseguia ver dele. Parecia falar a sério.

– Acho que poderíamos realmente experimentar, Alice – acrescentou, suavemente. – Tentamos?

Ele não definiu o que queria que nós tentássemos... mas parecia que eu era uma espécie de cobaia a ser devolvida na minha embalagem original caso não servisse.

– Não me parece – disse eu. – Tu tens a reputação de recuares no instante em que as tuas namoradas esperam um pouco mais de compromisso, lembras-te? E, de qualquer forma, será que eu quero mesmo um homem que não posso deixar sozinho cinco minutos, sem voltar e dar com ele rodeado de mulheres estranhas?

E, libertando-me do seu aperto, dirigi-me para casa num ritmo tão rápido que quase tínhamos regressado antes de ele me alcançar.

– Alice...? – disse ele e a sua voz pareceu como se estivesse a rir. Entrei logo e fechei a porta com um estrondo.

Depois, inclinei-me contra ela e chorei, chorei, apesar de não saber bem porquê. Acontecera tanta coisa em tão pouco tempo, tantos acontecimentos importantes: acho que foi de mais para mim.

* * *

Surpreendentemente, assim que fui para a cama dormi bem, depois, já que a manhã seguinte era segunda-feira e estávamos fechados, Tilda apareceu e atirou-se a uma sessão de limpeza profunda, como se de um grande tratamento se tratasse. Não que ela e Daisy não tivessem deixado tudo limpíssimo na noite de sábado, mas ela não estava satisfeita e esfregou tudo, começando por dar ao frigorífico, ao forno e ao micro-ondas uma esfregadela extra.

Também me tinha dado jeito que ela limpasse o Níle do meu coração, pois ele parecia ter-se estabelecido nele sem eu querer. Enquanto eu verificava as listas de tarefas que precisava de fazer para que estivéssemos prontos a abrir no dia seguinte, a minha mente continuava a recuar para o que eu dissera na noite anterior.

Achar que me amava não chegava... e sugerir que tentássemos ter uma relação era dificilmente a proposta romântica que uma rapariga esperava. Contudo, se me tivesse perguntado se eu o amava, o que teria eu dito? Teria o meu subconsciente saído de uma caixa a gritado: «Sim, sim! Vou aceitar tudo o que me quiseses dar, leva-me, sou tua?»

Isto fez com que a minha mente não se preocupasse com a reação da Dra. Collins – se ela sequer reagisse. Possivelmente, nesta altura já teria lido a carta e, se nos tivéssemos enganado e ela não fosse a minha mãe, talvez até estivesse nesse instante a telefonar ao advogado para me acusar de difamação de carácter, ou algo do género.

Verifiquei as minhas mensagens e os meus *e-mails* a cada dez minutos, sem realmente esperar grande coisa – mas, de repente, ao fim da tarde, recebi a seguinte mensagem:

No Oldstone, amanhã de madrugada. Não diga a ninguém e venha sozinha – não falarei consigo diante de testemunhas.

Estou aterrorizada por Alice ter descoberto quem era o seu verdadeiro pai e a minha ligação antiga com ele. Tenho de agir depressa para acabar com esta história antes que os boatos se espalhem como uma nova criatura a emergir do nascimento monstruoso original. A Alice tem de entender a minha posição e dizer a todos os seus confidentes que estava enganada.

O meu pai, apesar de todos os meus esforços, piora rapidamente, tanto mental como fisicamente. Acho que assim que reconhecer que está a perder capacidades, vai metaforicamente virar a cara para a parede.

Embora eu continue a assegurar que ele tem o melhor cuidado que o dinheiro pode comprar, anseio pelo dia em que herdarei tudo e deixarei este lugar e as recordações do que aconteceu para sempre. Também deixarei aqui o Hugo para sempre – depois do meu pai, a pessoa de quem ele mais gosta é a empregada, Kim, pelo que o deixarei de presente.

Já informei a agência imobiliária de que devem tirar a minha casa em Portugal dos seus registos, pois desejo remobilá-la por completo com o objetivo de me mudar para lá definitivamente numa data não muito distante.

Ruínas

A mensagem era concisa, mas pelo menos confirmava que eu tivera razão, pois ela não sugeriria um encontro caso não fosse a minha mãe biológica. E, no dia seguinte, revelaria como me abandonara naquele local tão inóspito.

Tremi. Tinha a certeza de que seria um encontro irrepetível, pois forçara-a a fazê-lo devido à minha persistência, e estava segura de que ela não me atacaria o pescoço como um personagem de um romance vitoriano, a gritar: «Até que enfim, minha filha, posso segurar-te nos meus braços!»

Pus o despertador para uma hora ridiculamente adiantada e tencionei ir para a cama cedo, apesar de não saber se dormiria essa noite.

Mas o que não antecipei foi a mensagem de Nile a dizer que precisávamos de falar e que me ia buscar dali a dez minutos para irmos ao *pub*. Nunca parecia entrar-lhe na cabeça que eu podia ter outros planos.

Respondi dizendo que não havia mais nada para falar e lembrei-o de que tinha de me levantar cedo para fazer scones e bolos frescos, mas ele limitou-se a dizer que não precisávamos de lá ficar muito tempo e deixou de responder às minhas mensagens.

Era mais fácil ir do que discutir à porta de casa, mas eu devia ter percebido que ele adivinhara que eu tinha muitas coisas em que pensar, para além dos acontecimentos da noite anterior, já para não falar na revelação repentina de que agora tinha uma família própria...

Evitei o terreno adverso da primeira e foquei-me na última.

– A Sheila telefonou-me e perguntou-me como está a sua nova filha hoje! – disse-lhe alegremente. – Ela é tão bondosa, muitas mulheres não teriam ficado felizes por descobrir que o marido tinha uma filha ilegítima.

– Já disseste isso duas vezes hoje, pelo que deduzo que tens algo mais em mente – comentou, astuto. – Deixa-me dar um tiro no escuro: a doutora Collins entrou em contacto contigo?

Conhecia-me demasiado bem...

Não respondi, mas o meu rosto deve ter revelado tudo, pois ele disse:

– Vejo que sim, é melhor contares-me!

– Oh, está bem, mas é segredo porque ela avisou-me para não contar a ninguém.

Peguei no meu telefone e mostrei-lhe a mensagem.

– Porquê nesse lugar tão inóspito e a essa hora da manhã? – questionou.

– Suponho que seja por ter sido aí que tudo começou para mim, e de madrugada por estar completamente deserto. Tenho a certeza de que será a única vez que ela falará comigo sobre isto, e não quer testemunhas no encontro.

– Não gosto da ideia de ires sozinha. É melhor eu ir contigo.

– Não podes! Ela não falará comigo se fores, como disse.

– Então levo-te até lá de carro, e fico no carro – sugeriu.

– Só há lá um sítio para estacionar e ela poderá ver-te, o que poderá estragar a minha única oportunidade de descobrir a sua versão da história.

– Podíamos ir mais cedo e eu agacho-me quando ela chegar para não saber que estou lá – persistiu ele, teimoso.

– Não, quero ir sozinha, e, de qualquer forma, não sei porque estás tão preocupado. Ela não me vai empurrar do precipício caso alguém descubra o seu segredo, pois não? Já não estamos na época vitoriana. Ela não será ostracizada pelas pessoas por ter tido um filho fora do casamento.

– As pessoas poderão não ser assim tão compreensivas com a maneira como ela te abandonou. E desconfio que o estatuto pessoal e profissional sejam importantes para ela.

– Tens andado a ler muitos assassinatos misteriosos antigos: não penses que não reparei que as estantes do teu apartamento estão cheias deles.

– Tal como o meu Kindle – admitiu ele. – O meu segredo descobriu-se.

– Ao menos esse é inofensivo. Tens algum pior que queiras confessar?

– Não, este é o pior de todos, e estás a tentar mudar de assunto outra vez. Continuo a achar que não devias encontrar-te com ela completamente sozinha, pois ela não será nada agradável. Também acho que não quer que o padrasto descubra isso agora, a Bel tem andado a falar com a rececionista da cirurgia e ela disse-lhe que ele está bastante frágil.

– Ainda não tinha pensado nesse pormenor. Ela deve ter ocultado a gravidez dos pais, pelo que será um choque para ele. Não que pense espalhar a informação por aí, e tenho a certeza de que a Emily Rhymer também não o fará – acrescentei. – Isso deixa apenas a família e nós sabemos que eles também não falarão.

– Mas a Liz Collins não sabe isso.

– Serei muito clara ao dizer-lhe que o seu segredo está bem guardado.

Ainda assim, ele não gostava que eu fosse sozinha, mas acabou por ceder, ainda que com algumas condições.

– Vou dormir a casa, podes telefonar-me assim que tiveres o encontro amanhã de manhã que eu vou logo ter contigo – disse ele. – Posso estar lá em poucos minutos, se precisares.

– É a primeira vez que te vejo a passar a noite em Oldstone e já vai ser um pouco tarde quando lá chegares, não é? – questionei, desconfiada.

– Nunca é tarde para brincar aos comboios com Teddy – disse ele, inocente. – É a minha vez de ser o chefe da estação.

* * *

Dei voltas na cama a noite toda e levantei-me no escuro, tremendo de frio e de nervos, indo em direção à charneca para o nosso encontro.

Só esperava que o Nile não tivesse ido passar a noite a Oldstone, pois tencionava sair ainda mais cedo e esconder-se no local do encontro, mas relaxei quando cheguei e não vi nenhum sinal dele.

A madrugada começava a aparecer no horizonte quando estacionei na relva curta e comida pelas ovelhas, perto das mesas de piquenique, mas a carrinha familiar da Dra. Collins já lá estava. Encontrava-se vazia e não havia sinais dela, pelo que deve ter percorrido a colina no escuro. Fechei o meu casaco e comecei a ir atrás dela, acho que nunca me senti tão sozinha.

* * *

Encontrei-a junto ao pedregulho ereto, um pouco afastada do precipício e a olhar para a charneca que rapidamente se tornava cinzenta. Virou-se quando uma pedrinha chocalhou sob o meu pé.

– Veio – disse numa voz vazia e a sua expressão severa e fria estava intacta. – Então o que quer dizer com provas circunstanciais? – perguntou, indo direita ao assunto. – E a quem contou a sua história?

– Não a contei a ninguém – referi. – A Sheila Giddings sabia que tinha namorado com Paul e foi só juntar as datas. Tudo pareceu bater certo. Além disso, foi vista a conduzir para casa depois de me ter deixado aqui.

Voltei a tremer – não da brisa gelada de novembro, mas de um arrepio interno desencadeado pela voz remota e sem emoção.

– Eu sabia que a Rhymer tinha ficado desconfiada, mas nunca pensei que o andasse a espalhar por aí.

– Não espalhou, nem espalhará – garanti-lhe. – Mas eu já tinha falado com ela e sabia que escondia qualquer coisa, pelo que, quando lhe perguntei diretamente se desconfiava de si, ela disse que sim. E é verdade, não é? Eu só quero saber – implorei.

– O meu caso com Paul Giddings, se é que podemos pôr as coisas nestes termos, não passou de um disparate breve. Aprendi a lição – disse ela, áspera. – Então a Giddings sabe e a Emily Rhymer também. Quem mais?

– Oiça, sem ser a Emily Rhymer, que não contará a ninguém, mantivemos o segredo na família. Não tenho interesse nenhum em expô-la, não é disso que se trata. Só gostaria de compreender como e porquê me deixou aqui, nada mais.

– Eu tinha a certeza de que Emily Rhymer reconheceria o meu carro, mas fiquei com dúvidas mais tarde – afirmou, depois virou-se para olhar de novo para a charneca. – A noite estava mais fria do que agora quando eu a trouxe para cá. Estávamos no início de março e havia uma camada de gelo sobre a relva.

– Não sei como conseguiu fazê-lo. Não tinha apenas dezassete ou dezoito anos?

– Dezassete. Acabara de passar no exame de condução e o meu pai comprara-me um carro. Eu conhecia muito bem estas estradas e a noite estava limpa – explicou ela, como se tudo fosse muito lógico e eu fosse muito estúpida.

– Mas... Eu quis dizer que não devia estar apta para conduzir.

– Passei por um grande choque, mas as minhas capacidades funcionavam perfeitamente, apesar de recear que os meus sentimentos assolados de horror e repulsa pela sua chegada me impedissem de verificar que estava realmente morta, em vez de o presumir.

– Horror e repulsa? – repeti, sentindo-me enjoada.

– Acho que essas eram as emoções principais – afirmou ela, precisa. – E um desejo urgente de apagar as provas do que tinha acontecido, para que o pai nunca descobrisse. Sendo apenas meu padrasto, tive a certeza que me deserdaria imediatamente.

– Mas a sua mãe sabia... – comecei.

– A minha mãe era uma mulher fraca, histérica e estúpida, a sua única preocupação era ocultar o que acontecera – disse ela e julguei ter apanhado o leve rasto de uma amargura sombria ali, a primeira pista de emoção que ela mostrava. – Assim que morreu pensei que nunca ninguém descobriria a verdade.

Algures por baixo de Oldstone, ouviu-se um repentino barulho de pedras.

– Quem está aí? – perguntou ela, severa. – Trouxe alguém consigo, afinal?

– Não – garanti-lhe, aproximando-me da ponta da pedra e inclinando-me para olhar lá para baixo, com uma mão no Oldstone para me apoiar. – É só uma ovelha, e não me parece que vá dar com a língua nos dentes.

Ela aproximou-se de mim e a sua mão pousou de repente no meu ombro, num aperto forte e ossudo. Por um instante, fiquei paralisada no local, com a ideia maluca de que ela poderia empurrar-me e livrar-se de uma vez por todas das provas...

Depois, disse prosaicamente:

– Não se chegue tanto à beira. Tenho um medo irracional de alturas e está a chegar-se muito à ponta.

Quando saí dali, ela já se afastara de mim e limpara a mão ao casaco, como se o contacto com outro ser humano, mesmo um relacionado com ela, fosse contagioso.

– É muito estranho eu ter encontrado a minha mãe, e ainda assim não ter qualquer ligação emocional com ela – observei.

– Oh, ligação emocional! – disparou ela, como se fossem palavras malditas e acrescentando asperamente: – Eu era uma tola naquela altura. Achava que eu e o Paul estávamos muito apaixonados... até ao dia em que fui para casa mais cedo do que o esperado e o encontrei na cama com a minha mãe.

– A s-sua mãe? Oh, deve ter sido horrível para si, lamento imenso! – gaguejei, chocada. – Posso ver que...

– Não vê nada! – exclamou ela, agressiva. – Depois ele escreveu-me uma carta a dizer que tudo acontecera ao estilo Mistress Robinson, mas que não devia ter deixado a minha mãe seduzi-lo, mostrando-se envergonhado com o que ocorrera. Queimei-a... e, depois disso, só falava com a minha mãe quando era estritamente necessário, até à noite em que ela a deu à luz.

Os meus joelhos cederam e sentei-me de repente numa das pedras caídas.

– A sua mãe deu-me à luz? Quer dizer... que sou sua meia-irmã?

– Acho que sim – respondeu, indiferente. – Mas pode imaginar os meus sentimentos quando ouvi um barulho a meio da noite e entrei no quarto dela... E vi um bebé na sua cama, uma visão horrível. Percebi de imediato que tinha de ser do Paul, pois o meu padrasto não podia ter filhos.

A minha mente, a princípio muito relutante em aceitar tudo aquilo, voltou a funcionar: fazia sentido.

– Daí o horror e a repulsa – afirmei, lentamente.

– A minha mãe trabalhara como enfermeira, pelo que deve ter percebido que estava grávida e deve ter feito algo em relação a isso – disse ela, cruelmente. – Por isso, ali estava a Alice, frágil e suja. Não olhei de muito perto e só descobri mais tarde que tinha um lábio leporino. Chorou uma vez e bastou, pelo que assumimos que tinha morrido.

– E decidiram livrar-se de mim?

– Claro. A minha mãe estava aterrorizada que o meu pai descobrisse, e eu também. Foi uma grande sorte ele estar fora numa viagem de três meses. Ela ameaçou dizer-lhe que o bebé era meu se não me livrasse dele, de si, e eu sabia que isso tinha de ser feito de uma forma ou de outra. Depois ocorreu-me o Oldstone.

– Por ser tão remoto e haver pouca probabilidade de ser encontrada?

– Claro. Ali estava a Alice, morta, como nós achávamos, o que significava que tínhamos de nos

livrar das provas – continuou ela, logicamente. – Só achei que seria encontrada na primavera quando os primeiros caminhantes aparecem. O tapete também já estava sujo, pelo que a enrolei nele e trouxe-a para aqui.

– Depois enterrou-me no buraco mais próximo e foi-se embora?

«Como o saco do lixo de um piquenique», pensei.

Ela franziu o sobrolho.

– Devo ter deixado uma parte do tapete saída.

– Sim, foi o que o agricultor que me encontrou disse – concordei.

– Bom, então foi isso – retorquiu, bruscamente, como se tivesse acabado de dar uma má notícia a um paciente. – Talvez compreenda agora por que razão eu queria que esquecesse o assunto e prefira, claro, que o meu pai não se aperceba de nada.

– Mas... a minha mãe nunca voltou a falar de mim?

– Nem por isso. Quando se descobriu que afinal estava viva, ficámos contentes por ter sido encontrada, mas nunca mais voltámos a tocar no assunto.

Vendo que aquela poderia ser a minha única oportunidade, e que ela se preparava para se ir embora, acrescentei rapidamente: – Como era ela?

– Como era? Oh, uma mulher muito neurótica e muito estúpida – declarou, sem emoções –, apesar de ter talento ao ponto de conseguir fazer com que o pai casasse com ela. Tem os seus olhos verdes e o seu cabelo ruivo, apesar de ela o pintar de loiro porque o detestava.

E parecia o fim.

– Obrigada por me ter contado a verdade, e agora percebo porque não quer ter nada a ver comigo. Respeitarei isso e não se saberá de nada, tenho a certeza.

– Se nos voltarmos a encontrar, seremos como duas estranhas: esta conversa nunca aconteceu – avisou-me.

Eu assenti, atordoada, e ela virou-se e caminhou pela charneca em direção ao carro.

Esperei até que ela estivesse a uma distância considerável para regressar à beira da pedra saliente e gritar:

– Já podes sair, Senhor Ovelha!

Instantes depois, ouvi o arrastar de pés de Nile na gravilha e os seus braços abraçaram-me. Eu retribuí, grata, o terno abraço, com as emoções à flor da pele.

– Onde escondeste o carro? – perguntei.

– No parque de estacionamento de Harry. Depois, caminhei para aqui antes de tu chegares. Fiquei tanto tempo ali sentado que me tornei parte da paisagem.

– Ouviste tudo?

– Cada palavra. – Ele puxou-me e abraçou-me com força.

– Agora que chegaste ao fim deste caminho rochoso em particular, podes ser feliz com a família que realmente te quer? – perguntou.

Assenti, muda.

– E podes concentrar-te noutra coisa por um instante? É que quero mesmo que sejas a Alice Giddings e tenho estado a pensar numa maneira de to dizer.

– Mas já o sou... de certa forma – respondi, olhando para ele.

– Mas serias por nome, se casasses comigo. E há imenso tempo que quero perguntar-te, só que pensei que devia dar-te mais tempo... e não tinha a certeza como te sentias em relação a mim.

– Estás a falar a sério? Pensei que estavas apenas a pedir-me para ter um caso contigo, na outra noite, uma espécie de experiência.

Ele afastou-me ligeiramente e olhou para mim.

– Não sei porque pareces pensar sempre o pior de mim. Eu estava a tentar pedir-te em casamento!

– Não pareceu nada disso – disse eu na defensiva.

– Não tive prática nenhuma – retorquiu, secamente. – Tenho esperado a vida toda por ti: a única mulher que nunca me desapontará, tal como eu nunca te falharei. Amo-te realmente, Alice, e toda a gente o vê menos tu!

– É bom que estejas a falar a sério, pois vou cobrar tudo – avisei-o, apesar de o meu coração estar de novo a bater com muita força.

– Tenho uma coisa que poderá ajudar a persuadir-te – referiu, metendo a mão no bolso e deslizando um grande diamante amarelo no meu dedo.

Olhei para baixo: mesmo à meia-luz da madrugada brilhava com um fogo próprio.

– Eu é que era a cliente especial que pensavas que ia gostar dele?

– Tu és uma cliente muito especial, mas um pouco matreira, e, sim, logo que a Violet disse que daria um ótimo anel de noivado, os sinos, os apitos e as sirenes começaram a soar na minha cabeça e apercebi-me de que eras a pessoa por quem eu esperei a vida toda – afirmou.

Suspirei, feliz.

– Foi uma tarde tão perfeita que não queria que terminasse, e compreendi que era muito fácil apaixonar-me por ti.

– E apaixonaste?

Como resposta, coloquei os braços à volta do pescoço dele e beijei-o e, quando os nossos lábios se separaram relutantemente, o céu estava cor-de-rosa, como se uma lâmpada rosada tivesse sido acesa por um electricista romântico.

– O céu rosa é uma boa premonição.

– Vou assumir que o teu beijo significou «sim, amo-te loucamente, Nile». Vamos repetir, temos de praticar mais – sugeriu ele, contudo, nesse instante o guincho estridente de um pássaro quebrou o momento.

– Oh, Deus, as horas! – exclamei. – Tenho de voltar e fazer *fat rascals* antes que o salão de chá abra.

– E por falar em *fat rascals*, olha quem aqui está – disse Nile, secamente, olhando por cima do ombro e, ao virar-se, vendo George Godet a dirigir-se a nós, com dois cães a caminharem junto aos seus pés.

– O que têm os Godet com a Charneca Blackdog? Costuma assombrá-la como o Heathcliff à procura de Cathy? – disse quando ele se aproximou.

– Quem é a Cathy? – perguntou George.

Tinha quase a certeza de que agora Alice compreendia a minha posição e que nunca houve nem haveria qualquer ligação emocional entre nós. Encontrar-nos-íamos, quanto mais não fosse por sermos as estranhas que éramos.

Como todas as minhas ações tinham o objetivo de preservar a minha integridade e reputação profissional e esconder o que acontecera do meu pai, foi chocante e irónico que esta noite ele me perguntasse de repente o que era feito do meu bebé, aquele de quem a mãe lhe falara pouco antes de morrer.

– Ela estava a delirar – respondi. – Eu nunca tive bebé nenhum.

– Quem falou em bebés? – perguntou ele, confuso, pois a sua mente já vagueara para outro sítio.

Esperava sinceramente que ficasse onde estava.

Um Serão Encantado

Fora um dia quente de agosto, só as grossas paredes de Oldstone concederam algum descanso do sol até termos ido todos para a lagoa ao final da tarde com uma cesta de piquenique.

Eu flutuava de costas na agradável água fria, a olhar sonhadoramente para o céu e a pensar como os vários nós e pontos soltos no tecido da minha vida tinham sido transformados num novo e entusiasmante tapete.

Encontrara Nile e uma família do meu próprio sangue e de casamento e, se encontrara também um segredo obscuro e uma meia-irmã que não me queria, aceitara-o como parte do preço a pagar.

Apercebi-me de que me importava o suficiente com a Dra. Collins para esperar que ela tivesse encontrado o seu próprio final feliz, pois ouvíramos durante a vindima que o seu padrasto morrera e que ela fora viver permanentemente para a sua casa de Portugal, deixando o pequeno cãozinho para trás com a empregada, a quem ele pelos vistos era muito afeiçoado.

O salão de chá tornara-se um êxito enorme e Nell e Tilda eram famosas – ou infames – em todo o lado. A atenção pode ter virado a cabeça a alguns mortais menores, mas Tilda e Nell nem sequer pestanejavam.

E Daisy terminara o seu curso de hotelaria e era agora ensinada a ajudar na gestão do salão de chá – surpreendentemente revelara ter uma mão leve para a cozinha.

Ainda bem, porque eu precisava de descansar e tirar alguns dias em breve...

A cabeça escura de Nile aproximou-se de repente como a de uma foca.

– Pareces mesmo a Ofélia de Millais, só não tens as flores e a expressão meio intelectual – comentou.

– Sabes mesmo fazer um elogio positivo – disse eu, salpicando-o com água, e ele agarrou-me e deu-me um beijo.

– Oooh, Mister Giddings, isto é tão inesperado! – exclamei.

– A senhora pediu-as, Mistress Giddings... Mas não está a ficar com frio? – acrescentou, nervoso.

– Saia daí para irmos comer qualquer coisa.

Ri-me.

– Não tenho frio nenhum, a água está uma delícia e não fará nenhum mal ao bebé, pois este é do tamanho de uma uva. Não ouviu o Teddy a queixar-se de Geeta, pois não?

– Não, mas não é o primeiro bebé dela – respondeu, ainda com um ar preocupado.

– Eu estou bem, e também com fome – comentei, cedendo e indo na direção do pequeno molhe. Foi maravilhoso descobrir que eu e Geeta estávamos grávidas apenas com uma semana de diferença – o que poderia significar que os bebés nasceriam ao mesmo tempo, se um nascesse mais cedo e outro mais tarde do que o previsto.

– Estava a pensar que tudo o resto funcionou como um conto de fadas – disse eu a Nile, ao alcançar as escadas de madeira quando ele veio ter comigo.

- Não como um dos teus, espero!
- Não, desta vez eu sou a heroína e tu és o Príncipe Encantado, pelo que, para variar, haverá de certeza um final feliz!

Receitas

Será a pessoa preferida de todos se seguir o exemplo de Alice e confeccionar estas receitas para o chá da tarde...

Little Fat Rascals

Os fat rascals são uma iguaria de Yorkshire, algures entre um *rock cake* e um scone, e ninguém consegue sequer chegar perto da receita secreta do Betty's Café, em Harrogate. No entanto, esta receita foi inventada por uma amiga, Angela Dracup, autora recentemente falecida, e é rápida, fácil e deliciosa.

Adicionei alguns toques – em vez de groselhas, utilizei passas, acrescentei um pouco mais de especiarias e depois dividi a mistura em pedaços próprios para o chá da tarde: são mesmo uns pequenos malandros (*little rascals*).

Adoro estes bolos quentinhos com manteiga, mas também são bons com geleia e natas, tal como um scone.

Ingredientes

75 g de manteiga ou margarina

200 g de farinha já fermentada

Um quarto de colher de chá de canela moída, noz-moscada ralada e mistura de especiarias

Uma pitada de sal

75 g de mistura de fruta seca com pele

50 g de passas

75 g de açúcar refinado

Um ovo grande, ligeiramente batido com duas colheres de sopa de leite

Instruções

1) Pré-aqueça o forno a 200o C e forre um tabuleiro com papel vegetal.

2) Coloque a manteiga numa tigela grande e peneire a farinha e as especiarias. Adicione uma pitada de sal.

3) Misture tudo utilizando o método de esfregar as mãos até que a mistura se pareça com migalhas de pão.

4) Adicione a fruta seca e o açúcar e misture bem.

5) Adicione a mistura de ovo e leite enquanto mexe tudo, uma colher de sopa de cada vez, até ter uma massa firme.

6) Divida a mistura em doze partes iguais e redondas e coloque-as no tabuleiro.

7) Cozinhe durante 15 minutos ou até ficarem tostados de um castanho-dourado pálido, e depois retire-os do forno e coloque-os a arrefecer.

8) São irresistíveis quando acabados de sair do forno, mas podem ser guardados numa boleira assim que estiverem frios.

***Rarebit* galês**

O verdadeiro *rarebit* galês é uma versão saborosa e luxuosa de uma tosta de queijo e há muitas opiniões sobre a melhor maneira de o fazer: alguns gostam de usar o pão torrado apenas de um lado, enquanto outros preferem fazê-lo com mostarda inglesa em vez de mostarda seca. Mas esta é a maneira como eu faço os meus e, por sorte, uma vez que vivo no País de Gales, até posso utilizar o maravilhoso queijo galês para uma maior autenticidade!

Ingredientes

4 fatias de pão integral (prefiro fatias bastante grossas)
1 colher de chá de mostarda seca
2 colheres de chá de farinha não fermentada
1 colher de sopa de manteiga
4 colheres de sopa de cerveja preta (pode ser uma qualquer, embora se possa substituir por leite)
200 g de queijo forte, como *Cheddar* bem maduro, ralado
Uma pitada de pimenta preta
2 colheres de sopa cheias de molho *Worcestershire*

Instruções

- 1) Torre o pão e barre-o com manteiga.
- 2) Misture o pó da mostarda e a farinha.
- 3) Derreta a manteiga numa panela em lume muito brando e adicione a mistura de mostarda e farinha, mexendo sempre até fazer um molho.
- 4) Agora, adicione a cerveja e mexa lentamente.
- 5) Adicione o queijo e mexa até estar derretido.
- 6) Nesta altura a mistura deverá ser uma pasta boa e espessa, pelo que deverá adicionar a pitada de pimenta e misturar o molho *Worcestershire*.
- 7) Divida a mistura pelas fatias de pão e espalhe-a. Depois torre tudo na grelha até escurecer e borbulhar.
- 8) Servir de imediato!

Sticky ginger cake loaf

Um delicioso *sticky ginger cake loaf*. Aromático e reconfortante até nos dias mais chuvosos do Yorksire, esta clássica receita do Norte é perfeita com uma bela chávena de chá!

Ingredientes

1 colher de sopa de mistura de especiarias naturais
1 colher e meia de sopa de canela moída
meia colher de sopa de noz-moscada ralada
125 g de farinha não fermentada
1 colher de sopa de bicarbonato de sódio
75 g de manteiga (cortada aos cubos e um pouco mais para untar)
75 g de açúcar mascavado
75 g de melaço
75 g de xarope
2 colheres de sopa de leite
80 g de gengibre em calda, escorrido, bem ralado
1 ovo (batido)

Instruções

- 1) Pré-aqueça o forno até à marca 4 / 160o C / 320o F, coloque o papel vegetal e unte uma forma para bolos.
- 2) Misture as especiarias com a farinha e o bicarbonato de sódio numa tigela.
- 3) Adicione os cubos de manteiga e esfregue-os entre as pontas dos dedos até a mistura se parecer com migalhas de pão.
- 4) Coloque o açúcar, o melaço, o xarope e o leite numa panela de tamanho médio e aqueça suavemente, mexendo até todo o açúcar estar dissolvido.
- 5) Aumente o lume mas não permita que a mistura ferva.
- 6) Adicione o gengibre em calda à mistura da farinha e misture-os de maneira a que fiquem bem distribuídos.
- 7) Coloque lentamente a mistura do xarope na mistura da farinha, mexendo sempre com uma colher de madeira até todos os ingredientes estarem combinados e com uma textura suave.
- 8) Adicione lentamente os ovos batidos e bata vigorosamente até estar tudo combinado e a mistura se assemelhar à massa grossa de panquecas.
- 9) Coloque a mistura na forma, enchendo até pouco abaixo da borda, e coloque a forma no centro do forno durante 50 minutos a uma hora, até estar bem elevada e firme ao toque. Pode verificar também se está cozinhado no centro se, ao inserir e remover um palito, este sair relativamente limpo.
- 10) Assim que estiver cozinhado, retire o bolo do forno e deixe-o arrefecer dentro da forma durante cinco minutos antes de o retirar.
- 11) Se possível, reserve-o numa forma de bolos, ainda com o papel vegetal, durante 24 horas antes

de comer, de maneira a deixar os sabores e a viscosidade acentuarem.

Palitos de queijo muito elegantes

Se os *rarebits* galeses não forem suficientes para satisfazer os seus desejos de queijo (e para ser completamente sincera, é mesmo possível comer demasiado queijo?), experimente esta receita de palitos de queijo incrivelmente gulosos. Se preferir sem picante, basta não incluir a paprica e a pimenta caiena.

Ingredientes

75 g de queijo parmesão, bem ralado
75 g de queijo *Cheddar*, bem ralado
200 g de farinha não fermentada
Meia colher de sopa de paprica defumada
Um quarto de colher de sopa de pimenta caiena
Uma pitada de pimenta preta recém-moída
100 g de manteiga, fria, e um pouco mais para untar
1 ovo de qualquer tamanho (clara e gema separadas)

Instruções

- 1) Pré-aqueça o forno a 220o C. Unte levemente um tabuleiro grande.
- 2) Coloque o queijo numa tigela. Peneire a farinha e adicione a paprica, a pimenta caiena e a pimenta preta, e misture.
- 3) Corte a manteiga em pequenos cubos e esfregue-os na mistura de farinha com a ponta dos dedos, até a manteiga ter desaparecido na farinha e formar uma mistura despedaçada, depois coloque a gema mexendo sempre até atingir uma consistência de massa.
- 4) Depois, ainda na tigela, amasse tudo numa bola.
- 5) Polvilhe a sua bancada com muita farinha, para evitar que a massa fique colada, e passe cuidadosamente com o rolo da massa até ter uma figura mais ou menos quadrada com meio centímetro de espessura. Pode melhorar os cantos batendo ligeiramente com as mãos.
- 6) Com uma faca afiada, corte o quadrado de massa em tiras verticais de cerca de 2,5 cm e depois faça um corte lateral a metade da altura, torça cada tira num padrão em espiral.
- 7) Coloque suavemente as palhinhas no tabuleiro, deixando um pequeno intervalo entre cada, uma vez que irão expandir ao cozinhar.
- 8) Bata a clara do ovo até ficar branca e utilize o seu pincel de cozinha para cobrir as palhinhas com esta mistura.
- 9) Coloque o tabuleiro no forno e cozinhe durante 8 a 10 minutos. As palhinhas de queijo deverão ter uma cor castanho-dourado pálida quando estiverem prontas.
- 10) As palhinhas poderão estar frágeis quando saírem do forno, pelo que deverá deixá-las repousar por cinco minutos antes de as remover.